

O CASTELO DE ALENQUER.

O contributo da arqueologia da arquitectura.

Márcio André Vidal Beatriz

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Abril, 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da
Professora Doutora Catarina Tente.

À minha família e à Tânia

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelo apoio e compreensão pelas minhas ausências. Aos meus pais, José e Maria, pelo apoio que me deram ao enveredar nesta área e pelo carinho. À minha irmã, que apesar de longe, sempre esteve comigo e sempre me deu o seu apoio.

Agradeço à Tânia Costa pelo seu apoio, paciência e amor, que permitiram levar este trabalho até ao fim e ultrapassar aqueles momentos mais difíceis. Sem ti este trabalho não seria possível.

Agradeço a todos os meus amigos pela ajuda preciosa que me prestaram e pela amizade com a qual me brindaram durante esta longa campanha. Agradeço por tudo ao Délio, à Ana, à Maria João e ao Rodrigo.

Em especial, agradeço ao Edgar Matos pelas suas ideias e pelo auxílio no trabalho de campo, o qual não seria possível sem o seu apoio e sem a sua experiência; à Rita Laranjo pelas suas questões pertinentes, pela amizade e pela disponibilidade em ajudar-me nas fases mais complicadas; ao Duarte Freire que me brindou com os seus conhecimentos fotográficos necessários para um melhor levantamento e com as suas ideias que me permitiram analisar este castelo com outros olhos e por fim, ao Jorge Gonçalves pela sua dedicação no trabalho de campo.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Professora Doutora Catarina Tente, pela paciência e orientações necessárias, para que este trabalho pudesse ser concluído.

Agradeço o apoio prestado pelo Filipe Rogeiro, historiador do município de Alenquer.

Agradeço a todos os que voluntária ou involuntariamente contribuíram para a conclusão e sucesso deste trabalho.

A todos os que me apoiaram, dedico esta dissertação de mestrado.

O CASTELO DE ALENQUER.

O contributo da arqueologia da arquitetura

Márcio André Vidal Beatriz

Resumo

A fortificação de Alenquer, localizada na estremadura portuguesa, é um dos castelos de época medieval que fez parte do sistema defensivo do reino e de Lisboa. Os trabalhos anteriormente efetuados sobre este sítio, circunscreveram-se à análise histórica, alimentada pelo facto de ter sido um castelo pertencente ao património das rainhas. As intervenções arqueológicas realizadas por Hipólito Cabaço, na década de 20 e de 30 do século XX, poucos dados trouxeram que permitam uma melhor compreensão do castelo em termos da sua funcionalidade, arquitetura e cronologia. Não obstante, traduziram-se num precioso apoio à definição das estruturas existentes.

O presente trabalho pretende utilizar uma das ferramentas da arqueologia, a arqueologia da arquitetura, de forma a tentar compreender a evolução arquitetónica, bem como os modos construtivos utilizados nas várias fases da vida deste castelo. A área de estudo limitou-se à alcáçova, pois trata-se de uma das zonas menos investigadas. Curiosamente, esta parte central do castelo não foi sujeita a nenhuma reconstrução no âmbito da recuperação dos castelos efetuada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais na década de 40 do século passado, que apenas interviu na área circundante à Porta da Conceição.

Pretende-se assim com a presente dissertação desvendar um pouco mais da história deste estrutura militar que tem sido tão negligenciada ao longo dos tempos. Contribuir para o seu conhecimento é impedir que o seu abandono, e que não caia no esquecimento.

Palavras-chave: Alenquer, Castelo, Arqueologia da Arquitetura, Época Medieval.

THE CASTLE OF ALENQUER.

The contribution of the Archaeology of Architecture

Márcio André Vidal Beatriz

Abstract

The fortification of Alenquer, located in the Portuguese Estremadura, is one of the castles, in the medieval times, which was once a part of the defensive system of the kingdom, and of Lisbon. Previous works regarding this site, were confined to an historical analysis, based on the fact that this was a castle belonging to the queen's patrimony. The archaeological interventions, headed by Hipólito Cabaço in the 20's and 30's decades of the 20th century, brought a small amount of information, that would not suffice for a better understanding of this castle, both in functionality, architecture and chronological manners. Regardless, these interventions translated into a precious aid, on the definition of the existing structures.

This work intends to utilize one of archaeology's tools, the archaeology of architecture, so that the architectural evolution, as well as the building methods utilized during the lifespan of this fortress, can be understood. The area of study regarding the castle, was limited to the alcáçova, since it was one of the less investigated zones. Curiously, this central part of the castle, wasn't subjected to any reconstruction, during the recovery efforts made in the 40's decade of the past century on Portuguese castles, by the Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, which only affected the area around the door of Conceição.

The aim of this work is then, to unveil more of the history of this military structure, which has been so neglected over time. Contributing to its knowledge, is also preventing it to be forgotten.

Keywords: Alenquer, Castle, Archaeology of Architecture, Medieval

Índice

PARTE I

Introdução.....	1
1.1. Definição do tema e objetivos	3
1.2. Apresentação	5

PARTE II

2.1. Estado da Arte.....	9
2.1.1 As intervenções da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).....	13
2.1.2 As intervenções arqueológicas	15
2.2. Contexto Geográfico e Geológico	16

PARTE III

Metodologia.....	21
3.1 Arqueologia da Arquitetura	23
3.2 Metodologia do levantamento da arqueologia da arquitetura.....	27
3.3. Análise e tratamento de dados.....	33

PARTE IV

Análise dos resultados	37
4.1. A planta da alcáçova.	39
4.2. A muralha exterior da alcáçova.	41
4.2.1 – Troço de muralha 1.	43
4.2.2 – Troço de muralha 2.	47
4.2.3 – Troço de muralha 3.	55
4.2.4 – Troço de muralha 4.	60
4.3. As torres.....	65
4.3.1 – Torre I.....	66
4.3.2 – Torre II.....	69
4.3.3 – Torre III.....	74
4.3.4 – Torre IV.....	80
4.3.5 – Torre V.....	83

PARTE V

Interpretação dos Resultados	89
5.1. A evolução histórica do castelo de Alenquer e o seu significado na linha defensiva do Tejo... 91	
5.2. As fases evolutivas do castelo..... 96	
5.2.1 Fase 0	97
5.2.5 Fase 4	106
5.2.7 Fase 6	108
5.2.9 Fase 8	109

PARTE VI

Considerações Finais	117
-----------------------------------	------------

Bibliografia	123
---------------------------	------------

Anexo I –Imagens e plantas antigas do castelo

Anexo II – Documentação Fotográfica

Anexo III – Documentação Gráfica

Anexo IV – Fichas de Unidade Murária

Anexo V – Relações Estratigráficas

Lista de Abreviaturas

C.M.C.A. – Câmara Municipal do Concelho de Alenquer

C.M.A. – Câmara Municipal de Alenquer

DGEMN – Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico

M. - Metros

M.O.P. – Ministério das Obras Publicas

M.H.O.P. – Ministério da Habitação e das Obras Publicas

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

U.E.M. – Unidade Estratigráfica Muraria

U.C. – Unidade Construtiva

PARTE I

Introdução

1.1. Definição do tema e objetivos

A escolha do tema que deu origem a este estudo esteve relacionada com a intenção de realizar uma análise do ponto de vista da arqueologia da arquitetura. Dessa forma, e havendo um apreço especial por estruturas militares, escolheu-se o castelo de Alenquer, por ser uma estrutura pouco estudada e próximo de Lisboa. Para além disso este castelo desempenhou um relevante papel, devido à sua posição estratégica durante o processo de «Reconquista», a par de outras fortalezas como Lisboa e Santarém (FERRO, 1996: 40-41).

Apesar da sua importância histórica, trata-se, possivelmente, do castelo menos conhecido ao nível da sua arquitetura de toda a Estremadura portuguesa. A ausência de um estudo parietal dos vestígios do castelo, possibilitavam o desenvolvimento de um trabalho inovador e que pudesse contribuir para um melhor conhecimento deste exemplar arquitetónico militar no contexto da conquista da Estremadura e conseqüente formação do reino de Portugal.

O tema e o trabalho a desenvolver ganha maior importância quando se constata que o castelo está votado ao abandono e já em avançado estado de destruição. Assim, a escolha do tema partiu do gosto por duas áreas principais: a arqueologia da arquitetura e o estudo dos castelos. Se por um lado a arquitetura já fazia parte dos meus gostos desde a escola secundária, com a frequência do mestrado em arqueologia e mais concretamente da Seminário da Arqueologia da Arquitetura, redescobri a possibilidade de conjugar na minha investigação estas duas áreas e assim se determinou o tema a desenvolver no âmbito desta dissertação.

Escolhido o tema havia que definir os objetivos que norteariam a investigação. Assim enunciou-se que o principal objetivo desta dissertação consistiria em, estabelecer a sequência cronológico-constructiva do conjunto defensivo constituído pela alcáçova e pelo troço de muralha adjacente.

Para dar resposta e este objetivo principal, foram traçados alguns objetivos secundários, que se apresentam:

- Aplicar a metodologia da arqueologia da arquitetura na análise dos paramentos de forma a identificar os materiais e os modos constructivos;

- Elaborar as plantas e alçados das estruturas existentes, assim como uma planta geral da área estudada;
- Conhecer a sua evolução arquitetónica, a configuração e a funcionalidade dos seus espaços.

Dentro das limitações da arqueologia da arquitetura a maior dificuldade encontra-se em estabelecer cronologias absolutas para o edificado (RAMALHO, 2002: 23) que embora não sejam nulas, são muito escassas. Assim os métodos de datação tendem a apoiar-se tendencialmente em métodos relativos como a análise de materiais utilizados na construção ou nas técnicas construtivas (SANTOS, 2010: 22).

No castelo de Alenquer os principais entraves ao seu estudo são o abandono a que foi sujeito, o que contribuiu para a sua destruição e degradação dos vestígios murários por parte de agentes naturais, mas também humanos, que dali retiraram materiais para as construções privadas ou para a criação de novos acessos e prolongamento das propriedades. Desta forma a população contribuiu significativamente para a destruição do castelo, pelo facto de não zelar pelo edificado. Por outro lado, quem realizou as intervenções arqueológicas no castelo também contribuiu para a sua degradação, uma vez que não apresentaram quaisquer dados das intervenções realizadas, não salvaguardando assim o património.

Ao nível prático, durante a recolha dos dados, os maiores entraves deveram-se ao acentuado desnível do terreno na parte exterior da muralha, o que condicionou a recolha fotográfica dos paramentos. Face aos meios disponíveis e à reduzida equipa que comigo colaborou nem sempre foi possível aceder a todo lado e levantar a totalidade do registo murário. Acresce o facto de, a quase totalidade da muralha, se encontrar encoberta pela vegetação (anexo II, figura 9 a 20). Imagens disponibilizadas pelo Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), já dão conta do estado crítico em que se encontra o castelo de Alenquer em 2005¹ (anexo II, figura 1 a 8), facto que não se alterou até à data.

¹ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00006265

1.2. Apresentação

A presente dissertação de mestrado está organizada em cinco partes. A primeira parte corresponde ao capítulo introdutório, na qual se definem os objetivos que tiveram na base do desenvolvimento desta investigação e onde se encontra a forma como está estruturada.

A parte II, inicia-se com a abordagem ao tema, onde consta o estado da arte, passando em revista toda a bibliografia referente ao concelho de Alenquer e ao seu castelo. Este capítulo encontra-se ainda subdividido em dois pontos: as intervenções da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e as intervenções arqueológicas realizadas no castelo. Nesta parte desenvolve-se também o contexto geográfico e geológico.

A parte III, designa-se por Metodologia e subdivide-se em três pontos: no primeiro ponto será abordada a génese da Arqueologia da Arquitetura; no segundo ponto será identificada a metodologia do levantamento da arqueologia da arquitetura aplicada neste trabalho e no terceiro e último ponto, será especificada a forma como foi realizada a análise e tratamento dos dados.

A parte IV, designada por Análise dos resultados, subdivide-se em três pontos, identificando assim as áreas estudadas. No primeiro ponto é analisada a planta da alcáçova; no segundo ponto será estudada a muralha exterior da alcáçova, que por sua vez se encontra subdividido em outros quatro pontos, cada um correspondente a um troço de muralha. Por último, serão abordadas as Torres, este ponto subdivide-se em cinco pontos, correspondendo às cinco torres estudadas.

A parte V, corresponde à Interpretação dos Resultados, dividindo-se em dois pontos. O primeiro ponto, diz respeito à evolução histórica do Castelo de Alenquer e o seu significado na linha defensiva do Tejo. No segundo ponto serão identificadas as fases evolutivas do castelo, sendo que este se subdivide nas doze fases identificadas.

Por último e não menos importante, na parte IV será onde se desenvolvem as considerações finais desta dissertação.

Após esta última parte seguem-se as referências bibliográficas mencionadas ao longo do trabalho.

Os anexos finalizam esta dissertação e estão organizados em cinco temas. O anexo I, denominado de Imagens e plantas antigas do castelo, reúne todas as imagens de trabalhos de investigação anteriores, que se tornaram relevantes para complementar os capítulos anteriormente descritos. O anexo II - Documentação Fotográfica, como o próprio nome indica, será onde estarão compiladas todas as fotografias pertencentes a esta investigação. O anexo III, Documentação Gráfica, engloba todas as representações gráficas elaboradas (plantas e alçados dos troços de muralha e torres), a planta geral da alcáçova, bem como todos os alçados com a representação das fases. O anexo IV - Fichas de Unidade Murária, reúne as fichas de cada unidade estratigráfica murária identificada na área estudada. Por último no anexo V, Relações Estratigráficas, apresenta-se um quadro com a relação entre fases; unidades construtivas; unidades estratigráficas e a respetiva correspondência cronológica. Assim como, um diagrama estratigráfico de cada estrutura identificada e do castelo.

PARTE II

2.1. Estado da Arte

A primeira referência ao castelo de Alenquer parte de Damião de Gois mais com o intuito de fazer uma breve referência à sua terra natal na sua obra *“Urbis Olisiponis Descriptio”* de 1554, do que realizar uma descrição como faz da cidade de Lisboa. O autor limita-se a assinalar a existência da fortificação, a localização de Alenquer e a origem do seu nome mas sem proceder a qualquer descrição do castelo (MACHADO, 1937: 56).

É a partir do século XVIII que surgem diversas referências à fortificação de Alenquer. Em *“Corografia portugueza, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, com as notícias das fundações das cidades, villas, & lugares [...] & outras curiosas observaçoens / [...]”* de 1712, António Carvalho da Costa descreve a localização de Alenquer em relação a Lisboa, o rio que atravessa a vila e as pontes existentes. Nesta obra o autor refere-se à fundação de Alenquer e do seu castelo e relata a conquista por D. Afonso Henriques. A informação sobre o castelo é imprecisa mencionando o castelo como estando arruinado, em parte devido à destruição dos cunhais, ordenada por D. João I. Indica ainda que a vila é rodeada por uma muralha que possui duas portas: a da Vila e a de Santo António que segundo o autor já foi conhecida por Porta do Carvalho (COSTA, 1869: 39-57).

Após o terramoto de 1755 as memórias paroquiais transmitem uma visão global de Alenquer no século XVIII mas também descrevem o estado do castelo e a destruição provocada pelo terramoto. Nas memórias que se referem à freguesia de Santiago, Várzea, Santo Estevão e São Pedro em Alenquer é descrito a muralha do castelo bem como as duas portas existentes: a da Vila e a do Carvalho que nesta data já era conhecida de Porta do Arco de Nossa Senhora da Conceição. Indica que o terramoto destruiu as torres da porta da vila mas também refere destruições da muralha por parte da população. Esta obra acrescenta um resumo da história de Alenquer e da fortificação (COSME e VARANDAS, 2009: 219-271).

Em 1860, *“As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brasão d'armas”* de Inácio de Vilhena Barbosa refere as possíveis origens do nome da vila. Indica que D. Afonso Henriques conquistou o castelo em 1148 e quase 40 anos depois em 1184 os mouros cercaram o castelo mas sem o conseguirem tomar. Após estes eventos outros cercos se

seguiram como o protagonizado por D. Afonso II e D. João I a título de exemplo. Diz o autor que o castelo já existia no século VIII quando foi tomado e renovado pelos mouros. Esta ideia é defendida por vários autores baseando-se quase exclusivamente na suposta origem do nome Alenquer e sem apresentarem outros fatos que provem a antiguidade do castelo. Barbosa indica que a fortaleza contava com duas portas: da Vila e do Carvalho ou Santo António. Tinha ainda mais 3 portas de pequena dimensão de origem árabe e várias cisternas (BARBOSA, 1860: 11-16).

Em 1873 *“Portugal Antigo e Moderno”* de Augusto Pinho Leal procura identificar a origem da vila e do castelo. Explora a história associada ao castelo e os seus conflitos e cercos. Neste contexto procura descrever o castelo, torres e as suas portas, tornando-se numa boa descrição do castelo (LEAL, 1873).

A obra *“Alenquer e o seu concelho”* de Guilherme Henriques, editada em 1873, procura, organizar toda a informação sobre a Alenquer. O autor não só descreve a vila e as suas divisões administrativas mas também aborda toda a história desta povoação e do seu castelo. Refere-se à fundação da fortaleza de Alenquer pelos visigodos reproduzindo a ideia de outros autores. Relata os acontecimentos históricos diretamente relacionados com a fortificação e acrescenta que a decadência do castelo se inicia com o início da dinastia filipina. Destaca-se ainda o fato de transmitir uma descrição do estado de conservação do castelo, das muralhas e da torre da couraça em finais do século XIX. Inclui ainda uma imagem que mostra o grau de destruição da torre de menagem (anexo I, figura 1). Antes, no início do século XIX, o autor com base num manuscrito de Bento Pereira do Carmo indica que foram realizadas obras de terra no castelo com o intuito de fazer frente à invasão francesa nas quais foram descobertas moedas romanas. Sobre as portas da fortificação o autor indica a existência de duas: a porta de Nossa Senhora da Conceição e a porta do Carvalho que à data desta publicação chamar-se-ia de porta de Santo António. (HENRIQUES, 1902).

A obra de 1904 *“Portugal: dicionário histórico, chorográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico”* de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, reúne a história de Alenquer procurando abordar a sua origem e a do castelo. No que se refere ao castelo apenas abordam a questão da conquista do castelo por parte de Afonso Henriques e não mais este monumento é referido nesta obra.

Em 1909, a *“Nova Carta Corografica de Portugal”* por Marquez D’Avila e de Bolama, descreve a vila de Alenquer ao nível das estradas, caminho-de-ferro, hidrografia, orografia e história da vila. Refere a fundação de Alenquer e do seu castelo, e indica que a destruição do castelo se deve a D. João I, o qual mandou arrancar os seus cunhais.

Em *“Alenquer. Subsídios para a sua história”* de Luciano Ribeiro, publicado em 1936, procura, como o nome indica, transmitir um apanhado do conhecimento histórico de Alenquer e da sua fortificação. Sobre o castelo, além do que já foi referido por outros autores, indica que foram realizadas escavações por Hipólito da Costa Cabaço na zona da alcáçova. A esse respeito descreve o que foi encontrado e adiciona uma planta da alcáçova, realizada por Isidoro Guerra, a pedido de Hipólito da Costa Cabaço, que ilustra tudo o que foi descoberto ou identificado aquando da realização da intervenção arqueológica (anexo I, figura 2).

Em 1941, Fernando A. de Freitas Mota Luso Soares em *“A Vila de Alenquer – Ensaio Historiográfico”*, apresenta a história referente ao castelo de Alenquer, abordando em especial: o seu passado sob domínio islâmico; a conquista por Afonso Henriques; e o conflito com D. João I. Refere-se ainda às portas da muralha, à torre Couraça e à destruição provocada pelo terramoto. Erradamente refere que a porta do Carvalho estava destruída.

Em 1970, Maria Amelia Horta Pereira, no artigo *“Hipólito Cabaço”*, faz uma retrospectiva da vida e contributo daquele arqueólogo e uma vez mais são referidas as escavações realizadas sobre a sua coordenação no castelo, dando ênfase especial às da alcáçova e junto à porta da Conceição.

Em 1971, José Luís de Matos, em *“Noticia de uma colecção de cerâmica medieval do museu Hipólito Cabaço de Alenquer”*, dá conta dos materiais arqueológicos recolhidos na escavação realizada no castelo e reafirma a ausência de cadernos dessas escavações, baseando, assim, as suas informações em Luciano Ribeiro que acompanhou de perto as escavações realizadas.

Em 1984, António Melo, António Guapo e José Martins, em *“O concelho de Alenquer 1”*, fazem o levantamento do património do concelho de Alenquer. Ao descrever a vila de Alenquer destacam a *“silhueta medieval da parte alta”* da vila. Historicamente referem-se à descrição de Damião de Gois e ao sucedido no tempo de D. João I que, como represália

pelos atos de traição praticados pelo alcaide de Alenquer, mandou destruir as suas muralhas. Descrevem o património mais relevante de Alenquer, onde referem o castelo como uma fortaleza de grande valor estratégico na linha dos castelos que defendiam a margem direita do Tejo.

Em 1986, João Pedro Ferro, em “Alenquer Medieval (Séculos XII-XV) – Subsídios para o seu estudo”, produziu um estudo sobre Alenquer na época medieval tendo dedicado uma parte desse estudo ao castelo. Descreve não só a alcáçova, mas aborda mais pormenorizadamente a almedina. Aponta para a sua construção em período islâmico, defendendo que terá depois sofrido reconstruções no tempo de D. Afonso Henriques, D. Sancho I, D. Fernando I, D. Leonor e, por fim, destruições no reinado D. João I.

Com base em Luís Manuel Rucha Venâncio, João Ferro procura definir o percurso da muralha que circundava a almedina. Este autor, dedica ainda um capítulo às portas e postigos, dando especial atenção aos lapsos sobre o nome das principais portas, repetidas por outros autores e, por fim dedica, um capítulo à torre da couraça. A obra apresenta uma imagem da vista de Alenquer no século XIX (anexo I, figura 3) e a planta da vila com base em Luís Manuel Rucha Venâncio que representa o castelo e muralha de Alenquer (anexo I, figura 4).

Em 2002, a publicação “*Alenquer desaparecida: fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni*”, de Filipe Soares Rogeiro reúne um conjunto de fotografias antigas da vila de Alenquer. Neste livro é possível identificar algumas imagens referentes ao castelo de Alenquer, com especial foco à porta da Conceição e à muralha adjacente antes das obras realizadas pela DGMEN.

A mais recente publicação sobre Alenquer e o seu concelho data de 2005. É da autoria de Filipe Rogeiro e intitula-se “Alenquer – Presépio de Portugal”. O autor traça aí a história de Alenquer desde os testemunhos mais antigos até à atualidade, dando especial atenção ao castelo e as intervenções arqueológicas que aí decorreram. O autor transcreve algumas partes de um documento assinado por Hipólito da Costa Cabaço, no qual este se refere à limpeza que efetuou à cisterna e, apresentando aí dados importantes sobre o castelo.

2.1.1 As intervenções da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)

As fortificações em território português são presença comum na maior parte das cidades vila e povoações de Portugal. Findada a razão da sua construção, muitas perderam a sua função e caíram no esquecimento das populações que as deixaram degradar e muitas vezes, até, as espoliaram para aceder a novos espaços ou a materiais de construção para novas edificações. Outras, dadas as suas características permaneceram em utilização apesar de assumirem funções diferentes das originais.

Com a entrada no século XX e uma mudança de ideologias sociais e políticas renasceu o interesse por estas construções que simbolizavam o testemunho não só do nosso passado mas também dos feitos dos nossos antepassados. Esta ideia foi aproveitada em pleno Estado Novo de forma a marcar e a mostrar à população nacional e ao mundo a história e os feitos dos nossos antepassados particularmente os que se relacionavam com a fundação da nacionalidade. Em Alenquer tal expressou-se em não só investigar o passado e origem do castelo e da vila através de escavações arqueológicas (Câmara Municipal de Alenquer, 1939) mas também proceder ao restauro dos vestígios desta fortificação de forma a realçar o poder e a identidade da Nação (Direcção dos Monumentos Nacionais, 1940). Segundo José Manuel Fernandes, na maioria das fortificações as obras levadas a cabo não se restringiram apenas ao restauro e reconstrução das mesmas, sendo dado uma refuncionalização a estes espaços defensivos (Fernandes, 2005: 151-152).

Segundo a análise de vários documentos disponibilizados na rede de internet do SIPA, as intervenções de beneficiação e restauro da muralha do castelo de Alenquer decorreram entre 1940 e 1945 na zona da Porta da Conceição e no pano de muralha adjacente². A escolha desta zona deveu-se ao elevado grau de destruição da alcáçova, optando-se por restaurar/reconstruir a zona da muralha que apresentava à época melhor estado de conservação à época. Os trabalhos realizados consistiram na demolição dos edifícios assentes sobre a muralha existente no topo da porta da Conceição e reconstrução da muralha (Esteves, 1940).

² http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6265

Uma década depois, em 1 de setembro de 1954, a DGEMN promove o processo de classificação como I.I.P. - Imóvel de Interesse Público das muralhas e da respetiva torre da couraça do castelo de Alenquer. Tendo sido concluído no ano seguinte através de publicação do decreto nº 40 361, no Diário do Governo nº 228 de 20 Outubro 1955.

Todavia a destruição do castelo não cessa com a sua classificação já que em 1 de março de 1979, um ofício da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer (C.M.C.A.) refere que uma parte da muralha apresenta indícios de ruir devido ao descalçamento da sua fundação (C.M.C.A., 1979). No mês seguinte a 27 de abril outro ofício da C.M.C.A. indica que devido ao perigo que apresentava foi destruído um troço de muralha (C. M.C. A., 1979).

A 3 de julho do mesmo ano a visita de um técnico da D.G.E.M.N. constata que uma extensão de seis metros de muralha apresenta risco de ruir sendo necessário a reconstrução e é ainda observado o núcleo da muralha, fazendo uma análise da sua constituição: «(...) *a muralha é constituída por dois panos de pedras toscas, cujo o interior se apresenta preenchido com alvenaria de textura bastante deficiente*» (Ministério da Habitação e das Obras Públicas, D.G.E.M.N., 1979). Três dias depois, num documento de 6 de julho é constatado que foi reforçado um troço de muralha com cerca de 4 metros não sendo o troço que se encontrava em risco de derrocada (M.H.O.P., D.G.E.M.N., 1979).

Com base na informação disponível no SIPA, no final do século XX e inícios do século XXI efetuaram-se diversas intervenções por forma a preservar o troço de muralha adjacente à porta da Conceição. Entre 1999 e 2000 procedeu-se a trabalhos de consolidação do troço de muralha a poente da Rua Pero de Alenquer, que se desenvolveu em duas fases. No biénio 2001/2002 foi construído um muro na Calçada Damião de Góis para proteger a base do troço de muralha em frente à Torre da Couraça e junto da Porta da Conceição. Foi ainda efetuado a “desmatação e limpeza do terreno na zona envolvente bem como a consolidação das juntas” (João Seabra, 2000).

2.1.2 As intervenções arqueológicas

Desde meados do século XX que o castelo de Alenquer foi investigado do ponto de vista histórico e arqueológico. Um dos mais ativos intervenientes foi Hipólito da Costa Cabaço, que efetuou intervenções em vários locais deste espaço fortificado

Em 1927, mais concretamente no dia 20 de Fevereiro Hipólito da Costa Cabaço descobre a cisterna e procede à sua limpeza ficando esta intervenção registada na “Breve noticia sobre a Cisterna do castelo de Alenquer e descrição das moedas e mais objetos ali encontrados quando da limpeza a que se procedeu apoz a sua descoberta em 20 de Fevereiro de 1927”, de Hipólito da Costa Cabaço. No documento é descrito inicialmente a posição estratégica do castelo e mais pormenorizadamente a cisterna, a qual é descrita na sua forma, características construtivas, medidas, as condições aquando da sua descoberta e alguns dos materiais arqueológicos recolhidos. (Rogero, 2005: 15-17).

Em 1934 Hipólito da Costa Cabaço dirige uma nova intervenção arqueológica, na área do castelo (Ribeiro, 1936:64). A intervenção foi realizada com o apoio da Câmara Municipal de Alenquer, mas os trabalhos não foram concluídos pois parte da antiga alcáçova encontrava-se em terreno privado o que impossibilitou o alargamento da intervenção arqueológica. Os resultados desta escavação foram publicados no livro de Luciano Ribeiro (1936). O autor refere que a campanha proporcionou a descoberta da alcáçova pré-fernandina e de construções fernandinas. Uma das torres foi identificada como a prisão e foram recolhidos muitos materiais arqueológicos. Os trabalhos permitiram identificar dois níveis estratigráficos distintos, estando o superior correlacionado com o período da segunda dinastia e o inferior com a ocupação da primeira dinastia. Foi possível chegar a esta conclusão através da identificação no conjunto de cerca de 300 moedas, que correspondiam a estes dois grandes períodos cronológicos. Nada é referido quanto à identificação de estruturas, contextos ou espólio anterior à primeira dinastia (Ribeiro, 1936: 64-67). Se as moedas descobertas permitem distinguir dois grandes períodos cronológicos, as fichas que identificam as peças recolhidas durante a intervenção arqueológica (que se encontram em paredeiro incerto) indicam que todas pertencem à mesma dinastia, a primeira (MATOS, 1971: 572). A ausência de dados e de relatórios de escavação impedem uma melhor

compreensão dos materiais recolhidos e a sua relação estratigráfica. Quanto aos materiais recolhidos encontram-se expostos no museu Hipólito Cabaço apenas com a identificação do local proveniente e sem informação adicional.

Em 1970, no dia 30 de Maio, José Luís Mártires de Matos, solicita à Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, autorização para efetuar sondagens arqueológicas no castelo de Alenquer. Este pedido tem despacho positivo no dia 20 de Junho de 1970³, mas não existe qualquer informação se de facto as sondagens arqueológicas foram efetivamente realizadas.

Em 1984, após um período de fortes chuvadas, deu-se um deslizamento de terras no sítio da Bezerra que se situa próximo da alcáçova mas no exterior do castelo, na sua vertente sul. O deslizamento levou à descoberta de uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos, moedas, selos sigilares de chumbo e de alfinetes metálicos. João Gomes, responsável do Museu Hipólito Cabaço procedeu à sua recolha e a inventariação (Gomes, 1984: 195). O espólio recolhido encontra-se exposto no museu Hipólito Cabaço apenas com a identificação do local proveniente. Tratando-se de um deslizamento de terra não foram identificados níveis arqueológicos.

2.2. Contexto Geográfico e Geológico

A vila de Alenquer situa-se atualmente em plena Estremadura portuguesa mais concretamente na Região Oeste. Administrativamente trata-se de uma sede concelhia que pertence ao distrito de Lisboa (figura 1). Localizada a cerca de 40 km a noroeste da cidade de Lisboa e a 46km da cidade de Santarém situa-se no centro do eixo Santarém-Lisboa, conferindo-lhe um ponto importante entre estas duas cidades.

³ Processo IGESPAR n.º S.04088.

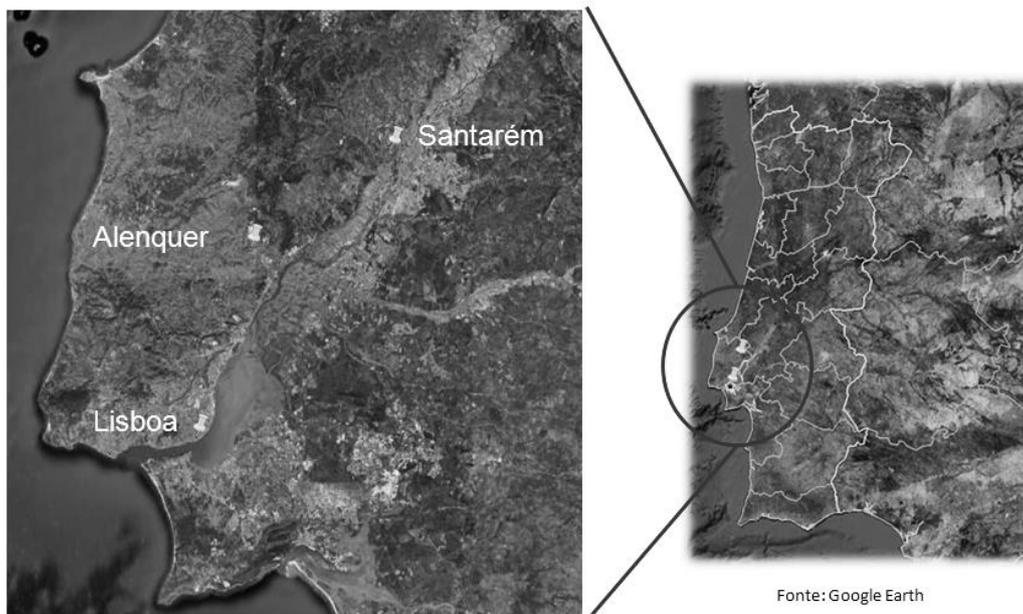


Figura 1 - Localização Geográfica de Alenquer.

Alenquer localiza-se na margem direita do rio Alenquer. Este rio que termina o seu curso no rio Tejo, une Alenquer a esta importante via de comunicação fluvial, do qual dista cerca de 8km (Ferro, 1996: 15) permitindo a ligação a Santarém e a Lisboa. A proximidade destas vias de comunicação fluviais foram importantes para o estabelecimento humano na zona e para o seu crescimento. Simultaneamente, o rio proporcionou uma linha de defesa natural que circundava quase na totalidade a vila de Alenquer (figura 2).

O castelo de Alenquer encontra-se atualmente inserido na área urbana da vila que corresponde à freguesia de Santo Estevão.

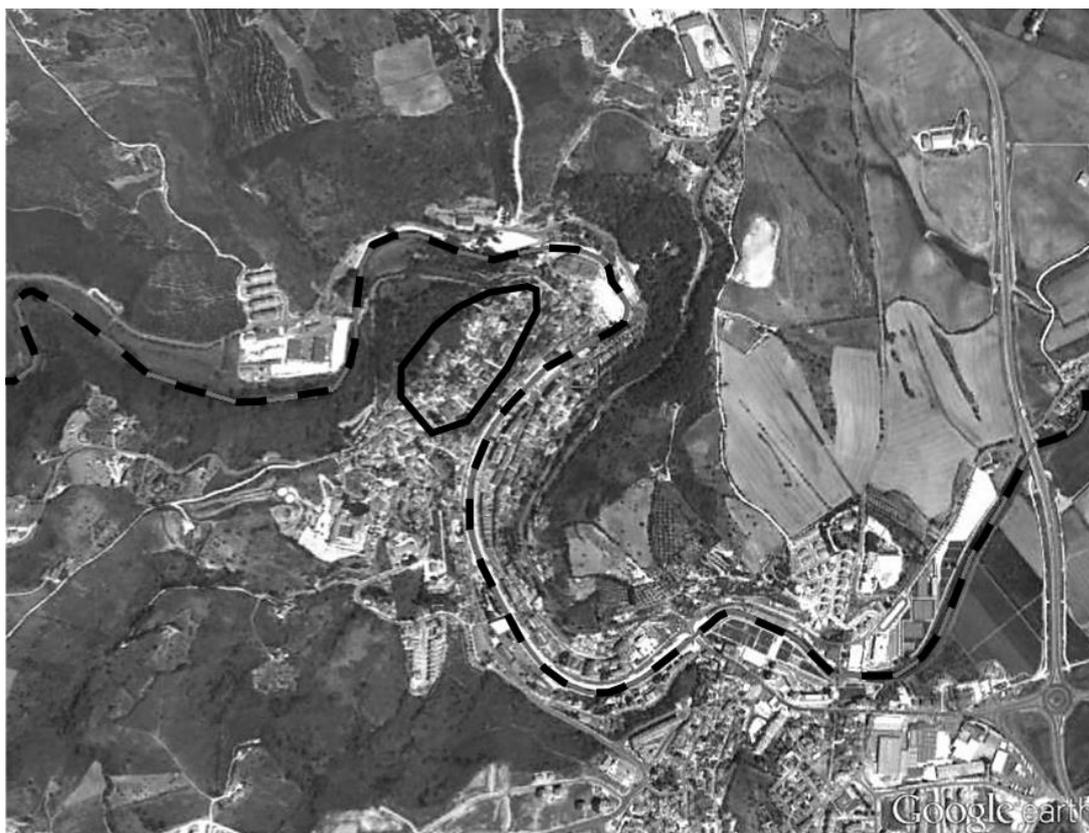


Figura 2 - Localização geográfica de Alenquer, com a representação do possível traçado da muralha (linha a negro) em relação ao rio Alenquer (linha tracejada)

Alenquer, que está inserido na Carta Militar de Portugal nº 376 (figura 3), enquadra-se na zona de transição entre a metade Centro Litoral do Portugal Litoral Médio e o Portugal Meridional (Ribeiro, Lautensach e Daveau, 1987: 119-160). Este espaço com uma estrutura orográfica bastante acidentada é dominado pelos maciços calcários de Aire e Montejunto a norte, que não ascendem a uma cota superior aos 677m. A oeste está limitado pelas serras da Galega e Alta. A parte mais elevada da vila está implantada numa elevação que atinge os 108 metros (m.) (Paviani, 1968: 42) de altitude. O castelo de Alenquer desenvolve-se a partir deste ponto, até junto da margem direita do rio Alenquer.



Figura 3 - Extrato da Carta Militar com a localização do castelo de Alenquer. Fonte: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 376 (1:25 000), Lisboa

Hidrograficamente, Alenquer é atravessada pelo Rio de Alenquer que nasce na Serra Alta e corre na direção Oeste-Este desaguardo no Rio Tejo. Com o nível do mar estabilizado desde há cerca de 5000 anos, é na Idade Média que se regista um aumento do processo de assoreamento das zonas de estuário (Dias et al., 1997). É, fundamentalmente a partir deste período nos finais do século XII, que, estando “a maior parte, senão a quase totalidade do alfoz de Alenquer (...) em mato maninho”, D. Dulce e os frades cistercienses “arrotearam e drenaram os terrenos alagadiços, transformando-os em “úberes terras de pão” (Ferro, 1996: 117).

Em termos geológicos, os terrenos apresentam uma grande variedade: “os arredores de Lisboa, por exemplo, os barros basálticos dão campos limpos e abertos destinados a cultura do cereal; os calcários secundários, charnecas abandonadas ao mato e pasto; os calcários terciários cobrem-se de olivedo; as baixas argilosas, de hortas regadas; o pinhal reveste as colinas de arenito improdutivo” (Ribeiro, 1998: 154).

Através da análise da carta geológica e da sua nota explicativa é visível que a zona de Alenquer é rica em calcários. O complexo Pteroceriano do período Jurássico que inclui os calcários de Ota, Alenquer e Silveira, abrange a área desde a zona do Tejo junto a Vila Franca de Xira até a base da Serra de Montejunto. Esta formação é composta por um nível de grés e margas mais ou menos fossilíferas. Junto ao castelo de Alenquer localiza-se o

complexo de Cheganças (Alenquer), constituído por grés, argilas e calcários, orientado em sentido N/S entre Ota e Alenquer, terminando na Quinta da Marquesa junto à ponte da Couraça (Branco, 2007: 40-41). A vila de Alenquer divide-se em duas partes geológicas, a zona alta assenta na sua maioria em terrenos de grés argilosos e a zona baixa junto à ribeira de Alenquer, assenta em aluviões e em grés (SOUZA, 1923: 485).

A área de Alenquer sempre foi servida de boas vias de comunicação. Tal deve-se, em parte devido a sua localização estratégica entre Lisboa e Santarém. Durante o período romano, a área de Alenquer fica servida por uma importante rede viária que englobava três dos principais traçados viários: o itinerário *Olisipo-Bracara [via XVI]* e dois itinerários que ligavam *Olisipo-Emerita [as vias XIV e XV]* (Mantas, 1993: 16). A par destas importantes vias existia outra que ligava *Chretina* (Torres Vedras) e *Ierabriga*. Estes traçados de importância regional, ligavam os principais centros económicos da região. Estas vias, face às suas características construtivas, prolongaram-se no tempo e foram utilizadas em época medieval continuando a ligar Alenquer a Santarém, Lisboa, Torres Vedras e Caldas da Rainha (Branco, 2007: 43).

Durante a época medieval e em especial foco no contexto da reconquista, o itinerário *Olisipo-Bracara [via XVI]*, era ainda uma importante via, que permitia uma rápida ligação entre o Sul e o Norte. Esta via, permitia movimentações organizadas por parte de muçulmanos ou cristãos nas suas incursões militares (Barroca, 2001:216).

PARTE III

Metodologia

3.1 Arqueologia da Arquitetura

O termo “Arqueologia da Arquitetura” surgiu pela primeira vez em 1990 em Itália por Mannoni (MANNONI, 1990: 28) com o objetivo de congregar todo um conjunto de experiências e investigações relacionadas com o estudo de estruturas arquitetónicas segundo uma metodologia própria da arqueologia (QUIRÓS CASTILLO, 2002: 27). Embora o termo seja considerado recente, os trabalhos dentro desta área remontam ao renascimento italiano e a origem da arqueologia (MORRISS, 2000: 5).

A partir dos anos 70 do século XX em Itália, assiste-se ao desenvolvimento da arqueologia da arquitetura pelas mãos Carandini, Parenti, Doglioni e Mannoni (Mañana Borrazàs, et alii, 2002: 22), difundindo-se pela Europa e resto do mundo (Davies, 1987). Intimamente ligado à arqueologia da arquitetura encontra-se a metodologia arqueológica criada por Edward Harris (HARRIS, 1991) que, de uma forma sistematizada, introduziu os elementos arquitetónicos na análise estratigráfica (Ramalho, 2002: 20).

A partir do momento que esta nova disciplina inicia um novo fulgor em Itália, vários foram os nomes que se destacaram. Em Itália, a arqueologia da arquitetura desenvolve-se principalmente nas universidades como depois irá acontecer em Espanha. Dentro deste meio destacam-se nomes como Mannoni, Francovich, Parenti, Brogiolo e Doglioni (Ramalho, 2002: 20).

No caso espanhol, que foi influenciada diretamente pela escola Italiana, o principal pela introdução desta disciplina é Caballero Zoreda, que começa a desenvolver vários trabalhos nesta área a partir dos finais dos anos 80 (QUIRÓS CASTILLO, 2002: 30). Destaca-se ainda outros nomes para o desenvolvimento da disciplina como Azkarate Garai-Olaun, López Mullor, Tabales Rodriguez, Moreno-Navarro, Almagro Gorbea e Fernández Mier (Santos, 2010: 32-34).

Portugal foi também profundamente influenciado pelo desenvolvimento da disciplina a partir de Itália e à semelhança de Espanha contou com a introdução desta metodologia por parte de Caballero Zoreda. Se em 1996 é publicado o primeiro artigo sobre a arqueologia da arquitetura, da autoria de Magalhães Ramalho (QUIRÓS CASTILLO, 2002: 30), trata-se do primeiro trabalho realizado em Portugal segundo uma metodologia própria

da arqueologia da arquitetura e tal foi aplicado ao estudo da Igreja de São Gião da Nazaré. O mesmo foi por iniciativa do Instituto Português do Património Arqueológico (IPPAR) e contou com a colaboração de Caballero Zoreda (Ramalho, 2002: 20). Desde esse momento inicial, vários trabalhos têm sido desenvolvidos. Entre vários nomes destacam-se Maria Magalhães Ramalho e Luís Fontes na promoção e desenvolvimento desta metodologia.

A arqueologia da arquitetura define-se como uma ciência tendencialmente não destrutiva. A sua aplicação baseia-se, na maioria dos casos, na observação das estruturas e no seu registo através de meios não invasivos. Nos casos em que se aplica uma forma de análise destrutiva, pretende-se obter uma análise micro-estratigráfica, em que o método circunscreve-se à remoção de revestimentos. A remoção de estratos pode, também, ter a intenção de compreender o núcleo construtivo do edifício (Santos, 2010: 24-25).

Partindo do princípio que o edifício é o testemunho antrópico do qual se pretende conhecer o Homem, a estratigrafia, transmitida da base metodológica da arqueologia, procura atuar como um utensílio de conhecimento. O edifício deixa de ser visto como um modelo tipológico (que apenas poderia ser o edifício original) e em virtude do resultado de reconstruções, restauros e transformações, passa a ser um objeto histórico, pluriestratificado e pluritipificado (CABALLERO ZOREDA, 2009).

A análise de uma edificação do ponto de vista estratigráfico utiliza os conceitos fundamentais da estratigrafia arqueológica, adaptando-os a esta realidade, tendo em vista as suas especificidades e a complexidade da arquitetura (Mileto e Vegas, 2011: 147). Segundo Doglioni (1997: 53-64), a estratificação arquitetónica é o conjunto de fases construtivas e períodos de uso de um edifício ao longo da sua história. As fases construtivas dividem-se em três partes: ações positivas que se traduzem em fases construtivas; ações negativas representam demolições; e ações transformativas que resultaram na modificação do preexistente. Já nos períodos de uso de um edifício que se enquadram entre as fases de construção distinguem-se pelo desgaste antrópico e/ou bioturbação e agentes atmosféricos.

Brogiolo define três tendências na aplicação do método estratigráfico (1993: 103). A aplicação do método estratigráfico sem nenhuma especificidade, a aplicação do método estratigráfico adaptado à arquitetura e ainda quem considere inadequado a sua aplicação a este campo. Partilhando o pensamento de Doglioni e Brogiolo, que consideram, que a

aplicação do método estratigráfico deve ser adaptada à arquitetura, importa especificar algumas diferenças fundamentais. Segundo Mileto e Vegas a primeira diferença é o sentido da deposição. Se numa escavação arqueológica os estratos comportam-se segundo as leis da gravidade, onde o superior é o mais recente, na estratificação arquitetónica existe uma estratificação pluridirecional. A segunda diferença insere-se na aplicação do método. Numa escavação arqueológica os estratos são eliminados progressivamente pois cada estrato sobrepõem-se horizontalmente o método assim o exige. Já no âmbito da arquitetura, o método estratigráfico procura identificar as diferentes unidades de todo um edifício sem o destruir permitindo uma leitura integral do edifício, mas que em contrapartida, não permite ler toda a unidade no seu todo. Existem outras diferenças que derivam da aplicação de diferentes materiais construtivos e técnicas construtivas aplicadas. Mas, só com um profundo conhecimento dos vários materiais e técnicas construtivas é possível concluir com êxito um estudo estratigráfico (Mileto e Vegas 2011: 153-154).

Entendendo as bases metodológicas da arqueologia da arquitetura e tendo em conta o seu potencial e as suas limitações, importa agora aplicar esta ciência ao estudo do castelo. A metodologia de trabalho adotada para o castelo de Alenquer desenvolveu-se segundo a seguinte forma: 1) Recolher a informação documental e iconográfica procurando compilar toda a informação referente ao edificado servindo deste modo de orientação para a estratégia de atuação no campo e para um posterior recurso durante a análise final do edifício. 2) Efetuar os levantamentos gráficos simplificados, a diversas escalas que incluíram o registo de alçados e planta da alcáçova. 3) Efetuar o levantamento fotográfico de toda a área em estudo incluindo as áreas registadas graficamente. 4) Efetuar a análise do edificado sobre os levantamentos anteriormente realizados. 5) Elaborar e preencher as fichas de cada unidade estratigráfica. 6) Proceder à análise a nível estratigráfico e estrutural. 7) Proceder à elaboração de um diagrama final que relaciona as atividades construtivas e etapas com períodos cronológicos (Ramalho, 2006).

As principais limitações deveram-se ao elevado grau de degradação dos vestígios murários, que condicionaram a recolha de dados. O avanço da flora por toda a zona da alcáçova, tiveram efeitos nefastos em toda a estrutura existente, o que contribuiu para que certos troços de muralha rúissem, ao passo que outros encontravam-se em risco eminente de colapso. Outro aspeto a ter em conta, deve-se ao fato de praticamente a totalidade das

estruturas estarem cobertas por vegetação, o que obrigou à limpeza de certas zonas para uma melhor recolha e compreensão dos dados. A perceção das relações estratigráficas, também foi fortemente comprometida devido ao elevado estado de degradação e à vegetação envolvente.

Ao nível prático da recolha de dados os maiores entraves deveram-se ao acentuado desnível do terreno na parte exterior da muralha, o que condicionou a recolha fotográfica dos paramentos. Se o registo dos limites das estruturas existentes e o seu método construtivo foi possível, o registo fotográfico tornou-se impossível. A falta de espaço e situação precária do terreno impossibilitou registo fotográfico sequencial da muralha, apenas sendo possível executar algumas imagens representativas da estrutura, dos aparelhos construtivos e dos pontos de interesse para o presente trabalho.

Em virtude das problemáticas referidas, o registo das estruturas pautou-se pelo registo gráfico dos limites, métodos construtivos, medição das estruturas e a elaboração de registo fotográfico representativo de toda a área que era objeto de estudo.

Para um melhor registo de dados e por forma a organizar o levantamento e a descrição das estruturas, procedeu-se ao registo da planta da zona compreendida como a alcáçova do castelo. Com base neste levantamento, procedeu-se à divisão em áreas que se ilustra na figura 4. Deste modo, e aproveitando a existência de torres que dividem o pano de muralha, definiu-se o troço de muralha como a ligação entre torres. A exceção regista-se nos troços finais em que o troço de muralha termina com o súbito desaparecimento da mesma. De referir que este *terminus* abrupto da muralha funciona como os limites geográficos do presente trabalho. Os vários troços de muralha foram identificados de 1 a 4, seguindo a nomenclatura de TM (Troço de muralha) seguida da respetiva numeração árabe. Assim, é possível identificar o troço de muralha 1 (TM1), o troço de muralha 2 (TM2), o troço de muralha 3 (TM3) e o troço de muralha 4 (TM4).

Quanto as torres, foram numeradas de 1 a 5 mas em numeração romana, seguindo a nomenclatura T (Torre) e do respetivo número. Identificando-se como torre I (TI), torre II (TII), torre III (TIII), torre IV (TIV) e torre V (TV).

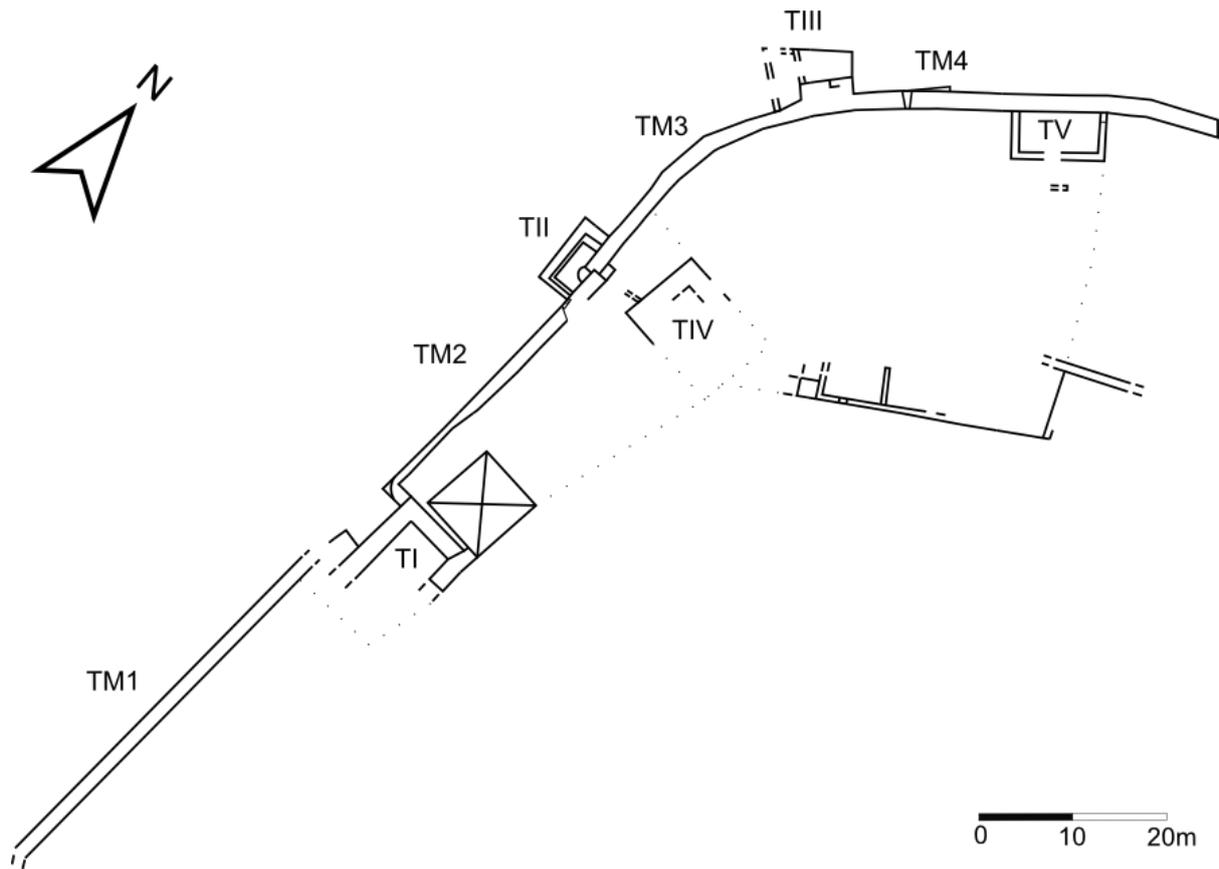


Figura 4 - Planta do castelo de Alenquer.

3.2 Metodologia do levantamento da arqueologia da arquitetura

O primeiro passo efetuado ao nível prático no terreno, consistiu na realização de um reconhecimento do objeto de estudo por forma a identificar os vestígios existentes e identificar as épocas de construção mais expressivas. Nesta primeira fase foram também observadas as condições do terreno e das estruturas, de modo a preparar toda a logística necessária para uma melhor documentação de toda a área e permitindo aceder à maior quantidade de informação possível (WEVERS, 2002:135).

Numa segunda fase procedeu-se ao levantamento detalhado da muralha e estruturas localizadas na alcáçova. Este levantamento foi efetuado segundo dois meios de registo, graficamente e fotograficamente. O registo gráfico do alçado exterior da muralha e

das torres foi feito com intuito de unicamente se registar os limites externos e de qualquer elemento importante para o presente estudo, devido à extensão do troço de muralha em estudo. O registo foi realizado em desenho manual à escala 1:20. Durante o registo gráfico foram identificadas e registadas as principais unidades estratigráficas murarias. A planta do castelo foi levantada por triangulação e não através de um levantamento planimétrico efetuado mediante os métodos topográficos. O registo rigoroso da planta da alcáçova foi realizado à escala 1:100. Todos os espaços e pormenores construtivos foram medidos e fotografados ao pormenor. O levantamento fotográfico foi realizado através de uma máquina fotográfica reflex Canon EOS 600D com uma distância focal de 18 mm para registo dos pormenores, incluindo os métodos construtivos, e uma máquina fotográfica reflex Canon EOS 500D com uma distância focal de 18 mm para registo dos alçados.

Na terceira fase no campo procedeu-se à análise crono-tipológica que se traduziu no levantamento dos métodos construtivos identificados em cada estrutura. Este levantamento foi realizado através do registo fotográfico ortogonal e posteriormente trabalhado com o recurso a aplicações informáticas, referidas no ponto seguinte. Devido à impossibilidade de registar a totalidade do paramento, a escolha dos exemplares dos métodos construtivos, decidiu-se em função da área que permitia recolher mais informação e que a mesma fosse mais fidedigna.

Na quarta fase, o trabalho de campo ficou concluído com o preenchimento das fichas de unidades estratigráficas muraria (U.E.M.) (figura 5). A descrição das unidades estratigráficas foi efetuada por observação direta (Fontes, Catalão, & Alves, 2010: 107) com base numa ficha criada para o efeito, baseada em Luís Caballero Zoreda (2006:35). As unidades referidas ao longo deste trabalho serão identificadas por “u.e.m.” ou contidas por parenteses retos “[]”. A informação detalhada sobre determinada u.e.m, está organizada nas fichas de unidade murária, presentes no anexo IV.

Cada unidade estratigráfica muraria identificada, foi numerada individualmente. Por forma a obter uma melhor organização das unidades foi definido uma numeração própria para cada estrutura, facilitando a atribuição da numeração a cada unidade estratigráfica muraria e na identificação da estrutura em análise. Deste modo, os algarismos de [100] a [199] correspondem ao troço de muralha 1, os algarismos de [200] a [299] correspondem à torre I, os algarismos de [300] a [399] correspondem ao troço de muralha 2, os algarismos

de [400] a [499] correspondem à torre II, os algarismos de [500] a [599] correspondem ao troço de muralha 3, os algarismos de [600] a [699] correspondem à torre III, os algarismos de [700] a [799] correspondem ao troço de muralha 4, os algarismos de [800] a [899] correspondem ao troço de muralha 1, e os algarismos de [900] a [999] correspondem à torre IV.

No caso dos troços de muralha, foi efetuada a identificação estratigráfica no paramento exterior, o qual se apresenta em melhor estado de conservação. Nas torres à semelhança dos troços de muralha foram identificadas as unidades estratigráficas murarias dos paramentos exteriores, sendo cada alçado, analisado individualmente. A única exceção, realizou-se na torre III, em que devido ao elevado grau de destruição e à complexidade da sua arquitetura foi efetuado o registo de paramentos interiores, os quais são devidamente assinalados na respetiva ficha de U.E.M.

Foi utilizado como base a produção gráfica e fotográfica efetuada na segunda fase. Cada número corresponde a uma ficha de unidade estratigráfica na qual se procedeu à sua descrição com base numa ficha definida *a priori* que contém os seguintes campos: corpo arquitetónico, onde se define qual o troço de muralha ou torre analisado; paramento, em que é indicado qual a face analisada do corpo arquitetónico em função da direção em que se projeta ou em determinados casos se se tratou de uma superfície horizontal (optou-se por englobar este tipo de unidades estratigráficas nas fichas de unidades murarias dado a sua escassa manifestação); descrição, na qual se designa que tipo de estrutura analisado, os materiais utilizados para a construção e qual a sua disposição; relações estratigráficas, onde é identificado as relações estratigráficas com as outras U.E.M.; alterações sofridas, em que se indica qual o tipo de ações sofridas, causa e o estado de conservação da U.E.M. na atualidade; técnica construtiva, onde se explora o material de construção, o modo como foi construído e as dimensões dos elementos que formam a U.E.M.; material de união, onde se define o ligante dos aparelhos e os seus constituintes, características físicas, em que caso seja pertinente, é identificado as dimensões da U.E.M. e a sua orientação; registo, efetua-se a ligação com desenhos ou fotografias presentes no anexo III e no anexo II, respetivamente, e que aumentam a informação prestada à U.E.M. em análise; e por último, na figura, é inserido, como é indicado, uma figura (fotografia ou desenho) que melhor represente a

U.E.M. analisada e que complemente toda a informação presente na respetiva ficha de unidade estratigráfica muraria.

As fotografias utilizadas apenas ilustram a totalidade da unidade quando a sua dimensão o permite. Como já foi indicado, as condições no campo não permitem um registo fotográfico completo de toda a estrutura. No caso de unidades estratigráficas extensas, apenas é registado parte da unidade de forma a representá-la.

De modo a auxiliar o preenchimento de cada ficha de unidade foi produzido uma chave de preenchimento (figura 6). Esta chave tem o propósito de auxiliar o preenchimento no campo, tornando a leitura dos paramentos mais fidedigna e completa, e eliminando campos desnecessários.

No campo das dimensões dos elementos, foram considerados cinco parâmetros: muito pequeno, pequeno, médio, grande e muito grande. Deste modo, o tamanho muito pequeno, inferior a 0,05 m; o tamanho pequeno, de 0,05m a 0,20 m; o tamanho médio, de 0,20m a 0,40m; o tamanho grande, de 0,40m a 0,60 m; e tamanho muito grande, superior a 0,60 m.

No campo das consistências do material de união, foram considerados quatro parâmetros: solta, moderadamente compacta, compacta, muito compacta. Deste modo, quando solto, é quando se desfaz ao toque; moderadamente compacta, que se desfaz com uma ligeira pressão; compacta, dificuldade em se desfazer ao toque; e muito compacta, não se consegue desfazer ao toque.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	000
Corpo arquitetónico:		Paramento:	
Descrição:			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho:	

Figura	

Figura 5. Modelo de ficha de unidade estratigráfica.

Campo	Item	Exemplos/Opções	
Designação		Parede, muro, porta, janela, escada, conduta, arco, alicerce, elemento decorativo, vão, orifício/agulheiro, fundo de cabana, buraco de poste, fossa, outro. Pavimento, Revestimento, Telhado, Janela, Porta, Arco, Vão, Contraforte, Entaipado, Reconstrução, Outro	
Alterações Sofridas	Tipo	Antrópica	Destruição, Transformação, Reutilização, Outra.
		Bioturbação	Animal, Vegetal
		Naturais	Degradação, Erosão, Outra, Indeterminável, Sem alterações.
	Estado de conservação	Vestigial, Mau, Razoável, Bom, Muito bom.	
Técnica Construtiva	Material de construção	Pedra, Madeira, Taipa, Adobe, Argamassa, Metal, Vegetal, Tijolo, Telha, Ladrilho, Azulejo, Outro	
	Modo de construção	Taipa, Alvenaria, Alvenaria insossa, Aparelho arbitrário com fiadas, Aparelho arbitrário sem fiadas, Aparelho com fiadas regulares, Aparelho com fiadas irregulares, Silhar, Aparelho de almofada, Aparelho ciclópico, Aparelho de espinha, Aparelho isódomo, Aparelho pseudo-isódomo, Aparelho oblíquo, Aparelho rusticado, Aparelho misto, Muro de cantaria, Outro.	
	Dimensões dos Elementos	Muito pequeno, pequeno, médio, grande, muito grande	
Material de União	Tipo	Argamassa, Terra, Argila, Cimento, Vegetal, Nenhum, Outro	
	Consistência	Solta, Moderadamente Compacta, Compacta, Muito Compacta	
	Descrição	Elementos artefatuais, vegetais, faunísticos ou botânicos.	

Figura 6. Chave de preenchimento das fichas de unidades estratigráficas.

3.3. Análise e tratamento de dados.

Após a recolha de todos os dados e efetuados todos os registos em campo tornou-se imperativo a organização de toda a informação recolhida.

Primeiramente procurou-se ordenar todos os desenhos e imagens por forma serem usados como suporte de trabalho. Nesse sentido foi realizado a digitalização dos desenhos efetuados, e de seguida foram processados com recurso à aplicação informática inkscape (<http://www.inkscape.org/pt/>) que possibilitou os desenhos finais. Os registos fotográficos foram trabalhados sobre duas aplicações informáticas: gimp (<http://www.gimp.org/>) e posteriormente no inkscape.

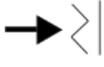
Seguidamente procedeu-se à organização das fichas de unidade estratigráfica muraria, colmatando toda a informação recolhida no campo, com a análise dos desenhos e de fotografias. Com as fichas organizadas procedeu-se à interpretação da estratigrafia definindo a sequência estratigráfica para cada estrutura do castelo de Alenquer. Através da matriz de Harris foram representadas as relações físicas de contemporaneidade, anterioridade e posterioridade entre todas as unidades estratigráficas conduzindo a uma visão global do edificado. A construção do diagrama em função das relações resultou numa sequência ordenada da mais antiga para a mais recente conduzindo a uma cronologia relativa (Mileto & Vegas, 2011: 152). Para uma mais fácil obtenção do diagrama com a estratigrafia identificada recorreu-se à aplicação informática ArchEd (<https://www.tuwien.ac.at/ArchEd/>) (Fontes, Catalão, & Alves, 2010: 107).

Se até este momento o trabalho desenvolvido baseava-se na identificação dos dados e na sua transcrição, através do diagrama estratigráfico inicia-se a interpretação dos dados obtidos. Com base no diagrama construído é possível estabelecer períodos que correspondem a grupos de unidades estratigráficas que foram executadas num só momento (na mesma fase de obra). Desta forma é possível identificar vários momentos construtivos no edificado que se traduz em atividades (Mileto & Vegas, 2011: 152), as quais foram denominadas de unidade construtiva (U.C.). Estas unidades construtivas encadeiam uma ação construtiva que se traduz num momento histórico registado no monumento (Fontes, Machado & Catalão, 2012: 7), o qual corresponde a uma fase evolutiva. À semelhança das

u.e.m, as unidades construtivas referidas ao longo deste trabalho serão identificadas por” u.c.” ou contidas entre parenteses retos “[]”.

Com base na informação disponível, tornou-se importante reunir todas as U.E.M. que representam a mesma ação, construtiva ou destrutiva, identificadas numa estrutura, por forma a tornar mais fácil a leitura estratigráfica do castelo de Alenquer. Assim, foram definidas unidades construtivas (u.c.) que permitiram uma leitura da evolução do castelo, seja ela construtiva ou destrutiva, de forma mais fácil e organizada. Deste modo, os algarismos de [10] a [19] correspondem ao troço de muralha 1, os algarismos de [20] a [29] correspondem à torre I, os algarismos de [30] a [39] correspondem ao troço de muralha 2, os algarismos de [40] a [49] correspondem à torre II, os algarismos de [50] a [59] correspondem ao troço de muralha 3, os algarismos de [60] a [69] correspondem à torre III, os algarismos de [70] a [79] correspondem ao troço de muralha 4, os algarismos de [80] a [89] correspondem ao troço de muralha 1, e os algarismos de [90] a [99] correspondem à torre IV. A relação entre u.c. e u.e.m. poderá ser consultada na tabela 1 do anexo V.

Ainda dentro de uma intenção clara de organização de informação e de clarificar a sua leitura, procedeu-se ao desenvolvimento de uma análise estrutural do edificado com base em Tabales Rodríguez que mediante uma simbologia baseada em Doglioni (1988: 223 a 246) procura fazer uma análise de dois tipos: construtivos e tipológicos. A análise construtiva indica as relações físicas que se destacam enquanto a análise tipológica procura identificar os tipos de aparelho, vãos, adicionados ou retirados. (TABALES RODRÍGUEZ, 2002b: 164-165). Aliado a este quadro, encontra-se ainda a simbologia que permite identificar as fases construtivas definidas nos paramentos (figura 7).

Símbolos Paramentais		Símbolos das Fases Construtivas	
	Direção do Adossamento		Fase 0
	Adossamento a Bloco		Fase 1
	Adossamento com encastre		Fase 2
	Contemporâneo		Fase 3a
	Corte		Fase 4
	Reboco Simples		Fase 6
	Fenda		Fase 8
	Unidade Estratigráfica		Fase 10
	Limite sem face exterior		Fase 12
	Contorno Estrutural		
	Contorno Interno		
	Limite inferior		
	Traçado Hipotético		

Símbolos Tipológicos
Tipo de Vão

	Porta
	Janela
	Seteira

Figura 7 – Símbolos paramentais, tipológicos e das fases construtivas.

PARTE IV

Análise dos resultados

4.1. A planta da alcáçova.

A alcáçova de Alenquer implanta-se no alto de uma colina que atinge os 108 metros máximos de altitude. Este espaço aproveita uma colina com boa visibilidade e parcialmente rodeada por uma linha de água que proporciona uma linha de defesa natural (figura 2). Nos lados Norte e Oeste, as encostas muito inclinadas, proporcionam boas condições naturais de defesa. Aproveitando a morfologia da colina, a alcáçova adotou uma planta de forma poligonal que se divide em dois patamares tendencialmente retangulares. A Sul encontra-se o patamar superior, mais elevado e que aproveita a zona mais alta desta colina. A Norte, o patamar inferior, mais a baixo, dispõem de uma área mais ampla (figura 8).

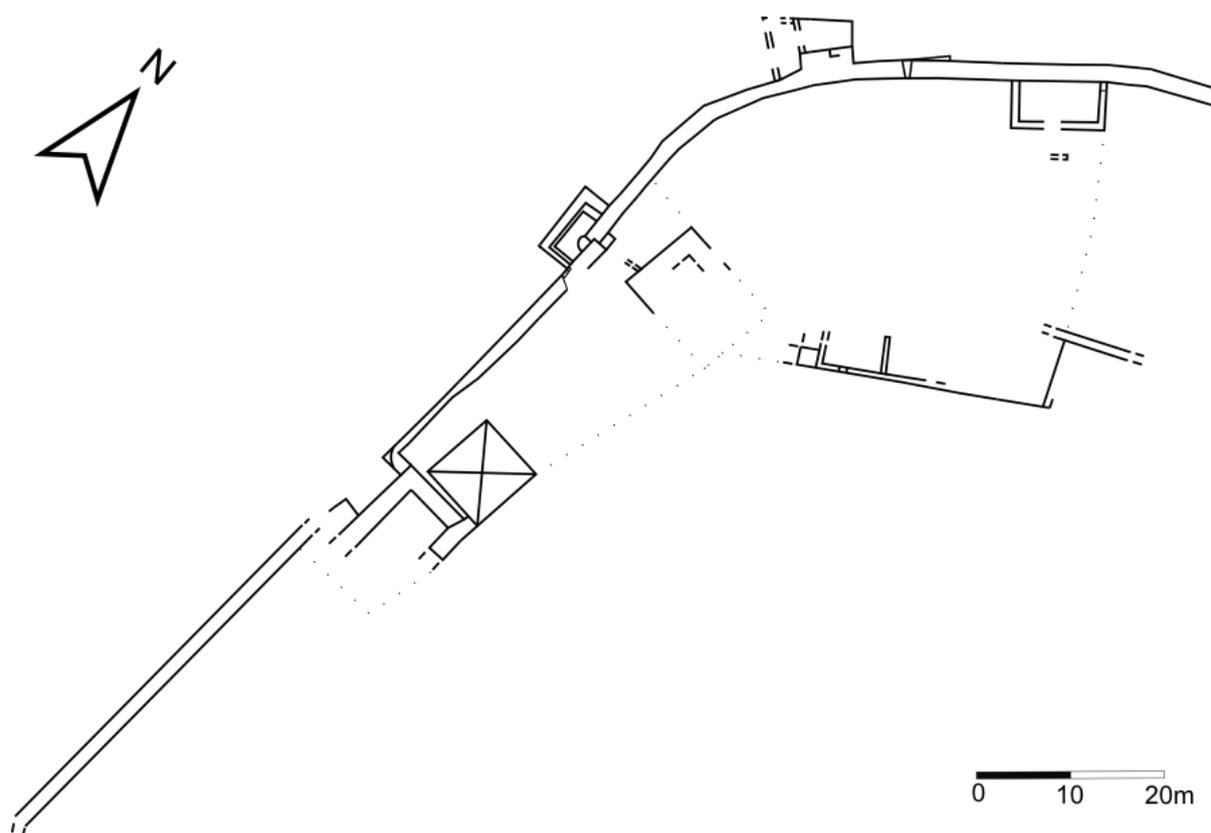


Figura 8 – Planta do castelo de Alenquer.

O patamar superior é constituído por três torres (torre I, torre II e torre IV) e por três troços de muralha (o arranque do torço de muralha 1 que sai desta área em direção a Sul, o

troço de muralha 2 e o troço de muralha 3 que se divide por este patamar e o inferior). Todas as torres encontram-se bastante degradadas à semelhança do que acontece com os troços de muralha, mas que não impediu de traçar a planta desta área bem como o estudo dos paramentos. Destaca-se ainda a identificação de um vão no troço de muralha 2, junto à torre II, que poderá ser considerado a porta da traição. Nos restantes troços de muralha não foi identificado qualquer abertura intencional, bem como nas torres, o que se explica nestas últimas pelo elevado grau de ruína em que se encontram.

Quanto à delimitação entre esta área da alcáçova e a almedina, não foi identificado nenhuma estrutura. Apenas o desnível verificado em redor desta área é que permite supor a existência de uma muralha e qual o seu possível traçado.

É de referir, que nesta área encontra-se um edifício construído no século XX que servia de depósito de água para a povoação de Alenquer. Este edifício marca *o término* utilitário desta área em termos construtivos.

O patamar inferior é constituído por duas torres (torre III e torre V) e por dois troços de muralha (o troço de muralha 3 que se divide por este patamar e o superior e o troço de muralha 4). Como acontece no patamar superior, as torres e os troços de muralha encontram-se bastante degradados, sem impedir de traçar a planta desta área bem como o estudo dos paramentos. Destaca-se ainda a identificação de três vãos. Um no troço de muralha 4 que poderá ser considerado uma seteira e dois na torre V, uma porta e uma janela.

Quanto à delimitação entre esta área da alcáçova e a almedina, foi possível identificar uma parede com cerca de 0,60 m. a Sudeste deste patamar, que se desenvolve paralelamente ao troço de muralha exterior, desde as proximidades da torre IV para Nordeste, até ao fim do patamar que termina abruptamente devido a um elevado desnível. A observação no local permite identificar que esta parede poderia seguir em frente, pois não se encontrou indícios de curvatura. Por outro lado, foi possível registar que esta parede inflete para Noroeste ao encontro da torre V. Nesta vertente, a Nordeste, que é caracterizada por um forte desnível, é possível identificar vestígios de paredes que podem definir esta vertente como o limite do patamar inferior.

Apoiado no limite Sudeste deste patamar, no interior da alcáçova, foram identificados dois compartimentos. Estas estruturas, a que apenas se identifica pequenos vestígios superficiais, não se repercutem no exterior deste patamar, apoiando assim, a ideia de que realmente se trata do limite entre a alcáçova e a almedina.

4.2. A muralha exterior da alcáçova.

A muralha exterior da alcáçova de Alenquer desenvolve-se na vertente Oeste da elevação onde se insere o castelo (figura 9). A parte exterior, imediatamente encostada à muralha é marcada por uma inclinação pronunciada na maioria do traçado, sendo que em determinadas zonas, o terreno é marcado por fortes pendentes.



Figura 9 – Vista aérea de Alenquer, com a área estudada (traço a negro) e o possível trajeto da muralha (tracejado)

O objetivo principal de analisar a muralha exterior, em concreto a sua face exterior, deve-se ao fato de ser o único pano de muralha ainda existente. Tendo em conta que

existiria uma muralha que delimitaria a alcáçova da almedina, da qual hoje sobram poucos vestígios, o pano de muralha exterior é o único que permite identificar o seu percurso, o seu método de construção, bem como, algumas das alterações a que foi sujeito.

Analisando as faces da muralha, percebeu-se de imediato que apenas uma delas, a exterior, seria o alvo principal deste estudo. Esta decisão deveu-se ao fato de que a face interior encontra-se muito destruída, enquanto a face exterior, apesar de em parte estar destruída, apresenta dentro dos seus limites sobrantos uma face praticamente intata e bem conservada que permite uma leitura arquitetónica. A face interior, devido ao aproveitamento dos terrenos para a prática agrícola, foi bastante adulterada e ocultada por construções de apoio à agricultura. Outras partes localizadas junto a um depósito de água foram destruídas, o que sugere que a construção daquele aproveitou materiais da muralha que se localizava a poucos metros de distância. Outras zonas ficaram ainda ocultadas devido à deposição natural de sedimentos. Sem esquecer que, por razões que desconhecemos, troços consideráveis da muralha ruíram na parte de dentro, deixando o seu núcleo interno à mostra e a parte exterior intata. Deste modo, foi bastante claro que a face exterior da muralha da alcáçova seria o único troço disponível para um estudo da arqueologia da arquitetura.

O material principal utilizado na construção dos quatro troços de muralha foi a pedra em vários tamanhos, com recurso à técnica de dupla face em pedra. No interior foi utilizado pedra, também com vários tamanhos.

A muralha analisada tem assim fronteiras bem definidas. A Sul, termina de forma abrupta devido ao aluimento de terras, o que provocou o colapso nesta parte da estrutura. Foi aqui que se definiu o limite Sul da análise da muralha. A Nordeste, a muralha termina, também de forma abrupta devido à construção de uma moradia que destruiu a estrutura. Assim, estes dois cortes destrutivos da muralha marcam fisicamente os limites da área registada e estudada.

A extensão total de muralha registada é de 150,93 m (anexo III, figura 1). Que se divide em quatro partes compreendidas entre torres. O troço de muralha 1 tem 51,85 m. de comprimento, sendo o maior dos panos de muralha registados. O mesmo seria mais extenso mas pelas razões já mencionadas encontra-se hoje truncado. O troço de muralha 2 tem 32,88 m. de extensão, enquanto o troço de muralha 3 é o troço mais pequeno com 25, 54

m. O último troço de muralha apresenta atualmente 40,66 m. de extensão, mas à semelhança do troço 1, também se encontra destruído parcialmente.

Tendo em conta que a muralha é constituída por panos de muralha e por torres, optou-se por separar estes elementos por forma a organizar a informação recolhida e a explanar a respetiva análise dos mesmos. Assim, os troços de muralha que se organizam entre as torres foram numerados de 1 a 4, de Sul para Norte e descritos exhaustivamente nas páginas seguintes. A descrição da muralha foi efetuada de Sul para Norte.

4.2.1 – Troço de muralha 1.

O troço de muralha 1, u.e.m. [100], localiza-se na zona mais a Sul da área a que este estudo se propôs analisar. O limite Sul deste troço termina abruptamente devido ao aluimento de terras precisamente na zona em que este troço iniciava a sua inflexão para Este. Seguindo um percurso praticamente reto para Norte, este troço de muralha termina adossando à torre I (anexo III, figura 2).

Trata-se de um troço que se encontra muito degradado e com sinais claros de erosão continua (anexo II, figura 23 a 26). Este fato deve-se ao ininterrupto desprendimento de terras no limite Sul do troço de muralha, acelerando a sua destruição neste ponto; à constante degradação da muralha nas zonas em que já se registam aberturas na mesma; devido à flora que se agrega às paredes; e em especial às árvores que por estarem muito próximas da muralha e em conjugação com o vento contribuem para o constante desprendimento de pedras e degradação da muralha.

No que respeita às suas dimensões, possui 51,85 m. de comprimento e apresenta-se quase em linha reta. A maior parte da sua extensão, 49,83 m. está orientada para Oeste, sendo que apenas uma pequena parte, 2,02 m. estão orientados para Norte devido à inflexão de 90° que a muralha faz para Este, de forma a adossar à torre I. Não foi possível aferir a espessura da muralha com exatidão devido ao elevado grau de degradação em especial na face interior, mas foi possível determinar que a sua espessura rondaria os 1,65

m. A planta representada na figura 7 não corresponde ao percurso correto da muralha, devido à ausência de pontos de referência e de meios para uma triangulação correta de forma a definir o seu percurso, embora dado o seu traçado reto é possível que a representação aproxime-se da realidade.

O aluimento de terras ocorrido no limite Sul da muralha provocou um corte praticamente limpo da muralha u.e.m. [105]. É possível identificar na sua base uma sapata escalonada de forma a reforçar a base da muralha nesta zona ingreme (BARROCA, 2013: 246). Como é visível na figura 8 a muralha ainda conserva algumas partes bastante altas mas com elevado perigo de derrocada devido à existência de fissuras no pano de muralha que evidenciam o colapso da mesma está eminente. Algumas destas fissuras u.e.m. [106], u.e.m. [107], u.e.m. [108], u.e.m. [109], u.e.m. [110], u.e.m. [111], u.e.m. [112] e u.e.m. [114], são bastante grandes e chegam, inclusive, a abranger todo o paramento na sua largura. A altura máxima registada na muralha é de 5,60 m., que não sendo o seu máximo devido à ruína da estrutura u.e.m. [113], u.e.m. [115], u.e.m. [118], u.e.m. [123], u.e.m. [127], mostra a imponente da estrutura defensiva.

O troço de muralha 1 caracteriza-se pela sua homogeneidade construtiva. Este troço apresenta um modo construtivo regular, alinhado em todo o seu comprimento. Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno (figura 10) u.e.m. [103], u.e.m. [116], u.e.m. [121] e u.e.m. [125]. Embora esta construção apresente as características de uma alvenaria (TEIXEIRA, 1985: 23-24), a forma como se encontra organizada, pode ser enquadrável num aparelho pseudo-isódomo (1985: 24).

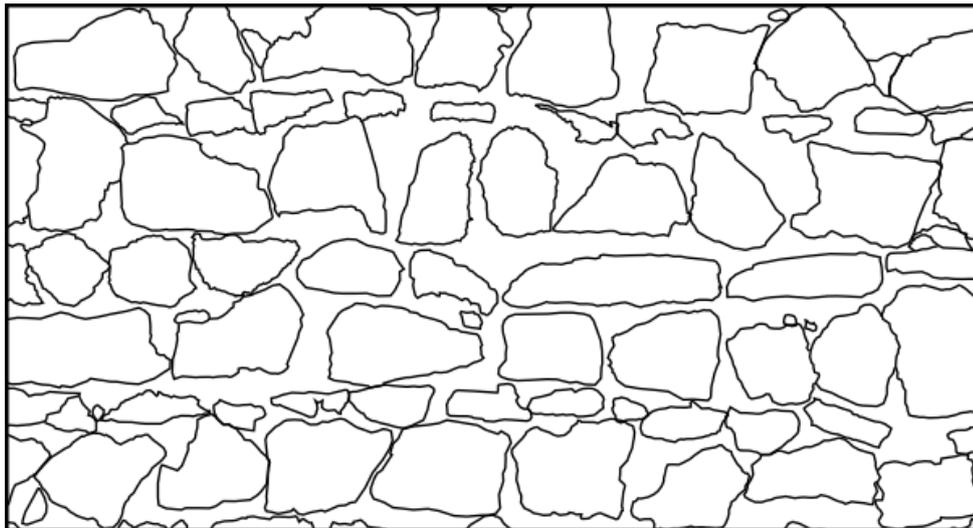


Figura 10 – Modo construtivo do troço de muralha 1

O principal elemento construtivo utilizado neste paramento é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. Para as fiadas de blocos de pedra, foram utilizados blocos de tamanho médio, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Destaca-se ainda a presença de algumas pedras semelhantes às existentes nas fiadas de pedra pequena, mas dispostas na vertical. Nas fiadas de pedra pequena, as pedras são na sua maioria estreitas, angulosas, de formato, na sua maioria, retangular ou quadrangular. Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície, embora a parede tenha sido coberta por uma camada de revestimento, reboco. Foram detetados alguns vestígios desta unidade estratigráfica de revestimento u.e.m. [104], u.e.m. [117] e u.e.m. [126], por todo o paramento, embora tenha sido identificada em maior percentagem na área superior da muralha, com destaque na zona entre os 7 m. e os 17 m. de altura.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento, o que pode ter garantido a preservação deste troço de muralha que se destaca por ser um dos que apresenta um paramento mais alto. A observação direta da argamassa

permitiu identificar alguns dos seus constituintes: areia, grânulos pétreos e alguns fragmentos de cerâmica que em alguns casos foi possível identificá-los como fragmentos de telha. A cor do ligante varia entre o amarelo e o amarelo muito claro, quase branco, o que pode apontar para a utilização de cal no fabrico da argamassa.

O núcleo u.e.m. [124] do troço de muralha é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente e unidas por argamassa que à semelhança da superfície do paramento também contem fragmentos de cerâmica.

Na área mais a Sul do troço de muralha 1 foi identificado junto ao solo duas fiadas de pedra salientes em relação à muralha e identificáveis como o embasamento escalonado, para o reforço da mesma, nesta zona que se destaca por curvar e por ter um desnível muito acentuado. O embasamento é constituído por duas fiadas de pedras de tamanho médio, unidas por argamassa u.e.m. [101]; e mais duas fiadas de pedras de tamanho médio com pedras de tamanho pequeno para nivelar u.e.m. [102] (anexo II, figura 21 e 22).

No limite Norte deste troço, a muralha inflete para Este de modo a adoçar à torre I. Este angulo de 90° que a muralha faz é detetável por um silhar rústico u.e.m. [122] que forma o cunhal entre estas duas paredes, que tem a função de reforçar a muralha neste ponto de fragilidade construtiva (TEIXEIRA, 1985: 23-78).

A análise das unidades estratigráficas murária do troço de muralha 1 permitiram identificar três momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 1):

- Momento fundacional do troço: u.c. [10] corresponde à u.e.m. [900]
- Construção do troço de muralha: u.c. [11] corresponde às u.e.m. [101], u.e.m. [102], u.e.m. [120], u.e.m. [103], u.e.m. [116], u.e.m. [121], u.e.m. [125], u.e.m. [124], u.e.m. [104], u.e.m. [117] e u.e.m. [126].
- Momento de abandono e de destruição do troço: u.c. [12] corresponde às u.e.m. [105], u.e.m. [113], u.e.m. [115], u.e.m. [118], u.e.m. [119], u.e.m. [123], u.e.m. [127], u.e.m. [107], u.e.m. [108], u.e.m. [109], u.e.m. [110], u.e.m. [111], u.e.m. [112], u.e.m. [106] e u.e.m. [114].

4.2.2 – Troço de muralha 2.

O troço de muralha 2, u.e.m. [300], localiza-se na área definida como a alcáçova de Alenquer, situando-se entre a torre I e a torre II. À semelhança do troço de muralha 1, este troço no seu limite Sul faz uma inflexão para Norte (anexo II, figura 27 a 29) seguindo um percurso praticamente reto até ser adossado pelo troço de muralha 3 e à torre II (anexo III, figura 4).

Este troço de muralha encontra-se muito degradado e com sinais claros de erosão continua, devido à flora que se agrega às paredes e em especial as árvores, que por estarem muito próximas da muralha e em conjugação com o vento contribuem para o constante desprendimento de pedras e para a degradação da muralha u.e.m. [307], u.e.m. [309], u.e.m. [311], u.e.m. [325], u.e.m. [329]. A par da destruição natural, a responsabilidade humana não está imune. Foram identificados vários níveis de destruição u.e.m. [305], u.e.m. [314], [316], u.e.m. [318], u.e.m. [332], u.e.m. [337] e u.e.m. [338] no corpo da muralha que posteriormente, foi reconstruída. Isto pode dever-se a ações humanas e também devido a obras relacionadas junto a este troço. A localização da muralha junto a um depósito de água u.e.m. [211] construído no século XX fez com que fosse necessário a destruição de partes da muralha u.e.m. [321], u.e.m. [324], u.e.m. [327] para a colocação de tubos u.e.m. [333] e estruturas u.e.m. [320] relacionadas com o mesmo, bem como a reconstrução de partes da muralha nestas áreas u.e.m. [322], u.e.m. [328] e u.e.m. [334].

O troço de muralha 2 é constituído por 32,88 m. de comprimento quase em linha reta. A maior parte da sua extensão, 30,10 m. está orientada para Oeste, sendo que apenas uma pequena parte, 2,78 m. estão orientados para Sul devido à inflexão de 90° que a muralha faz para Este, de forma a adossar à torre I.

A espessura máxima apurada da muralha foi de 1,55 m. embora este valor possa ser superior. O elevado grau de destruição da muralha não permitiu ter a correta perceção da sua espessura, existindo locais em que os vestígios existentes, situam-se nos 0,50 m. A espessura referida, 1,55 m., foi identificada no limite Norte do troço de muralha 2. Quanto à altura máxima identificada, situou-se nos 2,40 m., muito abaixo das dimensões dos outros troços existentes. Este fato poderá dever-se à utilização de argamassa mais fraca e com

baixa resistência como é o caso das u.e.m [303], u.e.m. [308], u.e.m. [312], u.e.m. [319], u.e.m. [323] e u.e.m. [330] que utilizam uma argamassa pouco resistente e as u.e.m [315], u.e.m. [313], u.e.m. [306], u.e.m. [310] e u.e.m. [317] que utilizam argila como ligante.

A 4 m. do limite Norte do troço de muralha 2 foi identificado três lajes pétreas ao nível do pavimento u.e.m. [335], que em conjunto formavam uma parte constituinte de um vão, podendo ser uma soleira de uma porta (anexo II, figura 30 a 32). O comprimento total é de 1,65 m., e a largura varia entre os 0,35 m. nas laterais e os 0,30 m. no centro. Este vão situa-se a 0,10 m. da parede 1 u.e.m. [417] da torre II, mas é parcialmente obstruído pela parede 2 u.e.m. [418] da torre II que corresponde ao alambor⁴.

O paramento do troço de muralha 2 é o mais complexo de todos os troços e o que apresenta diferenças construtivas significativas, fruto de várias destruições e reconstruções. A observação deste troço permitiu identificar quatro modos construtivos distintos em termos de materiais, dimensões, formas e de organização dos elementos constituintes. Em cerca de dois terços do troço surge o modo construtivo principal u.e.m. [303], u.e.m. [308], u.e.m. [312], u.e.m. [319], u.e.m. [323] e u.e.m. [330], equivalente ao troço de muralha 4. Sobre este, surgiu um modo construtivo completamente distinto u.e.m. [315], em que se destaca a presença de grandes blocos pétreos. Na zona Sudoeste deste troço surge um modo construtivo que corta o descrito anteriormente e coloca-se sobre o mais antigo. Este é passível de se dividir em duas fases construtivas. A primeira, junto ao solo e onde existe um reaproveitamento de silhares rústicos, blocos de grande e média dimensão, com pequenas pedras a preencher espaços u.e.m. [313], a outra fase, mais elevada, já não reutiliza blocos, sendo constituída por blocos médios mas mantendo o preenchimento dos espaços com pequenas pedras u.e.m. [306] e u.e.m. [310]. Por último, o quarto modo construtivo identificado, surge sobre os restantes, e caracteriza-se por ser um aparelho irregular e desorganizado u.e.m. [317].

O modo construtivo que abrange a maior parte do paramento é representado pelas u.e.m [303], u.e.m. [308], u.e.m. [312], u.e.m. [319], u.e.m. [323] e u.e.m. [330]. Caracteriza-se pela regularidade e alinhamento em todo o seu comprimento. Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de

⁴ Consultar o capítulo: 4.3.2. – Torre II

tamanho médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços e a nivelar as fiadas (figura 11).

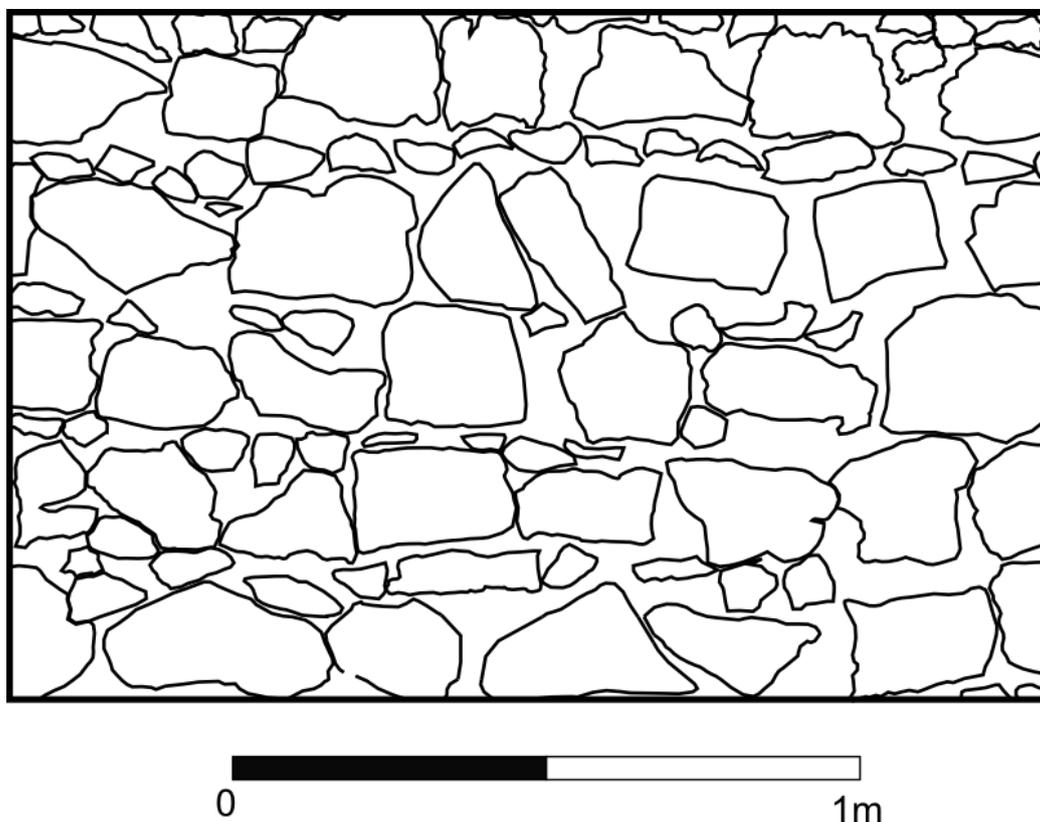


Figura 11 – Modo construtivo do troço de muralha 2, u.c. [31]

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. As fiadas são constituídas por blocos de pedra de tamanho médio ou grande, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Entre estes blocos, numa intenção de preencher espaços e de nivelar a fiada de forma a colocar a seguinte, são utilizadas pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular.

Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície, tendo a parede sido coberta por uma

camada de revestimento em reboco. Foram detetados alguns vestígios desta unidade estratigráfica de revestimento u.e.m. [304], u.e.m. [326] e u.e.m. [331].

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e uma maior estabilidade do paramento, o que pode ter garantido a preservação em altura do troço de muralha. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a areia e muitos grânulos pétreos diversos. O ligante apresenta uma cor amarelo escura. Comparativamente à argamassa utilizada no troço de muralha 1 ou ao troço de muralha 3, esta argamassa caracteriza-se por ser mais fraca e por desagregar-se mais facilmente. Quanto ao núcleo u.e.m. [336] do troço de muralha 4 é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente, unidas por argamassa e com vestígios de argila que são mais visíveis junto ao solo.

O segundo modo construtivo identificado u.e.m. [315], é uma alvenaria que se caracteriza pela presença de grandes blocos pétreos que organizam as fiadas (figura 12), e com a presença de blocos médios e pedras pequenas a preencher os espaços. Os vestígios desta alvenaria circunscrevem-se a duas fiadas.

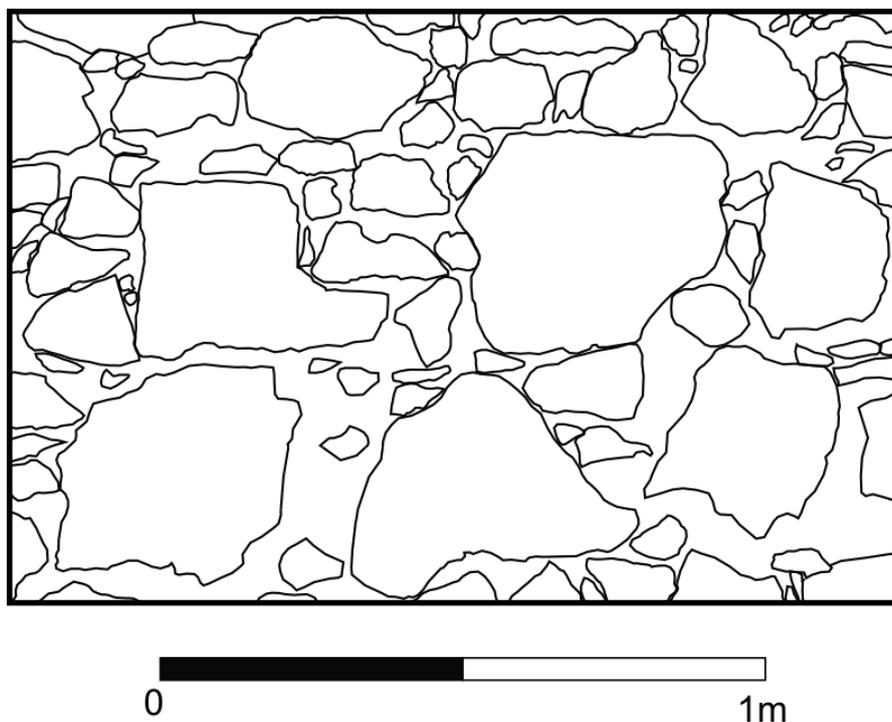


Figura 12 – Modo construtivo do troço de muralha 2, u.c. [33]

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados três tamanhos diferentes. As fiadas são constituídas por blocos de pedra de tamanho grande, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente quadrangulares. Entre estes blocos, numa intenção de preencher espaços e de nivelar a fiada de forma a colocar a seguinte, são utilizados blocos de tamanho médio e pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular. Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argila. Este ligante de fácil utilização e disponível na zona tem a desvantagem de não ser muito forte e de fácil desagregação se não houver uma permanente manutenção. A observação direta deste ligante de cor castanha escura permitiu identificar um elemento não plástico, grânulos pétreos.

Na zona Sudoeste deste troço surge um modo construtivo, passível de se dividir em duas fases construtivas. A fase A, situa-se junto solo, onde existe um reaproveitamento de silhares rústicos, blocos de grande e média dimensão com pequenas pedras a preencher espaços u.e.m. [313], a outra fase, a B, mais elevada, não reutiliza silhares como detetados na fase A, sendo constituída por blocos grandes e médios mas mantendo o preenchimento dos espaços com pequenas pedras u.e.m. [306] e u.e.m. [310].

A fase A é constituída por um modo construtivo que se pode enquadrar dentro das especificações de um aparelho ciclópico. Este aparelho caracteriza-se pela existência de blocos de tamanho grande, que tem as juntas preenchidas por pequenas pedras (TEIXEIRA, 1985: 24), definição que se enquadra com o aparelho registado (figura 13).

O principal elemento construtivo utilizado neste aparelho é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados quatro tamanhos diferentes, silhares, blocos de pedra de grande e média dimensão e pedras pequenas, que se dispõem irregularmente e sem uma organização visível. O aparelho é constituído por silhares rústicos

de grandes dimensões, de forma retangular ou quadrangular. Blocos de tamanho grande, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares. Os blocos de tamanho grande e os silhares rústicos encontram-se dispostos horizontalmente, travando-se entre si pela maneira como estão dispostos. Entre estes blocos, numa intenção de preencher todos os espaços existentes, foram colocados alguns blocos de tamanho médio, irregulares, de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, e pedras de tamanho muito pequeno, alongadas mas estreitas e de formato retangular, e fragmentos de telha.

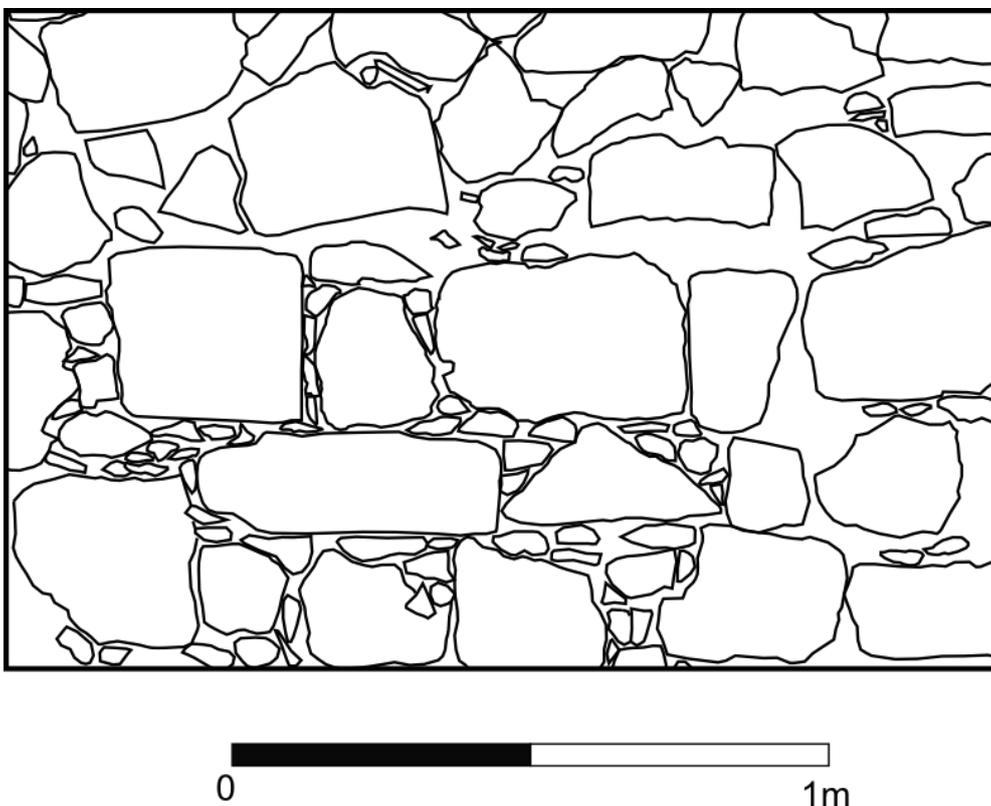


Figura 13 – Modo construtivo do troço de muralha 2, u.c. [35], fase A.

Os silhares utilizados para a construção do paramento poderão ser reaproveitamentos de outras estruturas, devido as suas formas variadas e por se encontrarem alternados por outros blocos pétreos com forma irregular.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras, foi a argila de cor castanho-escuro. Este ligante de fácil utilização e disponível na zona tem a desvantagem de não ser

muito forte e de fácil desagregação se não houver uma permanente manutenção. A observação direta deste ligante de cor castanha escura permitiu identificar alguns dos seus elementos não plásticos, grânulos pétreos e alguns fragmentos de cerâmica, possivelmente telha.

A fase B é semelhante à fase A, embora diferindo na ausência de silhares rústicos, sendo que apenas utiliza três tamanhos diferentes de pedra, blocos de pedra de grande e média dimensão e pedras pequenas, que se dispõem irregularmente e sem uma organização visível., na sua maioria pertencente aos calcários da região (figura 14). O aparelho é constituído por blocos de tamanho grande e pequeno, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente, que se travam entre si pela maneira como estão dispostos. Entre estes blocos, numa intenção de preencher todos os espaços existentes, foram colocadas pedras de tamanho muito pequeno, alongadas mas estreitas e de formato retangular, e fragmentos de telha.

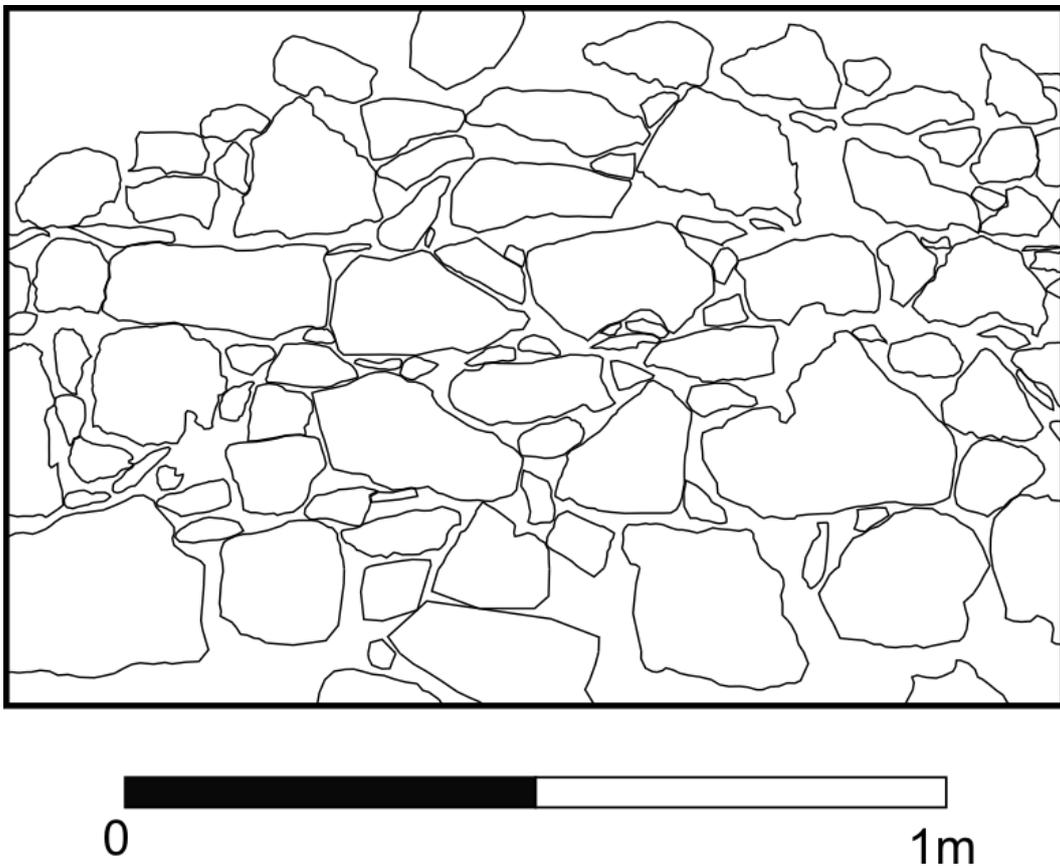


Figura 14 – Modo construtivo do troço de muralha 2, u.c. [35], fase B.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras, foi a argila de cor castanho-escuro. Este ligante de fácil utilização e disponível na zona tem a desvantagem de não ser muito forte e de fácil desagregação se não houver uma permanente manutenção. A observação direta deste ligante de cor castanha escura permitiu identificar alguns dos seus elementos não plásticos, grânulos pétreos e alguns fragmentos de cerâmica, possivelmente telha.

O quarto modo construtivo identificado u.e.m. [317] surge sobre os restantes, e caracteriza-se por ser um aparelho irregular e desorganizado. Trata-se de um modo construtivo irregular e sem nenhuma organização. Pode-se considerar uma alvenaria típica, que utiliza pedras de várias dimensões e formas, e que estão dispostas consoante o seu formato travando-se entre si e com recurso a argila como ligante (TEIXEIRA, 1985:20).

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizado sobretudo dois tamanhos diferentes. Blocos de pedra de tamanho médio, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, e pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras, foi a argila. Este ligante de fácil utilização e disponível na zona tem a desvantagem de não ser muito forte e de fácil desagregação se não houver uma permanente manutenção. A observação direta deste ligante de cor castanha escura permitiu identificar um elemento não plástico, grânulos pétreos.

Junto ao limite Sul deste troço, a muralha efetua uma inflexão para Norte de modo a prosseguir em direção à torre II. Este angulo de 90° que a muralha faz tem como ponto de viragem um silhar rústico localizado na sua base que forma parte do embasamento u.e.m. [301]. Sobre este silhar foi detetado outro silhar que forma o cunhal u.e.m. [302] entre estas duas paredes e que tem a função de reforçar a muralha neste ponto de fragilidade construtiva (TEIXEIRA, 1985: 23-78).

A análise das unidades estratigráficas murária do troço de muralha 2 permitiram identificar dez momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 2):

- Momento fundacional do troço: u.c. [30] corresponde à u.e.m [300]
- Construção do troço de muralha: u.c. [31] corresponde às u.e.m [301], u.e.m. [302], u.e.m. [303], u.e.m. [312], u.e.m. [308], u.e.m. [319], u.e.m. [323], u.e.m. [330], u.e.m. [335], u.e.m. [304], u.e.m. [331] e u.e.m. [326].
- Momento destrutivo: u.c. [32] corresponde à u.e.m. [318].
- Reconstrução: u.c. [33] corresponde à u.e.m. [315].
- Momento destrutivo: u.c. [34] corresponde às u.e.m. [338], u.e.m. [305], u.e.m. [337], u.e.m. [316] e u.e.m. [332].
- Reconstrução: u.c. [35] corresponde às u.e.m. [306], u.e.m. [310] e u.e.m. [313].
- Momento destrutivo: u.c. [36] corresponde à u.e.m. [314].
- Reconstrução: u.c. [37] corresponde à u.e.m. [317].
- Momento destrutivo: u.c. [38] corresponde às u.e.m. [307], u.e.m. [311], u.e.m. [309], u.e.m. [325], u.e.m. [329], u.e.m. [321], u.e.m. [324] e u.e.m. [327].
- Reconstrução: u.c. [39] corresponde às u.e.m. [320], u.e.m. [333], u.e.m. [322], u.e.m. [328] e u.e.m. [334].

4.2.3 – Troço de muralha 3.

O troço de muralha 3, u.e.m. [500] m. localiza-se na área definida como a alcáçova de Alenquer, situando-se entre a torre II e a torre III (anexo III, figura 6). Este troço que tem o seu limite Sul adossado ao troço de muralha 2 e à torre II (anexo II, figura 39), efetua uma ligeira curvatura para Noroeste por forma a acompanhar a progressão do terreno até se encontrar com a torre III (anexo II, figura 33 e 34). O seu limite a noroeste, junto à torre III, foi definido artificialmente, por não ter sido possível identificar a relação entre este troço de muralha e a torre, em virtude da destruição de parte da muralha onde se efetuava essa ligação u.e.m. [518] (anexo II, figura 37 e 41).

Este troço de muralha encontra-se muito degradado e com sinais claros de erosão continua u.e.m. [502], u.e.m. [507] e u.e.m. [516], devido à flora que se agrega às paredes e, em especial, às árvores que, por estarem muito próximas da muralha, conjugadas com o vento, contribuem para a constante desprendimento de pedras e degradação da muralha. O troço em questão também sofreu graves danificações na zona da u.e.m. [513] devido à existência de um caminho criado em resultado da constante passagem de pessoas.

O troço de muralha 3 tem 25,54 m. de comprimento, fazendo a meio do seu percurso duas ligeiras curvaturas que acompanham as condicionantes do terreno. Assim, metade do troço encontra-se virado para Oeste e a outra parte, devido à inflexão para Nordeste, está orientada para Noroeste. Em termos de altura, o máximo registado neste paramento, foi 4,70 m., que não sendo o seu máximo, devido à ruína da estrutura, mostra mais uma vez a imponente da estrutura defensiva.

A espessura da muralha foi conseguida através de medições realizadas nos seus extremos, onde foi possível aferir a medida de 1,80 m. de espessura em ambos os limites. Uma medição efetuada na zona de curvatura da muralha ainda conservada registou uma espessura ligeiramente maior, de 2 m., que poderá ter a ver com um reforço nesta zona de fragilidade da muralha, bem como o fato de a zona entre as duas curvaturas da muralha fazerem a ligação entre o patamar superior e o patamar inferior da alcáçova. Não foi possível efetuar uma medição na outra zona de curvatura devido à destruição da muralha u.e.m. [503] e u.e.m. [504].

O troço de muralha 3 caracteriza-se pela sua homogeneidade construtiva, à semelhança do registado no troço de muralha 1 (anexo II, figura 35 e 36). Este troço apresenta um modo construtivo regular, alinhado em todo o seu comprimento. Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno (figura 15) u.e.m. [501] e u.e.m. [506]. Embora este modo construtivo apresente as características de uma alvenaria (TEIXEIRA, 1985: 23-24), a forma como se encontra organizada, pode ser enquadrável num aparelho pseudo-isódomo (1985: 24).

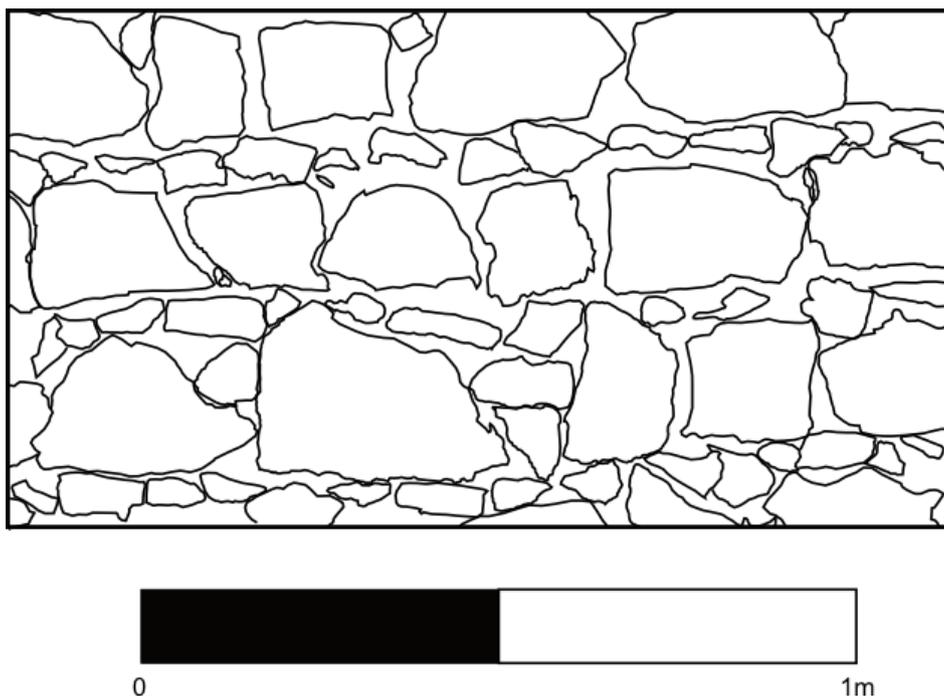


Figura 15 – Modo construtivo do troço de muralha 3, u.c. [51].

O principal elemento construtivo utilizado neste paramento é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. Para as fiadas de blocos de pedra, foram utilizados blocos de tamanho médio, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Destaca-se ainda a presença de algumas pedras semelhantes às existentes nas fiadas de pedra pequena, mas dispostas na vertical. Nas fiadas de pedra pequena, as pedras são na sua maioria estreitas, angulosas, de formato, na sua maioria, retangular ou quadrangular. Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície, embora a parede tenha sido coberta por uma camada de revestimento, reboco. Foram detetados alguns vestígios desta unidade estratigráfica de revestimento u.e.m. [509] e u.e.m. [520], principalmente na zona inferior da muralha, junto ao embasamento e na zona superior.

Destaca-se ainda a presença de dois blocos u.e.m. [510] e u.e.m. [511], que se crê serem fragmentos de taipa reaproveitados, numa zona intermédia do paramento mais elevado deste troço. Estes dois blocos são constituídos por fragmentos de cerâmica, possivelmente telha, grânulos pétreos, areia e devido à sua tonalidade esbranquiçada, poderá ter sido utilizado cal. Este processo construtivo utiliza materiais que se enquadram

dentro dos que são utilizados na construção de taipa militar, como é o caso da construção da muralha islâmica de Juromenha, na qual foi utilizado uma mistura arenosa e baixa em argila, rica em pedra, com cal e materiais cerâmicos (BRUNO, 2006:21-22). O reaproveitamento deste tipo de material cingiu-se a estes dois exemplares em toda as estruturas analisadas.

Próximo desta zona, a 2,20 m. de altura foi identificado um orifício no paramento, que poderá corresponder a um buraco de andaime u.e.m. [508], embora se trate do único exemplar observado neste paramento.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento, o que pode ter garantido a preservação em altura de partes do troço de muralha. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a areia e grânulos pétreos. A cor do ligante varia entre o amarelo e o amarelo muito claro, quase branco, o que pode apontar para a utilização de cal no fabrico da argamassa. Parte do troço de muralha junto à torre II apresenta uma argamassa ligeiramente diferente, constituída por areia e muitos grânulos pétreos e apresentando uma cor amarelo escura. Comparativamente, à restante argamassa utilizada no troço de muralha, esta argamassa caracteriza-se por ser mais fraca e por desagregar-se mais facilmente. O núcleo u.e.m. [519] do troço de muralha 3 é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente e unidas por argamassa, muito semelhante ao núcleo do troço de muralha 1.

Na zona de curvatura do troço de muralha foi identificado duas unidades estratigráficas murarias, salientes em relação à muralha que podem ser consideradas como o embasamento escalonado para reforço da muralha nesta zona mais frágil (anexo II, figura 38 e 40). A u.e.m [505] é constituída por cinco fiadas de blocos de tamanho médio e pedras pequenas unidas por argamassa, numa alvenaria semelhante à u.e.m. [501] e u.e.m. [506] embora com uma organização não tão bem cuidada e com a presença de poucos fragmentos de cerâmica. Esta u.e.m não apresenta uma medida regular de saliência, sendo os 0,15 m. a saliência mais destacada. Imediatamente sobre esta u.e.m foi identificado a u.e.m. [512] que à semelhança da anterior, não tem uma medida de saliência regular, tendo o seu ponto máximo 0,27 m. Esta u.e.m encontra-se degradada, mas foi possível identificar

cinco fiadas (podendo haver mais) de blocos médios com pedras pequenas à mistura unidas por argamassa, sendo uma alvenaria muito menos cuidada que a superior mas com uma clara intenção de ser mais resistente por forma a suportar todo o peso da muralha e proporcionar uma base mais firme e estável.

Estas duas unidades que formam o embasamento do troço prolongam-se no sentido Nordeste, tendo sido identificados no extremo do troço. Apesar da destruição de 1 metro de muralha em toda a altura u.e.m. [513], foi possível perceber que os vestígios encontrados u.e.m. [514] e u.e.m. [515], pelo seu aparelho e pela direccionalidade em que se encontram, que se tratam da continuação do embasamento detetado anteriormente u.e.m. [512] e u.e.m. [505], sendo equivalentes.

O limite nordeste caracteriza-se por não ter uma relação evidente com a torre III, devido à destruição da muralha. Porém, foi detetado o negativo de adossamento u.e.m. [517], na lateral Noroeste, de uma parede pertencente à torre III. A conexão entre estes dois elementos não permite a compreensão total da relação entre os mesmos, mas lança algumas ideias que serão exploradas no ponto dedicado à torre III⁵ e no capítulo seguinte⁶.

A análise das unidades estratigráficas murária do troço de muralha 3 permitiram identificar quatro momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 3):

- Momento fundacional do troço: u.c. [50] corresponde à u.e.m. [500]
- Construção do troço de muralha: u.c. [51] corresponde às u.e.m. [512], u.e.m. [514], u.e.m. [505], u.e.m. [515], u.e.m. [501], u.e.m. [506], u.e.m. [519], u.e.m. [508], u.e.m. [510], u.e.m. [511], u.e.m. [509] e u.e.m. [520].
- Adossamento da torre III a este troço: u.c. [52] corresponde à u.e.m. [517].
- Momento de abandono e de destruição do troço: u.c. [53] corresponde às u.e.m. [502], u.e.m. [503], u.e.m. [504], u.e.m. [507], u.e.m. [513], u.e.m. [516] e u.e.m. [518].

⁵ Consultar o capítulo: 4.3.3. – Torre II

⁶ Consultar o capítulo: 5.2. As fases evolutivas do castelo.

4.2.4 – Troço de muralha 4.

O troço de muralha 4, u.e.m. [700], localiza-se na zona Noroeste da área a que este estudo se propôs analisar. O extremo Noroeste deste troço termina abruptamente devido à destruição provocada pela construção de uma moradia, sendo este o ponto que marca um dos limites espaciais do presente estudo (anexo III, figura 8).

O limite Sudoeste deste troço inicia-se junto à torre III, no ponto em que se interliga com a torre (anexo II, figura 42). Partindo deste ponto, ainda dentro da área definida como a alcáçova de Alenquer, o troço de muralha 4 segue um percurso praticamente reto até à torre V, realizando de seguida uma ligeira inflexão para Este.

Este troço encontra-se muito degradado e com sinais claros de erosão continua u.e.m. [702], u.e.m. [703], u.e.m. [713], u.e.m. [716], u.e.m. [717] e u.e.m. [718], devido à flora que se agrega às paredes e em especial às árvores que por estarem muito próximas da muralha que em conjugação com o vento contribuem para o constante desprendimento de pedras e degradação da muralha. O troço tem a agravante de nascerem árvores em cima da própria muralha, o que provocou a destruição de uma parte considerável deste troço de muralha u.e.m. [710].

O troço de muralha 4 apresenta um comprimento de 40,66 m. de muralha conservada, número que podia ser bastante maior se não fosse a sua destruição integral praticamente após a torre V. Toda a face exterior orientada para Noroeste é marcada por um acentuado desnível do terreno que reforça o poder defensivo da estrutura, e localiza a base da muralha a uma cota elevada em relação ao piso. A partir do limite Sudoeste da torre V, a muralha inicia uma acentuada descida para Nordeste, acompanhando a progressão do terreno, o que eleva a altura da muralha por forma a compensar o desnível registado (anexo II, figura 45). Junto à torre V, a muralha apresenta 4,70 m. de altura, que seria superior face à ruína da mesma. Quanto à espessura registada da muralha, varia entre os 1,90 m. e os 2 m., que se coaduna com uma zona em que é vital a presença de uma parede resistente.

A 5,78 m. a Nordeste da torre III foi identificado um vão no topo da muralha com uma fisionomia enquadrável numa seteira abocinada (anexo II, figura 46 a 49), u.e.m. [708], pois trata-se de um rasgo vertical na muralha que tende a abrir para o interior. Esta

estrutura desenvolve-se em toda a largura da muralha (BARROCA, 2013: 14). O vão em questão encontra-se danificado, mas permitiu a recolha de alguns dados. Foi construído com recurso a blocos de pedra média e pedras pequenas, unidos com argamassa, sendo a parte interior rebocada de modo a nivelar as paredes internas e a reforçar a mesma. Esta construção é parte integrante da u.e.m [701]. A maior largura está posicionada junto à face interior do troço de muralha, em virtude da inclinação das paredes laterais, a qual se denomina de deriva (BARROCA, 2013: 15) e que tem 0,50 m., que afunila em direção ao exterior, apresentando 0,36 m. de largura, aferíveis nos testemunhos do vão existentes. A medida exterior poderia ser mais reduzida, mas devido à destruição da face exterior da muralha não foi possível conferir a dimensão final do vão. Não foram detetados quaisquer indícios que pudessem sugerir o tipo de cobertura da seteira. Este elemento é o único identificado em todas as estruturas analisadas.

No paramento do troço de muralha 4 foram identificadas duas alvenarias distintas, uma mais antiga que surge ao longo de praticamente todo o troço de muralha u.e.m. [701], u.e.m. [705], u.e.m. [711] e u.e.m. [714], e outra mais tardia que surge sobre esta, circunscrita a uma pequena área u.e.m. [707]. Este acréscimo surge pelo colapso da face exterior de parte deste paramento o que exigiu a reposição para salvaguardar este troço de muralha (anexo II, figura 43 e 44).

O modo construtivo que abrange a maior parte do paramento, representado pelas u.e.m [701], u.e.m. [705], u.e.m. [711] e u.e.m. [714] é regular e alinhado em todo o seu comprimento. Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços e a nivelar as fiadas (figura 16).

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. As fiadas são constituídas por blocos de pedra de tamanho médio ou grande, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Entre estes blocos, numa intenção de preencher espaços e de nivelar a fiada de forma a colocar a seguinte, são utilizadas pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde

arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular.

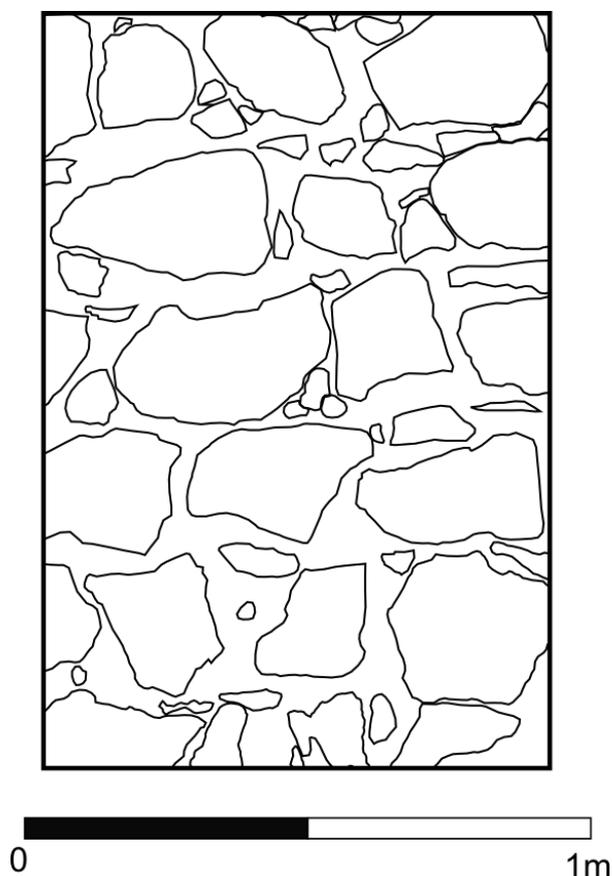


Figura 16 – Modo construtivo do troço de muralha 4, u.c. [71].

Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície, tendo a parede sido coberta por uma camada de revestimento, reboco. Foram detetados alguns vestígios desta unidade estratigráfica de revestimento u.e.m. [712] e u.e.m. [715].

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento, o que pode ter garantido a preservação em altura de partes do troço de muralha. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a areia e muitos grânulos pétreos. O ligante apresenta uma cor amarelo escura. Comparativamente à argamassa utilizada no troço de muralha 1 ou ao troço de

muralha 3, esta argamassa caracteriza-se por ser mais fraca e por desagregar-se mais facilmente. Quanto ao núcleo u.e.m. [704] do troço de muralha 4 é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente, unidas por argamassa e com alguns vestígios de argila.

O segundo modo construtivo identificado u.e.m. [707] surge numa pequena área do paramento, imediatamente abaixo da seteira u.e.m. [708]. São bem visíveis as diferenças entre esta u.e.m e a que lhe antecede. Situando-se sobre alguns vestígios da face exterior da u.e.m [701], u.e.m. [705], u.e.m. [711] e u.e.m. [714], que poderá ter ruído ou sido destruída intencionalmente u.e.m. [706]. A u.e.m [707] tem a função de refazer a face exterior de parte deste troço de muralha. Trata-se de um modo construtivo irregular e sem nenhuma organização. Pode-se considerar uma alvenaria típica, que utiliza pedras de várias dimensões e formas, e que estão dispostas consoante o seu formato travando-se entre si e neste caso com recurso a argila como ligante (TEIXEIRA, 1985:20) (figura 17).

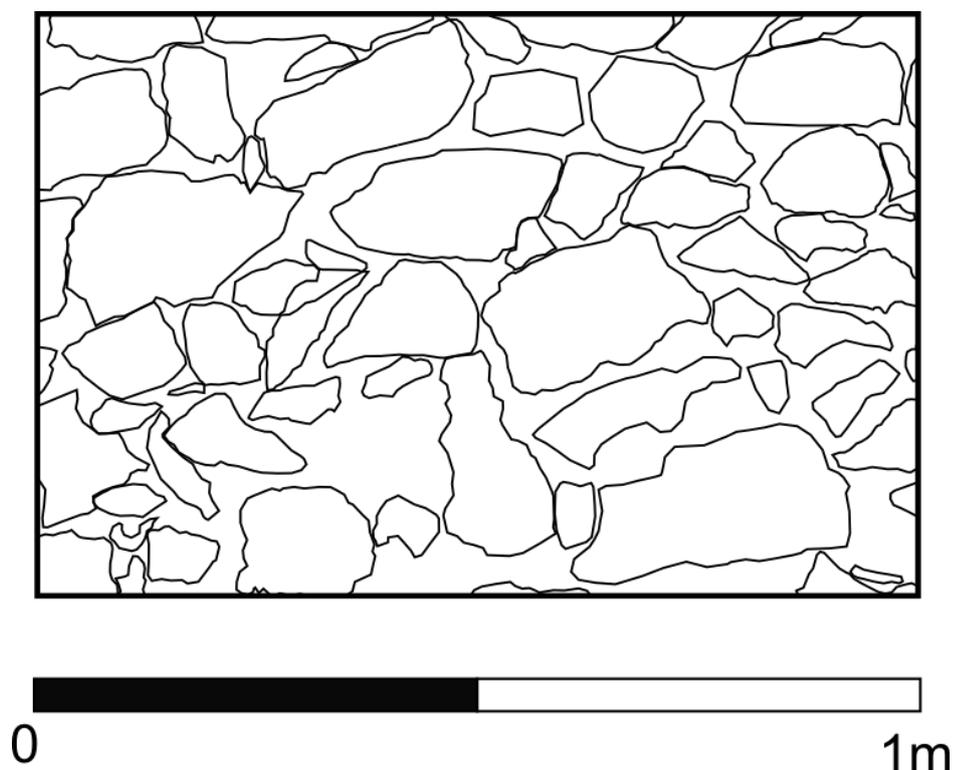


Figura 17 – Modo construtivo do troço de muralha 3, u.c. [73].

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizado sobretudo dois tamanhos diferentes. Blocos de pedra de tamanho médio ou grande, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, e pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular. A utilização deste formato de blocos e pedras em parte semelhante aos da alvenaria mais antiga sugere que devido ao colapso de parte da muralha, houve um reaproveitamento dos materiais.

Sobre esta alvenaria foi detetada uma camada de revestimento, reboco u.e.m. [709], que face a uma alvenaria construída com recurso a blocos, pedras e argila, servia como reforço do paramento.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras, como já referido, foi a argila. Este ligante de fácil utilização, de fabrico simples e disponível na zona tem a desvantagem de não ser muito forte e de fácil desagregação se não houver uma permanente manutenção. A observação direta deste ligante de cor castanha escura permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a argila e grânulos pétreos.

A análise das unidades estratigráficas murária do troço de muralha 4 permitiram identificar cinco momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 4):

- Momento fundacional do troço: u.c. [70] corresponde à u.e.m. [700].
- Construção do troço de muralha: u.c. [71] corresponde às u.e.m. [701], u.e.m. [705], u.e.m. [711], u.e.m. [714], u.e.m. [704], u.e.m. [708], u.e.m. [712] e u.e.m. [715].
- Destruição de parte do troço: u.c. [72] corresponde à u.e.m. [706]
- Reconstrução de parte da muralha: u.c. [73] corresponde às u.e.m. [707] e u.e.m. [709]
- Momento de abandono e de destruição do troço: u.c. [74] corresponde às u.e.m. [702], u.e.m. [703], u.e.m. [710], u.e.m. [713] e u.e.m. [716].

4.3. As torres

A muralha exterior da alcáçova de Alenquer é constituída por quatro torres que se encontram posicionadas em intervalos regulares e localizadas de forma estratégica. A sua posição permite uma melhor defesa dos pontos fracos da muralha e a conjugação do esforço defensivo entre elas. Este papel de grande importância das torres no sistema defensivo pode explicar as alterações que algumas das torres sofreram ao longo do tempo, como é o caso da torre II e III. O seu papel preponderante também se percebe na sua localização em zonas limítrofes da alcáçova como se pode verificar na posição das torres I e V.

A par destas quatro torres, também foi analisado uma outra torre que se encontra afastada da muralha exterior e em posição estratégica dentro da área definida como a alcáçova. A torre IV poderia encontrar-se isolada no centro deste espaço, tornando-se o último reduto defensivo do castelo de Alenquer. A sua presença isolada no centro da alcáçova não é clara, pois poderia estar ligada à muralha interior da alcáçova, mas encontrar-se-ia seguramente afastada da muralha exterior.

A extensão total de paramentos registados nas torres é de 73,69 m. Embora esta medida não corresponda à área total das torres, pois em determinadas zonas foi possível identificar a planta da torre mas em termos de leitura de paramento apenas foi possível analisar parte dos mesmos. O total de paramentos registados, dividem-se em cinco torres, a torre I tem 6,50 m., a torre II tem 16,73 m., a torre III tem 23,42 m., a torre V que apresenta 5,21 m., e a torre IV tem 31,83 m. de paramento analisável. Tendo em conta que a alcáçova é constituída por várias torres, optou-se por numerar estas estruturas por forma a organizar a informação recolhida. Assim, as torres foram numeradas de I a V e descritas exaustivamente nas páginas seguintes.

4.3.1 – Torre I.

A torre I, u.e.m. [200], é a que se situa mais a sul da área definida como a alcáçova de Alenquer, e a que marca um dos limites do patamar superior. A face Oeste, a única que se encontra orientada para o exterior da muralha, faz a ligação entre o troço de muralha 1 junto ao canto Noroeste e o troço de muralha 2 junto ao canto Sudoeste (anexo II, figura 50, 52 e 53). Esta ligação permite que nenhum dos cunhais da torre se encontre no exterior da muralha (anexo III, figura 10).

A torre encontra-se muito degradada (anexo II, figura 51), o qual se traduz em apenas um paramento em condições para de ser analisado, u.e.m. [201]. Trata-se da face exterior Oeste da torre I. As outras faces não permitiram a análise do alçado por já não existirem vestígios, como é o caso da face Sul; por apenas se encontrarem vestígios superficiais, no caso da face Norte u.e.m. [205]; ou por estar coberta por uma estrutura recente, identificável como do século XX, no caso da face Este, u.e.m. [207]. A estrutura, u.e.m. [211] trata-se de uma estação elevatória de água que fornecia a vila (anexo II, figura 79).

Quanto ao interior, a análise dos alçados é impraticável. No caso das faces Norte e Oeste já não existe paredes, devido à degradação das mesmas, e nas restantes face, como já foi referido, ou não existem, como no caso da face Sul u.e.m. [203] e u.e.m. [210], ou estão cobertas pela estação elevatória no caso da face Este.

A estação elevatória de água encontra-se a cerca de 0,60 m. a Norte da torre I. Esta estrutura encontra-se unida à torre I por uma parede construída sobre a face Este da torre. A face Este da torre I, que se encontra parcialmente coberta pela estação elevatória, sugere que não terminaria no canto Nordeste desta torre, mas que poderia prolongar-se até à torre IV, tratando-se de uma muralha paralela ao troço de muralha 2. É possível que a face Este da Estação elevatória se apoie sobre esta muralha que delimitaria a alcáçova a Este.

A construção deste edifício, poderá ter contribuído para a destruição da torre I u.e.m. [202], u.e.m. [206] e u.e.m. [208], e poderá mesmo ter usado materiais desta torre, como blocos pétreos e pedras.

As dimensões reais da torre só são possíveis de identificar no interior da mesma, em concreto na face Norte, que apresente 5,92 m. As outras duas faces encontram-se destruídas, conservando apenas parte da face, logo não é possível identificar a totalidade da sua extensão. Na face Oeste ainda é possível identificar 7 m. de parede e na face Este 3,02 m., mas com claras evidências de se prolongarem. A comparação entre as medidas da face Norte e da face Oeste apontam para uma planta retangular.

Quanto às medidas exteriores, não é possível identificar a totalidade das paredes, pelo fato de que apenas se conserva parte das mesmas, no caso das faces Este e Oeste, e porque o canto Nordeste se encontra ocultado pela existência de uma estrutura recente não permitindo a definição do limite da face Norte. A face Este, apesar de não ter uma leitura clara, é possível identificar o comprimento mínimo de 5,04 m. Já a face Oeste regista um comprimento de 8,95 m. mas mostrando evidências de se prolongar. Na face Norte foi registado 8,54 m. de comprimento mínimo, sendo evidente que se prolonga, podendo alcançar os 9,90 m.

Sobre a espessura das paredes desta torre foi possível identificá-la através da análise da face Norte que tem uma largura regular de 1,92 m., e a análise Oeste junto ao canto Noroeste, que apresenta uma largura de 1,95 m. Procurou-se identificar a largura da parede Este, mas devido ao elevado grau de destruição e devido à estrutura que assenta sobre a mesma não foi possível definir um valor seguro, no entanto, foi estimado que esta parede deveria ter uma largura de cerca de 2 m., o que tendo em conta os valores das outras faces, é possível que se encontre perto da medida original.

A única face que permite uma leitura do paramento é a face Oeste, que tem uma altura máxima de 1,62 m. no exterior. Tendo em conta que este alçado conta com 7 m. de comprimento, apenas dispõem de 6,55 m. de paramento disponível para análise. Tal deve-se ao fato de o troço de muralha 1 e o troço de muralha 2 adossarem a esta parede, obstruindo parte da mesma. A face oposta, a Este, não permite a leitura real da sua altura por estar coberta por outra estrutura u.e.m. [209], mas poderia ultrapassar os 2 m. Já a face norte traduz-se em vestígios pouco significativos que tem cerca de 0,05 m. de altura.

O modo construtivo identificado na face Oeste, u.e.m. [201], da torre I deverá ser o mesmo nas restantes faces, u.e.m. [205] e u.e.m. [207]. É Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho

médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços e a nivelar as fiadas (figura 18).

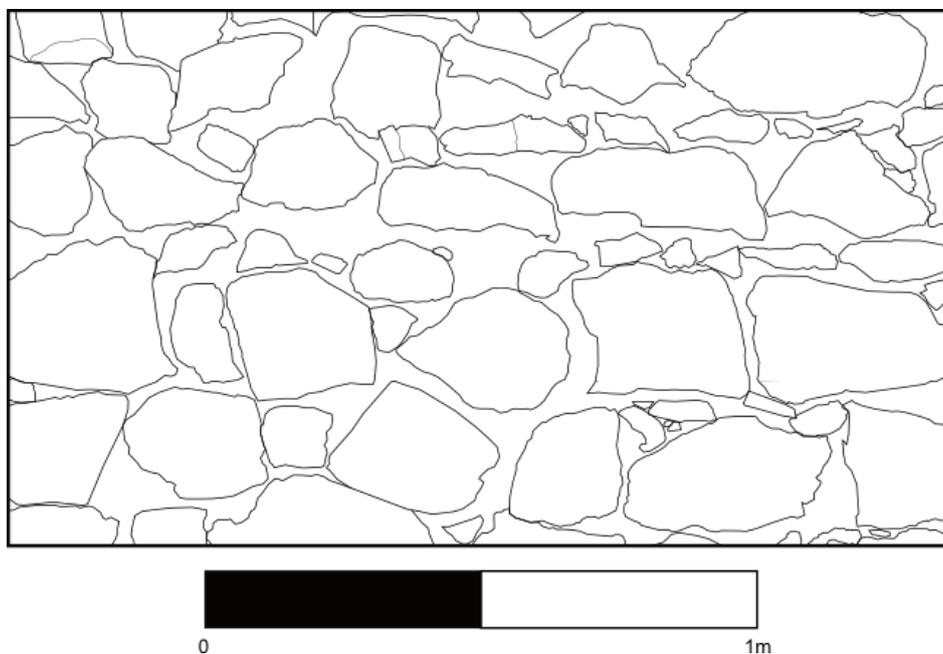


Figura 18 – Modo construtivo da torre I, u.c. [21].

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. As fiadas são constituídas por blocos de pedra de tamanho médio ou grande, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Entre estes blocos, numa intenção de preencher espaços e de nivelar a fiada de forma a colocar a seguinte, são utilizadas pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular. Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a areia e muitos grânulos pétreos. O ligante apresenta uma cor

amarelo escura. Comparativamente à argamassa utilizada no troço de muralha 1 ou ao troço de muralha 3, esta argamassa caracteriza-se por ser mais fraca e por desagregar-se mais facilmente. Quanto ao núcleo u.e.m. [212] da torre, é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente, unidas por argamassa.

No canto Noroeste da torre I foram identificados dois silhares de grandes dimensões u.e.m. [204] que constituem o cunhal da torre, sendo possível que este modelo se repetisse nos outros cantos. Estes silhares permitiam uma união mais forte dos cantos, reforçando a torre neste ponto de fragilidade construtiva (TEIXEIRA, 1985: 23-78).

A análise das unidades estratigráficas murária da torre I permitiram identificar quatro momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 5):

- Momento fundacional da torre I: u.c. [20] corresponde à u.e.m. [200]
- Construção da torre: u.c. [21] corresponde à u.e.m. [204], u.e.m. [201], u.e.m. [205], u.e.m. [207] e u.e.m. [212]
- Momento de abandono e de destruição da torre: u.c. [22] corresponde à u.e.m. [202], u.e.m. [206], u.e.m. [208], u.e.m. [203] e u.e.m. [210].
- Momento de construção de um edifício junto à torre: u.c. [23] corresponde à u.e.m. [211] e u.e.m. [209].

4.3.2 – Torre II.

A torre II, u.e.m. [400], localiza-se na zona central da alcáçova, perto da torre IV, desenvolvendo-se no exterior da muralha. A sua localização está relacionada com a intersecção entre o troço de muralha 2 u.e.m. [300] e o troço de muralha 3 u.e.m. [500], pois está localizada exatamente para servir de proteção a esta área mais frágil (anexo III, figura 12).

A torre encontra-se muito degradada, em especial nos cantos Sudoeste e Noroeste u.e.m. [402], u.e.m. [408], u.e.m. [409] e u.e.m. [413]. A parte superior, sugere ter sido

arrasada u.e.m. [404], u.e.m. [407] e u.e.m. [412], pois encontra-se praticamente ao mesmo nível dos troços de muralha a que adossa.

Por se encontrar adossada à muralha, esta torre apenas tem disponíveis três faces para análise, a face Norte, a face Oeste e a face Sul. A face Oeste é a que se encontra paralela à muralha e a que maior extensão tem, apresentando o comprimento de 7,86 m. e de altura máxima tem 3,12 m (anexo III, figura 14). As faces laterais são menores, e apresentam medidas diferentes devido à posição irregular da muralha. Assim, a face Sul tem 4,10 m. de comprimento e de altura máxima tem 1,86 m. (anexo III, figura 13); enquanto a face Norte regista apenas 3,22 de comprimento e de altura máxima tem 1,48 m (anexo III, figura 15).

Esta torre permitiu a recolha de informação complementar nos alçados, que a torna única dentro das torres da alcáçova de Alenquer, a inclinação das paredes. Ao contrário das outras quatro torres em que os vestígios das paredes indicam que elas se desenvolviam na vertical, num ângulo de 90°, nesta torre é diferente. Na face Norte foi registado uma inclinação de 69°, na face Sul uma inclinação de 67° e na face Oeste uma variação entre os 66° e os 74°. Apesar de estes valores poderem ter oscilações em virtude da degradação da muralha, é possível definir como inclinação média os 69° de inclinação das paredes exteriores desta torre. Esta diferença de inclinação intencional das paredes da torre sugere a existência de um alambor na sua base. Esta estrutura em forma de rampa encontra-se como usual no exterior da torre, tendo como função o alargamento da base da torre por forma a dificultar trabalhos de sapa (BARROCA, 2013: 18).

Analisando a planta, esta torre permitiu recolher informação muito útil. A torre divide-se em quatro partes: fecho circular u.e.m. [415] entre o troço de muralha 2 e 3, interior da torre u.e.m. [416], parede vestigial u.e.m. [417] e parede exterior u.e.m. [418].

O fecho circular u.e.m. [415] entre o troço de muralha 2 e 3 refere-se a uma estrutura de planta de forma arredondada, correspondente a um quarto de círculo (anexo II, figura 58 a 62). Este tenta resolver, um desfasamento na união entre o troço de muralha 2 e o troço de muralha 3 procurando fechar e reforçar esta união. Partindo do centro deste quarto de círculo, conta com 1,47 m. de Norte para Sul. Partindo do mesmo ponto mas de Este para Oeste, conta com 0.95 m. Paralelamente a esta última medida, nota-se uma zona mais larga, que apresenta 1,15 m., também de Este para Oeste. Esta estrutura é fechada

pelo exterior por pedras de tamanho médio, unidas por argamassa. O seu interior é constituído por pedras de tamanho médio e pequeno colocadas aleatoriamente e com alguns vestígios de argamassa que provavelmente serviam de ligante, não excluindo que também pudesse ter argila à mistura.

O interior da torre u.e.m. [416], (anexo II, figura 57) adossa ao troço de muralha 2, ao troço de muralha 3 e ao fecho circular. Como os panos de muralha, apesar de terem a mesma largura, não coincidem e estão desfasados um em relação ao outro, a torre, para se manter paralela, adossa de maneira diferente, o que se traduz em larguras diferentes das laterais da torre. Assim, o núcleo da torre tem de largura, no limite esquerdo, 1,81 m., e no limite direito, 2,62 m. Quanto ao comprimento, na face exterior, apresenta 5,15 m. Junto ao troço de muralha 3 mantém praticamente a mesma medida, tendo 5,18 m. Se tivermos em conta o comprimento junto ao troço de muralha 2, a torre tem apenas 1,47 m. Não foi possível aferir com certeza os materiais construtivos da construção do núcleo da torre, devido à deposição de sedimentos, mas foi possível observar a presença de pedra pequena e vestígios de argamassa.

A parede vestigial u.e.m. [417] (anexo II, figura 57) corresponde a uma estrutura que circunda o núcleo da torre. Esta parede adossa ao troço de muralha 2 e ao troço de muralha 3. As faces que constituem esta estrutura têm dimensões muito diferentes em termos de comprimento (o que já demonstramos ser normal devido à posição em relação à muralha) e em termos de largura. A parede Norte tem de comprimento 2,21 m. e 0,95 m. de largura. Já a parede oposta, a Sul tem 3,02 m. de comprimento e de largura tem 0,51 m. A parede Oeste tem 6,46 m. de comprimento e 0,40 m. de largura. A parede vestigial da torre II é constituída por pedra de média e pequena dimensão, unidas por argamassa. A construção precisa desta parede permitiu a correta perceção das suas medidas.

Por último, a parede exterior u.e.m. [418] corresponde à estrutura designada de alambor (anexo II, figura 55 a 57). Esta estrutura que tem um grau de inclinação que ronda o 69º circunda a totalidade da torre IV e adossa ao troço de muralha 2 e ao troço de muralha 3. Em termos de largura, esta estrutura apresenta na sua parede Oeste uma variação de medidas entre os 1,40 m. no canto Sul, 1,42 m. a meio e 1,52 m. no canto Noroeste. A parede Norte integra-se nestas medidas, ao ter 1,40 m. de largura. Algo que não acontece na parede Sul com apenas 1,10 m. de largura junto ao canto Sudoeste ou ainda menos junto

do troço de muralha 2 onde tem de largura apenas 0,58 m. Esta discrepância de medidas na face Sul em relação às outras faces poderá dever-se ao elevado nível de degradação, mas não explica uma redução tão elevada.

Outro dado interessante sobre esta estrutura é que a sua construção afeta diretamente um vão existente no troço de muralha 2, considerado uma porta. Este vão, é obstruído em cerca de um terço, devido à construção do alambor (anexo II, figura 54).

O modo construtivo identificado nas três faces da torre I u.e.m. [401], u.e.m. [405] e u.e.m. [410] são equivalentes, caracterizam-se por terem um modo construtivo regular e alinhado em todo o seu comprimento. Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços e a nivelar as fiadas, e com a presença de fragmentos de cerâmica, que corresponde a telha (figura 19).

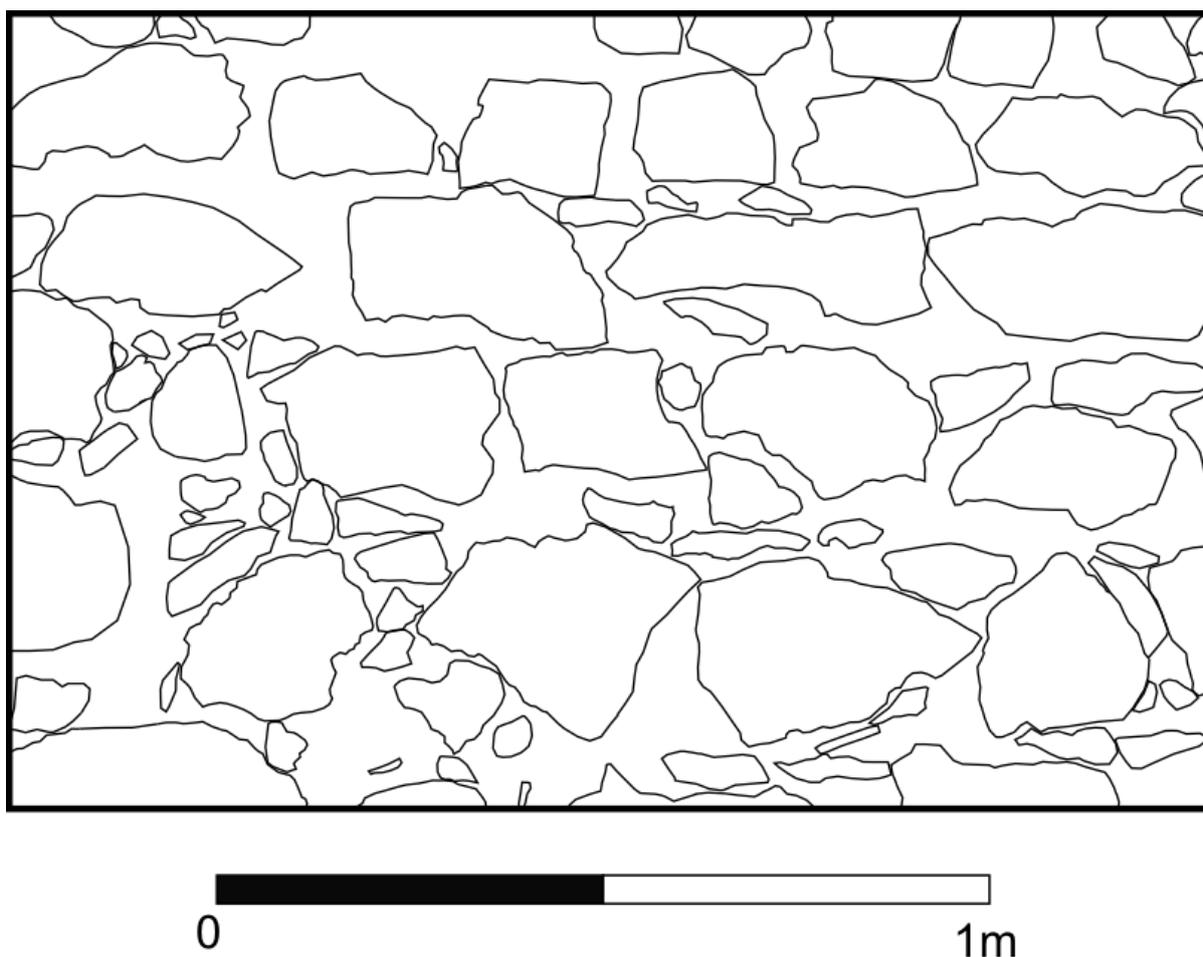


Figura 19 – Modo construtivo da torre II, u.c. [43].

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. As fiadas são constituídas por blocos de pedra de tamanho médio ou grande, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Entre estes blocos, numa intenção de preencher espaços e de nivelar a fiada de forma a colocar a seguinte, são utilizadas pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular. Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície, tendo a parede sido coberta por uma camada de revestimento, reboco. Foram detetados alguns vestígios desta unidade estratigráfica de revestimento u.e.m. [403], u.e.m. [406] e u.e.m. [411].

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a areia e muitos grânulos pétreos. O ligante apresenta uma cor amarelo escura. Comparativamente à argamassa utilizada no troço de muralha 1 ou ao troço de muralha 3, esta argamassa caracteriza-se por ser mais fraca e por desagregar-se mais facilmente. Quanto ao núcleo u.e.m. [414] da torre, é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente, unidas por argamassa e com alguns fragmentos de telha.

A análise das unidades estratigráficas murária da torre II permitiram identificar cinco momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 6):

- Momento fundacional da torre II: u.c. [40] corresponde à u.e.m. [400]
- Primeiro momento construtivo da torre: u.c. [41] corresponde à u.e.m. [415].
- Segundo momento construtivo da torre: u.c. [42] corresponde às u.e.m., [416] e [417].
- Terceiro e último momento construtivo da torre: u.c. [43] corresponde às u.e.m., [418], [401], [405], [410], [414] [403], [406] e [411].
- Momento de abandono e de destruição da torre: u.c. [44] corresponde às u.e.m. [404], [407], [412], [402], [408], [409] e [413].

4.3.3 – Torre III.

A torre III, u.e.m. [600], localiza-se na zona central da alcáçova, desenvolvendo-se no exterior da muralha em dois patamares (anexo III, figura 19 a 23). Esta torre marca artificialmente a divisão entre o troço de muralha 3 e o troço de muralha 4.

A zona de ligação entre estes três elementos e o próprio corpo arquitetónico da torre IV encontra-se muito degradada, à semelhança do que acontece em toda a estrutura por ser uma zona de passagem humana, devido à flora que assumiu toda esta área, e também ao elevado desnível verificado na zona exterior, u.e.m. [602], u.e.m. [604], u.e.m. [607], u.e.m. [611], u.e.m. [614], u.e.m. [615], u.e.m. [617], u.e.m. [622], u.e.m. [626], u.e.m. [630], u.e.m. [632], u.e.m. [619] e u.e.m. [620]. Os dados recolhidos não permitiram obter informação de qualidade, o que torna muito complicado a definição do espaço e dos limites desta torre. Deste modo, esta torre é simultaneamente, a torre mais complexa e a mais destruída de toda a alcáçova.

Como foi referido, esta torre desenvolve-se em dois patamares. Um mais elevado, que se encontra apoiado na muralha e outro que se desenvolve a partir deste, mais a baixo. Apesar de estar dividido em dois patamares, a análise da planta desta torre mostra a existência de três espaços, identificados na figura 38 do anexo III. Dois que seguem a divisão em patamares na zona a Nordeste da torre (patamar 1 e 2) e outro que une os dois patamares num só a Sudoeste (patamar 3).

O maior entrave para a correta definição da planta da torre III, deve-se ao fato de a maior parte das paredes estarem destruídas e os seus vestígios serem superficiais ou inexistentes. Assim, a definição da planta de certas partes da torre assume-se como um possível traçado, pois baseia-se na projeção da direccionalidade dos vestígios das paredes existentes (anexo II, figura 63 a 65).

O patamar superior (1) mostra indícios de uma degradação simultânea com a muralha pois ambos se encontram à mesma altura. Este fato condiciona a leitura da relação entre a torre e os troços de muralha. O canto Este deste patamar interliga-se com o troço de muralha 4, assim, a partir deste ponto, a face Nordeste tem 1,78 m. de comprimento o que acrescentando a medida da espessura da muralha nesta zona, de 1,85 m., dá um total para

este patamar de 3,63 m. A face oposta, a Sudoeste apresenta um total de 4,36 m. Esta medida representa o patamar todo, pois não é perceptível se nesta zona existe ou não muralha. Quanto à face Noroeste, apresenta um comprimento de 5,90 m. Não foi possível aferir a espessura das paredes deste patamar. Foi possível identificar a espessura da parede divisória entre este patamar e o espaço sudoeste. Esta parede, apesar da dificuldade em definir os seus limites, apresenta uma espessura de 1,05 m.

O patamar inferior (2) desenvolve-se cerca de 1,80 m. abaixo do superior. A separá-los, existe uma parede, da qual não foi possível aferir a sua espessura. Este patamar encontra-se muito destruído, sendo a parede divisória, a sudeste, a única que se conserva e apresenta uma altura máxima de 2,12 m. Quanto à planta, a parede Nordeste tem 2,90 m. de comprimento definidos pela análise do embasamento do canto Norte. A face Noroeste tem 6,10 m. e a face sudoeste apresenta um comprimento de 3,75 m. Foi possível registar a espessura da parede divisória entre este patamar e o espaço Sudoeste. Esta parede apresenta uma espessura que varia entre os 0,54 m. e os 0,58 m.

O terceiro espaço, localizado na zona Sudoeste da torre IV, apenas conserva alguns vestígios superficiais das paredes. Interiormente só foi possível aferir a medida da face Noroeste, que tem 2,80 m. Esta medida seria aproximadamente a largura na quase totalidade deste espaço. Ao contrário dos outros espaços desta torre, foi possível identificar a espessura da parede exterior. A face Noroeste e a face Sudoeste apresentam a mesma espessura de 0,55 m.

As medidas exteriores foram muito difíceis de aferir dado o elevado grau de ruína desta estrutura. A única medida segura é a da face Nordeste que tem 4,62 m. de comprimento. As outras duas faces, devido à destruição do canto Oeste da torre, não permite uma leitura clara dos comprimentos. Porém, a projeção dos troços existentes permite uma leitura próxima do que seria a original. Assim, a face Noroeste tem 9,93 m. de comprimento e a face Sudoeste apresenta uma medida estimada de aproximadamente 7,20 m.

A identificação dos modos construtivos desta torre foi bastante dificultada devido ao elevado grau de destruição registado. A análise paramental só foi possível na face Noroeste interior u.e.m. [625] e u.e.m. [627]. Nos restantes vestígios paramentais, não foi possível proceder à análise devido à insuficiente quantidade de paramento, que não permitia uma

análise concreta u.e.m. [601], u.e.m. [603], u.e.m. [608], u.e.m. [609], u.e.m. [613], u.e.m. [623], u.e.m. [624], devido ao fato do paramento estar coberto por reboco u.e.m. [621] que não permitia a observação do mesmo u.e.m. [631]. O paramento que foi possível analisar permitiu a identificação de dois modos de construção distintos. A u.e.m. [625] refere-se a uma alvenaria constituída por pedras de tamanho grande e médio, com pedras pequenas a nivelar, enquanto a u.e.m. [627] identifica uma alvenaria desorganizada, constituída por pedras de tamanho médio e pequeno.

O primeiro modo construtivo identificado, u.e.m. [625] é regular e alinhado. Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços e a nivelar as fiadas (figura 20).

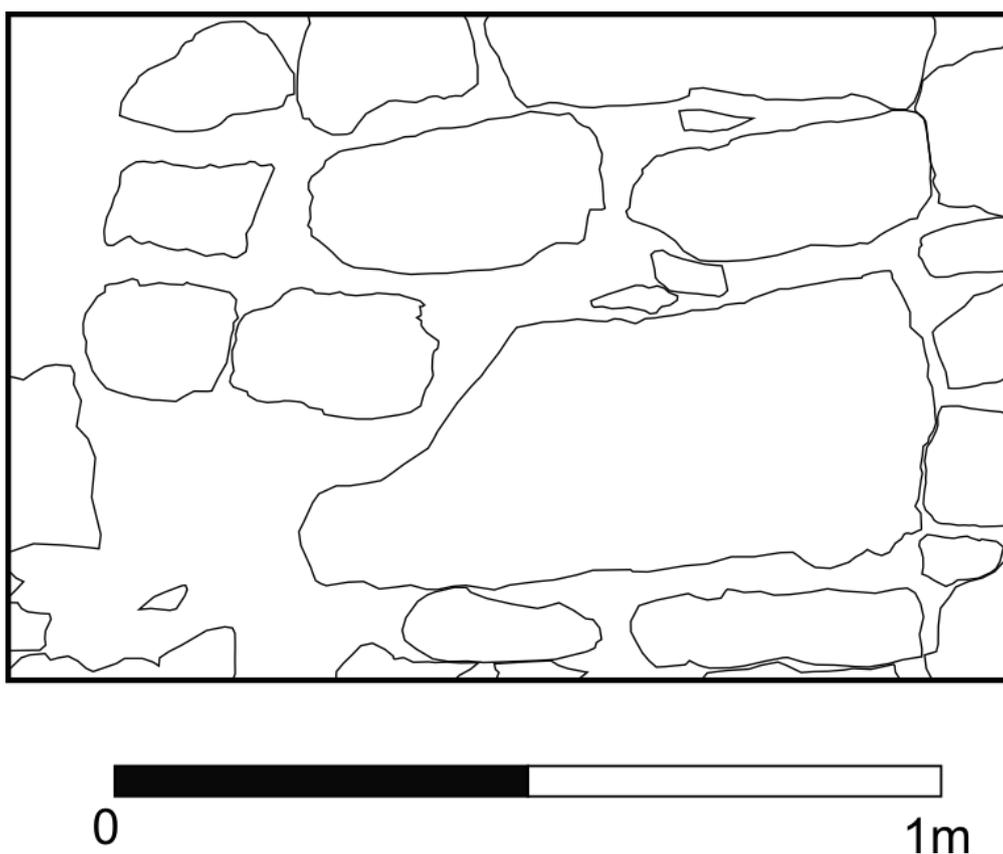


Figura 20 – Modo construtivo da torre II, u.c. [61].

O principal elemento construtivo é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados três tamanhos diferentes. As fiadas são constituídas por blocos de pedra de tamanho médio, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Entre estes blocos, numa intenção de preencher espaços e de nivelar a fiada de forma a colocar a seguinte, são utilizadas pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular. Os blocos de tamanho grande surgem no limite Sudoeste da u.e.m, e definem uma face reta na vertical que marca o fim da u.e.m [625]. Esta finalização sugere que poderia existir um vão neste local, todavia, face à falta de informação mais concreta é uma mera hipótese.

Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, nomeadamente a areia e muitos grânulos pétreos. O ligante apresenta uma cor amarelo escura. Comparativamente à argamassa utilizada no troço de muralha 1 ou ao troço de muralha 3, esta argamassa caracteriza-se por ser mais fraca e por desagregar-se mais facilmente. Quanto ao núcleo u.e.m. [616] e u.e.m. [628] da torre, é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente, unidas por argamassa e com alguns fragmentos de telha.

Os vestígios detetados na face Nordeste da torre, identificados como a u.e.m [601], sugerem que se trata de um modo construtivo equivalente ao detetado na u.e.m [625]. Apesar de apenas ter sido identificado uma fiada de blocos de tamanho médio, na vertical, a sua disposição e o facto de se interligarem com o troço de muralha 4, u.e.m. [700], que apresenta um modo construtivo semelhante, ajuda a comportar esta ideia.

O segundo modo construtivo identificado u.e.m. [627] surge adossado ao paramento descrito anteriormente. São bem visíveis as diferenças entre esta u.e.m e a que lhe antecede. Trata-se de um modo construtivo irregular e sem nenhuma organização. Pode-se considerar uma alvenaria típica, que utiliza pedras de várias dimensões e formas, e que

estão dispostas consoante o seu formato travando-se entre si (TEIXEIRA, 1985:20) (figura 21).

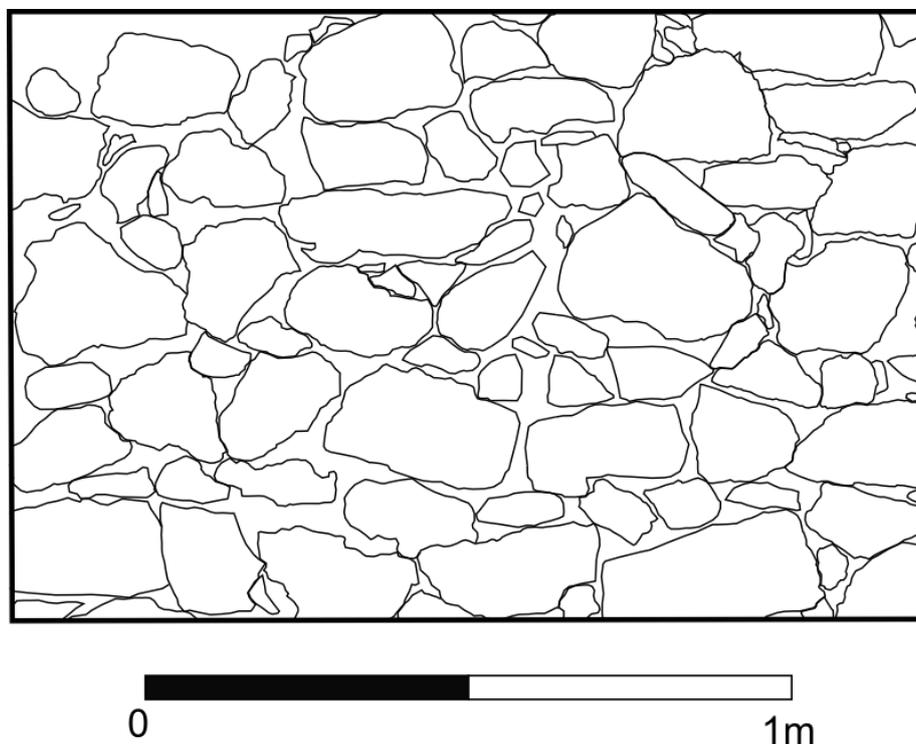


Figura 21 – Modo construtivo da torre II, u.c. [64].

O principal elemento construtivo utilizado na alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. Blocos de pedra de tamanho médio ou grande, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, e pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras, foi de difícil definição. A presença de reboco, a par de um aparelho irregular em que os blocos e pedras encontravam-se bem travando-se entre si, dificultou a identificação do ligante usado. A presença de argila e de nódulos de argamassa sugere a utilização de ambos ou a utilização de argamassa na união dos blocos da face exterior, sendo o núcleo construído com recurso à argila.

Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície, tendo a parede sido coberta por uma camada de revestimento, reboco. Foram detetados alguns vestígios desta unidade estratigráfica de revestimento u.e.m. [629].

Os restantes vestígios paramentais u.e.m. [601], u.e.m. [603], u.e.m. [608], u.e.m. [609], u.e.m. [613] e u.e.m. [623] não permitem uma análise conclusiva do seu modo construtivo, embora se já possível referenciar alguns dados. São constituídos por blocos de pedra de tamanho médio ou grande, alongados, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, e pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular. Entre os blocos surgem também alguns fragmentos de telha associados. O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa, que tem como constituintes, a areia e muitos grânulos pétreos, apresentando uma cor amarelo escura. Foi possível identificar vestígios de reboco u.e.m. [618] na u.e.m [613]. Associados a estes paramentos, foi identificado alguns vestígios de embasamento u.e.m. [605], u.e.m. [606], u.e.m. [610], u.e.m. [612], constituídos por blocos de tamanho médio e pedras de tamanho pequeno, unidos por argamassa e com a presença de fragmentos de cerâmica.

A análise das unidades estratigráficas murária da torre III permitiram identificar sete momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 7):

- Momento fundacional da torre III: u.e.m [600] corresponde à u.e.m. u.c. [60].
- Primeiro momento construtivo da torre: u.c. [61] corresponde às u.e.m. [601], [625], [639], [612], [613], [616], [623], [628], [631], [618] e [621].
- Segundo momento construtivo da torre: u.c. [62] corresponde às u.e.m. [640], [606], [605], [603] e [608].
- Terceiro momento construtivo da torre: u.c. [63] corresponde às u.e.m. [641], [610] e [609].
- Quarto momento construtivo da torre: u.c. [64] corresponde às u.e.m. [627] e [629].
- Quinto e último momento construtivo da torre: u.c. [65] corresponde à u.e.m., [624].
- Momento de abandono e de destruição da torre: u.c. [66] corresponde às u.e.m. [602], [604], [607], [611], [614], [617], [627], [630], [619], [615], [622], [632] e [620].

4.3.4 – Torre IV.

Localizando-se a meio da alcáçova, a torre IV, u.e.m. [900], é a única estrutura que se encontra isolada da muralha exterior do castelo (anexo III, figura 28) (anexo II, figura 71 e 73). A sua posição define a divisão entre duas áreas distintas em termos de altitude e de área. Trata-se de um corpo arquitetónico que se apresenta muito destruído u.e.m. [903], u.e.m. [909], u.e.m. [910], u.e.m. [911], u.e.m. [914] e u.e.m. [915], e com sinais de degradação continua em toda a estrutura mas mais acentuada na face Norte u.e.m. [902] devido ao desnível verificado. Apenas são visíveis as paredes exteriores, pois o interior encontra-se colmatado por sedimentos e matéria orgânica.

Conserva vestígios de três faces da torre, sendo que apenas um, orientado para Oeste, encontra-se preservado em toda a extensão (anexo III, figura 30). Da face Este não são visíveis vestígios (anexo II, figura 70). Adossado à face Oeste, próximo do canto Sudoeste, surge uma parede u.e.m. [912], da qual apenas se obtém vestígios ao nível do chão.

O único lado desta torre que permite a leitura completa do seu comprimento, está orientado para Oeste e alcança os 9,50 m. tendo em conta o topo do embasamento. Os outros dois lados, orientados para Norte e Sul, apenas conservam parte da face. A face Sul conserva ainda 4,58 m. (anexo III, figura 31) (anexo II, figura 69). A face Norte atinge os 2,20 m. de troço conservado mas ainda mostra evidências de se prolongar (anexo III, figura 29) (anexo II, figura 66 a 68). Analisando os vestígios existentes é possível prolongar esta face até aos 7,50 m. Esta medida não apresenta o total desta face pois não existem indícios do seu final. Deste modo é hipoteticamente possível prolongar esta face até aos 9,50 m. (medida da face Oeste) apontando para uma planta quadrangular. Analisando a área envolvente, detetou-se um elemento pétreo de grandes dimensões que poderá corresponder ao fim desta face. O elemento em questão apesar de ser apenas vestigial está alinhado com a torre e poderá tratar-se do canto. Assim, a face Norte prolongar-se-ia até aos 13,20 m. Deste modo, esta torre passaria a ter uma planta retangular.

A estrutura que surge adossada à face Oeste encontra-se a 1,80 do canto Sudoeste. Esta parede desenvolve-se de Este para Oeste e apenas conserva 0,85 m. de extensão. A sua espessura ronda os 0,44 m.

Sobre a espessura das paredes desta torre, foi possível identifica-la através da análise do canto Noroeste onde é visível o arranque das paredes Norte e Oeste (anexo II, figura 72). Ambas possuem a mesma dimensão, 2,24 m.

Devido ao elevado grau de ruína da torre, os vestígios parietais não se desenvolvem muito em altura. Das três paredes, o alçado Norte é o que apresenta uma maior altura, atingindo 1,95 m. A parede Oeste atinge os 1,50 m. e a parede Sul não ultrapassa os 0,70 m.

O modo construtivo da torre IV é representado pelas u.e.m [901] (figura 22) e u.e.m. [907] (figura 23), é regular e alinhado em todo o seu comprimento. Trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho muito grande e médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços. É uma alvenaria robusta e resistente que se destaca de todos os outros métodos construtivos identificados.

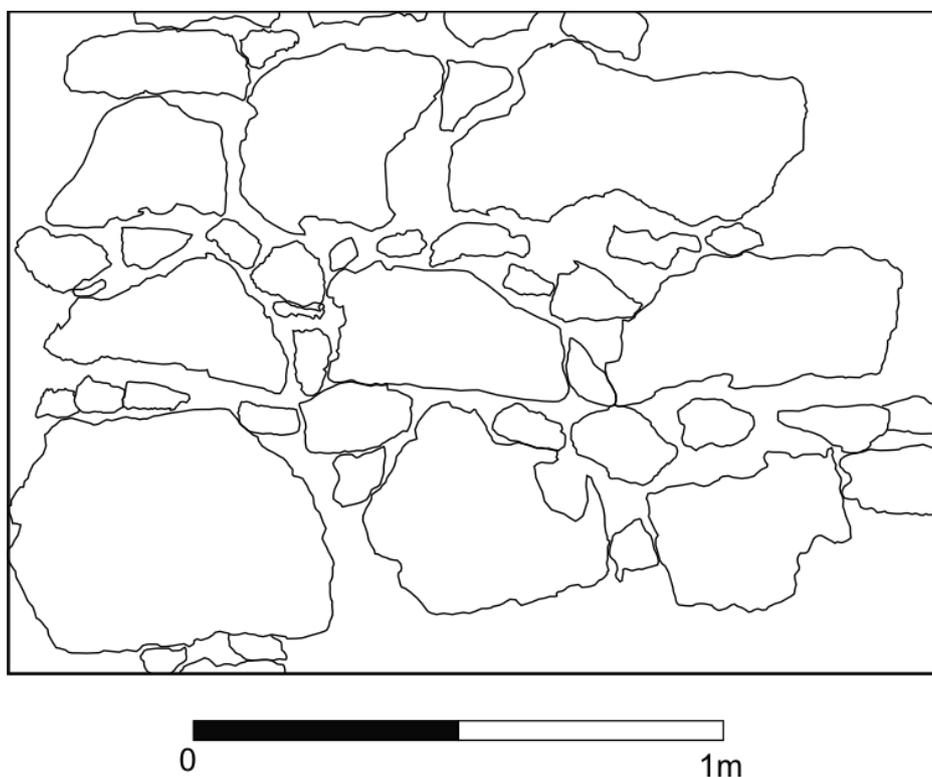


Figura 22 – Modo construtivo da torre IV, u.c. [92], face Norte.

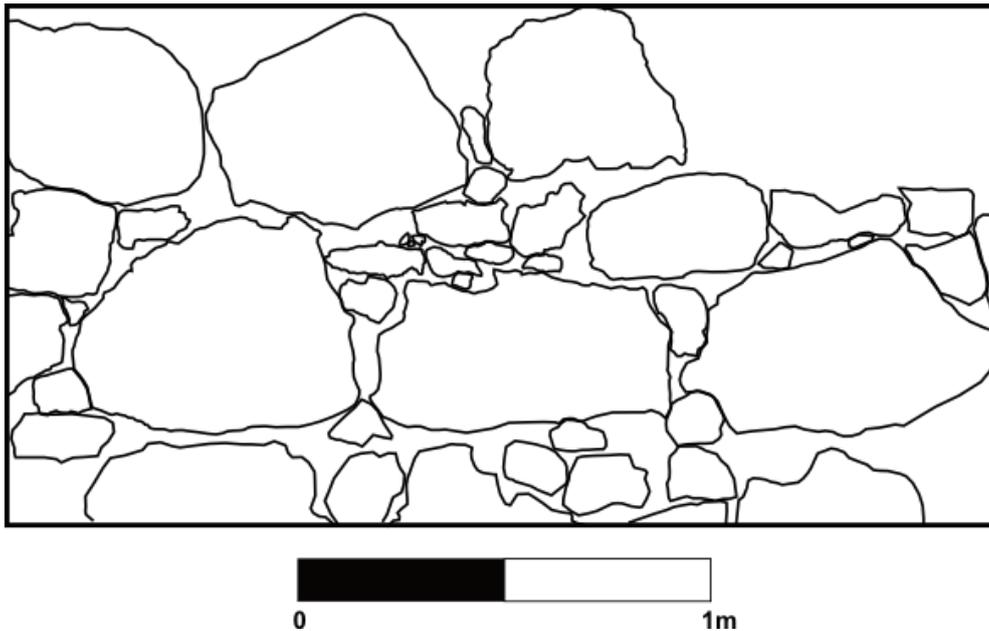


Figura 23 – Modo construtivo da torre IV, u.c. [92], face Oeste.

O principal elemento construtivo utilizado nesta alvenaria é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados três tamanhos diferentes. As fiadas são constituídas por blocos de pedra de tamanho muito grande e médio, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Entre estes blocos, numa intenção de preencher espaços, são utilizadas pedras de tamanho pequeno de várias formas, que podem ser desde arredondadas ou de forma quadrangular, até pedras alongadas mas estreitas de formato retangular. Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície.

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a areia e muitos grânulos pétreos. O ligante apresenta uma cor amarelo escura.

O embasamento da torre é observável nos paramentos Oeste e Sul e distingue-se do paramento pelo seu avanço de 0,15 m., pois a utilização de grandes blocos pétreos é coincidente u.e.m. [906] e u.e.m. [913].

Quanto ao núcleo, foi observado dois tipos distintos de preenchimento do interior. A um nível inferior, localiza-se uma unidade constituída por sedimento arenoargiloso de cor avermelhada, com a presença de pedras muito pequenas u.e.m. [904]. Sobre este, encontra-se blocos de tamanho médio e pedras pequenas organizadas em fiadas e unidas por argamassa u.e.m. [905] e u.e.m. [908].

Junto à face Sul da torre IV, no exterior, foi identificado um bloco de grandes proporções que apresenta um modo construtivo equivalente ao núcleo desta torre. É possível, que este bloco pertença ao interior da torre e que devido a fenómenos pós-deposicionais tenha rolado até esta posição.

A análise das unidades estratigráficas murária da torre IV permitiram identificar cinco momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 8):

- Momento fundacional da torre IV: u.c. [90] corresponde à u.e.m. [900].
- Primeiro momento construtivo da torre: u.c. [91] corresponde à u.e.m. [904].
- Segundo momento construtivo da torre: u.c. [92] corresponde à u.e.m. [906], u.e.m. [913], u.e.m. [901], u.e.m. [907], u.e.m. [905] e u.e.m. [908].
- Elemento construtivo adossado à torre: u.c. [93] corresponde à u.e.m. [912].
- Momento de abandono e de destruição da torre u.c. [94] corresponde à u.e.m. u.e.m. [903], u.e.m. [909], u.e.m. [914], u.e.m. [916], u.e.m. [902], u.e.m. [910], u.e.m. [911] e u.e.m. [915].

4.3.5 – Torre V.

Situada no extremo direito da alcáçova de Alenquer, a torre V, u.e.m. [800], trata-se de uma estrutura adossada ao interior da muralha (anexo III, figura 35) (anexo II, figura 74 e 75 e 77). A torre define o limite Nordeste da alcáçova, pois nesta área regista-se um acentuado desnível do terreno. Este corpo arquitetónico que apresenta um elevado grau de ruína apenas conserva uma parede em condições para uma análise parietal, a parede

exterior a Nordeste (anexo III, figura 36). Tal deve-se ao fato de a torre situar-se junto a um acentuado desnível. Assim, apesar de o topo da torre encontrar-se ao mesmo nível em todas as suas paredes (anexo II, figura 76), as faces Sudeste e Sudoeste são praticamente vestigiais [801], [803], [806] ao passo que a face Nordeste dispõem de 3,64 m. de alçado analisável [811]. No interior, é perceptível a existência das paredes mas devido à existência de matéria orgânica, vegetação densa e entulho não permitiu a análise das mesmas.

Os vestígios desta torre, existentes atualmente indicam que a causa da sua destruição, poderá não dever-se exclusivamente ao abandono e a ruína. O fato de as paredes da torre estarem ao mesmo nível e niveladas com o piso atual, poderá estar associado a um evento destrutivo, intencional, com causa humana u.e.m. [802], u.e.m. [804], u.e.m. [808] e u.e.m. [813]. Por outro lado, a ruína de parte do paramento exterior localizado na face Sudeste junto ao canto Este u.e.m. [809] e u.e.m. [814] poderá ter ocorrido uma tentativa de manutenção u.e.m. [810] de forma retardar processo de ruína da torre. A colocação de pedras de tamanho pequeno unido por cimento sugere essa hipótese.

A planta desta torre foi facilmente identificada em virtude da boa conservação dos seus limites, que conduziram à identificação de uma planta regular, de forma retangular, tendo apenas oferecido surgido dúvidas, no fecho do canto Este que se encontra destruído. A análise atenta deste canto, sugere que a parede Nordeste da torre, poderia não curvar, mas prosseguir em direção a Sudeste. Assim, esta parede pode ter funcionado como o limite Nordeste desta torre e da alcáçova.

Apesar de vestigial, é possível identificar a existência de dois vãos, o que torna esta torre a única com este tipo de vestígios. Uma possível porta, u.e.m. [805] (anexo II, figura 78) situar-se-ia na parede Sudeste, e uma possível janela u.e.m. [820] na parede Nordeste. Sobre a porta não é possível determinar com clareza as suas dimensões, aponta-se, com base nos vestígios existentes, que não excederia os 1,83 m. de largura. Quanto à janela, tem 1,10 m. de comprimento. De altura também não é possível determinar com clareza, mas não era inferior aos 1,5 m. O lado direito da janela encosta-se diretamente à muralha.

Exteriormente, a torre varia entre os 5,32 m. na face Sudoeste, e os 5,21 na face Nordeste, embora esta medida não seja totalmente fidedigna. É necessário ter em conta que em virtude da destruição do canto Este, a medida foi alcançada por triangulação. Assim, é possível que a medida se aproxime dos 5,32 m. mas sem nunca os alcançar. A face

Sudeste, a maior dos três lados, alcança os 10,35 m., mas mais uma vez é necessário ter em conta que esta medida pode sofrer uma ligeira variação devido à destruição do canto Este. Embora neste caso, a triangulação com a face nordeste seja bastante precisa, diminuindo acentuadamente o erro do valor.

Internamente, as dimensões das paredes são ainda mais próximas, contribuindo para a perfeição da planta retangular. A face Noroeste tem 8,96 m. ao passo que a face Sudeste é um pouco menor, tendo 8,80 m. de comprimento. A proximidade das medidas também se verifica na parede Sudoeste que tem 4,54 m e na parede Nordeste que apresenta 4,50.

A espessura das paredes desta torre oscila poucos centímetros, entre os 0,78 m. e os 0,85 m. A parede Nordeste é ligeiramente mais estreita, apresentando uma média de largura de 0,78 m. A parede Sudeste varia entre os 0,80 m. e os 0,85 m. Já a parede Sudoeste apresenta uma largura regular de 0,84 m.

O modo construtivo identificado na face nordeste [811] da torre V trata-se de uma alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno (figura 24). Embora este modo construtivo apresente as características de uma alvenaria (TEIXEIRA, 1985: 23-24), a forma como se encontra organizada, pode ser enquadrável num aparelho pseudo-isódomo (1985: 24).

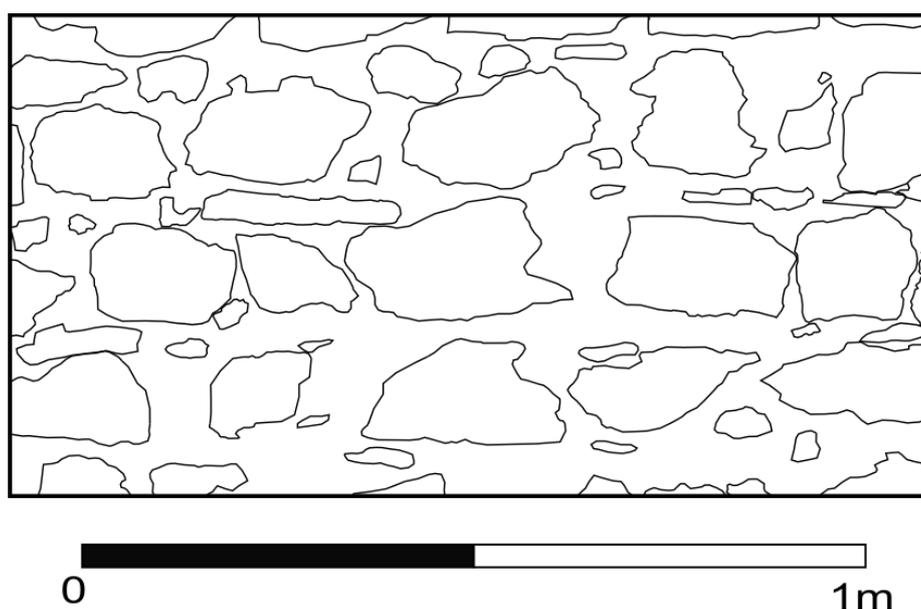


Figura 24 – Modo construtivo da torre V, u.c. [81].

O principal elemento construtivo utilizado neste paramento é a pedra, na sua maioria pertencente aos calcários da região, sendo utilizados dois tamanhos diferentes. Para as fiadas de blocos de pedra, foram utilizados blocos de tamanho médio, normalmente angulosos mas surgindo alguns arredondados, sendo nos dois casos tendencialmente retangulares, dispostos horizontalmente. Nas fiadas de pedra pequena, as pedras são na sua maioria estreitas, angulosas, de formato, na sua maioria, retangular ou quadrangular. Os blocos e pedras utilizados para a construção do paramento não mostram indícios de terem sido alvo de acabamentos na superfície, embora a parede tenha sido coberta por uma camada de revestimento, reboco. Foram detetados alguns vestígios desta unidade estratigráfica de revestimento u.e.m. [807] e u.e.m. [812].

O ligante utilizado para a união dos blocos e pedras foi a argamassa. Este ligante permitiu uma ligação mais forte entre os elementos e permitiu uma maior estabilidade do paramento. A observação direta da argamassa permitiu identificar alguns dos seus principais constituintes, a areia e muitos grânulos pétreos. O ligante apresenta uma cor amarelo escura. Comparativamente à argamassa utilizada no troço de muralha 1 ou ao troço de muralha 3, esta argamassa caracteriza-se por ser mais fraca e por desagregar-se mais facilmente. O núcleo u.e.m. [821] do troço de muralha é constituído por pedras pequenas e médias dispostas aleatoriamente e unidas por argamassa que à semelhança da superfície do paramento também contem fragmentos de cerâmica.

No paramento analisado foi possível identificar cinco buracos de andaime dispostos em duas linhas. Uma situada a um nível intermédio do paramento, que é constituída por três buracos u.e.m. [815], u.e.m. [816] e u.e.m. [817]. E outra, na parte superior do paramento, junto à janela u.e.m. [818] e a meio do paramento u.e.m. [819].

A análise das unidades estratigráficas murária da torre V permitiram identificar quatro momentos construtivos/destrutivos (anexo V, figura 9):

- Momento fundacional da torre V: u.c. [80] corresponde à u.e.m. [800].
- Momento construtivo da torre: u.c. [81] corresponde à u.e.m. [801], u.e.m. [803], u.e.m. [806], u.e.m. [811], u.e.m. [821], u.e.m. [805], u.e.m. [820], u.e.m. [815], u.e.m. [816], u.e.m. [817], u.e.m. [818], u.e.m. [819], u.e.m. [807] e u.e.m. [812].

- Momento de abandono e de destruição da torre: u.c. [82] corresponde à u.e.m. [802], u.e.m. [804], u.e.m. [808], u.e.m. [813], u.e.m. [809] e u.e.m. [814].
- Momento reconstutivo da torre: u.c. [83] corresponde à u.e.m. [810].

PARTE V

Interpretação dos Resultados

5.1. A evolução histórica do castelo de Alenquer e o seu significado na linha defensiva do Tejo.

A posição central do castelo de Alenquer em relação a dois grandes polos centralizadores (Santarém e Lisboa), remeteram para um plano secundário o estudo do castelo de Alenquer por parte dos historiadores.

Esta situação levou a que as referências a esta fortaleza fossem diminutas. Mesmo a um nível secundário, as referências documentais e até bibliográficas recaem, na sua generalidade, sobre os castelos de Sintra, Óbidos e Torres Novas. Neste sentido, a pesquisa bibliográfica sobre a história referente a Alenquer passa pela análise da história diretamente ligada aos castelos atrás referidos e nesse sentido procurar extrapolar a informação ali obtida para tentar compreender o sucedido em Alenquer.

À exceção dos grandes centros populacionais pouca informação se obtém sobre a região da estremadura. Como comenta Pedro Barbosa, dos historiadores muçulmanos que se referiram à zona, poucos testemunhos deixaram, referindo-se quase exclusivamente a Lisboa, Santarém e Sintra. Apesar da pouca informação acerca de Alenquer, é preciso ter em conta a sua importância a nível regional do ponto de vista estratégico, já que esta área completava a defesa da cidade de Lisboa. Assim, não é de excluir a existência de pequenas fortificações (husun) ou torres atalaias em locais de boa visibilidade ou diretamente associados a aglomerados urbanos (BARBOSA, 1992: 55). Aliado à proximidade do rio Tejo e junto a uma via romana de extrema importância no período medieval (BARROCA, 2001: 216), Alenquer poderia ser um povoado de tamanho médio, à semelhança de Abrantes, Almada, Azambuja e Coruche (TORRES e MACIAS, 1998: 79). Esta ideia reforça a possibilidade de poder ter existido em Alenquer um estrutura militar muçulmana ainda que de dimensões reduzidas ou apenas de vigia.

A entrada dos Almorávidas na Península Ibérica em 1086, partiu do apelo dos reis das taifas de Badajoz e de Sevilha, que pretendiam ajuda para sustentar o avanço dos exércitos cristãos. Todavia, a ajuda prestada pelo emir almorávida, Yusuf ibn Tashufin não surtiu o efeito desejado, tendo o mesmo iniciado uma campanha de unificação dos reinos taifa. Em

sequência o rei da taifa de Badajoz, Umar ibn Muhammad al-Mutawakkil, solicita então ajuda contra os Almorávidas ao rei de Leão e Castela, Afonso VI. Em troca desta ajuda cristã, o rei de Badajoz cede, em 1093, aos cristãos as cidades de Santarém, Lisboa e o castelo de Sintra. Esta oferta resultou no avanço da fronteira, pela primeira vez, até à linha do Tejo. Porém, a posse destes novos territórios por parte de Afonso VI não durou muito tempo, já que no ano seguinte, em 1094, Badajoz capitula as mãos de Sir ibn Abu Bakr, que no mesmo ano também conquista Lisboa e o castelo de Sintra. Santarém mantém-se no domínio cristão até 1111, quando Sir ibn Abu Bakr reconquista a cidade, retomando assim as duas importantes cidades e esta área geográfica que rodeia Alenquer para os domínios muçulmanos (BARROCA, 2003a: 34 e 35).

Entre o ano de 1111 e 1147 a fronteira manteve-se praticamente estável, embora ambos os exércitos participassem em operações de fossado no território inimigo. Com a transferência de D. Afonso Henriques para Coimbra em 1131, e face à necessidade de reforçar a defesa daquela cidade dos ataques constantes muçulmanos, compreendeu-se que haveria de criar um espaço de resistência que sustivesse os ataques. Nessa sequência é então fundado em 1135 o castelo de Leiria. Tal estrutura construída rapidamente mostrou ser eficaz no controle dos ataques muçulmanos, ao ponto do mesmo ser alvo de um ataque destrutivo por parte dos muçulmanos logo em 1140 (BARROCA, 2003a: 41).

Em 1147, Afonso Henriques estabelece definitivamente a fronteira cristã no vale do Tejo ao ter conquistado de Santarém, Lisboa, Almada, Palmela e Sintra. Parte deste sucesso militar deveu-se ao enfraquecimento do império almorávida, que vivia uma crise sucessória motivada pela morte do emir Ali ibn Yusuf e que resultou na fragmentação do reino almorávida e na ascensão de de novos reinos independentes. Iniciava-se o período das segundas taifas (BARROCA, 2003a: 43).

A conquista militar das cidades de Santarém e Lisboa contribuíram para a rendição do castelo de Sintra (BARROCA, 2003a: 44). Alenquer terá capitulado então, não se sabendo se por rendição ou efetiva conquista militar. Também não se conhece a data em que passou a estar em mãos cristãs, se antes da tomada de Lisboa, mas após a queda de Santarém, se imediatamente depois. É plausível que tivesse sido antes já que havia que evitar , que durante a tomada de Lisboa, as forças cristãs não fossem surpreendidas por uma coluna

militar de apoio vinda de Alenquer. Tendo as tropas cristãs utilizado a via romana de Norte para Sul (BARBOSA, 1992: 309), conquistando Santarém e Lisboa, é plausível que a passagem por Alenquer tenha resultado na conquista deste castelo antes da tomada de Lisboa. Com o estabelecimento da fronteira no vale do Tejo, seguiu-se um período de acalmia militar na zona de Alenquer, já que a frente de guerra dirigiu-se então para Sul e Este. Durante este período, D. Afonso Henriques poderá ter promovido obras na estrutura militar de Alenquer, por forma a reforçar esta zona recém-conquistada ou em parte devido à ameaça provocada pela ofensiva muçulmana de 1184 (MARQUES, 1985: 113).

Em 1184, o califa Abu Yaqub Yusuf I, al-Sahid protagonizou uma grande expedição ao vale do Tejo, que resultou no levantamento de cerco a Santarém e na destruição dos seus arrabaldes e em destruições e pilhagens por toda a estremadura portuguesa. Esta empresa que resultou na morte do califa não teve os efeitos pretendidos, que eram a reconquista de Santarém e Lisboa (BARROCA, 2003a: 49).

Cinco anos depois, com a coroação de D. Sancho I, o rei promoveu a sua primeira grande iniciativa militar ao avançar sobre Silves e a conquistar. Esta conquista provocou uma reação violenta por parte de Abu Yaqub Yusuf II, al-Mansur que, em 1190, reuniu o seu exército, dividindo-o em três. Uma parte avançou sobre Silves, outra sobre Évora e a terceira, comandada pelo próprio emir avançou sobre o vale do Tejo. O avanço sobre esta última área geográfica culminou no saque dos arrabaldes de Santarém e Torres Novas,. Este castelo foi então destruído. De seguida avançou e levantou cerco ao castelo de Tomar, chegando a entrar no castelo e destruiu os arrabaldes. No ano seguinte, em 1191, Abu Yaqub Yusuf II, al-Mansur, protagonizou uma segunda expedição contra o território a Sul do Tejo, obrigando ao recuo da fronteira cristã, novamente, para o vale do Tejo (BARROCA, 2003a: 50 e 51).

O reinado de D. Afonso II ficou marcado pelas contendas entre o monarca e as suas irmãs, as infantas Teresa, Sancha e Mafalda, que eram possuidoras de um importante património doado pelo seu pai. D. Afonso II, que lutava contra o abuso de poder praticado pelos grandes senhores, não podia aceitar a doação feita por seu pai, que punha em causa não só o exercício do poder régio bem como a aplicação de justiça. De entre o património possuído pelas infantas, interessa referir o que pertenceu à infanta Sancha, ou seja a vila e o

castelo de Alenquer. Inserido no conflito entre os herdeiros de D. Sancho I, D. Afonso II, cercou Alenquer em 1211, cerco que durou quatro meses e que implicou o uso de projéteis incendiários e pedras contra o castelo. Não obstante, o mesmo não chegou a ser tomado pelas tropas do rei. Durante o conflito entre o rei D. Afonso II e as suas irmãs, o papado entreviu várias vezes mas sem conseguir chegarem a um acordo. Com a morte do rei e a aclamação de D. Sancho II, é assinado uma concórdia entre o jovem rei e as suas tias que resolve o conflito gerado pela herança de D. Sancho I (BARROCA, 2003a: 55 a 58).

Com o processo de reconquista praticamente concluído no reino de Portugal, surge um conflito interno que põe em causa a estabilidade do país, a guerra civil de 1245-1248. Este conflito resulta de uma profunda crise interna gerada pela desorganização do reino, aliada aos abusos gerados pela nobreza e por ações violentas que tiveram lugar nos anos precedentes. A encabeçar a oposição do monarca, D. Sancho II, encontrava-se o conde de Bolonha, que tinha o apoio de vários castelos da estremadura portuguesa, entre os quais o castelo de Alenquer (BARROCA, 2003a: 60 e 61).

Durante o reinado de D. Dinis, surge um novo conflito interno entre o rei e o seu filho, o infante D. Afonso, que resulta na guerra civil de 1319-1324. Numa primeira fase, entre 1319-1322, os eventos militares tiveram lugar sobretudo a norte do país, onde o infante assumiu o controlo de Leiria, Coimbra, Montemor-o-Novo, Feira, Gaia e Porto. Em finais de 1323, já na segunda fase da guerra civil, o infante D. Afonso dirige-se a Santarém, e reunindo um exército, avança sobre Lisboa, defrontando o exército do monarca. Este evento não chega a ter graves consequências em parte devido à ação de D. Isabel de Aragão, que se encontrava em Alenquer, e que então interveio de modo a trazer a paz. (BARROCA, 2003a: 66 e 68).

As guerras fernandinas, que puseram o reino português, encabeçado pelo monarca D. Fernando contra Castela, duraram 23 anos, (1369 – 1382). Este período bélico pode não ter resultado em agressões diretas ao castelo de Alenquer, porém, os desaires sofridos contribuíram para uma reorganização militar que beneficiou Alenquer. A guerra de D. Fernando com Castela não tiveram numa primeira fase (1369-1371) combates na estremadura portuguesa, tendo os conflitos tido lugar na área de fronteira entre os dois reinos. É preciso esperar pela segunda guerra fernandina (1372-1373) para observarmos a

entrada de D. Henrique II de Castela em Portugal, tomando a direção de Lisboa e obrigando o rei de Portugal a capitular (MONTEIRO, 2003: 254 a 256). No final do ano de 1373 ficou concluída a grande obra de D. Fernando, a construção de uma nova cerca de muralha em Lisboa. Mas os reforços dos sistemas defensivos levados a cabo por este monarca não se cingiram à cidade de Lisboa. Houve uma intenção de reforçar as muralhas e os castelos considerados de grande importância para a defesa do reino e de Lisboa. Na estremadura portuguesa tal traduziu-se em obras de reforço nos castelos de Alenquer, Santarém, Torres Vedras, Óbidos e Leiria (SELVAGEM, 1999: 143).

Com a morte de D. Fernando, em 1383, inicia-se um momento conturbado em Portugal. Na sequência do assassinato do conde João Fernandes Andeiro, iniciou-se um clima revolucionário que culminou na ocupação de vários castelos, como o de Lisboa, pelos partidários do Mestre de Avis. Todavia, não conseguiram conquistar o castelo de Alenquer. A entrada de D. João I de Castela foi imediata, pois em janeiro de 1384 empreende um cerco a Lisboa que, todavia, não teve sucesso. Após o levantamento do cerco espanhol, o mestre de Avis avançou sobre as vilas que apoiaram a causa castelhana. Entre eles contava-se Alenquer (onde o alcaide tomou o partido de D. Beatriz), que após seis semanas de assédio foi ocupado, mas que pouco tempo permaneceu como domínio do Mestre de Avis, tendo regressado ao domínio D. Beatriz, entre os finais de 1384 e os inícios de 1385 (MONTEIRO, 2003: 261 a 267). Após uma segunda tentativa, em 1385, por parte de D. João I de Castela tomar Lisboa, uma vez mais fracassada, D. João I consegue imediatamente ocupar as praças localizadas na cintura de Lisboa. Entre estas encontrava-se o castelo de Alenquer, que terá sido tomado sem qualquer esforço do ponto de vista bélico (MONTEIRO, 2003: 274 a 275).

Com o advento dos tempos modernos e com um novo sistema de guerra em que a pirobalística exigiu novos meios e novas estruturas defensivas, inicia-se a decadência do castelo de Alenquer não voltando a ser reconstruído ou mantido. A avaliar pela cronologia obtida na limpeza da cisterna realizada em 1927 por Hipólito Cabaço (ROGEIRO, 2005: 15 a 17), o entulhamento da mesma ocorre no final do século XVI, com o início do domínio filipino.

A linha defensiva do Tejo reveste-se de grande importância pelo fato de conter duas importantes cidades, Santarém e Lisboa, mas também por apoiar-se em duas importantes

vias que importava controlar, a via romana que ligava Lisboa a Coimbra e o rio Tejo, via fluvial que permitia ligar Lisboa a Santarém e ao Atlântico (BARROCA, 2008: 123).

Alenquer mantinha uma posição estratégica face a Lisboa e Santarém. A sua posição central entre estas urbes; a proximidade do rio Tejo e o facto de se localizar nas proximidades da principal via de origem romana que ligava Lisboa a Coimbra, e que permitia a deslocação dos exércitos cristãos e muçulmanos (BARROCA, 2003a: 41), fez com que o seu castelo tenha tido um papel importante na linha defensiva do Tejo.

Durante o domínio islâmico, a posição do castelo de Alenquer, englobava-se dentro do arco de fortalezas que permitiam a defesa de Lisboa, face aos avanços cristãos. Quando a linha do Tejo é definida e consolidada em 1147, a função geoestratégica do castelo mantém-se praticamente inalterada. A partir deste momento, o castelo mantém a mesma função mas com maior atenção aos perigos que surgem de Sul em função dos avanços e recuos da fronteira com os muçulmanos. Esta função defensiva não terminou com o final da reconquista, pois era necessário manter os castelos que permitiam a defesa da principal cidade do reino, numa fase em que as principais ameaças provinham de Castela.

5.2. As fases evolutivas do castelo

A identificação das fases evolutivas, em função da análise dos paramentos e das relações estratigráficas entre estruturas permitiu uma leitura mais fidedigna deste espaço militar. As fases foram definidas de forma clara e com base nos dados obtidos, porém algumas dúvidas ficaram por responder nos casos da torre III e da sua ligação com o troço de muralha 3 e uma possível ligação com o limite Oeste da torre IV. Dúvidas, que só uma escavação arqueológica poderá responder no futuro.

A análise dos paramentos do castelo permitiram identificar doze fases: cinco fases construtivas, três fases reconstrutivas e quatro fases destrutivas. As cinco construtivas referem-se às primeiras quatro fases deste castelo, desde a sua fundação até à expansão máxima da alcáçova. A quinta fase construtiva ocorre já no século XX e corresponde a uma

construção que não só não está relacionada com a fortaleza como contribui para a sua destruição. As fases destrutivas foram identificadas com base na definição dos restauros identificados, que foram três. Apenas a última fase destrutiva, não foi sucedida por uma reconstrução ou manutenção das estruturas, tendo deste modo contribuído para a progressiva destruição do edificado até aos nossos dias. De modo a organizar os dados recolhidos no campo, os quais permitiram a definição das fases, com base nas u.e.m e u.c., foi construído uma tabela de apoio que relaciona estes dados (anexo V, tabela 1) e que permitiu o desenvolvimento do diagrama estratigráfico da alcáçova de Alenquer (anexo V, figura 10).

5.2.1 Fase 0

A fase 0, sendo a única não identificável, pretende traçar algumas ideias que permitem supor a existência de uma estrutura militar em período islâmico. Este momento levanta grandes dúvidas pois não foi possível identificar com clareza, uma estrutura parietal que corresponde-se a este momento. A existência de pequenos blocos que se pressupõem serem reaproveitamentos de taipa, identificados no troço de muralha 3 (u.e.m. [510] e u.e.m. [511]), bem como a construção da torre IV que assenta numa base sedimentar, u.c. [91], que se encontra envolvida por um paramento construído com blocos pétreos, torna verosímil a existência de uma estrutura militar de construção islâmica como a primeira fase da estrutura militar. Como foi exposto no capítulo anterior, é possível que tivesse existido uma construção de cariz militar durante o domínio islâmico da região. Esta construção poderia corresponder a uma torre atalaia, mas certamente não seria uma construção militar de grande dimensão e complexidade construtiva. A existência de duas grandes urbes, Santarém e Lisboa, situadas nos territórios próximos, justifica a existência de uma simples construção para defesa do aglomerado e populacional, que seria de pequena escala quando comparado com as referidas urbes, que poderia eventualmente consubstanciar-se apenas numa torre para vigia do território (GOMES, 2013: 46).

Se a existência de uma estrutura militar islâmica, é muito dúbia, a sua localização seria com alguma certeza, no local em que se insere a torre IV. Este local central da colina onde se desenvolveu o povoado de Alenquer destaca-se por ser também o mais elevado e o que permite uma visão de 360°. Tornando-se assim, o melhor ponto para a localização de um posto de vigia ou de proteção da população.

A planta da fase 0 (figura 25) identifica no seu interior, a tracejado negro, o que se crê serem vestígios de taipa. O fato desta estrutura, de possível origem islâmica se encontrar envolvida por uma alvenaria em pedra, construída posteriormente, vem em concordância com o registado em outras estruturas militares. No caso de Tavira (anexo II, figura 80) e de Serpa, foram identificadas torres e muralhas construídas em taipa que, posteriormente foram envolvidas por uma alvenaria de pedra que veio reforçar a estrutura (CORREIA, 2013: 102).

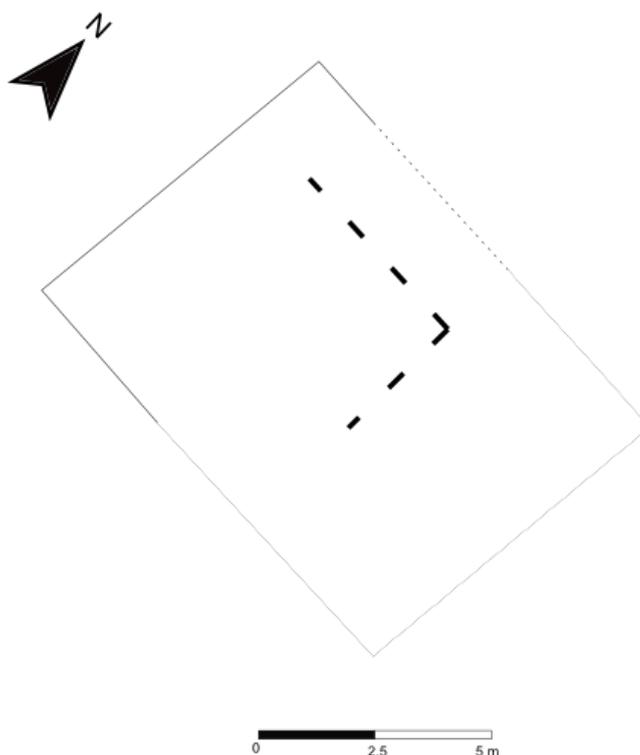


Figura 25 – Planta do castelo de Alenquer com a fase 0 (tracejado a negro).

5.2.2 Fase 1

Sobre os vestígios de construção islâmica foi identificado a fase 1 (figura 26), que se cinge à torre IV, u.c. [92] (anexo III, figura 37). A construção desta torre partiu de um método construtivo único que não encontra paralelo em nenhuma outra estrutura. Apesar desta construção ter algumas semelhanças com a fase 2, em termos de organização dos elementos construtivos (fiadas organizadas de blocos de pedra, com pedras a colmatar espaços), a dimensão dos blocos utilizados, distingue este paramento. O grande tamanho dos blocos não só torna a torre mais resistente, como imprime um aspeto mais robusto.

A localização da torre num local pronunciado da elevação; o seu modo construtivo e a sua autonomia em relação à muralha poderá ser um indicativo da sua antiguidade. Podendo tratar-se de uma torre de vigia. Esta estrutura poderá estar relacionada com o avanço da fronteira cristã que, pela primeira, conseguiu atingir a linha do Tejo em 1093, e depois estabeleceu definitivamente a fronteira nesta zona em 1147.

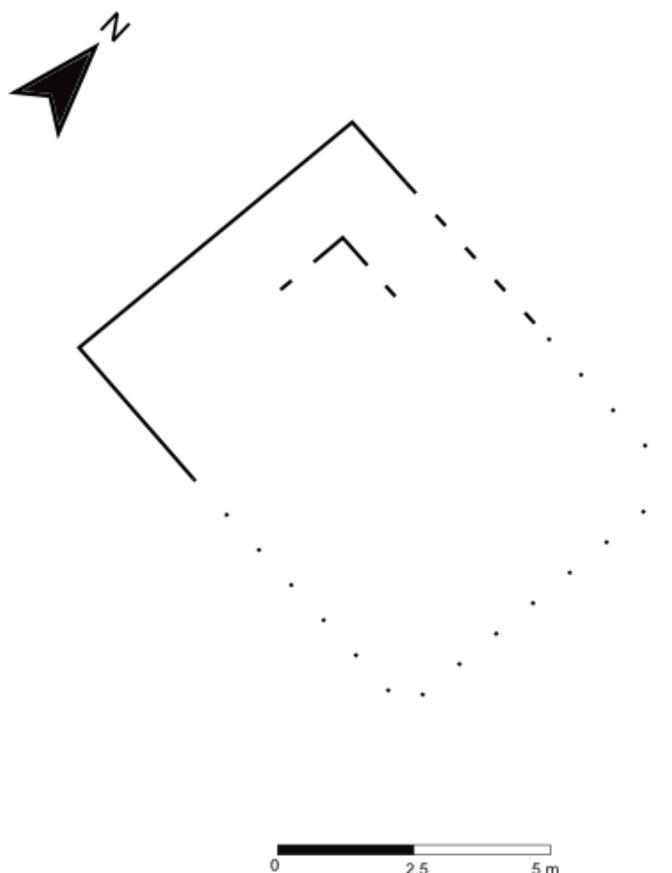


Figura 26 – Planta do castelo de Alenquer na fase 1.

5.2.3 Fase 2

A definição da fase 2 (figura 27) partiu da identificação de um modo construtivo que se encontra presente na torre I, u.c. [21] (anexo III, figura 11); torre III, u.c. [61] (anexo III, figura 24 a 26); troço de muralha 2, u.c. [31] (anexo III, figura 5); e troço de muralha 4, u.c. [71] e u.c. [93] (anexo III, figura 9). Esta alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços e a nivelar as fiadas, surge como um dos dois métodos construtivos mais extensos, ao englobar quase metade das estruturas analisadas. Nesta alvenaria foi identificado uma argamassa não tão resistente como a detetada na fase seguinte, a fase 3.

Comparativamente com a fase 1, esta fase caracteriza-se por ter um modo construtivo semelhante mas recorrendo a blocos alinhados de menores dimensões. Nas estruturas identificadas, as esquinas são fortalecidas com silhares que tornam mais resistente a estrutura. Denota-se assim, a utilização de elementos pétreos de tamanho mais pequeno em relação à fase 1, mas melhor aparelhados e com uma preocupação em fortalecer as esquinas, que seriam os locais mais frágeis face a utilização de máquinas de guerra, pelos exércitos invasores.

A segunda fase construtiva desenvolve-se em redor do que foi considerado como fase 1 da torre IV. O momento de desenvolvimento da fortificação de Alenquer pode ter partido desta torre de modo a formar uma área intramuros definida por duas torres, a torre I e a torre IV. As quais encontram-se unidas pelo troço de muralha 2 e por uma muralha paralela a esta, da qual não foram detetados vestígios, mas que é possível perceber o seu traçado através da análise do terreno circundante. Denota-se imediatamente, a Oeste das torres, um acentuado desnível do terreno.

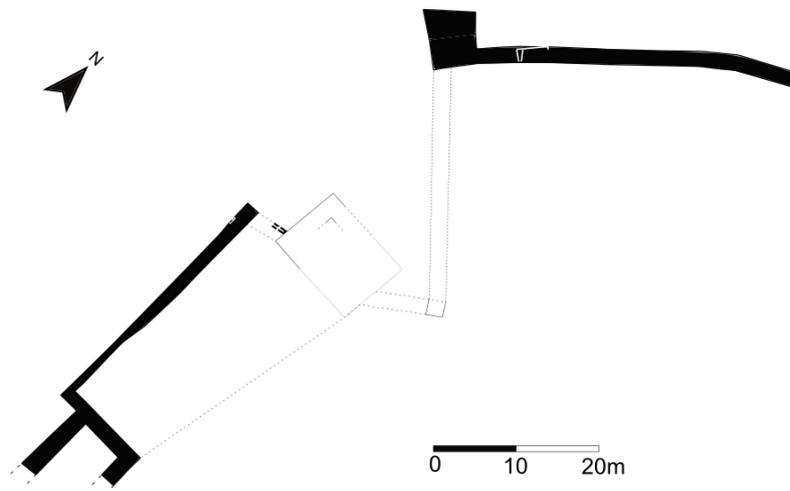


Figura 27 – Planta do castelo de Alenquer na fase 2.

A união do troço de muralha 2 com a torre IV não é perceptível, em parte devido à destruição da face interior da muralha no seu limite Norte. O traçado apontado, parte do limite Norte do troço, que possivelmente poderia infletir 90° para Este, à semelhança do registado no seu limite Sul com a torre I. Esta inflexão, aconteceria imediatamente após a porta da traição, uma vez que antes desta, os vestígios da muralha não indicam nenhuma mudança de direção. Assim, o troço de muralha 2 poderia adossar à face Oeste da torre IV, junto ao seu canto Sudoeste.

À semelhança desta área, foi também identificado o mesmo modo construtivo no troço de muralha 4 e possivelmente, também na torre III. Apesar de não ter sido identificado uma ligação entre estes dois conjuntos que apresentam um método construtivo equivalente, as descobertas de Hipólito Cabaço, sugerem ter existido uma parede que os unia (RIBEIRO, 1936: 65). Embora não seja possível identificar nenhum indício dessa parede, a observação de uma estrutura retangular no limite Sul do patamar inferior da alcáçova, ajuda a considerar a existência dessa ligação. A estrutura observável ao nível do chão, com 2,09m de lado, formava o canto de duas paredes que se desenvolviam para Noroeste e para Sudoeste. A orientação destas paredes culminava respetivamente na torre III e na torre IV, definindo a ligação entre estas torres.

Nesta fase, a torre III terá tido uma dimensão menor do que atualmente, limitando-se a duas divisões (1 e 2) que se distribuem por dois patamares (anexo III, figura 38). Se a área ocupada por esta torre, na fase 2, é de difícil definição, a sua ligação com o troço de muralha 4 é bem claro. Este troço que a partir desta torre, se dirige para Nordeste, integra no seu paramento parte de um vão que se enquadra na tipologia de uma seteira. Este elemento servia para a prática de tiro com arco, sendo um elemento que enquadra esta fase num período de guerra anterior à pirobalística, onde as estruturas militares iniciam a adaptação ao tiro com armas de fogo. As primeiras utilizações de bocas de fogo estão documentadas a partir da crise de 1383-85, e as primeiras adaptações das estruturas militares a este novo tipo de guerra, ainda de carácter experimental, surgem no reinado de D. João II (BARROCA, 2003b: 95 a 97). Sendo assim o final do século XV marca o *términus* desta fase construtiva, pois não é expectável que a partir de então tivessem ainda construído seteiras no castelo de Alenquer.

A análise da planta da alcáçova que reflete as descobertas de Hipólito Cabaço (RIBEIRO, 1936: 65), vai de encontro ao estabelecido na fase 2, em que é sugerido uma ligação entre as torres IV e III (anexo I, figura 2). Esta ligação entre as duas torres, apesar de já não ser visível no século XXI, está de acordo com a planta de 1936.

A fase 2 é caracterizada pela definição da alcáçova na área mais elevada desta colina. A Norte deste espaço, desenvolve-se o troço de muralha 4 e a torre III que definem o limite exterior do que irá ser o patamar inferior da alcáçova na fase seguinte. O patamar superior é constituído por duas torres de grandes dimensões, a torre IV e a torre I que é identificada como a torre de menagem, por João Ferro (1996: 49). Ora a mesma, baliza esta fase construtiva num período posterior à reconquista do castelo e à nomeação de Gualdim Pais como Mestre dos Templários portugueses em 1156. Tratando-se de um elemento introduzido em Portugal pela Ordem do Templo, a primeira torre de menagem com datação segura é concluída no ano de 1160 no castelo de Tomar, seguindo-se Pombal e Almourol em 1171, entre outras nos anos subsequentes (BARROCA, 2001: 220). Assim, é possível apontar que a construção da torre de menagem de Alenquer tenha ocorrido após a segunda metade do século XII ou mesmo a partir do último quartel daquela centúria.

D. Afonso Henriques poderá ter realizado obras nesta estrutura de modo a fortalece-la, num período em que se procurava o reforço desta área geográfica. A construção e a

recuperação de castelos nesta área partiam da intenção de criar uma linha defensiva na margem do Tejo com o objetivo de controlar as vias de comunicação, e de proteger Lisboa. Como constata João Monteiro (1999: 21), durante a reconquista e à medida que a fronteira avança para Sul, existe um esforço para o restaurar os castelos, com o objetivo de, por um lado, garantir a proteção das populações que se fixam nos novos territórios conquistados, por outro, possibilitar a defesa desses novos territórios.

A localização da torre de menagem, numa das extremidades da alcáçova, vem contra a definição do castelo românico em que esta torre localiza-se normalmente, isolada no pátio, num dos pontos mais elevados do castelo (BARROCA,1990/1991: 121). Observando as dimensões das duas torres que formam esta área, verifica-se que a diferença é mínima, tendo a torre de menagem mais 0,50 metros de largura (não foi possível averiguar o comprimento de ambas as torres). Assim, não é de excluir a ideia de que contrariamente ao que vários autores defendem, a torre de menagem não seja a torre I mas sim a torre IV, podendo ter existido o reaproveitamento da estrutura anteriormente existente (fase 1). Neste caso, a sua posição central coaduna-se com a posição típica de uma torre de menagem no castelo românico.

Observando-se a planta da fase 2, verifica-se que esta torre não estaria isolada. Neste sentido, é possível que existisse um troço de muralha entre a torre III e o troço de muralha 2. Deste modo, o troço de muralha 3 que foi classificado como pertencente à fase 3, poderá ter tido uma construção anterior que foi totalmente destruída. Sendo uma hipótese, apenas poderá ser confirmada com a realização de uma escavação arqueológica nesta área.

5.2.4 Fase 3

A terceira fase marca o segundo grande momento construtivo da fortificação. São então adicionadas quatro novas estruturas, o troço de muralha 1, u.c. [11] (anexo III, figura 3), e o troço de muralha 3, u.c. [51] (anexo III, figura 7), a torre V, u.c. [81] (anexo III, figura 37), e a torre II, u.c. [41] e u.c. [42]. Esta fase construtiva foi dividida em duas : fase 3a que

integra o troço de muralha 1 e 3, e a torre V, e a fase 3b representada pela construção da torre II.

A fase 3a caracteriza-se por compreender um modo construtivo ordenado, que se dispõe em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno, aliadas a uma argamassa muito resistente e muito compacta.

Observando a figura 28 é possível identificar que a construção do troço de muralha 3 não coincidiu com o limite do troço 2 que já existia. Esta falha construtiva levou a que fosse necessário reforçar esta união. Deste modo, foi construído uma estrutura em quarto de círculo, que sela a união exterior destes dois troços. Visto que posteriormente foi construída uma torre neste local, esta estrutura foi considerada o início da torre II.

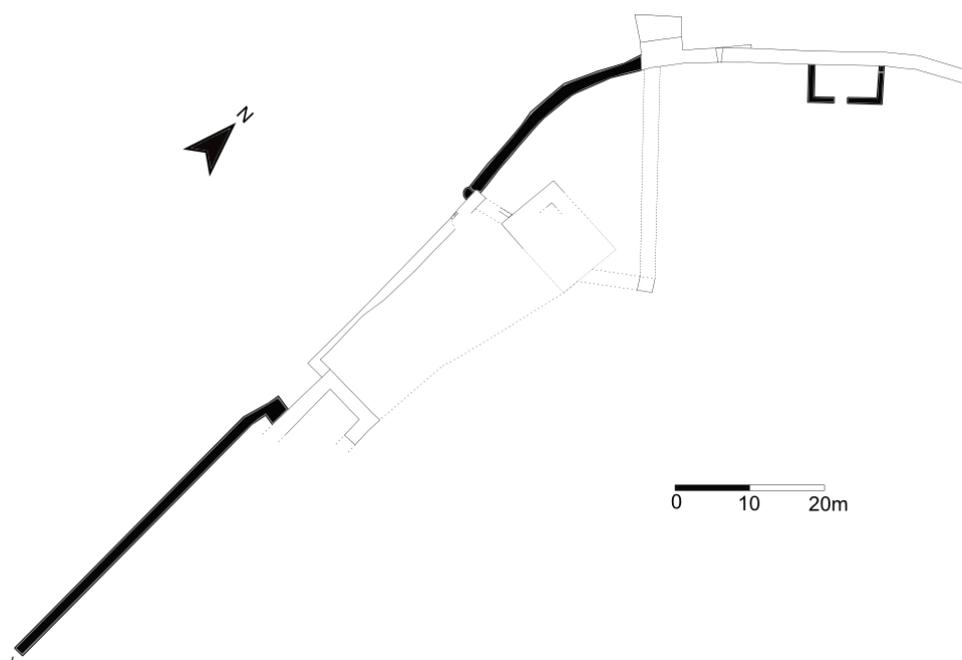


Figura 28 – Planta do castelo de Alenquer na fase 3a.

Os dois troços de muralha pertencentes a esta fase destacam-se pela altura dos vestígios ainda conservados, quando comparados com os elementos construtivos da fase anterior. Esta construção é mais resistente quando comparada com a fase anterior, em virtude da qualidade da argamassa que poderá dever-se ao uso de uma maior quantidade

de cal. A altura dos troços de muralha e da torre V possibilitou a identificação de alguns buracos de andaime, que são o testemunho dos andaimes utilizados na construção destas estruturas.

No limite Norte da alcáçova, localiza-se a torre V, que corresponde à última torre a ser construída e que veio reforçar a defesa desta área. A construção desta torre veio definir o limite Norte de uma segunda área da alcáçova que parece corresponder à praça de armas. Assim o castelo apresentava a partir de então três áreas distintas: a alcáçova (patamar superior), o pátio ou praça de armas (patamar inferior, zona ampla que permite a concentração da população) e a almedina. Esta tripartição dos espaços vem de acordo com o que foi definido por Barroca para o castelo de Tomar, porém a uma escala reduzida (1996/1997: 191).

A fase 3b, que se refere à torre II identifica o reforço da união entre os troços de muralha 2 e 3 com a construção de uma torre (figura 29). A construção desta torre poderá estar relacionada com a construção do troço 3, porém, a impossibilidade de analisar o seu paramento levou a que fosse considerada uma construção desta fase. A construção desta torre não só vem reforçar a defesa desta zona mais frágil da muralha como também protege a porta da traição.

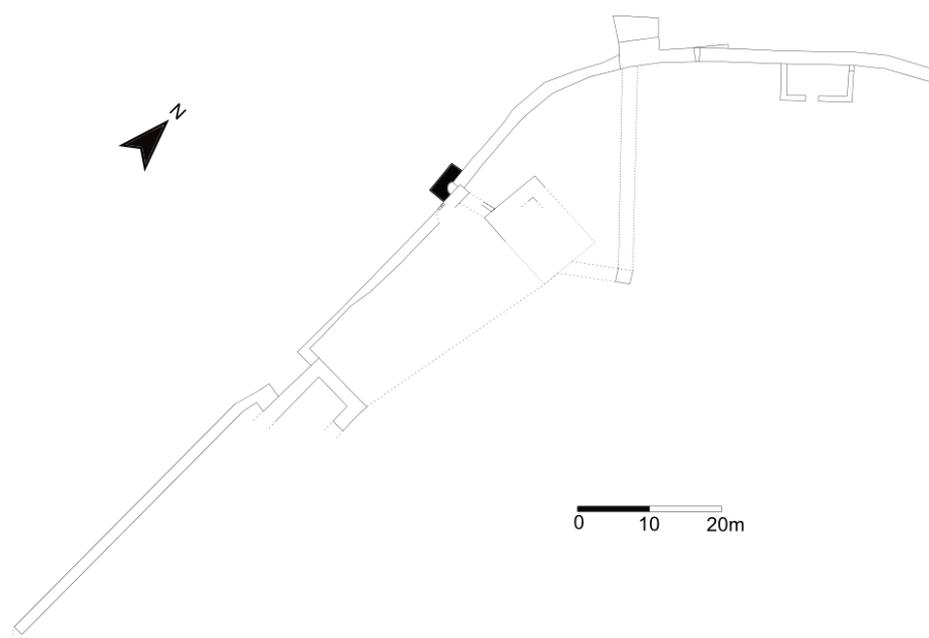


Figura 29 – Planta do castelo de Alenquer na fase 3b.

Esta fase construtiva poderá inserir-se num período marcado por um importante movimento de amuralhamento e reforma de várias estruturas militares do reino. Com a mudança de paradigma, inicia-se uma nova arquitetura aliada a uma nova maneira de fazer a guerra. Neste período, o castelo gótico passa a representar uma atitude de defesa ativa, contrariamente ao castelo românico. Se muitas fortalezas começam a entrar em decadência, outras por se situarem em locais importantes para a defesa do reino, como é o caso de Alenquer, terão recebido obras nos reinados de D. Afonso IV, D. Pedro ou D. Fernando (BARROCA, 1996/1997: 125). A construção destes dois troços de muralha que se distinguem por serem largos e bastante altos, poderá estar relacionada com a ampliação das muralhas urbanas, sendo que importa não só fortalecer a alcáçova em si, mas a área urbana (BARROCA, 2003c: 181).

5.2.5 Fase 4

A fase 4 marca o momento em que se dá um reforço das torres localizadas no exterior da muralha, a torre II, u.c. [43] (anexo III, figura 16 a 18) e a torre III, u.c. [62] (anexo III, figura 26 e 27) e o adossamento desta torre com o troço de muralha 3 (u.c. [52]). Este momento reflete a construção de um alambor, de forma a aumentar a capacidade defensiva da torre II, e o aumento da área da torre III (figura 30).

A construção do alambor vem reforçar a torre, porém esta construção vai obstruir a porta da traição, inutilizando-a. Este é um facto que vem reforçar a ideia de que a construção do alambor é posterior à da torre.

O alambor foi construído com recurso a fiadas de blocos médios com pedra pequena e fragmentos de telha a colmatar espaços e a nivelar as fiadas, estando esta estrutura coberta por reboco. A utilização de reboco na generalidade dos paramentos e a utilização de telha define as principais diferenças entre esta fase e a fase 2.

É a edificação do alambor que permite lançar propostas sobre a cronologia desta fase. Este tipo de estruturas apenas é introduzido em Portugal pela Ordem dos Templários

na segunda metade do século XII (BARROCA, 1996/1997: 186). O alambor do castelo de Tomar é o exemplar mais antigo conhecido em Portugal (1169), sendo os demais alambores dos castelos românicos praticamente todos construídos nas décadas subsequentes (BARROCA, 2001: 221). Face a esta constatação é possível indicar que o alambor da torre II tenha sido construído ainda no último quartel daquela centúria.

Quanto à torre III, devido à sua destruição, não é possível confirmar que a mesma tenha sido aumentada nesta fase. Todavia, a parede exterior a Sudeste adossa ao troço de muralha 3, constituindo o aumento desta torre numa fase posterior, as fases 2 e 3. Sendo assim, é enquadrável na fase 4. É possível considerar a fase 4 como uma intervenção que resultou no reforço das torres exteriores.

Resta referir que esta fase marca a última etapa da expansão da alcáçova e de construção de novas estruturas. As fases identificadas posteriormente apontam já para momentos de destruição e de reconstrução das estruturas já existentes.

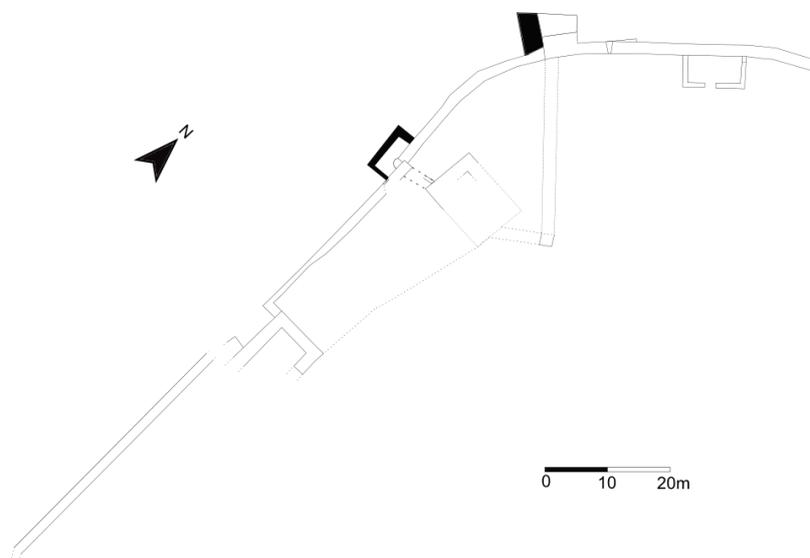


Figura 30 – Planta do castelo de Alenquer na fase 4.

5.2.6 Fase 5

A fase 5 refere-se ao primeiro momento destrutivo identificado no castelo e localiza-se no troço de muralha 2. Este encontra-se identificado pela u.c. [32] que destruiu parte deste troço, identificado pela u.c. [31].

Esta destruição cingiu-se a uma pequena área que, posteriormente, foi recuperada na fase reconstrutiva 6.

5.2.7 Fase 6

A fase 6 (anexo III, figura 5) marca o primeiro momento reconstrutivo identificado na alcáçova de Alenquer. Este momento circunscreve-se à parte Sul do troço de muralha 2 (figura 31). A reconstrução da muralha encontra-se identificada pela u.c. [33], que corresponde à u.e.m. [315]. A qual caracteriza-se por ter um modo construtivo que prima pela organização de grandes blocos pétreos dispostos em fiadas.

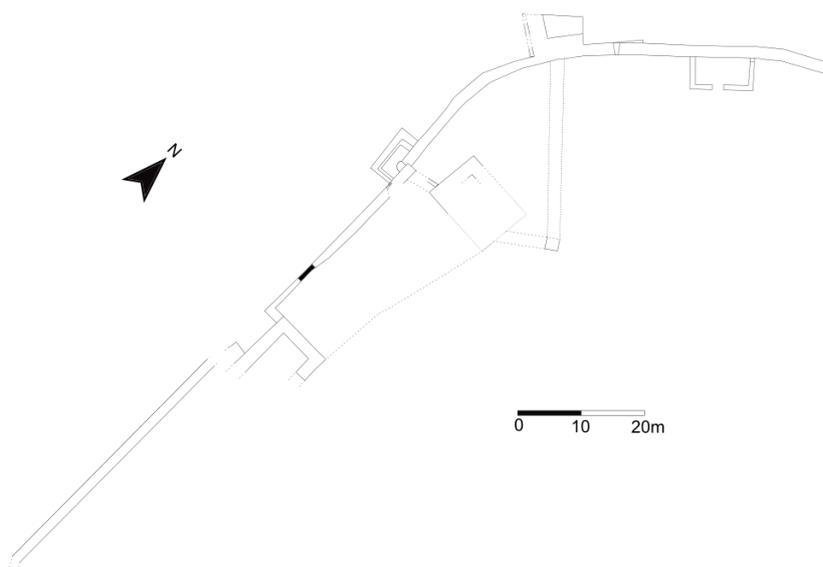


Figura 31 – Planta do castelo de Alenquer na fase 6.

5.2.8 Fase 7

A fase 7 refere-se ao segundo momento destrutivo identificado na alcáçova e localiza-se, à semelhança da fase 5, no troço de muralha 2. Este nível de destruição encontra-se identificado pela u.c. [35] e cingiu-se a uma pequena área que posteriormente foi colmatada na fase reconstrutiva 8.

5.2.9 Fase 8

A fase 8 (anexo III, figura 5) marca um momento reconstrutivo que se circunscreve à parte Sul do troço de muralha 2 (figura 32), à semelhança da fase 6. A reconstrução da muralha obedeceu a um elevado cuidado estrutural, o que indica não se ter tratado de uma simples reparação mas que, na verdade, houve uma intenção defensiva na própria reconstrução. Na fase 8 a u.c. [35] é constituída por silhares rústicos, blocos de dimensão grande e média, com o preenchimento dos espaços com pequenas pedras, diminuindo assim os espaços abertos da alvenaria. Além da diferença na técnica construtiva deste restauro em comparação com o original, destaca-se ainda a diferença ao nível da planta da muralha. É possível observar, na esquina Sul do troço de muralha 2, uma alteração da mesma. Se anteriormente a inflexão da muralha era reta, apresentando um ângulo de 90°, com a reconstrução desta fase, houve uma intenção de curvar esta inflexão, passando a antiga esquina a ter uma forma curva e não reta. Esta alteração permitiu imprimir uma maior resistência da estrutura face ao uso de máquinas de guerra, já que as esquinas são mais propícias à destruição por estas máquinas.

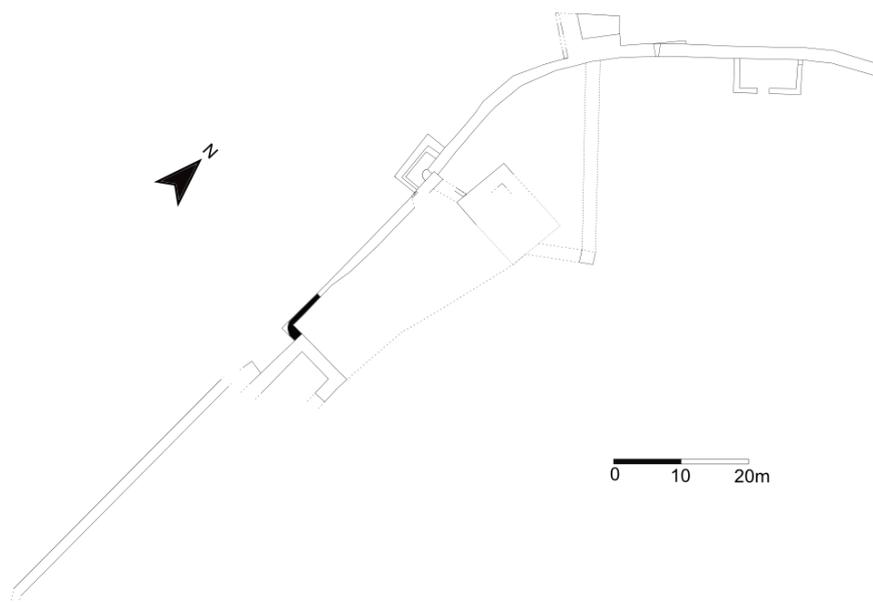


Figura 32 – Planta do castelo de Alenquer na fase 8.

5.2.10 Fase 9

A fase 9 identifica um momento destrutivo identificado no troço de muralha 2 e no troço de muralha 4, que posteriormente deu origem à reconstrução de parte destas muralhas. Estes níveis de destruição encontram-se identificados pela u.c. [36] e pela u.c. [72]. Esta fase destrutiva foi a última fase que, posteriormente, teve uma reconstrução.

5.2.11 Fase 10

A fase 10 (figura 33) marca a última reconstrução identificada na alcáçova de Alenquer. Este modo construtivo foi identificado no troço de muralha 2, u.c. [37] (anexo III, figura 5), no troço de muralha 4, u.c. [73] (anexo III, figura 9) e na torre III, u.c. [63] (anexo III, figura 25). O modo construtivo desta fase caracteriza-se por ser irregular. Os blocos de

pedra de tamanho médio e as pedras de tamanho pequeno, são dispostos irregularmente e unidos por argila.

No troço de muralha 2, esta reconstrução foi registada sobre as fases 6 e 8, sendo uma reconstrução que se deveu à destruição de reconstruções anteriores.

No troço de muralha 4 a reconstrução foi identificada na área da muralha abaixo da seteira. Esta reconstrução nesta zona está circunscrita à face exterior da muralha, já que o interior e o núcleo deste troço se mantiveram intatos.

Na torre III, este modo construtivo foi identificado numa das faces interiores, orientada a Noroeste.

Embora estas reconstruções parciais estejam localizadas em áreas diferentes da alcáçova, o seu modo construtivo e as suas características físicas permitem considerá-los como um evento reconstrutivo único.

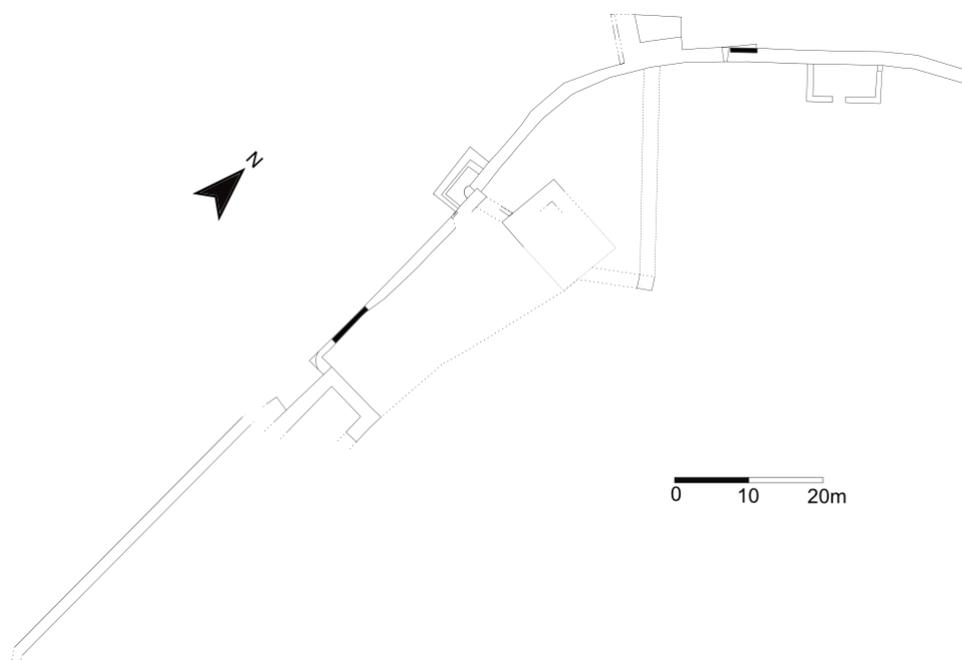


Figura 33 – Planta do castelo de Alenquer na fase 10.

5.2.12 Fase 11

Até ao século XV o castelo de Alenquer ainda teria alguma importância no panorama nacional. Uma vez mais o seu posicionamento face a Lisboa, próximo de um dos acessos Norte da cidade tornava esta fortaleza parte integrante e necessária para a defesa do reino, a par das fortalezas fronteiriças. Foi com o advento de um novo sistema de guerra em que a pirobalística exigiu novos meios e novas estruturas defensivas, que se inicia o processo de decadência do castelo, não voltando desde então a ser reconstruído ou mantido.

As obras promovidas por D. João II e D. Manuel I em vários castelos do reino tiveram como objectivo a sua adaptação ao uso das armas de fogo.. Nesta primeira fase, as intervenções recaiam sobretudo na introdução de troneiras (BARROCA, 2003b: 96), não tendo sido identificado nenhum indício da introdução deste tipo de soluções no castelo de Alenquer. Assim é provável que o início do seu abandono se situe na segunda metade do século XV.. O entulhamento da cisterna, que aparentemente terá ocorrido no início da dinastia filipina, demonstra que o castelo já deveria encontrar-se em franco abandono nos finais do século XVI ou inícios século XVII. Esta cronologia é apontada face ao espólio que foi recuperado por Hipólito Cabaço em 1927 quando desentulhou a cisterna. As moedas mais recentes ali encontradas são do reinado de D. Sebastião, o que sugeriu a Hipólito Cabaço eu o entulhamento teria ocorrido após 1578 (ROGEIRO, 2005: 15 a 17). Na verdade datar um momento de entulhamento de uma estrutura através das moedas que ali foram recuperadas tem fragilidades metodológicas pelo que haveria que comparar as moedas com a informação dada pelos demais artefactos. Todavia, não há suficiente informação para que tal possa ser feito, aceitando-se, assim, que a data próxima do final do reinado de D. Sebastião ocorreu uma de duas coisas: a cisterna foi efectivamente entulhada, ou o interior do castelo deixou de ser utilizado, sendo o solo usado no entulhamento o registo do momento em que isso ocorreu, ainda que o entulhamento pudesse ter ocorrido muitas décadas depois. Uma ou outra interpretação sugere efectivamente a perda do papel defensivo que este castelo teve face a Lisboa. Esta fase de abandono e consequente destruição do castelo é representado pelas u.c. [12], u.c. [22], u.c. [38], u.c. [44], u.c. [53], u.c. [64], u.c. [74], u.c. [82] e u.c. [94].

Através da análise das memórias paroquiais é possível perceber o ponto da situação do Castelo de Alenquer no último quartel do século XVIII. Aí é referido que a muralha do castelo era larga e tinha várias torres, mas que se encontrava quase toda em ruínas (Cosme e Varandas, 2009: 236).

Na transição do século XIX para o século XX, é possível ter uma ideia de como era e como se encontrava o castelo de Alenquer através da visão transmitida por Guilherme Henriques (1902: 20). A muralha que se encontrava muito arruinada mostrava ainda que teria sido um recinto extenso e bem defendido. Sobre a zona da alcáçova, apenas é possível ter a noção que se encontrava em muito mau estado de conservação e que a torre de menagem se encontrava apenas representada pela ruína de uma só parede (HENRIQUES, 1902: 33) (anexo I, figura 1). Com o castelo e as suas muralhas ao abandono foram os habitantes da vila que determinaram o avanço da sua ruína através da reutilização do material pétreo usado na construção da estrutura para a construção das suas casas (HENRIQUES, 1902: 36).

5.2.13 Fase 12

A última construção registada na área da alcáçova de Alenquer já não está relacionada com a muralha ou as torres. A fase 12 corresponde à construção de uma estação elevatória de água, u.c. [23], com o objetivo de fornecer a povoação (figura 34). Esta construção apoia-se sobre parte da torre I, e sobre possíveis vestígios de muralha, ocultados por esta construção, que ligava a torre I à torre IV, na vertente Este.

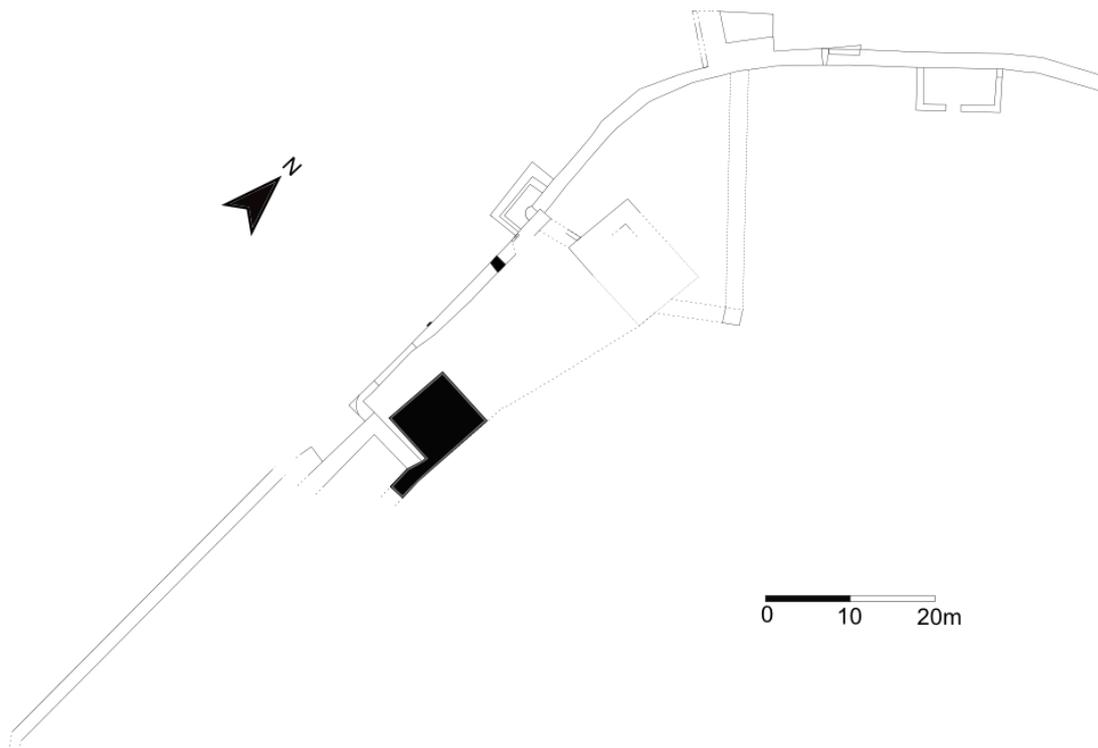


Figura 34 – Planta do castelo de Alenquer na fase 12.

A construção deste edifício, u.c. [23], teve um efeito nefasto nas estruturas próximas, em particular a torre I e o troço de muralha 2. A destruição observada e o fato de os vestígios destas duas estruturas estarem um pouco acima do solo, poderá dever-se em parte à utilização de materiais pétreo daquelas estruturas na construção da estação elevatória de água.

Com base em duas imagens, é possível situar esta fase no final do século XIX ou na primeira metade do século XX. A primeira imagem (anexo 1, figura 1), que data do último quartel do século XIX, mostra a área da alcáçova com a torre de menagem em destaque, sem a estação elevatória. Na segunda imagem (anexo 1, figura 5), de 1941, é possível identificar a estação elevatória no alto da colina, mas já sem vestígios da torre de menagem. A construção desta estrutura hidráulica, contribuiu para a destruição da torre de menagem, eliminando parte das suas paredes que ainda eram visíveis no século XIX.

Relacionado com a estação elevatória estão duas estruturas identificadas no troço de muralha 2. A u.c. [39] corresponde a um pilar de cimento adossado à muralha e a um tubo

de plástico que atravessa a parede. Para a sua colocação implicou, uma vez mais, uma destruição parcial da muralha.

Na torre V, a u.c. [83] identifica uma tentativa de restauro da parede, possivelmente datada do século passado. Devido ao constante despreendimento de pedras da torre, foi colocado pedras de tamanho pequeno e cimento, de forma a impedir a contínua desagregação dos elementos constituintes.

PARTE VI - Considerações Finais

Apesar da posição estratégica ocupada pelo castelo de Alenquer, o mesmo não suscitou o interesse particular da comunidade científica. Tal deve-se, em parte, ao facto de Alenquer estar próximo de duas grandes fortalezas e urbes, como são Santarém e Lisboa, que foram e têm sido o foco de estudos preferencial dos investigadores. Este desinteresse por Alenquer expressa-se nos poucos trabalhos que se desenvolveram em torno deste espaço e pela sua diminuta referência ao castelo de Alenquer na historiografia nacional.

É no século XVIII que encontramos as primeiras referências à fortificação, destacando-se entre elas a obra do Pe. António Carvalho da Costa. Desde esse momento vários outros autores se debruçaram sobre este castelo, mas poucas novas informações efetivamente foram trazidas à luz do conhecimento. Destaca-se, porém, o trabalho de João Ferro em “Alenquer Medieval”, que faz um estudo da fortificação e de Alenquer em época medieval.

No âmbito da arqueologia destacam-se apenas os trabalhos de Hipólito Cabaço realizados na primeira metade do século XX. Estes na maioria dos casos, ocorreram sem grande metodologia científica e sem os registos de campo imprescindíveis, pelo que a informação então obtida encontra-se hoje parcialmente perdida.

Os trabalhos da DGEMN, que se restringiram à Porta da Conceição, (uma das portas da cerca de Alenquer) demonstram a falta de interesse que esta estrutura militar suscitou também junto daquela instituição. Tal expressa ainda a falta de conhecimento da totalidade da estrutura e da sua alcáçova, pois certamente se a conhecessem outras obras teriam sido empreendidas. Mesmo para os habitantes locais o castelo medieval restringe-se meramente à área da Porta da Conceição e aos panos de muralha adjacentes, ignorando a existência das principais e centrais áreas do castelo.

Durante o presente trabalho foi possível registar e estudar os paramentos existentes actualmente no local onde se situaria a alcáçova do castelo de Alenquer. Tal veio permitir entender uma parte da evolução construtiva desta fortificação e reconhecer como a mesma se desenvolveu face aos condicionamentos aos níveis topográfico, geográfico, geopolítico. Os resultados alcançados permitiram ainda compreender a evolução da estrutura ao longo do tempo. Porém, esta análise não possibilitou a recuperação da totalidade da sua estrutura nem da sua história. A abordagem ao edificado a partir do ponto de vista da arqueologia da

arquitetura, apenas permitiu obter uma visão da estrutura que para ser completa necessita de ser colmatada com informação obtida através de outras formas de abordagem. Como tal, este trabalho está longe de ficar concluído, sendo esta dissertação de mestrado apenas mais uma fonte de informação que permite responder a algumas questões de investigação mas que, em contrapartida, lança outras tantas perguntas e dúvidas. A incompreensão da forma como estavam ligadas as diferentes estruturas, a ausência de dados que identifiquem uma divisão entre a alcáçova e a almedina, a possível delimitação entre duas áreas distintas dentro da alcáçova, a real dimensão das torres I e IV, a evolução construtiva da torre II e III, são apenas algumas entre as muitas questões que ficam ainda por responder. É necessário continuar a desenvolver trabalho de pesquisa multidisciplinar para apreender mais informação sobre este castelo que se encontra num estado de ruína muito avançado.

A aplicação da técnica da arqueologia da arquitetura num edificado que, não só se encontra muito degradado como, em parte está destruído de forma irremediável, transformou-se num grande desafio metodológico. Tal implicou uma constante procura de novas ideias e de diversas metodologias, que pudessem responder aos desafios exigidos e que permitissem ultrapassar os problemas colocados de forma simples mas eficaz. À medida que o estudo se desenvolveu foi necessário afinar pormenores que no fim permitiram definir um método de trabalho apropriado a este tipo de estruturas, particularmente adequado quando os fundos e o tempo disponíveis são limitados.

Partindo da identificação da construção inicial que consiste numa torre situada no local mais elevado da colina, foi possível definir a evolução das construções na colina e a definição da estrutura militar.

A definição das fases construtivas foi conseguida através da análise dos paramentos e da relação entre estruturas, sendo assim, possível definir este espaço. Foi possível, assim identificar a fundação deste espaço militar na torre IV que se localiza no centro da colina. A partir deste primeira estrutura, outras foram sendo construídas. Na fase 1, é aproveitada a construção pré-existente, reforçando-a. Na fase seguinte é delimitada a alcáçova, ao ser construído a torre I e II, e os troços de muralha 2 e 4. Nesta fase surge o castelo propriamente dito, já que nas fases anteriores tratar-se-ia de uma torre de vigia. Na fase 3, a qual se divide em duas partes, houve um reforço da estrutura militar ao ser construído os

troços de muralha 1 e 3, bem como as torres II e V. Foi nesta fase que se definiu a segunda área da alcáçova, permitindo a sua divisão em duas zonas. Na fase 4, registou-se o crescimento das torres exteriores que foram alargadas e reforçadas, como foi possível observar na torre II e III. Esta fase definiu a planta da alcáçova de Alenquer tal como a conhecemos hoje. As fases seguintes alternam-se entre momentos de destruição e de reconstrução até ao abandono definitivo do castelo que poderá ter acontecido no século XVIII.

A análise dos paramentos permitiu ainda a identificação de técnicas, de materiais e de modos construtivos, caracterizando assim as diferentes fases construtivas, destrutivas e reconstrutivas que deram vida a esta fortificação.

Este estudo permitiu constatar que algumas técnicas construtivas não tiveram uma evolução linear, tendo mesmo registado casos de retrocesso. Entre a fase 1, 2 e 3 houve uma clara evolução em termos de modo construtivo e da utilização de ligante. O modo construtivo evoluiu da utilização de blocos de tamanho muito grande na fase 1, para blocos de tamanho médio na fase 2 e 3. Entre estas duas últimas fases, houve uma evolução em termos de organização dos elementos. Enquanto na fase 2, a organização dos blocos é que define o aparelho, na fase 3, é bem perceptível a organização em fiadas de elementos de diferentes tamanhos ainda que dentro de cada fiada, tende a ser do mesmo tamanho. Em termos de ligantes esta evolução também foi bastante clara. Se na fase 1, a presença de argamassa é praticamente residual, mas de fraca qualidade, na fase 2 a qualidade mantém-se mas já se regista em grandes quantidades como se pode verificar no núcleo. Na fase 3, regista-se uma evolução considerável. Nesta fase a argamassa é muito mais resistente e muito compacta o que se traduz na manutenção em altura dos troços. A partir da fase 4 inicia-se um retrocesso dos modos construtivos. Nesta fase o aparelho é semelhante à fase 2, bem como a argamassa, embora se note a inclusão de elementos cerâmicos no ligante e seja bem visível o uso de reboco como revestimento na totalidade das paredes. Nas fases seguintes, 6, 8 e 10, em termos de ligante, dá-se um abandono da argamassa, passando a ser usado a terra em todas as reconstruções. Não foi perceptível se esta utilização circunscreve-se as estas fases por serem reconstruções ou se começou a ser habitual a utilização deste ligante. Quanto à organização dos elementos, verifica-se a utilização de blocos grandes, semelhantes à fase 4 mas maiores. Na fase 8 existe o reaproveitamento de

silhares, sendo os espaços perfeitamente colmatados por pedras muito pequenas. Esta organização mostra um cuidado construtivo completamente oposto ao que se verifica posteriormente na fase 10. Esta última fase construtiva caracteriza-se por tentar colmatar a destruição parcial das estruturas, por apresentar um aparelho completamente desorganizado.

Finalizando, a leitura dos paramentos e dos seus modos construtivos, bem como, o registo das técnicas utilizadas no castelo de Alenquer desenvolvidos ao longo deste trabalho permitiram não só recolher dados importantes para o estudo da estrutura militar alvo do estudo, como possibilitou a definição de um tipo de abordagem que poderá servir como base para estudos semelhantes.

Bibliografia

ASSUNÇÃO, C. (1965) - *Rochas Eruptivas*. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos - Serviços Geológicos de Portugal.

BARBOSA, I. (1860) - *As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brasão d'armas*. Lisboa: Typographia do Panorama.

BARBOSA, P. (1992) - *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: séc. XII a 1325*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

BARBOSA, P. (2008) - *Reconquista cristã: nas origens de Portugal: séculos IX-XII*. Lisboa: Ésquilo.

BARROCA, M. (1996/1997) – A ordem do templo e a arquitectura militar portuguesa do século XII. In *Portvgalia*. Nova série. Vols. XVII-XVIII, p. 171 a 209.

BARROCA, M. (2001) – Os castelos dos templários em Portugal e a organização da defesa do reino no séc. XII. In *acta historica et archaeologica mediaevalia*. Nº 22, vol. 2, p. 213 a 228. Acedido em 08, Janeiro, 2014, em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=236655>

BARROCA, M. (2003a) – Da reconquista a D. Dinis. In José Mattoso (ed. cord.), *Nova Historia Militar de Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 21 a 68.

BARROCA, M. (2003b) – Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521). In *Portvgalia*, Nova Serie. Vol. XXIV. Porto p. 95 a 112.

BARROCA, M. (2003c) – Uma paisagem com castelos. In *Arquitectando espaços: da natureza à metapolis*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, p. 173 a 182. Acedido em 08, Janeiro, 2014, em https://www.academia.edu/438742/Uma_Paisagem_Com_Castelos

BOLAMA, Marquez D'Avila, (1909) - *Nova Carta Corográfica de Portugal (Vol.1)*. Lisboa: Typ. Academia Real das Sciencias.

BRANCO, M. (2007) - A Pedra do Ouro (Alenquer): uma leitura actual da Colecção Hipólito Cabaço. In *Trabalhos de Arqueologia*. Nº 49. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Acedido em 1, junho, 2013, em <http://www.igespar.pt/pt/shop/asset/1821/>

BRUNO, P. (2006) - *A Fortaleza de Juromenha. Contributo para o estudo e a conservação da muralha islâmica de taipa militar*. Acedido em, 6 de Janeiro de 2014, em https://www.academia.edu/3573183/A_Fortaleza_de_Juromenha._Contributo_para_o_estudo_e_a_conservacao_da_muralha_islamica_de_taipa_militar

CABALLERO ZOREDA, L. (2006) - Arqueologia de la Arquitectura: conocimiento e intervención. In *Estudios/Património*. Nº 9, p. 33 a 43.

CABALLERO ZOREDA, L. (2009) – Registo e interpretação do edificado histórico. Comunicação proferida em Coimbra a 27 de Novembro de 2009 no âmbito do Plano de formação Dryas’09 “Introdução à Arqueologia do Edificado”.

CORREIA, F. (2013) – Prevalências do período islâmico em castelos portugueses das Ordens Militares. In Isabel Fernandes (ed. cord.), *Castelos das Ordens Militares. Atas do Encontro Internacional*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural, p. 99 a 117.

COSME, J., VARANDAS, J. (2009) - *Memórias paroquiais, 1758 / introdução, transcrição e índices*. Vol. 2. Casal de Cambra: Caleidoscópico.

COSTA, A. (1869) - *Corografia portuguesa, e descripçam topografica do famoso reyno de portugal, com as notícias das fundações das cidades, villas, & lugares [...] & outras curiosas observaçoens / [...]* (2ª ed.). Braga: Typ. Domingos Gonçalves Gouvea.

DIAS, J., RODRIGUES, A., MAGALHÃES, F. (1997) - Evolução da linha de costa, em Portugal, desde o último máximo glaciário até à actualidade: síntese dos conhecimentos. In *Estudos do Quaternário*. Nº 1. Lisboa: p. 53 a 66.

DOGLIONI F., 1988, La ricerca sulle strutture edilizie tra archeologia stratigrafica e restauro architettonico, In R. FRANCOVICH, R. PARENTI (a cura di), *Archeologia e Restauro dei monumenti*. I ciclo di lezioni sulla ricerca applicata In *arqueologia*. Firenze, p. 223 a 246.

FERNANDES, José, (2005) – Fortificações históricas em Portugal, sua reabilitação no século XX (fases históricas, conceitos e critérios, exemplos e sua crítica). In *Arquitectura militar: do conhecimento histórico à sua função actual*. Angra do Heroísmo: I.A.C., p. 151 a 154.

FERRO, J. (1996) - *Alenquer Medieval (Séculos XII-XV) – Subsídios para o seu estudo. Patrimónia*. Cascais

FONTES, L., CATALÃO, S., ALVES, M. (2010) - Arqueologia da Arquitectura em Contexto Urbano: reflexões a partir de três exemplos da cidade de Braga, Portugal. In *Arqueologia de la Arquitectura*. Nº 7, p. 105 a 128.

FONTES, L., MACHADO, A. e CATALÃO, S. (2012) - Cerca velha da rua da judiaria e torre de são pedro. Alfama, Lisboa. Análise estratigráfica de alçados e interpretação da evolução arquitectónica de troço de muralha medieval. Relatório. In *Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M./Memórias*. Nº 30. Braga: Universidade do Minho Unidade de Arqueologia.

GOMES, J. (1984) - *Varia: distrito de Lisboa: Alenquer: Museu Municipal: actividades. Informação Arqueológica*. Nº 6, p.195.

GOMES, R. (2013) – *Arquiteturas, Testemunhos islâmicos em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Aga Khan Trust for Culture

HARRIS, E. (1991)- *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*. Barcelona: Editorial Critica.

HENRIQUES, G. (1902) - *Alenquer e o seu concelho*. 2ª ed.. Lisboa: A Liberal.

LEAL, A. (1873) - *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. 1. Lisboa: Mattos Moreira.

MACHADO, R. (1937) original de GOIS, D. (1554) - *Lisboa de quinhentos: descrição de Lisboa*. Lisboa: Avelar Machado.

MAÑANA BORRAZÁS, P., BLANCO ROTEÁ, R., AYÁN VILA, X. (2002) - Arqueotectura I: Bases teórico-metodológicas para una Arqueologia de la Arquitectura. In *TAPA Trabajos de Arqueoloxia e Patrimonio*. Nº 25, p. 11 a 99.

MANNONI, T. (1990) - *Archeologia dell'architettura. Notiziario di Archeologia Medievale*. Nº 54, p. 28 a 29.

MANTAS, V. (1993) - *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Dissertação de Doutoramento em Pré-história e Arqueologia Apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese policopiada.

MARQUES, A. (1986) – *História de Portugal : desde os tempos mais antigos até à presidência do sr. general Eanes*. 1º vol. 12ª ed. Lisboa: Palas Editores.

MATOS, J. (1971) - *Notícia de uma colecção de cerâmica medieval do museu hipólito cabaço de Alenquer*. Vol. II. Coimbra: Ministério da Educação Nacional. Junta Nacional da Educação. p. 571 a 576.

MELO, A. de O., GUAPO, A. R., MARTINS, J. E. (1989-1991) - *O concelho de Alenquer 1: subsídios para um roteiro de arte e etnografia*. Alenquer: Câmara Municipal.

MILETO, C., VEGAS, F. (2011) - *El anàlisis estratigràfico: una herramienta de conocimiento y conservación de la arquitectura. Arqueologia Aplicada al estudio e interpretación de edificios históricos*. Ed. Ministerio de Cultura. Madrid. Acedido em 15, Novembro, 2013, em http://digital.csic.es/bitstream/10261/35039/1/2010_ARQUEOLOGIA%20APLICADA_Blanco%20_Herramientas.pdf

MORRISS, R. (2000) - *The archaeology of buildings*. Tempus: Stroud.

MONTEIRO, J. (1999) – *Os castelos portugueses dos finais da idade média: presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Estudos Universidade de Coimbra: Fac. de Letras. Lisboa: Colibri

MONTEIRO, J. (2003) – As campanhas que fizeram a historia. In José Mattoso (ed. cord.), *Nova Historia Militar de Portugal*. Vol. 1. Lisboa: círculo de leitores, p. 245 a 287.

PAVIANI, A. (1968) - Alenquer, aspectos geográficos de uma vila portuguesa. In *Sep. Finisterra*. Nº 3. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, p. 33 a 88.

PEREIRA, M. (1970) - Hipólito Cabaço. Em Associação dos Arqueólogos Portugueses (ed). *Arqueologia e Historia*. Vol. 2, 9ª serie. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 185 a 204.

PEREIRA, E., & RODRIGUES, G. (1904) - *Portugal: dicionário histórico, chorografico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. Vol. 1. Lisboa: João Romano Torres.

QUIRÓS CASTILLO, J. (2002) - Arqueología de la Arquitectura en España. In *Arqueologia de la Arquitectura*. Nº 1, p. 27 a 38.

RAMALHO, M. (1996), A arqueologia na intervenção dos edifícios históricos ou a arqueologia da arquitectura, In *Al-Madan*. Nº 5. Almada: p. 50 a 56.

RAMALHO, M. (2002) - Arqueologia da Arquitectura: o método arqueológico aplicado ao estudo em património arquitectónico. In *Estudos/Património*. Nº 3, p. 19 a 29.

RAMALHO, M. (2006) - *Arqueologia da arquitectura e metodologias de levantamento – a tradição não pode ser o que era*. Acedido em 20, Novembro, 2013, em http://archc3d.fa.utl.pt/III_seminario/conferencias/02_MRamalho.pdf

RAMALHO, M. (2009) - *Arqueologia da Arquitectura em Portugal: ponto da situação e propostas de integração no quadro de gestão do património arquitectónico e arqueológico*. Comunicação proferida em Coimbra a 27 de Novembro de 2009 no âmbito do Plano de formação Dryas'09 "Introdução à Arqueologia do Edificado".

RIBEIRO, L. (1936) - *Alenquer. Subsídios para a sua história*. Lisboa: Silvas.

RIBEIRO, O. (1998) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: esboço de relações geográficas*. Lisboa: Sá da Costa.

RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H. & DAVEAU, S. (1987) - *Geografia de Portugal. I: a posição geográfica e o território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

RIBEIRO, O., BARROS, J. & DAVEAU, S. (1993) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: João Sá da Costa.

ROGEIRO, F. (2002) - *Alenquer desaparecida: fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni*. Arruda dos Vinhos: Arruda Ed.

ROGEIRO, F. (2005) - *Alenquer – Presépio de Portugal*. Mem Martins: Ferraz & Azevedo, Lda.

SANTOS, R. (2010) - *Arqueologia da Arquitectura*. Perspectivas metodológicas. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade do Algarve. Faro.

SANTOS, R. (2013) - Arqueologia da Arquitectura. Conceito e metodologia. In *Revista PARC*. Nº 4, vol. 3, p. 1 a 10. Acedido em 6, dezembro, 2013, em <http://revistaparc.fec.unicamp.br/concrete5/files/5313/7133/8077/PARCv3n4.pdf>

SELVAGEM, C. (1999) - *Portugal militar: compêndio de história militar e naval de Portugal: desde as origens do estado portugalense até ao fim da dinastia de Bragança*. Lisboa: Imp. Nac.-Casa da Moeda.

SOARES, F. (1941) - *A Vila de Alenquer – Ensaio Historiográfico*. Lisboa: Tip. Couto Martins.

SOUZA, F. (1923) – *O terremoto de 1.º de Novembro de 1755 e Um estudo demográfico*. Vol. III. Lisboa.

TABALES RODRÍGUEZ, M. (2002a) - *Sistema de análisis arqueológico de edificios históricos*. (Ed. rev.) Sevilla: Universidad de Sevilla Secretariado de Publicaciones.

TABALES RODRÍGUEZ, M. (2002b) – *Arqueologia y rehabilitación en Sevilla. Desarrollo metodológico y práctico*. *Arqueologia de la arquitectura*. Nº 1. P. 193-206.

TABALES RODRÍGUEZ, M. (2011) - *La investigación arqueológica en edificios históricos. Arqueologia Aplicada al estudio e interpretación de edificios históricos*. Ed. Ministério de Cultura. Madrid. Acedido em 15, Novembro, 2013, em http://digital.csic.es/bitstream/10261/35039/1/2010_ARQUEOLOGIA%20APLICADA_Blanco%20_Herramientas.pdf

TEIXEIRA, L. (1985) - *Dicionário ilustrado de belas-artes*. Lisboa: Presença.

TORRES, C., MACIAS, S. (1998) - *O legado islâmico em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.

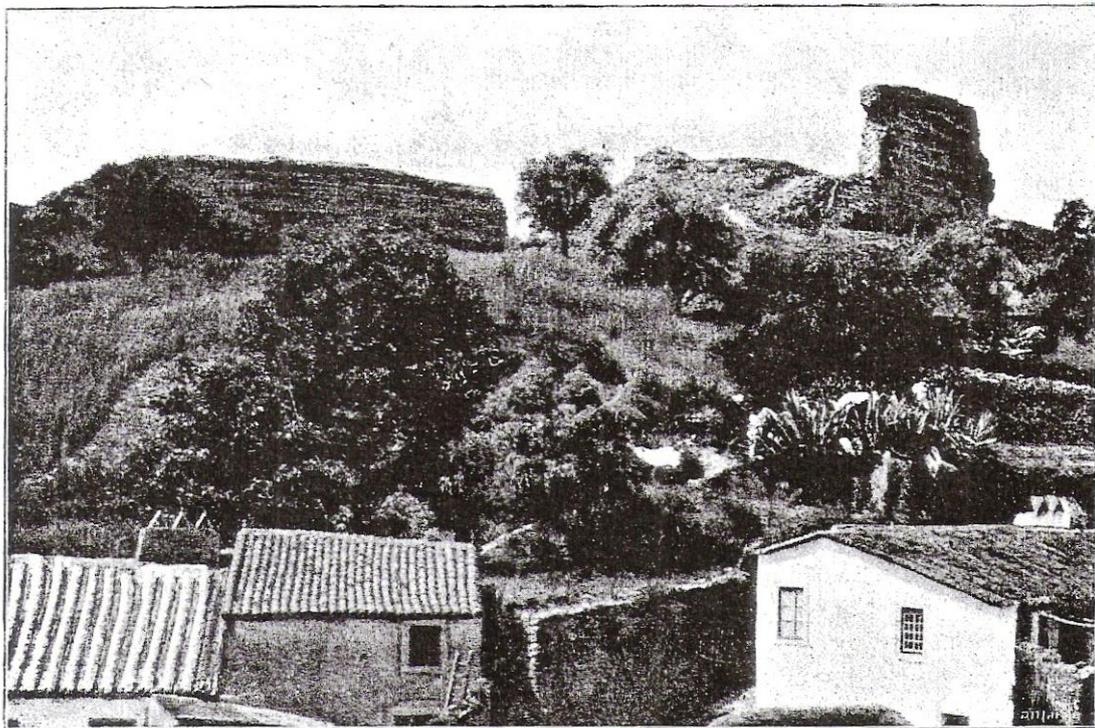
ANEXOS

Índice

ANEXO I.....	5
Imagens e plantas antigas do castelo	5
ANEXO II.....	11
Documentação fotográfica.....	11
ANEXO III.....	53
Documentação gráfica	53
Anexo IV.....	79
Fichas de Unidade Muraria	79
4.1 - Troço de Muralha 1.....	81
4.2 - Torre I.....	111
4.3 - Troço de Muralha 2.....	125
4.4 - Torre II.....	164
4.5 - Troço de Muralha 3.....	184
4.6- Torre III.....	206
4.7 - Troço de Muralha 4.....	240
4.8 - Torre V.....	260
4.9 - Torre IV.....	282
ANEXO V	299
Relações estratigráficas	299

ANEXO I

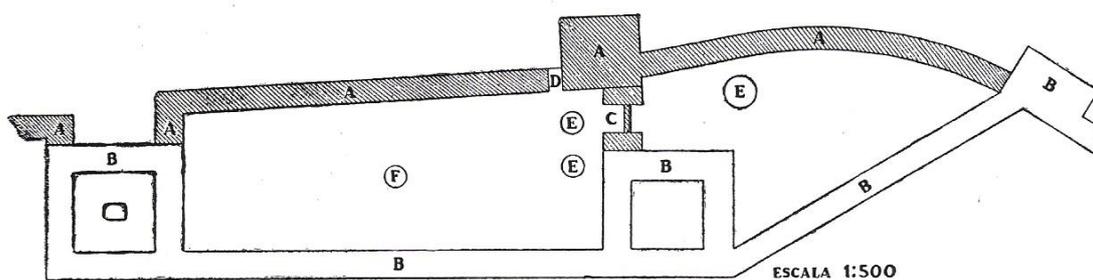
Imagens e plantas antigas do castelo



O CASTELLO (RESTOS DA TORRE DE MENAGEM)

Figura 1 – Torre de menagem nos finais do século XIX (HENRIQUES, 1902: 33).

PLANTA DO CASTELO DE ALENQUER
 Parte da Alcaçova de construção Fernandina



A — Muralha e torre Fernandinas. B — Muralha e torres Prê-Fernandinas
C — Porta da Entrada. D — Porta da Traição
E — Silos. F — Cisterna

Figura 2 – Planta da alcáçova de Alenquer (RIBEIRO, 1936: 65).

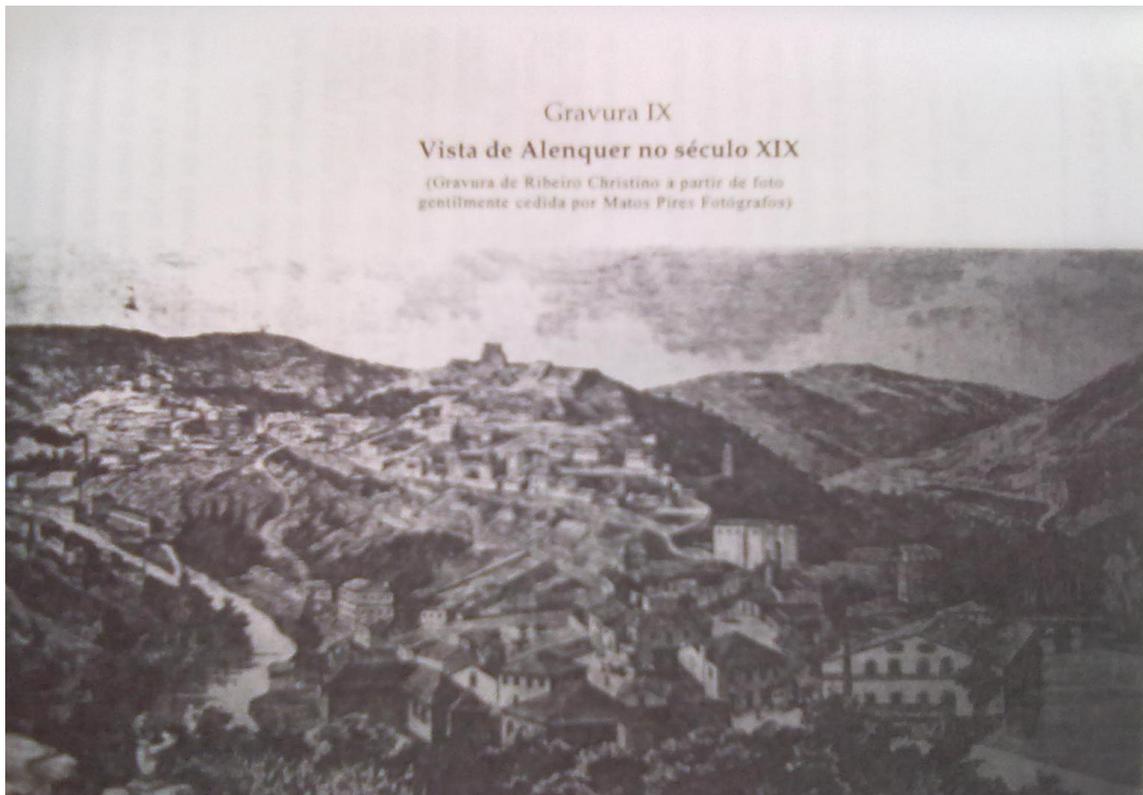


Figura 3 – Vista de Alenquer no século XIX (FERRO, 1996: 72).

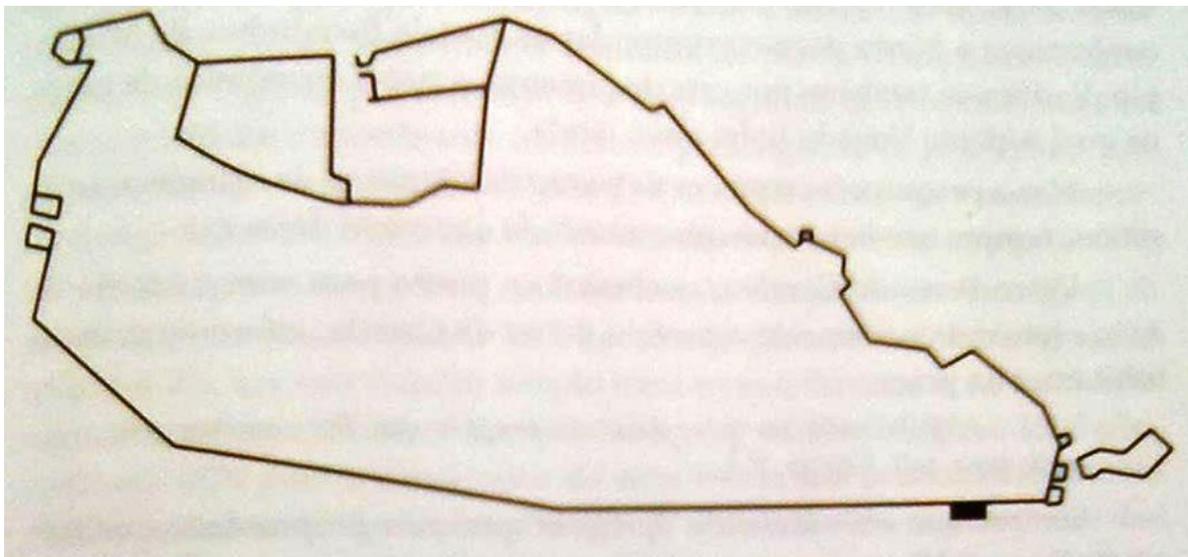


Figura 4 - Planta do castelo de Alenquer (FERRO, 1996: 51).



Figura 5 – Imagem do alto do castelo (ROGEIRO, 2002: 85)

ANEXO II

Documentação fotográfica

SIPAFOTO.00764987



Figura 1 – Troço de muralha 3 e torre II.

SIPAFOTO.00764991



Figura 2 – Troço de muralha 4



Figura 3 – Torre III



Figura 4 – Troço de muralha 3



Figura 5 - Troço de muralha 3



Figura 6 - Troço de muralha 4



Figura 7 - Troço de muralha 4



Figura 8 - Troço de muralha 3 e torre II



Figura 9 - Troço de muralha 3



Figura 10 - Troço de muralha 3



Figura 11 - Troço de muralha 3



Figura 12 - Troço de muralha 4



Figura 13 - Troço de muralha 4



Figura 14 – Torre V



Figura 15 - Troço de muralha 4



Figura 16 - Troço de muralha 4



Figura 17 - Troço de muralha 4



Figura 18 – Torre II



Figura 19 – Torre III



Figura 20 – Torre V



Figura 21 – Embasamento escalonado do TM1, vista de Sul.



Figura 22 – Embasamento escalonado do TM1, vista de Norte



Figura 23 – Troço de muralha 1.



Figura 24 – Troço de muralha 1.



Figura 25 – Troço de muralha 1.



Figura 26 –Área destruída do troço de muralha 1.



Figura 27 – Cunhal do troço de muralha 2.



Figura 28 – Cunhal do troço de muralha 2.



Figura 29 – Cunhal do troço de muralha 2.



Figura 30 – Porta do troço de muralha 2.



Figura 31 – Porta do troço de muralha 2.



Figura 32 – Porta do troço de muralha 2



Figura 33 – Troço de muralha 3, vista do limite Sul

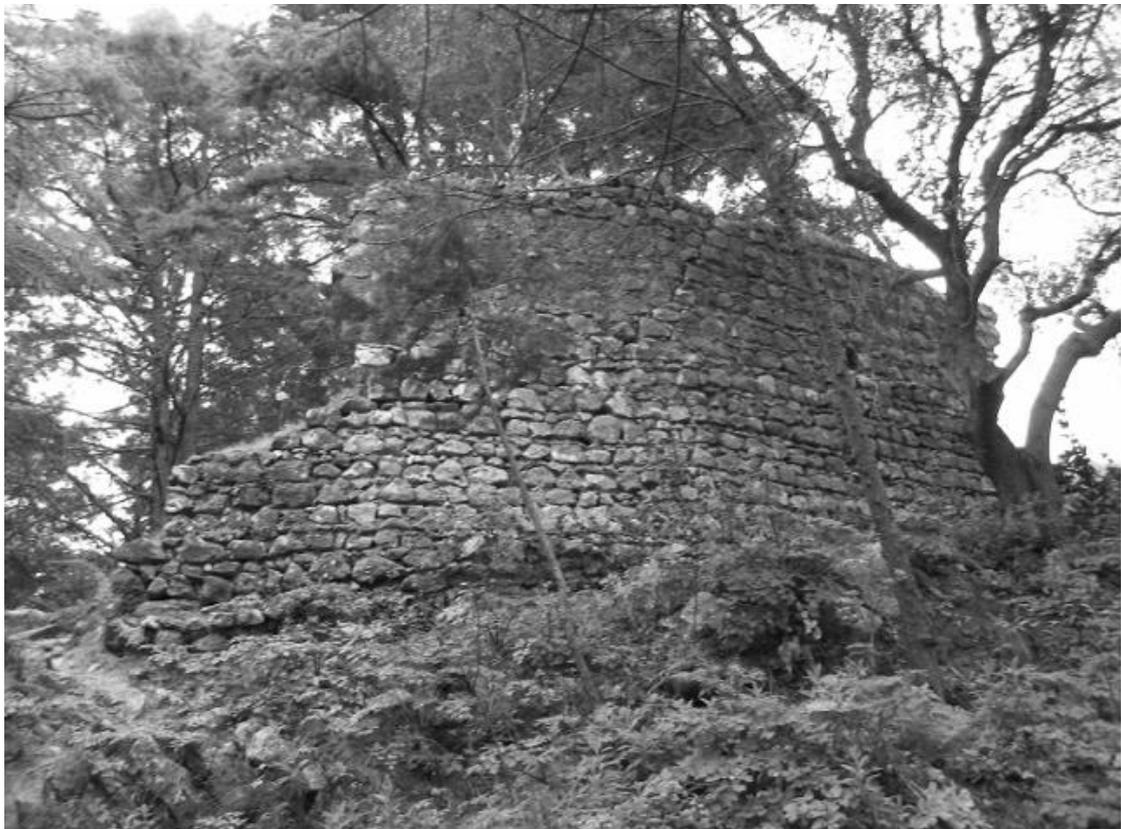


Figura 34 – Troço de muralha 3.



Figura 35 – Troço de muralha 3.



Figura 36 – Troço de muralha 3.



Figura 37 – Troço de muralha 3, vista do limite Norte.



Figura 38 – Troço de muralha 3.



Figura 39 – Adossamento da TIII (à esquerda) com o TM 3.



Figura 40 – Embasamento escalonado do troço de muralha 3.



Figura 41 – Limite Norte do TM3, com a TIII.



Figura 42 – Conexão do TM4 com a TIII.



Figura 43 – Reconstrução do TM 4. Vestígios da u.e.m. [705], sob a u.e.m. [707].



Figura 44 – Pormenor dos vestígios da u.e.m. [705]

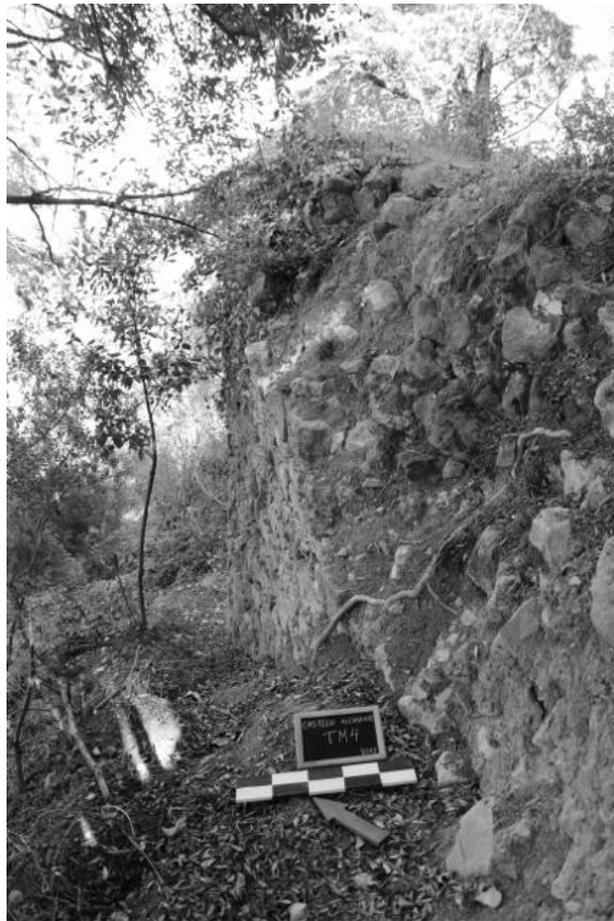


Figura 45 – Troço de muralha 4



Figura 46 – Seteira do troço de muralha 4



Figura 47 – Seteira do troço de muralha 4, vista interior.



Figura 48 – Seteira do troço de muralha 4, vista interior.



Figura 49 – Seteira do troço de muralha 4, vista interior.



Figura 50 – Adossamento do TM2 (à esquerda) à TI.



Figura 51 – Vista de Este, da situação da torre I.



Figura 52 – Adossamento do TM2 ao canto Noroeste da TI.



Figura 53 – Pormenor do adossamento do TM2 ao canto Noroeste da TI.



Figura 54 – Pormenor do adossamento da TII com o TM2



Figura 55 – Pormenor do alambor



Figura 56 – Adossamento do alambor com o TM3



Figura 57 – Relação entre estruturas da torre II.

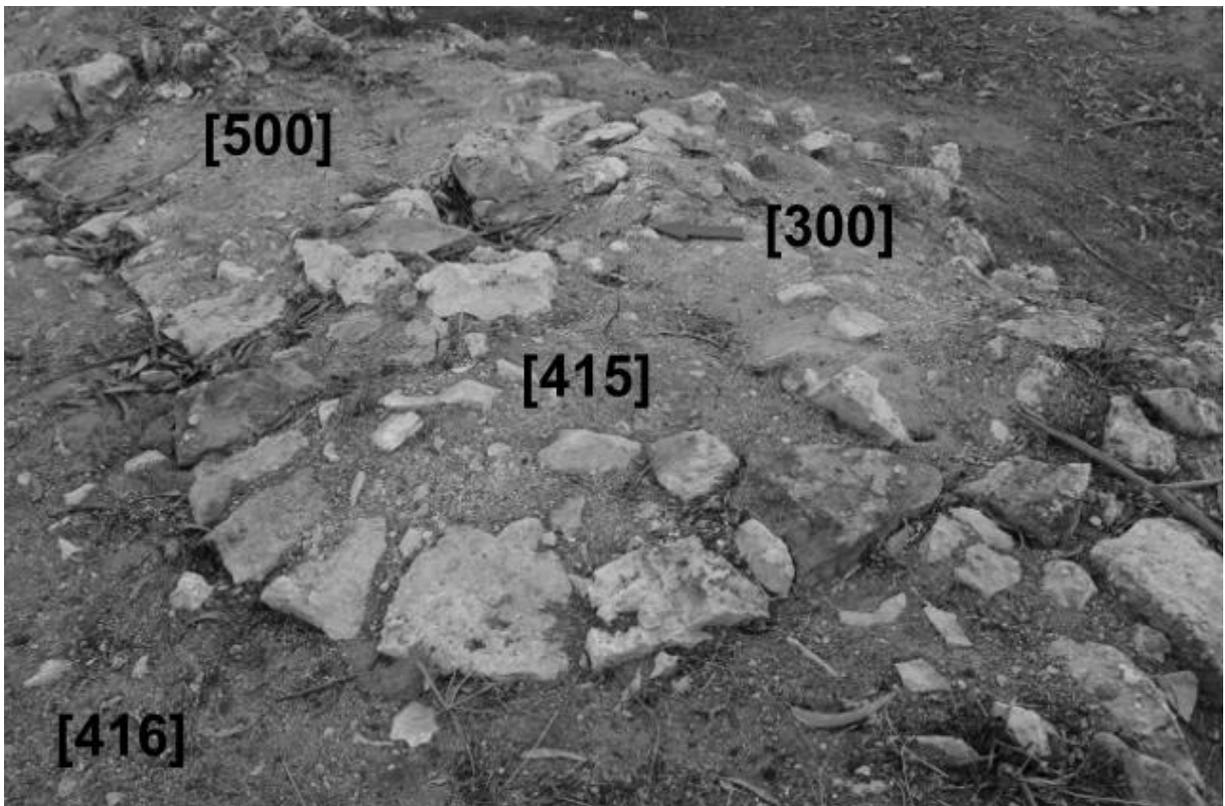


Figura 58 – Relação entre a TII, o TM2 e o TM3

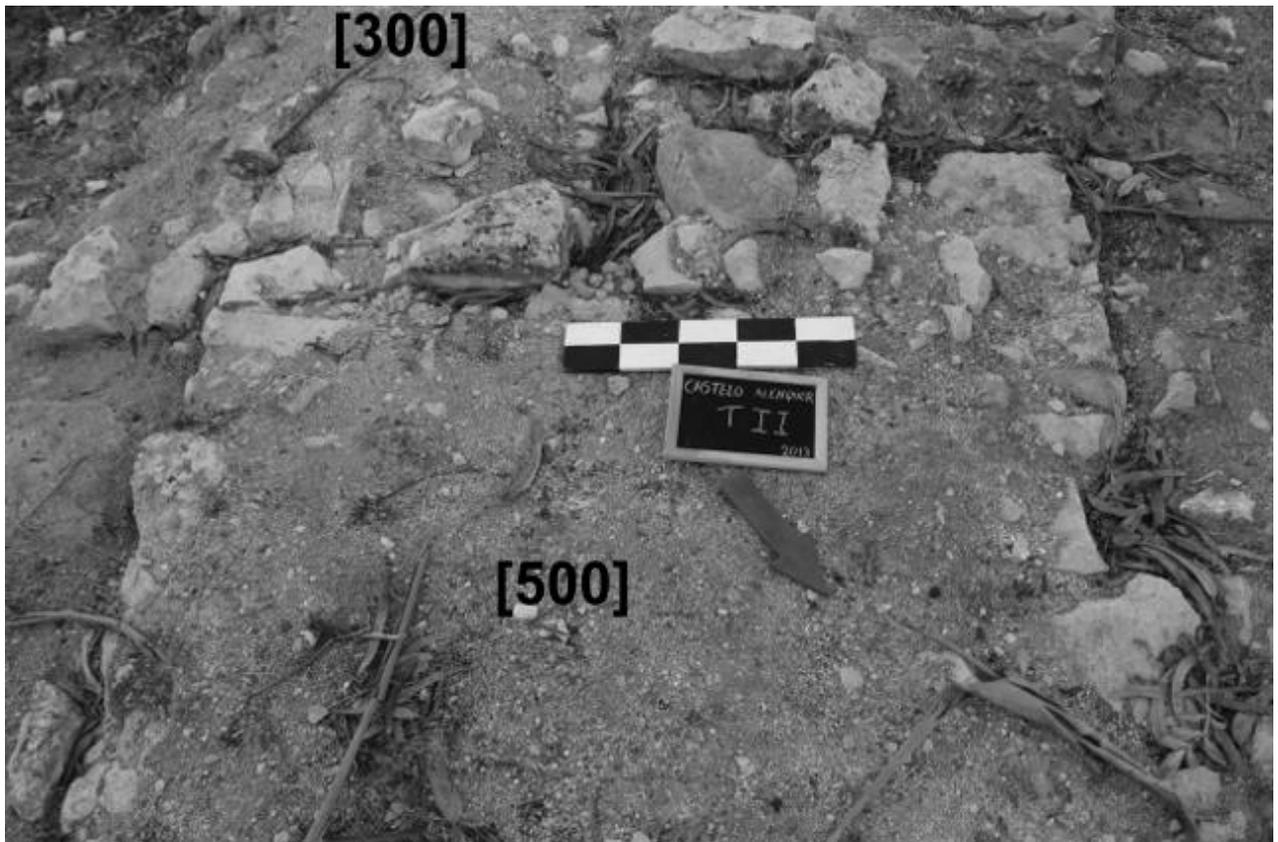


Figura 59 – Adossamento do TM3 com o TM2



Figura 60 – Pormenor do fecho circular, u.e.m. [415]



Figura 61 – Relação entre a TII, o TM2 e o TM3



Figura 62 – Fecho circular, u.e.m. [415] em primeiro plano, e a torre IV em segundo plano.



Figura 63 – Vista de Norte da torre III

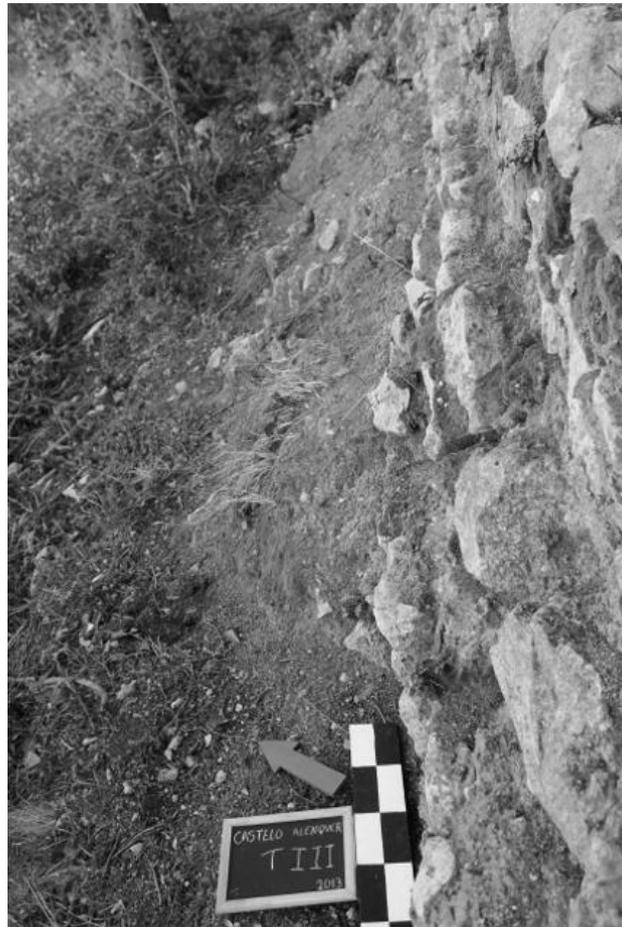


Figura 64 – Embasamento da torre III



Figura 65 – Conexão do TM4 com a TIII



Figura 66 – Paramento Norte da torre IV



Figura 67 – Paramento Norte da torre IV



Figura 68 – Pormenor da uem [904] e [905]



Figura 69 – Paramento Sul da torre IV



Figura 70 – Destruição do paramento Este da torre IV



Figura 71 – Área entre a torre IV e a torre II (à esquerda).



Figura 72 – Canto (Sudoeste) interior da torre IV.



Figura 73 – Vista de Sudoeste da torre IV



Figura 74 – Adossamento entre a TV e o TM4



Figura 75 – Vista interior do adossamento entre a TV e o TM4



Figura 76 – Vista Sul da torre V



Figura 77 – Adossamento entre a TV e o TM4



Figura 78 – Vestígios da porta da torre V



Figura 79 – Vista de Norte da estação elevatória de água.



Figura 80 – Torre do castelo de Tavira com taipa no interior, com reforço em pedra.

ANEXO III

Documentação gráfica

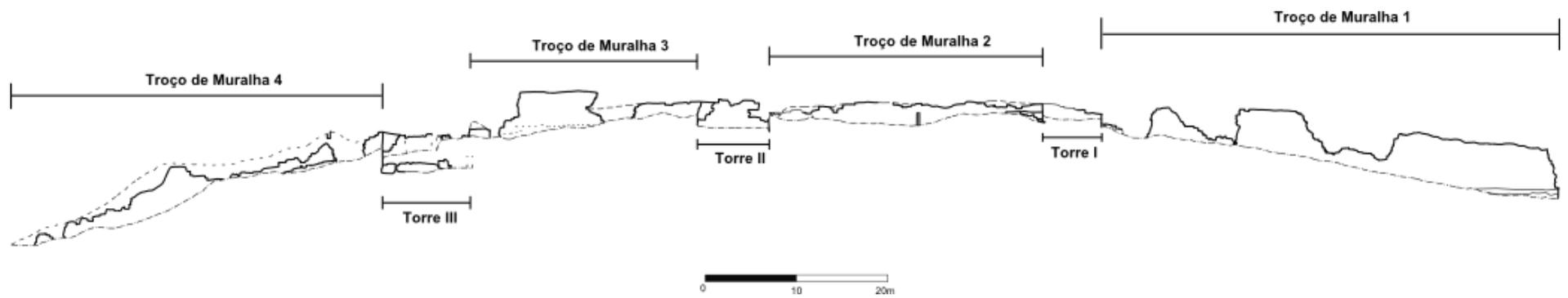


Figura 1 – Alçado completo da face exterior do castelo

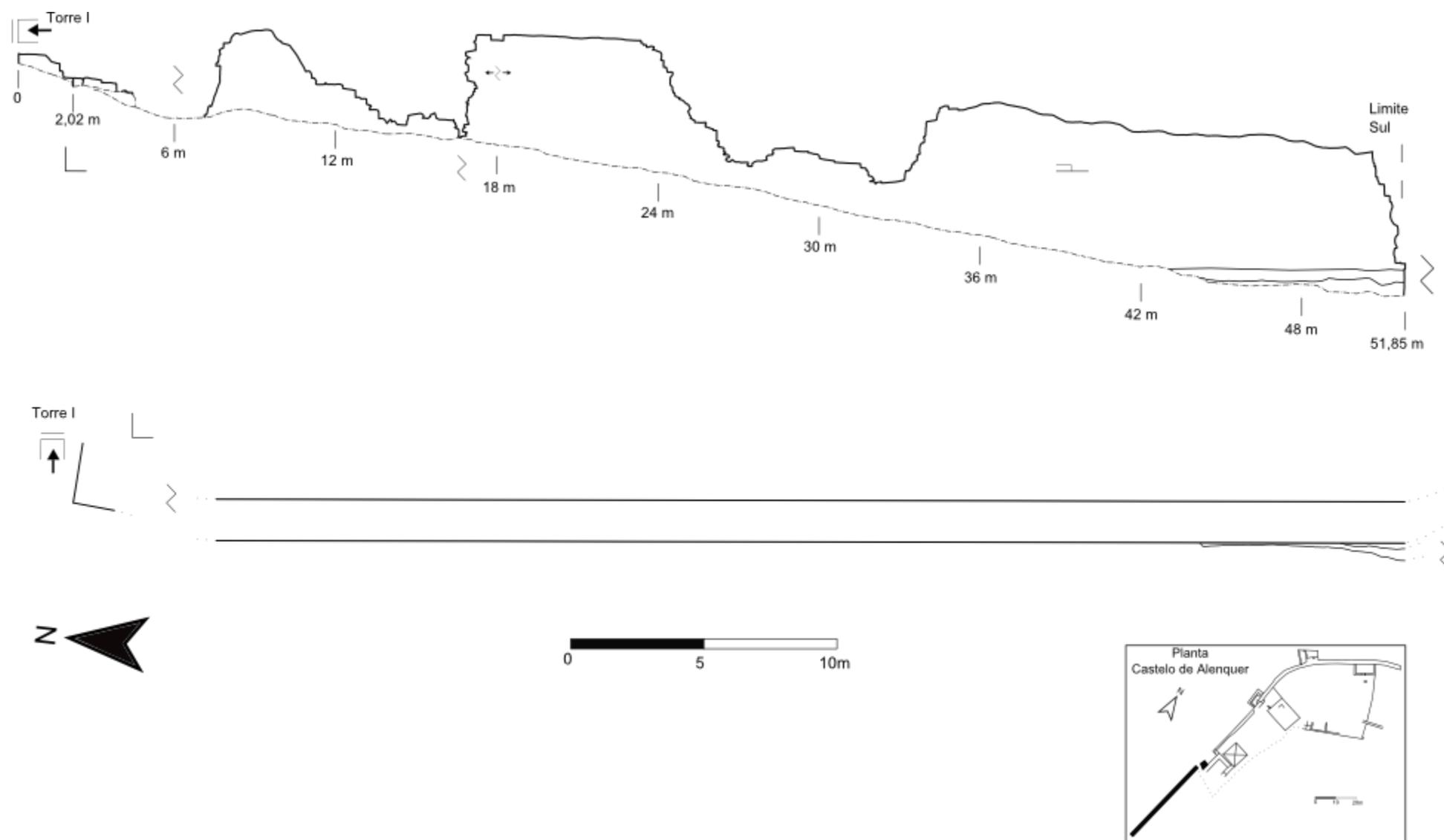


Figura 2 – Alçado exterior e planta do troço de muralha 1

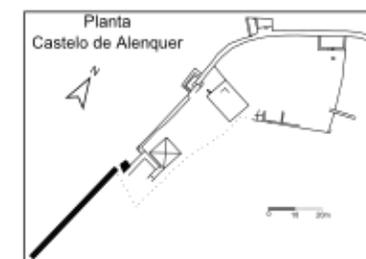
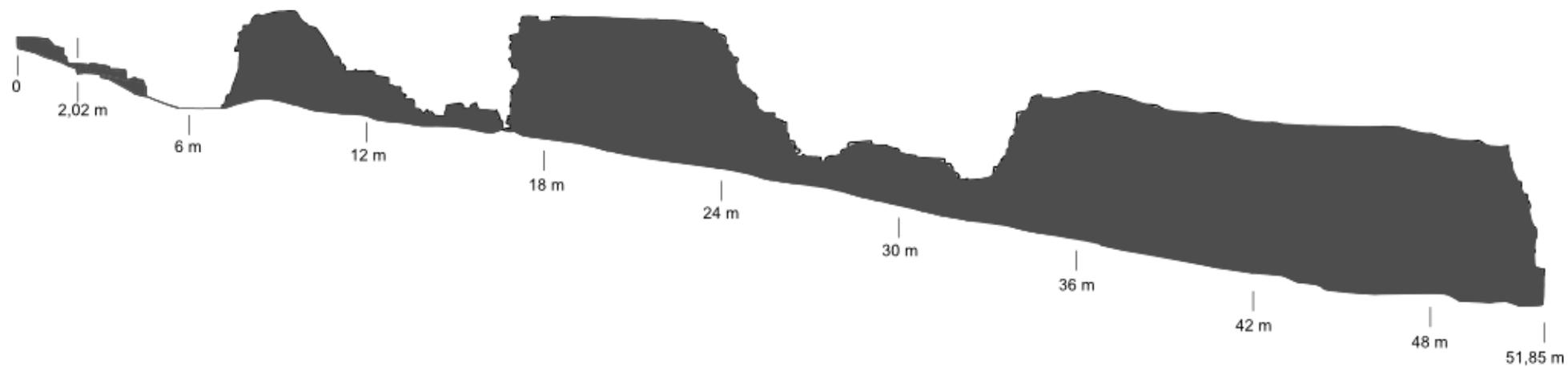


Figura 3 – Alçado exterior do troço de muralha 1 com a representação das fases.

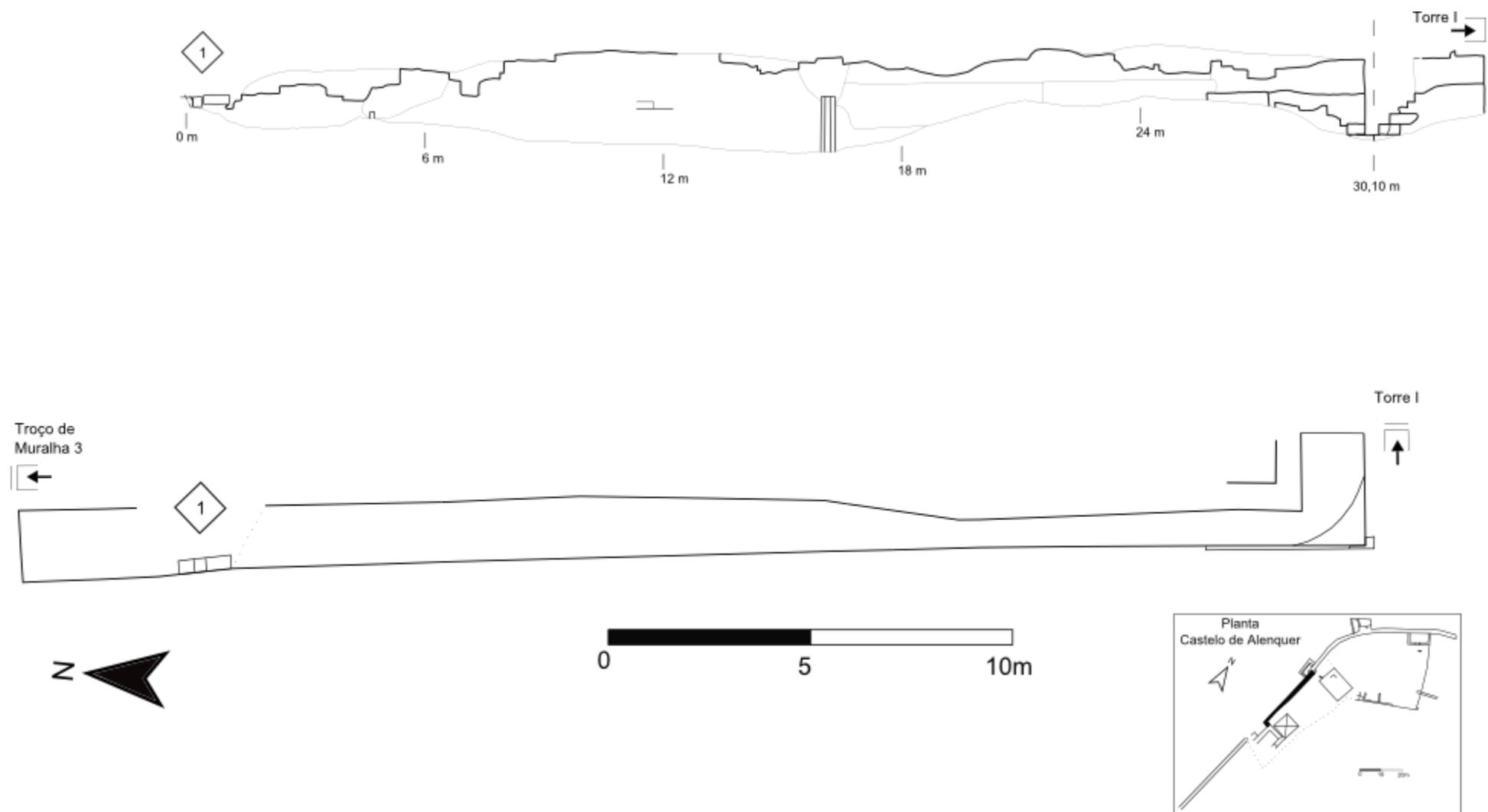


Figura 4 – Alçado exterior e planta do troço de muralha 2

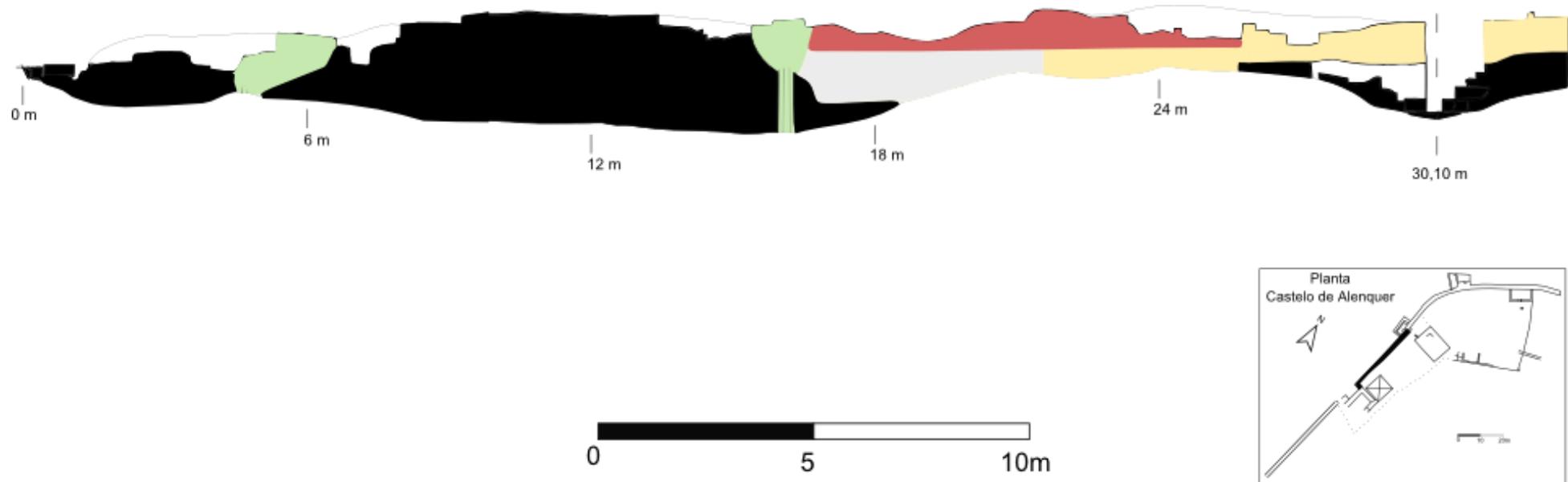


Figura 5 – Alçado exterior do troço de muralha 2 com a representação das fases.

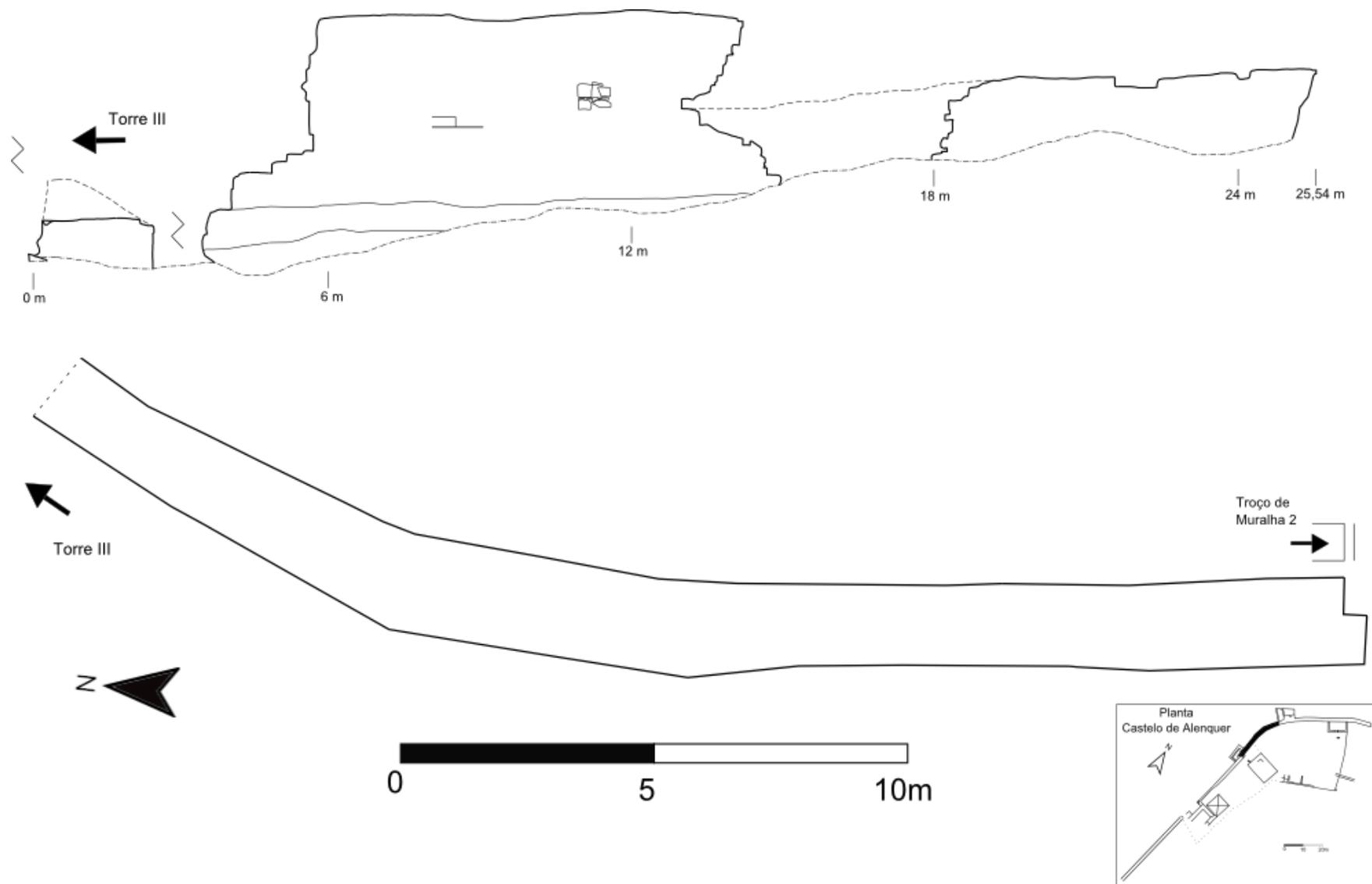


Figura 6 – Alçado exterior e planta do troço de muralha 3

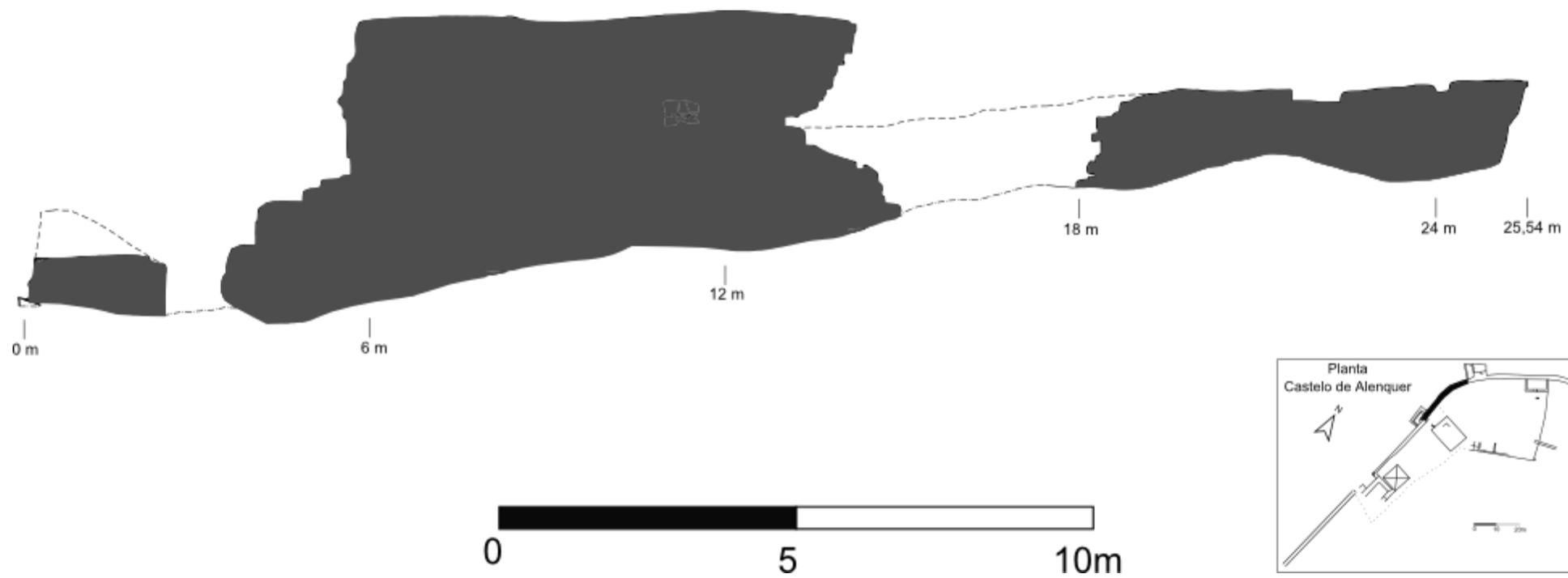


Figura 7 – Alçado exterior do troço de muralha 3 com a representação das fases.

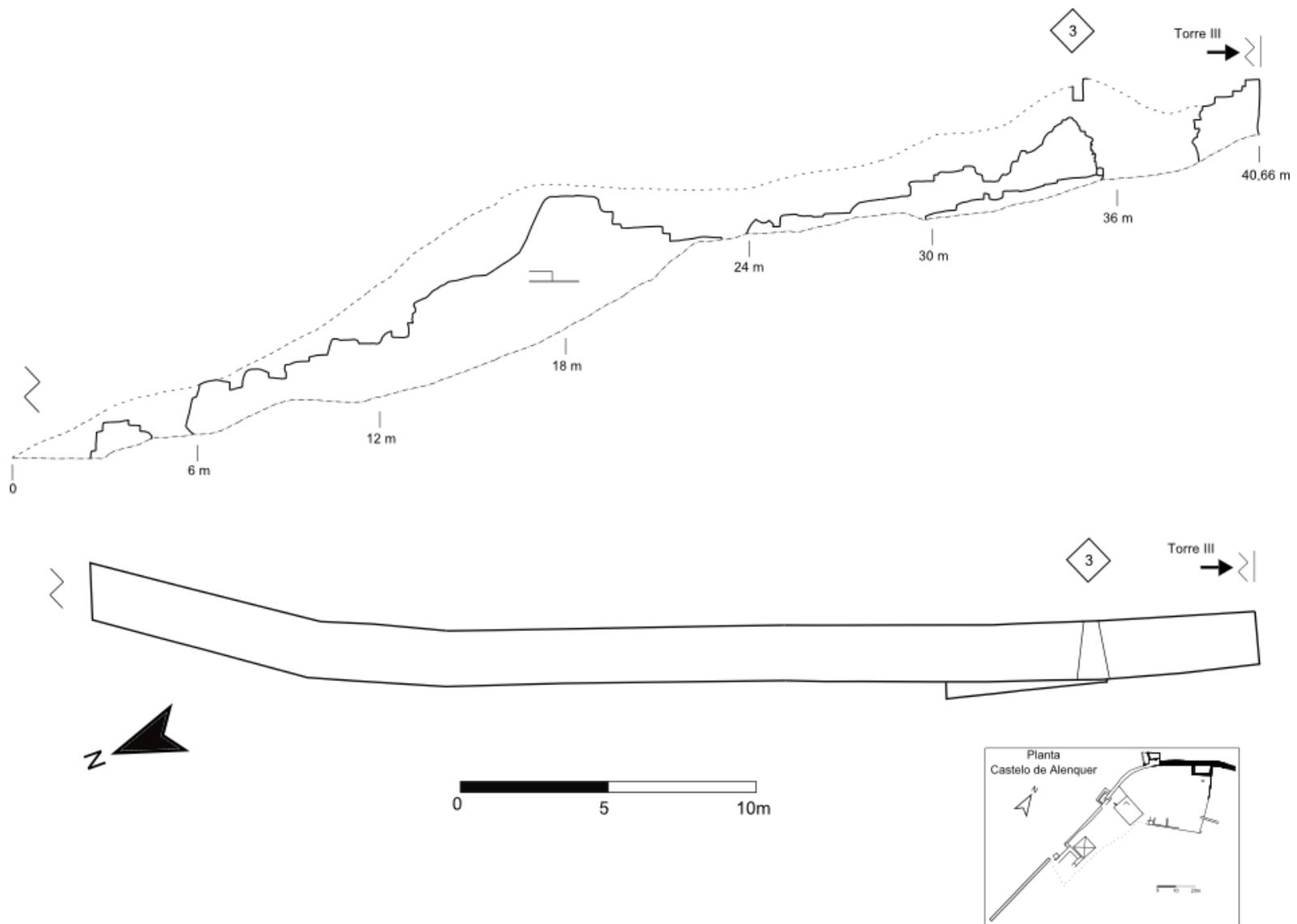


Figura 8 – Alçado exterior e planta do troço de muralha 4

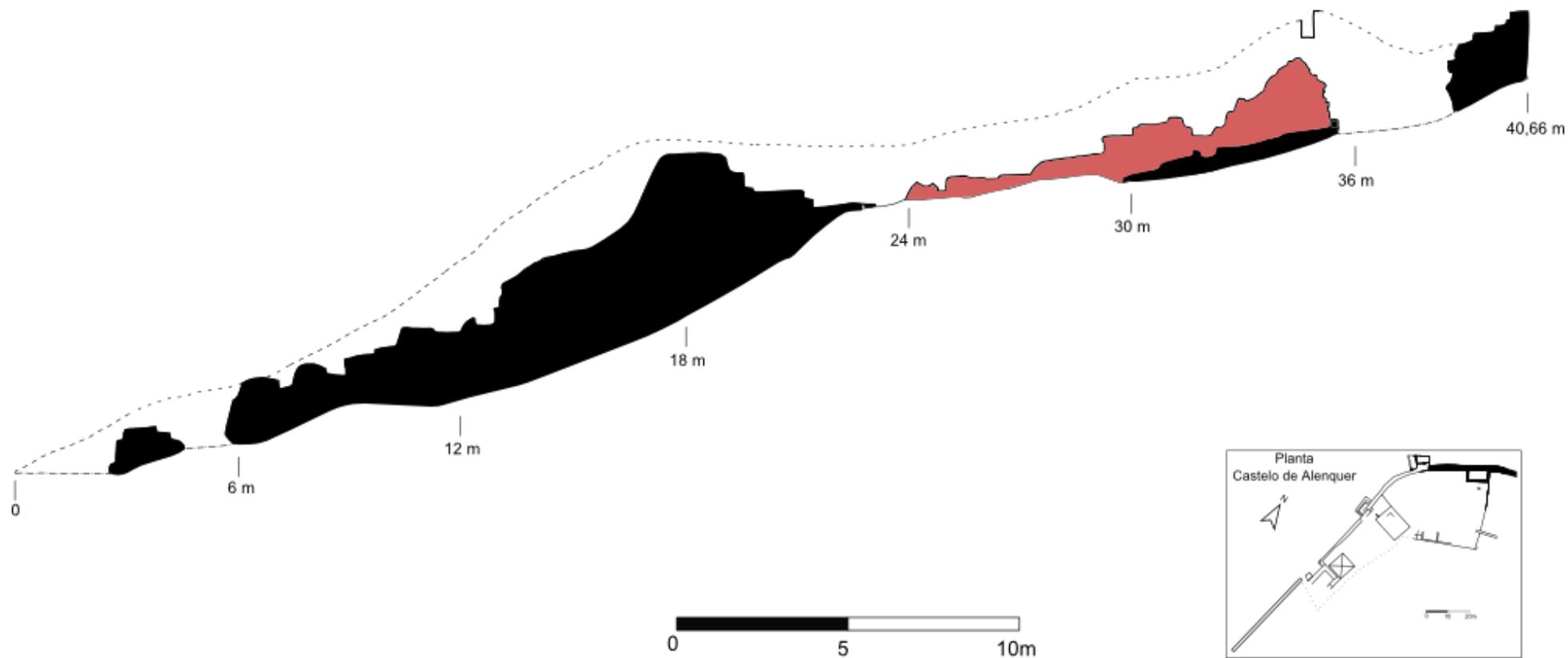


Figura 9 – Alçado exterior do troço de muralha 4 com a representação das fases.

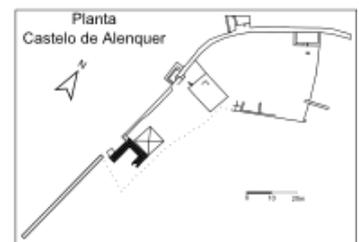
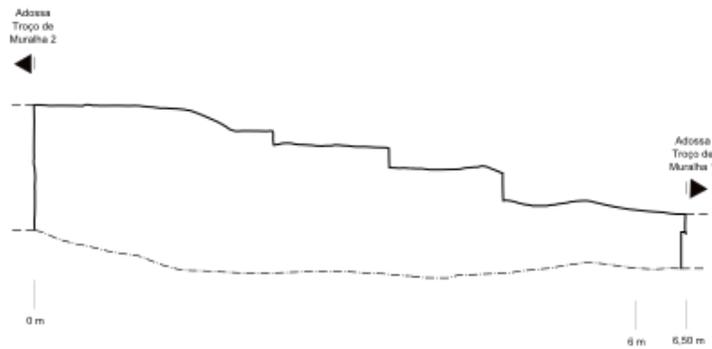
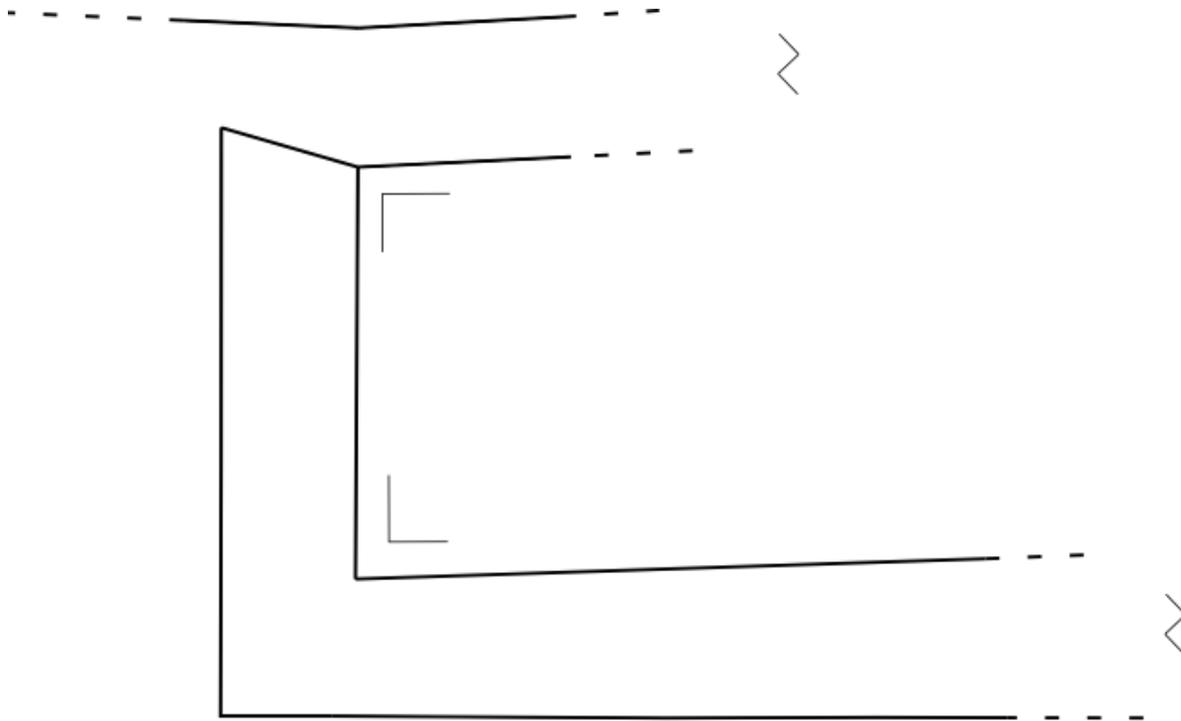


Figura 10 – Planta e alçado exterior Oeste da torre I

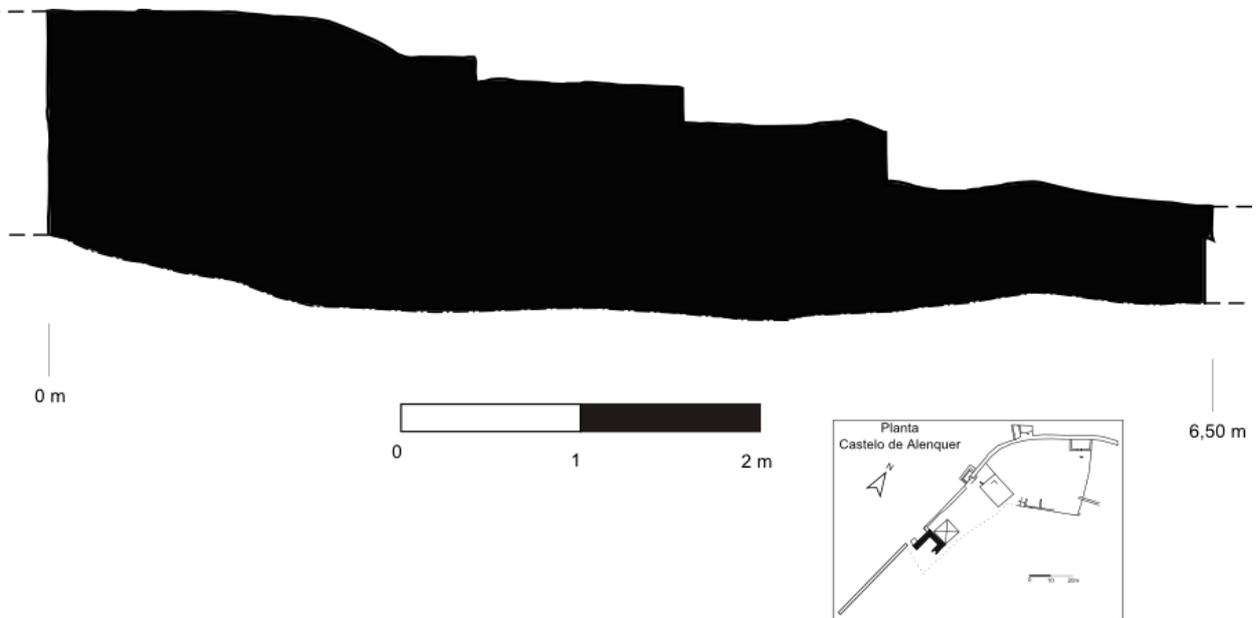


Figura 11 – Alçado exterior Oeste da torre I com a representação das fases.

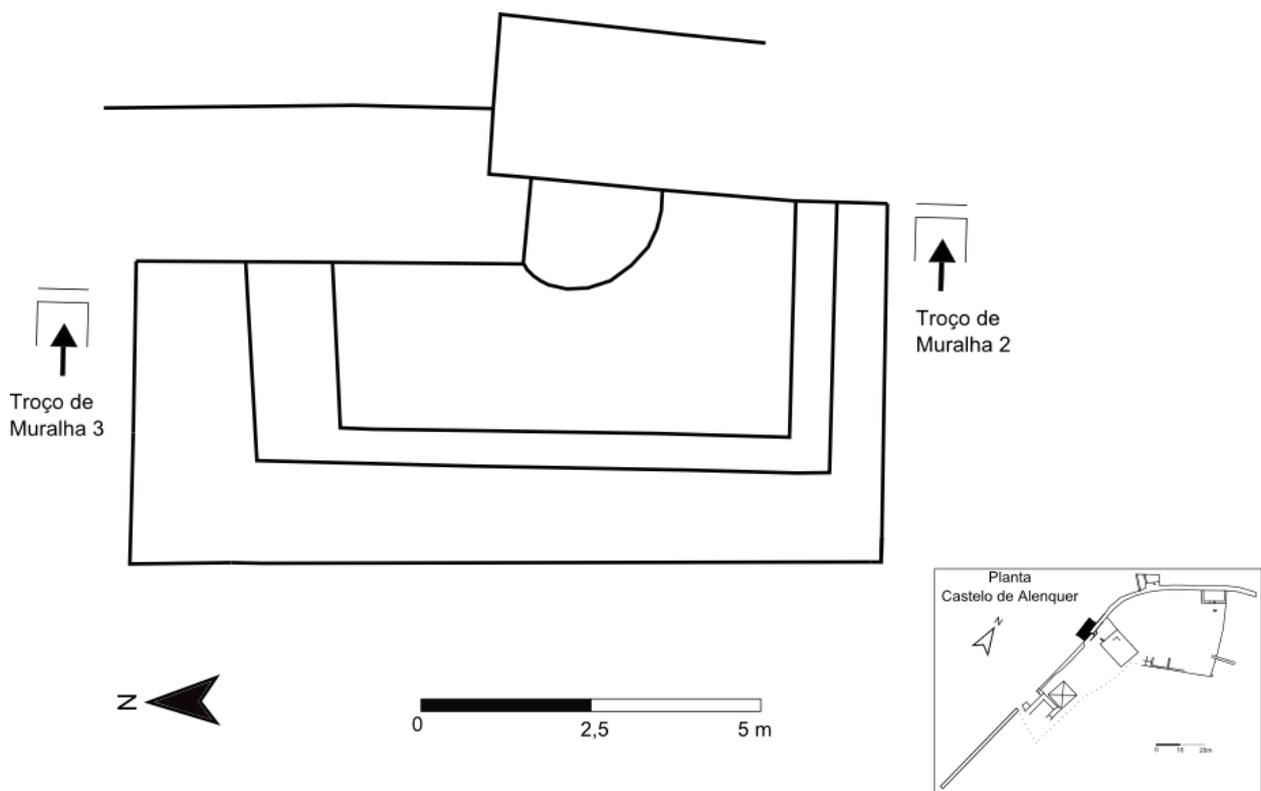


Figura 12 –Planta da torre II

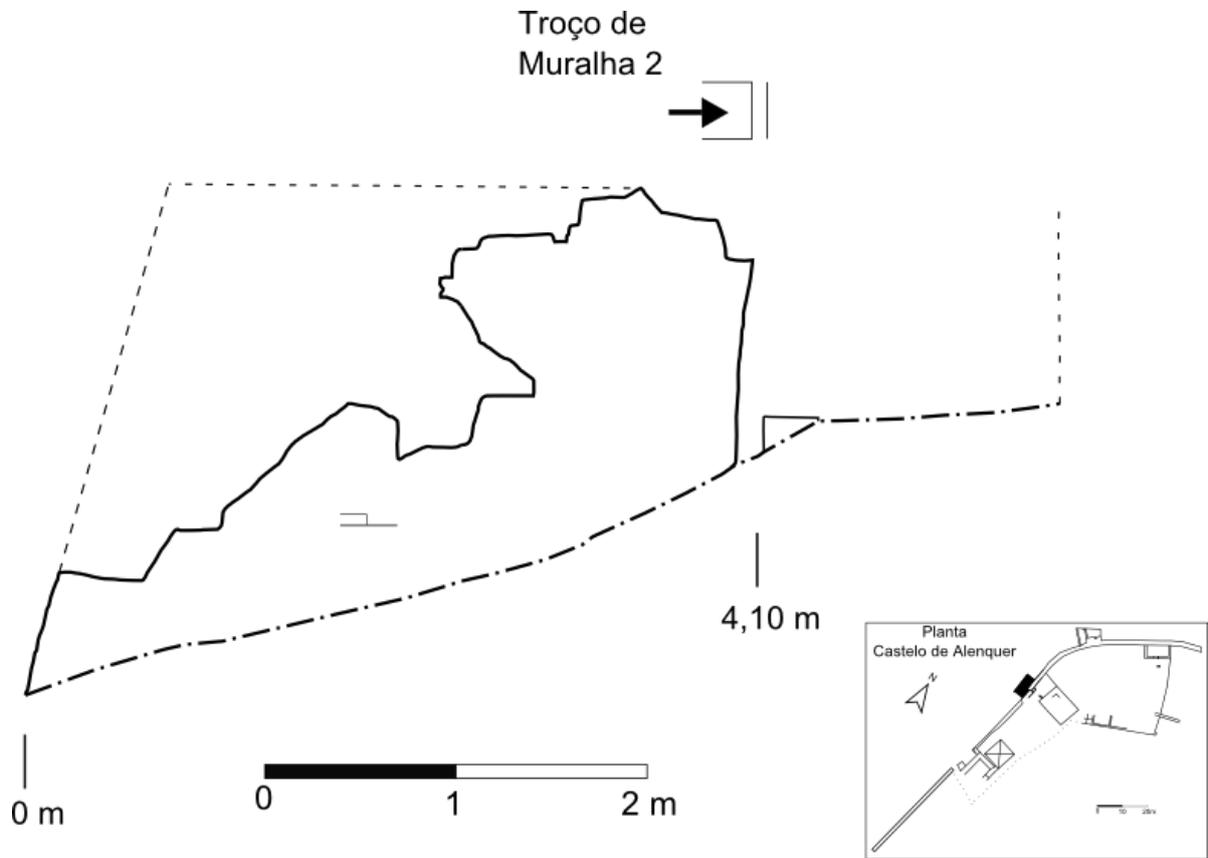


Figura 13 – Alçado exterior Sul da torre II

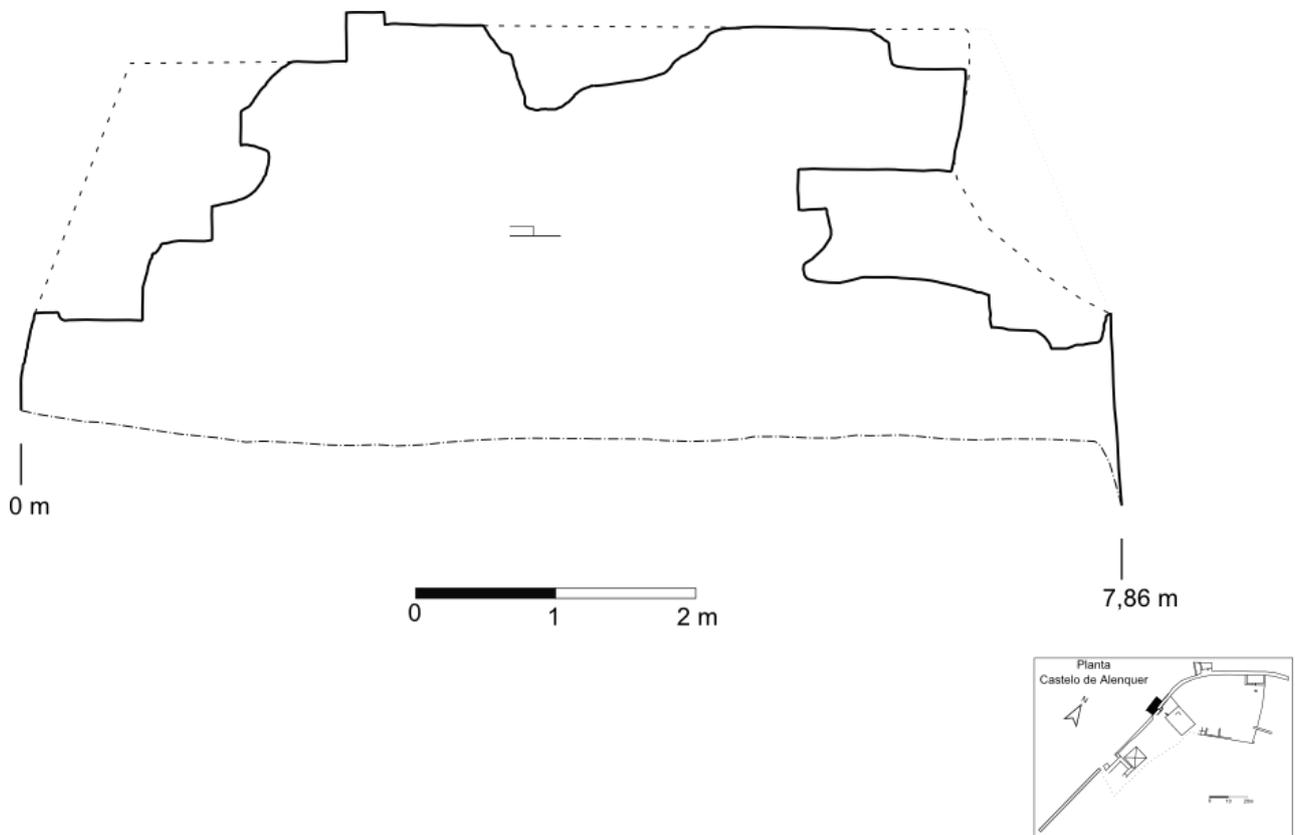


Figura 14 – Alçado exterior Oeste da torre II

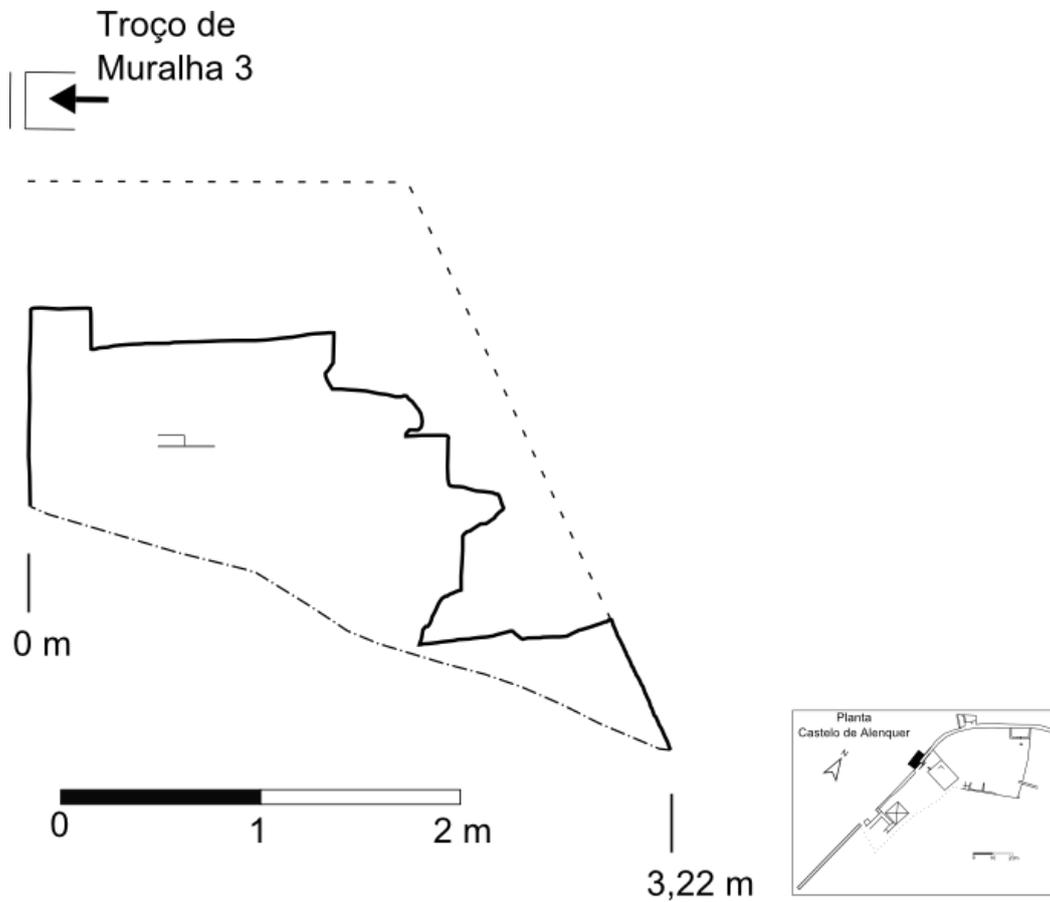


Figura 15 – Alçado exterior Norte da torre II

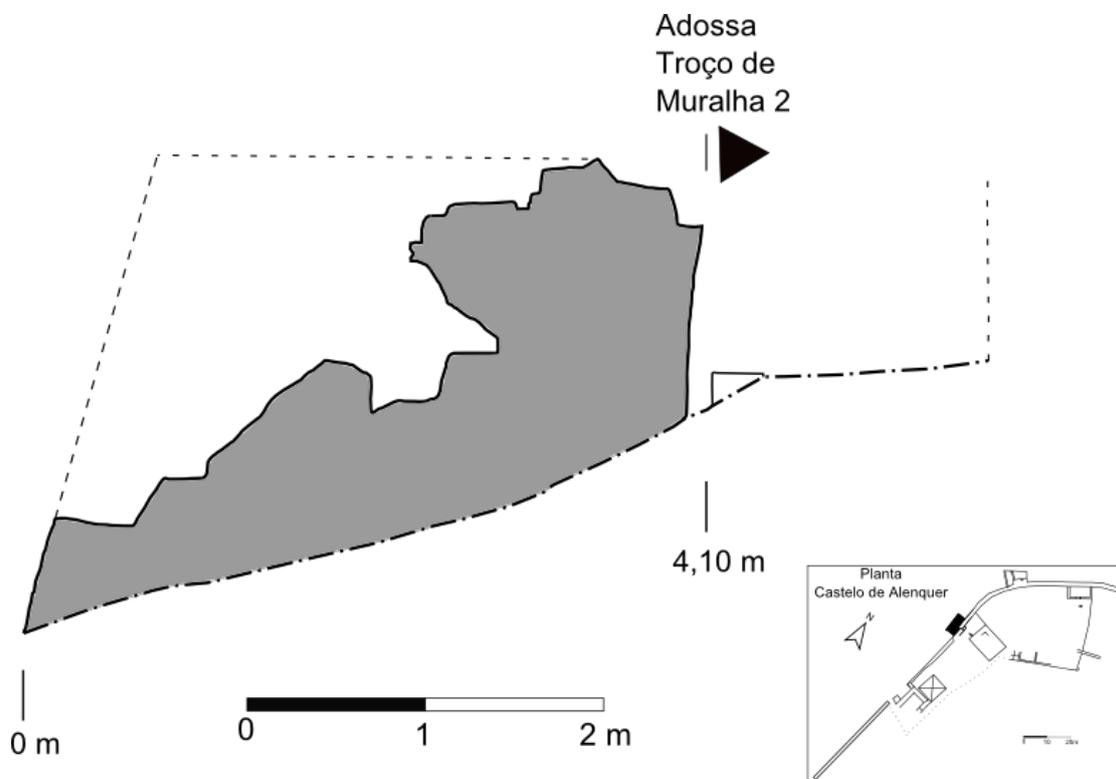


Figura 16 – Alçado exterior Sul da torre II com a representação das fases.

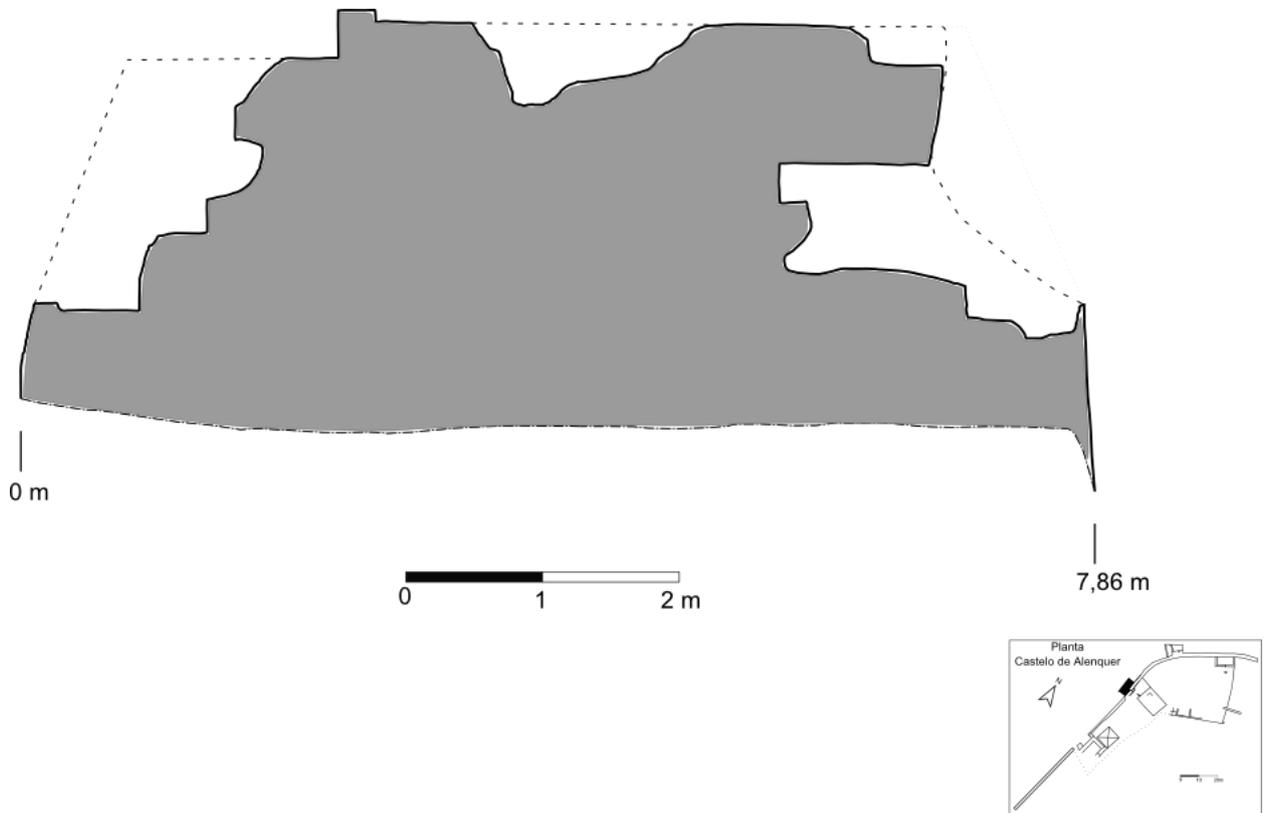


Figura 17 – Alçado exterior Oeste da torre II com a representação das fases.

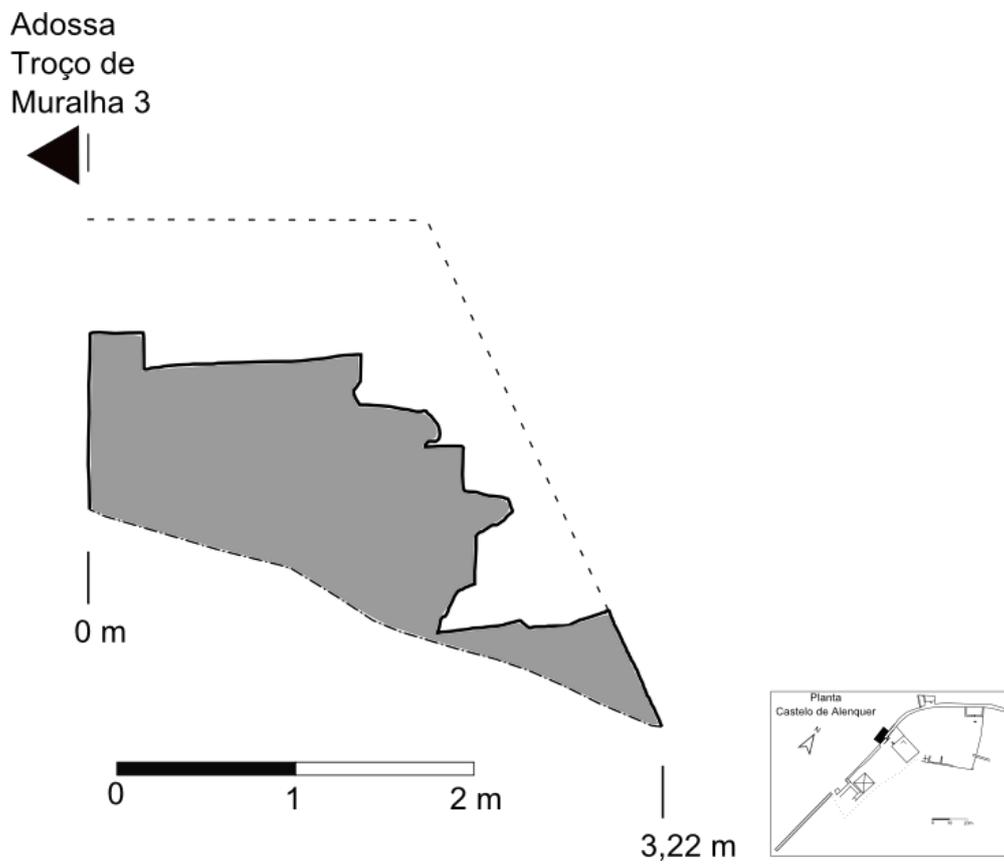


Figura 18 – Alçado exterior Norte da torre II com a representação das fases.

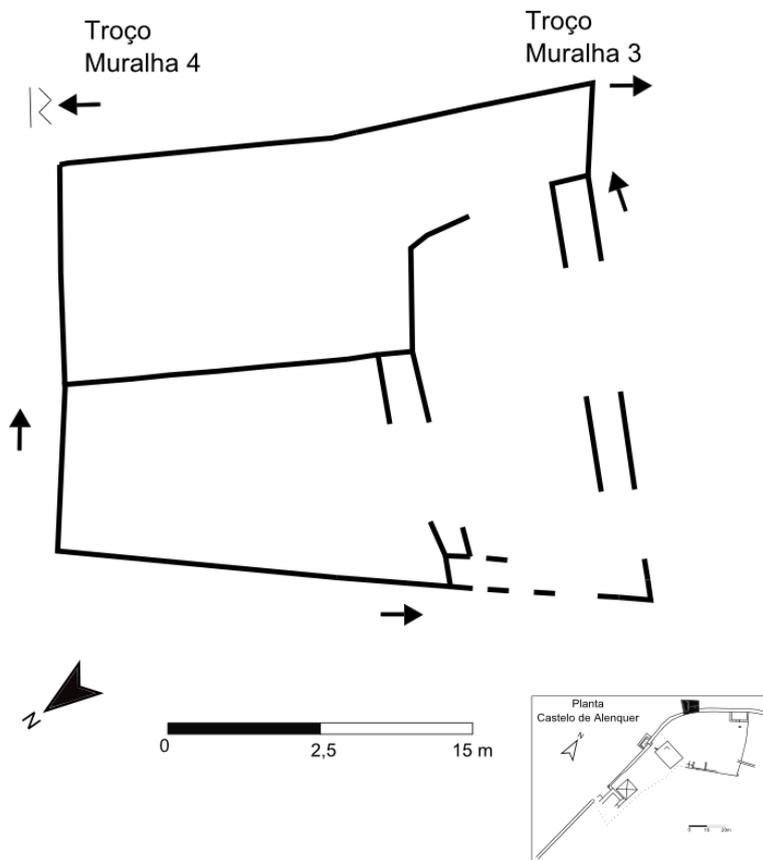


Figura 19 – Planta da torre III

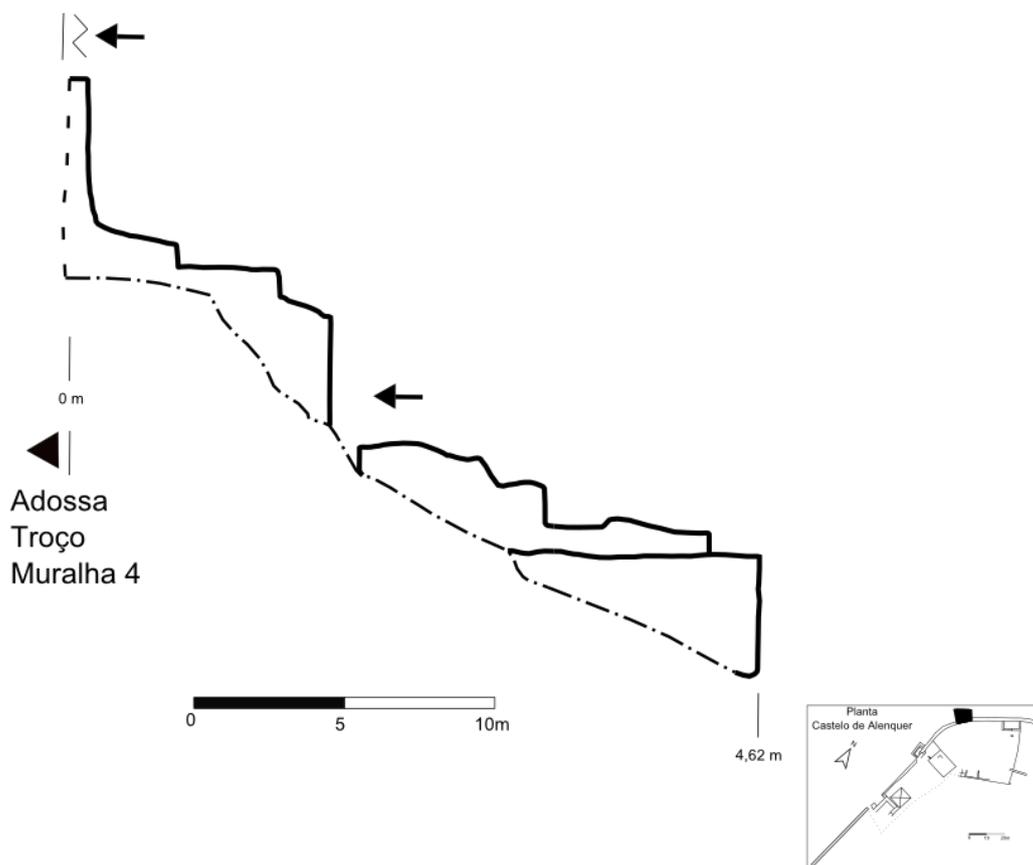


Figura 20 – Alçado exterior Nordeste, Inferior e Superior, da torre III

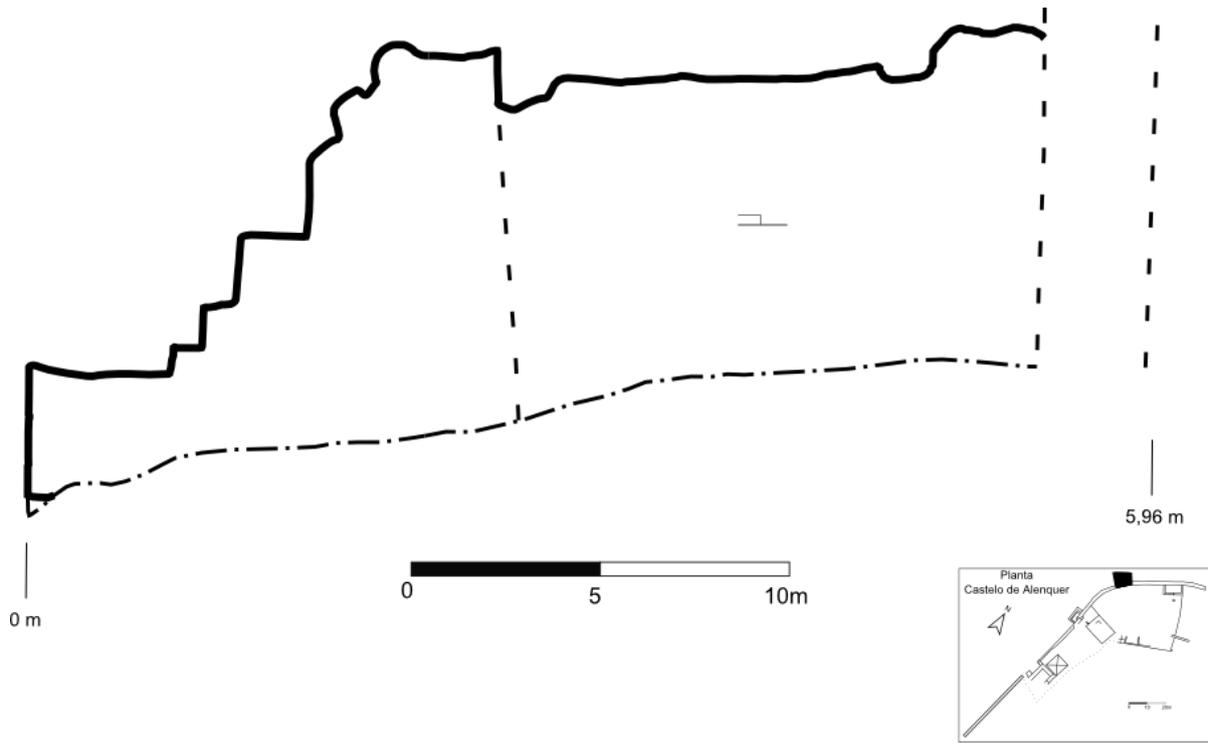


Figura 21 – Alçado exterior Noroeste Superior da torre III

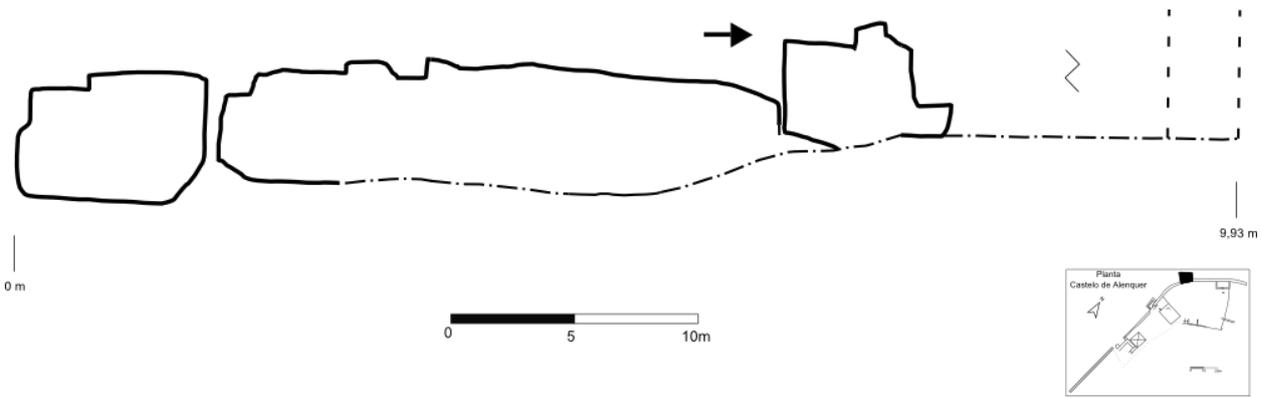


Figura 22 – Alçado exterior Noroeste Inferior da torre III

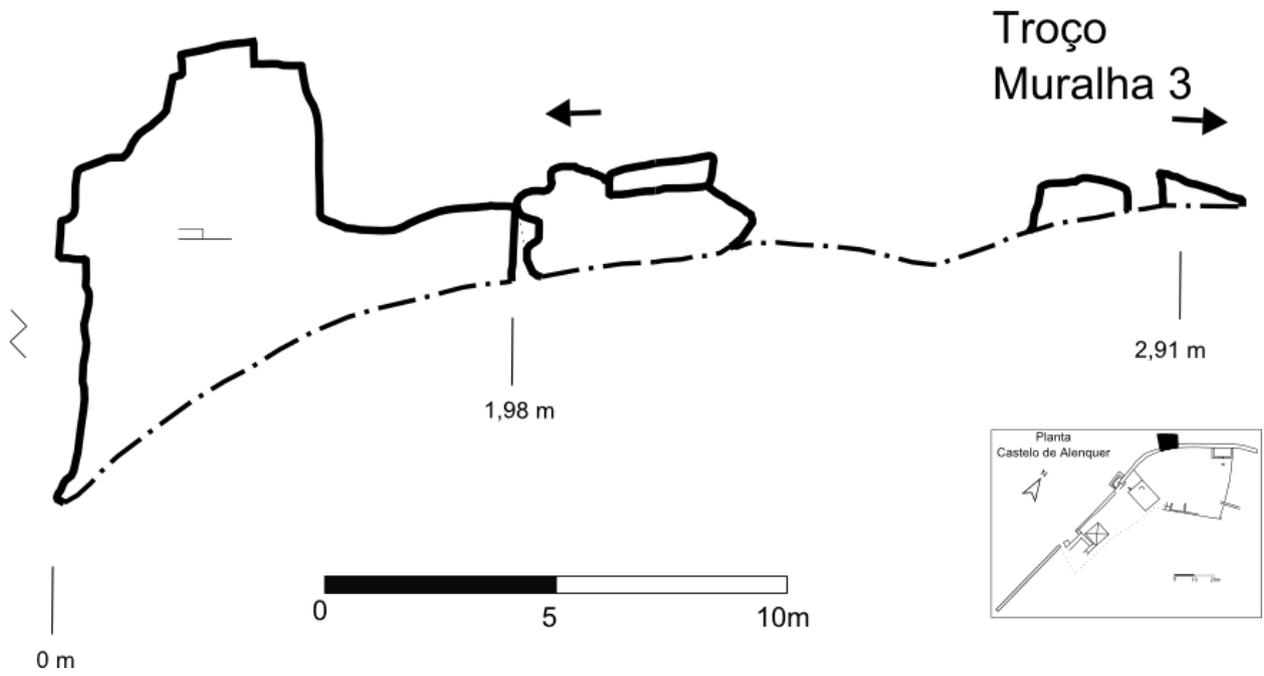


Figura 23 – Alçado exterior Oeste Superior da torre III

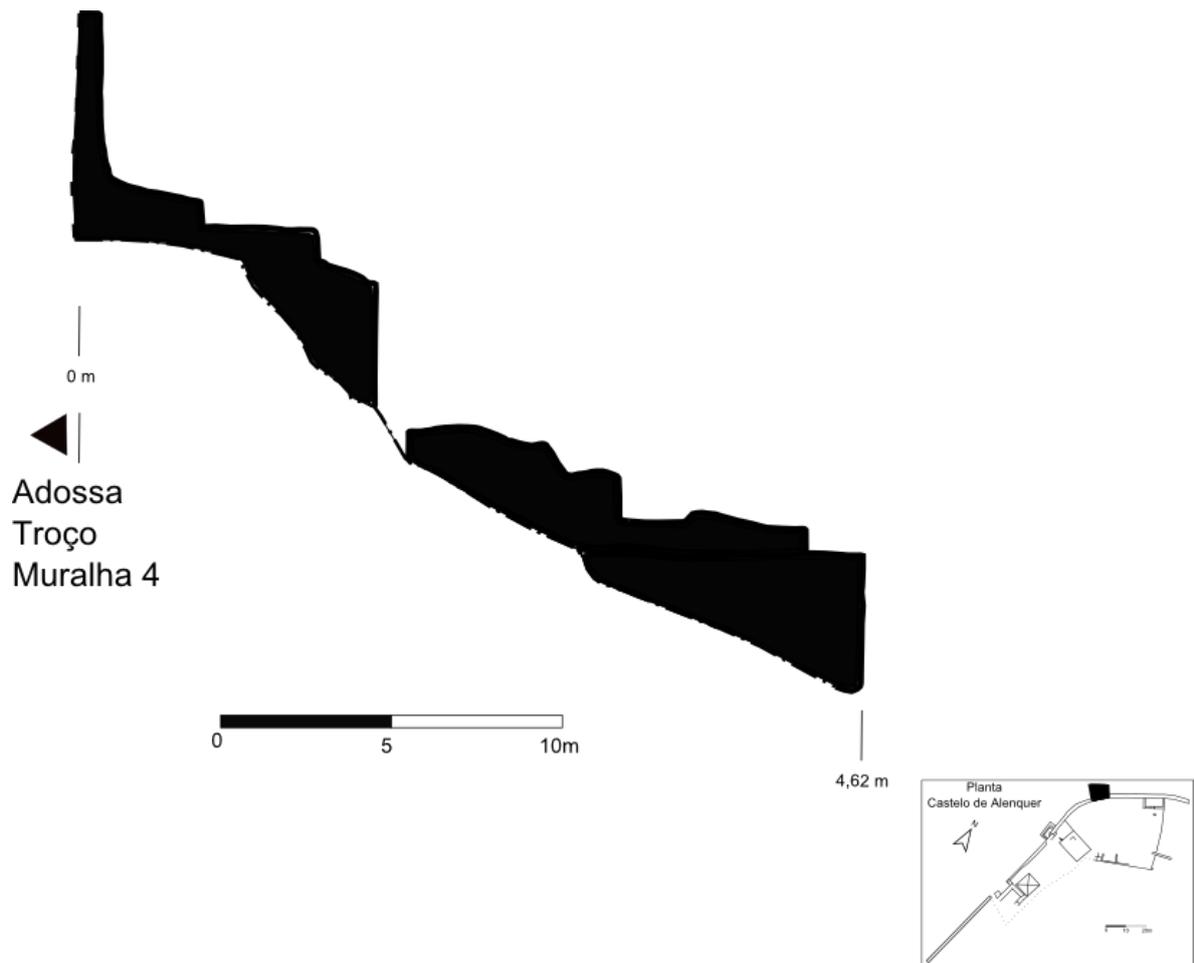


Figura 24 – Alçado exterior Nordeste, Inferior e Superior, da torre III com a representação das fases.

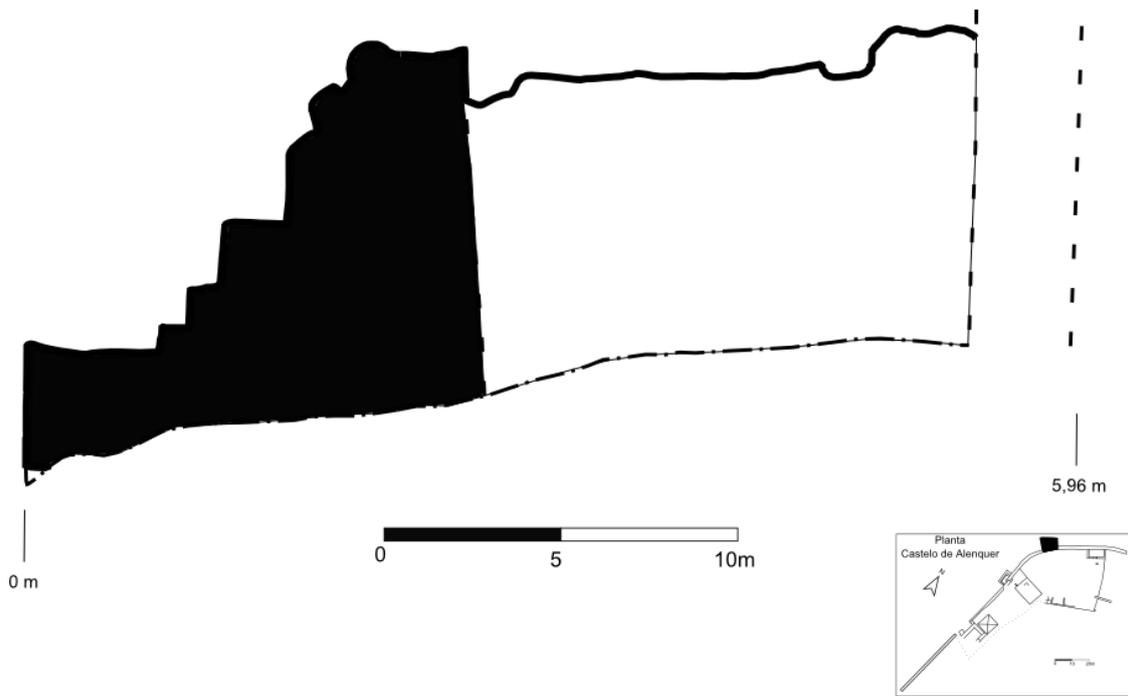


Figura 25 – Alçado exterior Noroeste Superior da torre III com a representação das fases.

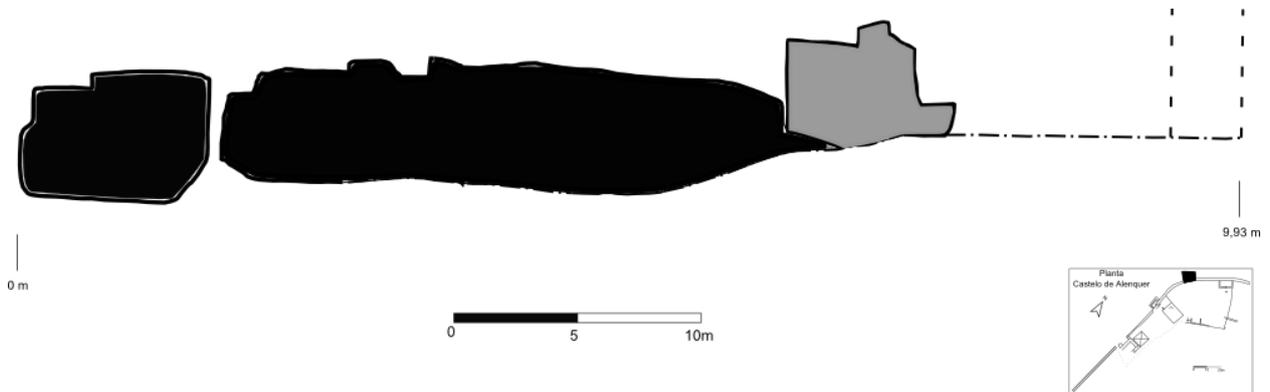


Figura 26 – Alçado exterior Noroeste Inferior da torre III com a representação das fases.

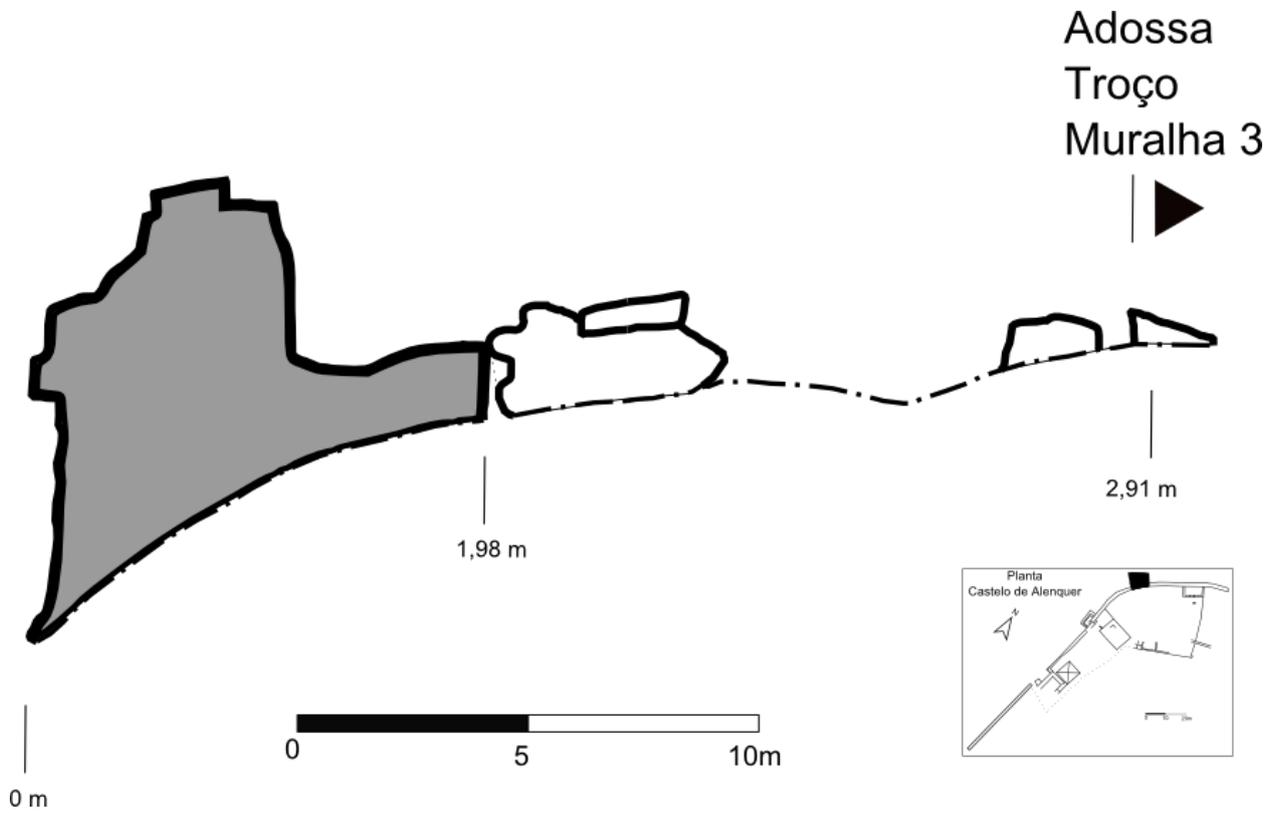


Figura 27 – Alçado exterior Oeste Superior da torre III com a representação das fases.

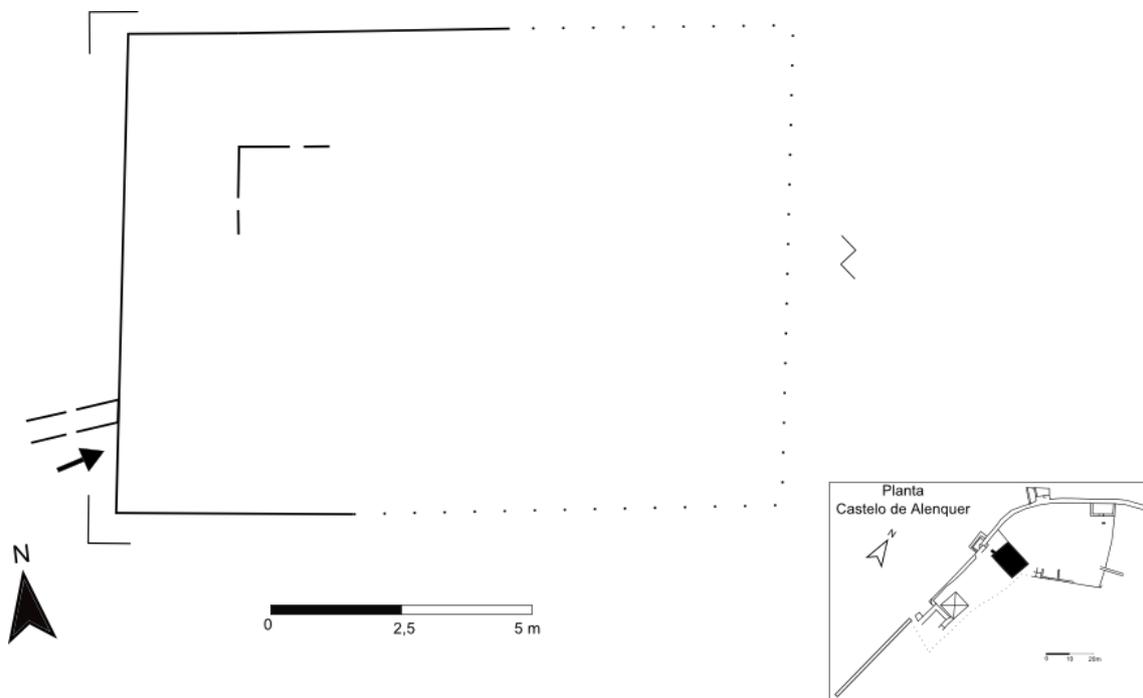


Figura 28 – Planta da torre IV

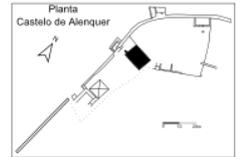
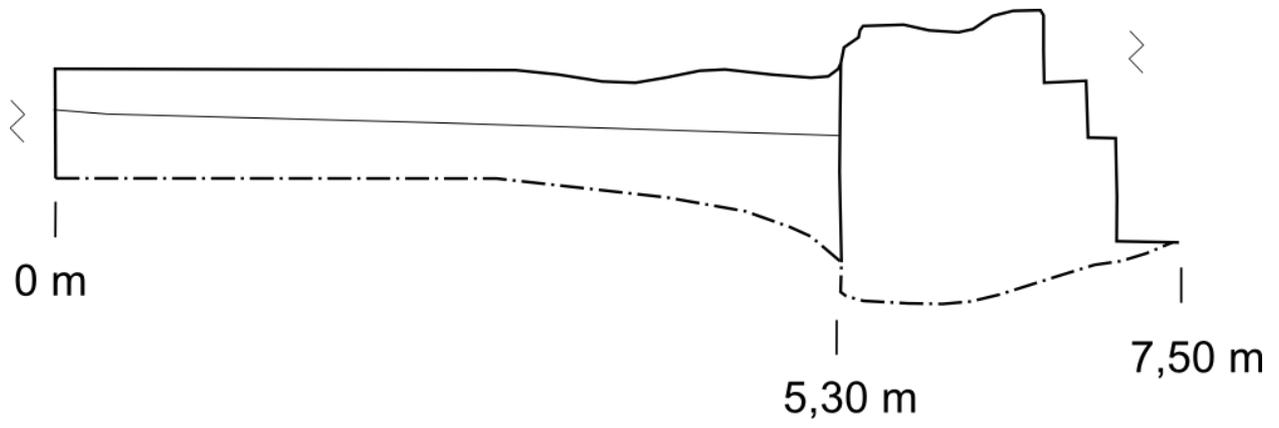
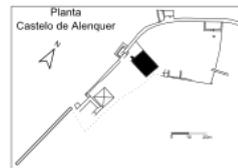
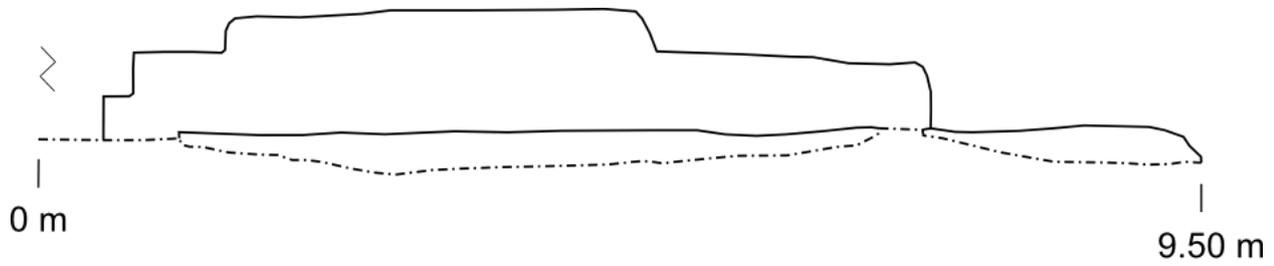


Figura 29 – Alçado exterior Norte da torre IV



Alçado exterior Oeste da torre IV

Figura 30 –

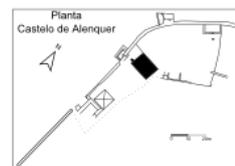
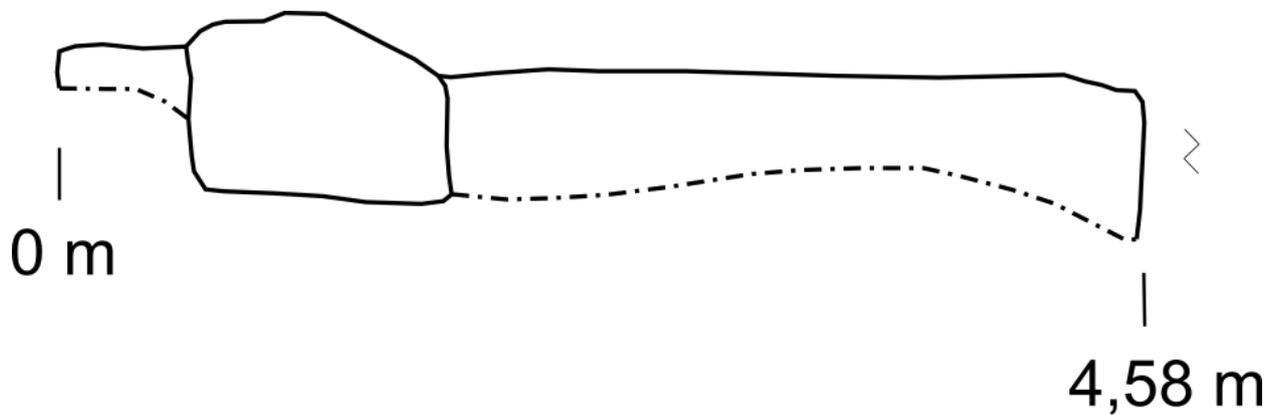


Figura 31 – Alçado exterior Sul da torre IV

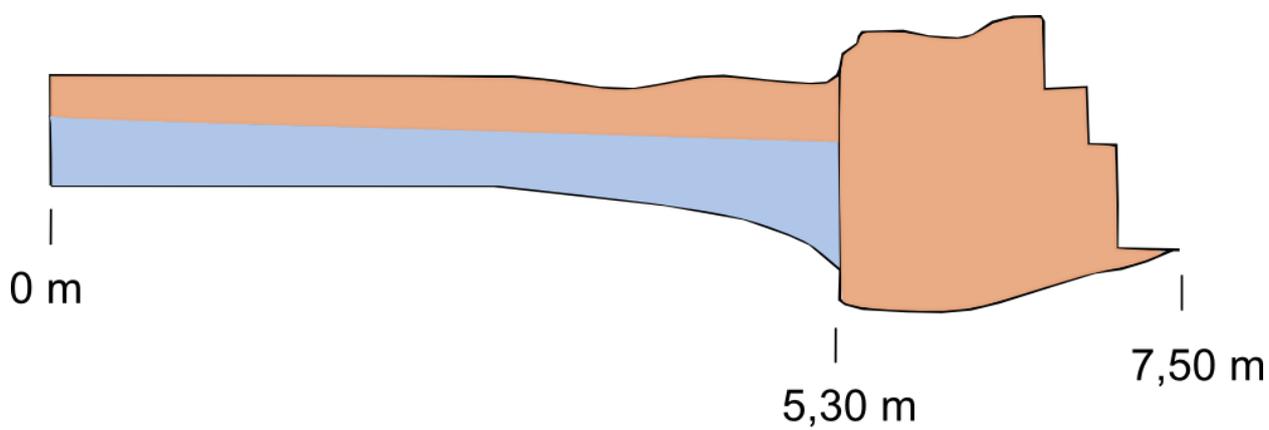


Figura 32 – Alçado exterior Norte da torre IV com a representação das fases.

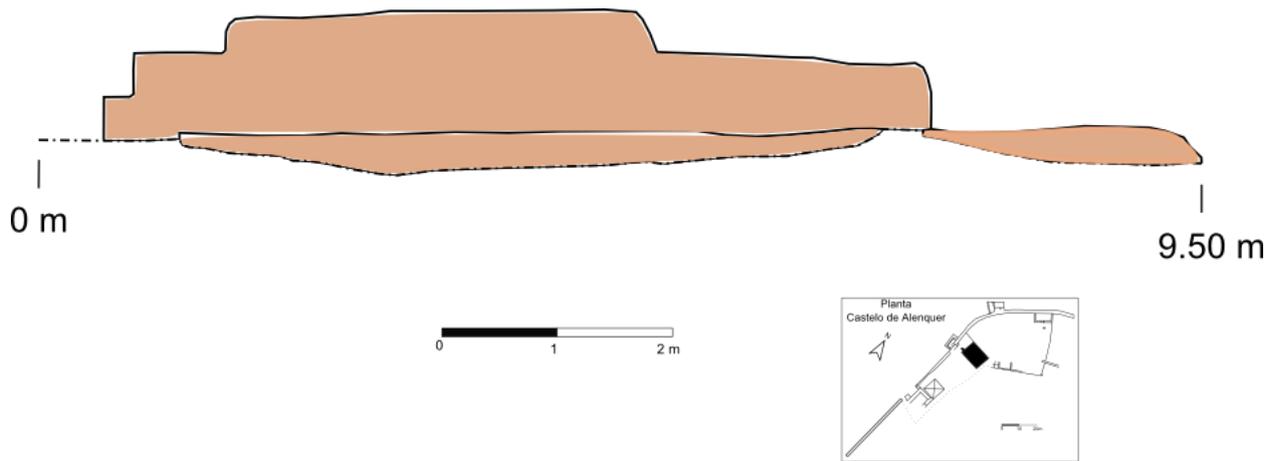


Figura 33 – Alçado exterior Oeste da torre IV com a representação das fases.

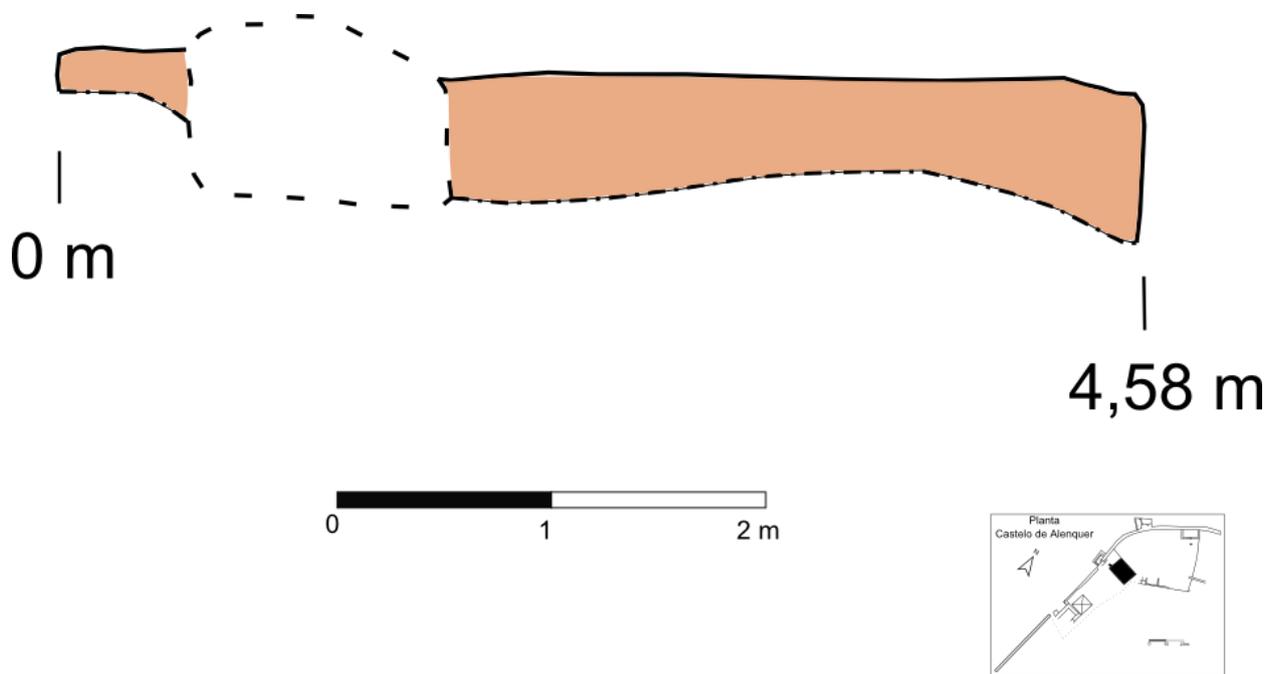


Figura 34 – Alçado exterior Sul da torre IV com a representação das fases.

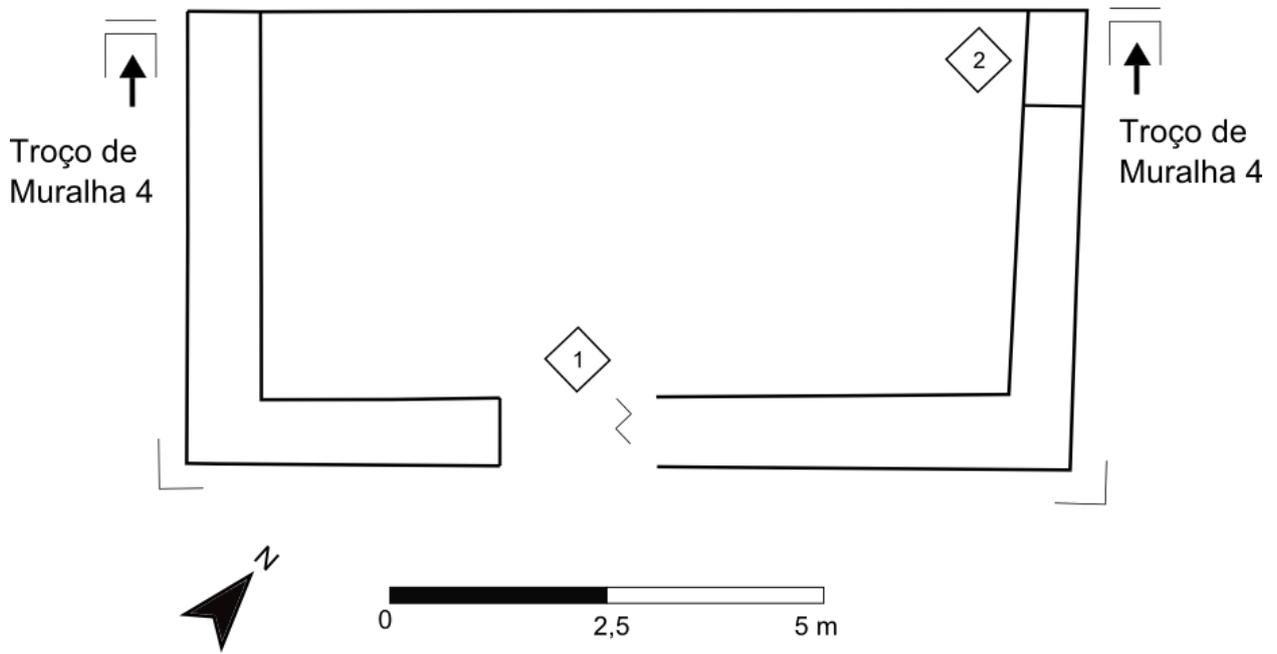


Figura 35 – Planta da torre V

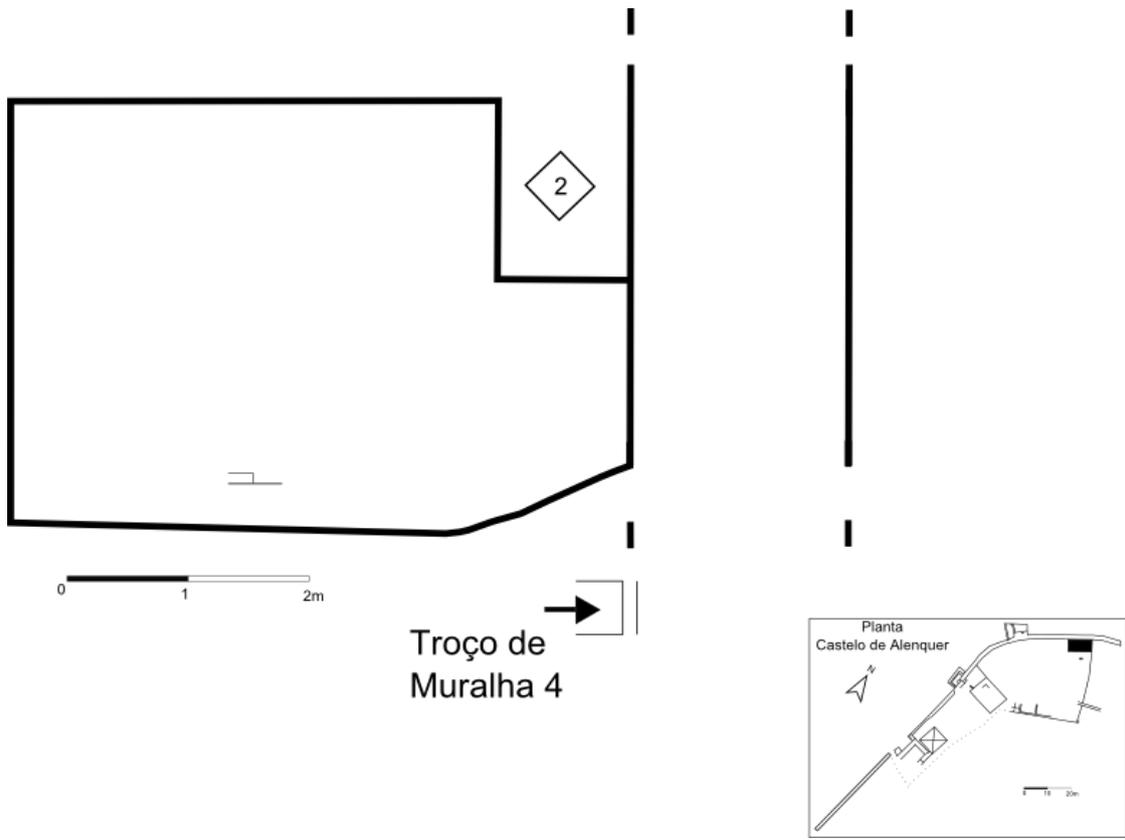


Figura 36 – Alçado exterior Nordeste da torre V

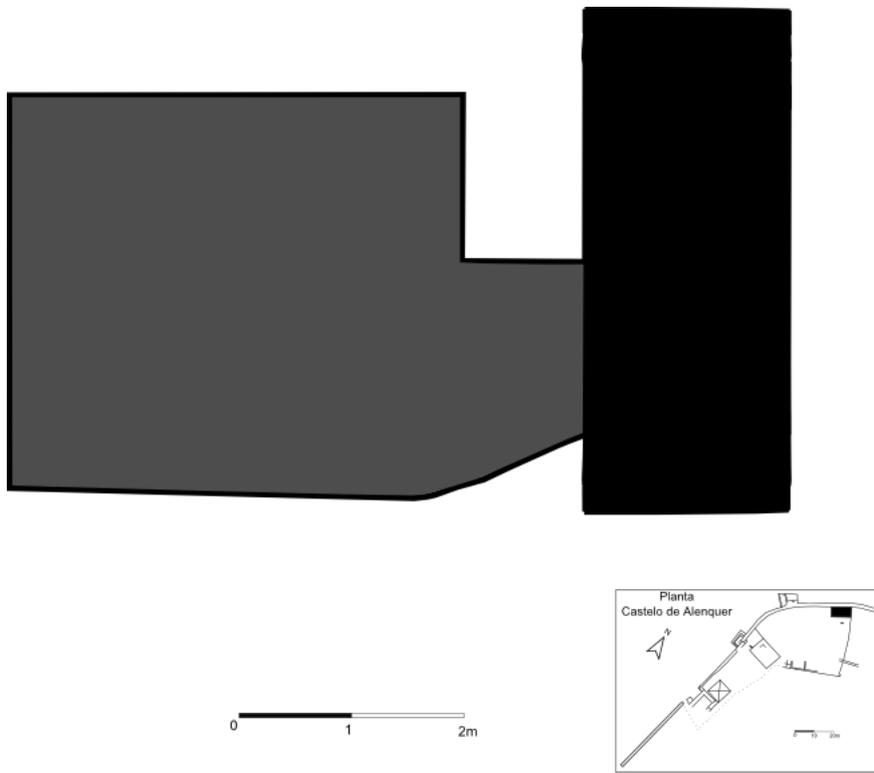


Figura 37 – Alçado exterior Nordeste da torre V com a representação das fases.

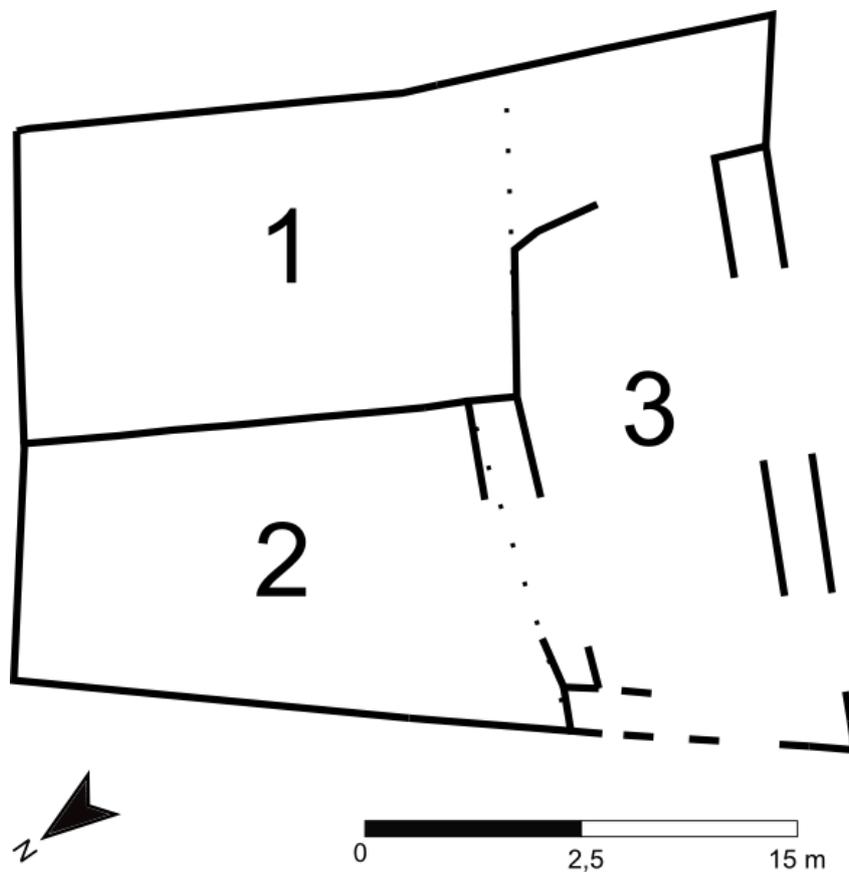


Figura 38 – Planta da torre III com a identificação das divisões.

Anexo IV

Fichas de Unidade Muraria

4.1 - Troço de Muralha 1

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	100
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento:	
Descrição: Troço de Muralha localizado na zona mais a Sul da área estudada. A Sul da torre I.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [124]
Cortada por: [105]	Corta:	Enche:
Adossa a: [200]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, alternados por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica	

Características Físicas	
Comprimento: 51,85 metros	Largura: 1,65 metros
Altura: 5,60 metros	Orientação: Oeste e Norte

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 23.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1 a 3.	

Figura

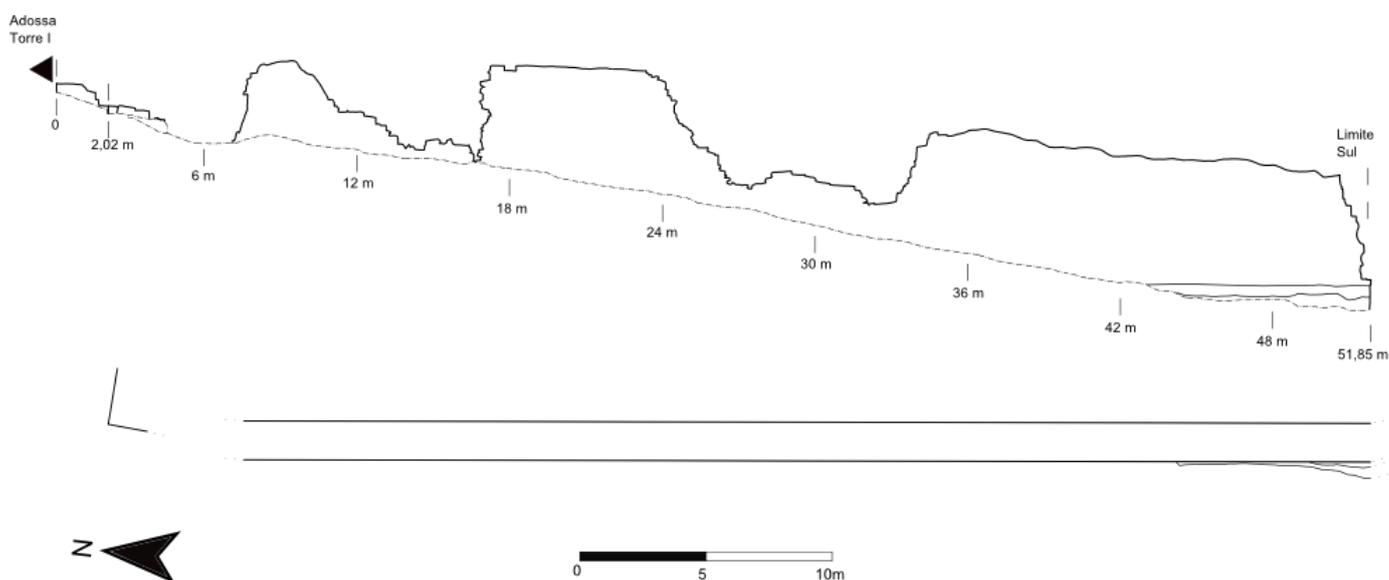


Figura 1 – Alçado do troço de muralha 1.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	101
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Fiadas de pedras que constituem a parte inferior do embasamento.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [102]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [105]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável.

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos de pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio
Modo Construção: Duas fiadas de blocos de tamanho médio	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compato
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 21 e 22.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

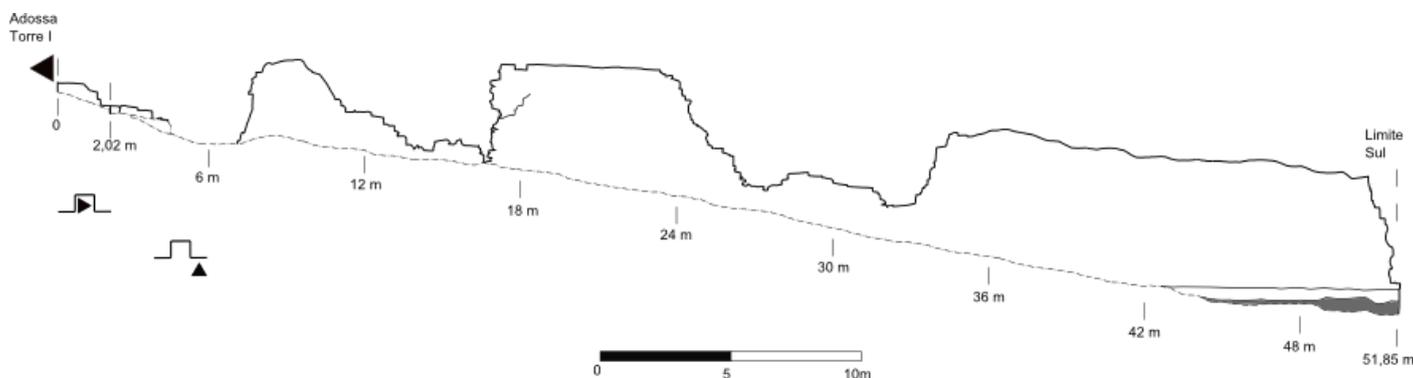


Figura 2 – Alçado do troço de muralha 1 com a parte inferior do embasamento (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	102
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Fiadas de pedras que constituem a parte superior do embasamento.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [103]	Cobre: [101]	Cheia por:
Cortada por: [105]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas.
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio com pedras de tamanho pequeno a nivelar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compato
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 21 e 22.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

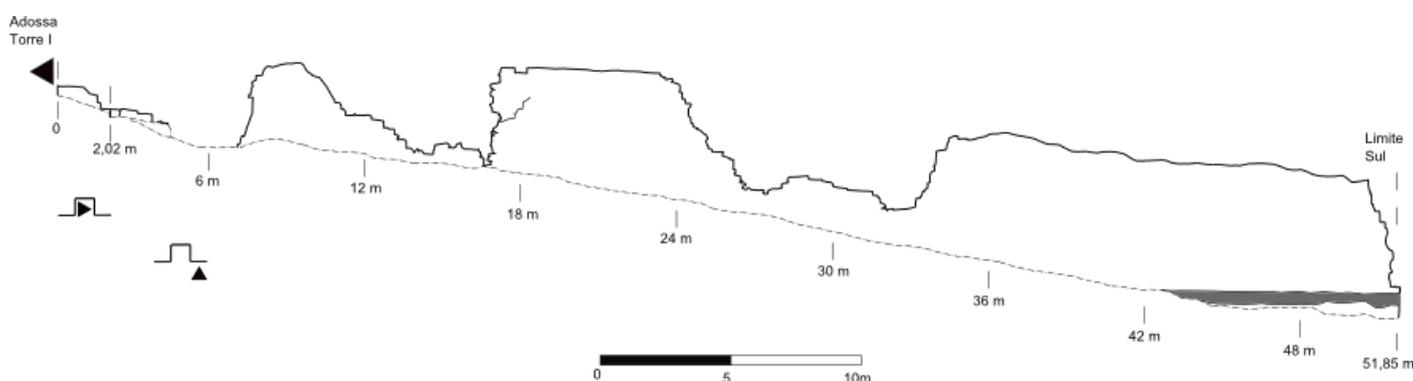


Figura 3 – Alçado do troço de muralha 1 com a parte superior do embasamento (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	103
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Aparelho pseudoisódomo. Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [102]	Cheia por:
Cortada por: [105], [106], [107], [108], [109], [110], [111], [112], [113] e [115]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [104]	Equivalente: [116], [121] e [125]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, alternados por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 4 – Aparelho construtivo

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	104
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento.Reboco em argamassa com a presença de fragmentos de cerâmica (poucos). Reveste a quase totalidade da u.e.m [103] na parte superior.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [105]	Corta:	Enche:
Adossa a: [101], [102] e [103]	Adossada por:	Equivalente: [117] e [126]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura



Figura 5 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	105
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral a sul do troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [100], [101], [102], [103] e [104]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 6 – Destruição lateral a sul

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	106
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 2,38 metros	Largura: 0,70 metros
Altura: 0,90 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 7 – A u.e.m 106 corresponde ao buraco da direita.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	107
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 1,15 metros	Largura: 1,05 metros
Altura: 1,00 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 8 – A u.e.m 107 corresponde ao buraco da esquerda.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	108
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 1,24 metros	Largura: 1,60 metros
Altura: 1,17 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 9 – Buraco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	109
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,77 metros	Largura: 0,47 metros
Altura: 0,55 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--

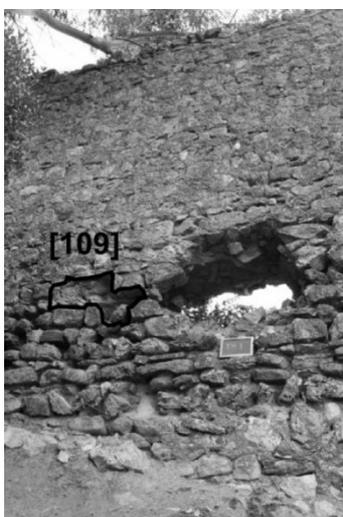


Figura 10 – Buraco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	110
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,33 metros	Largura: 0,36 metros
Altura: 0,34 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--

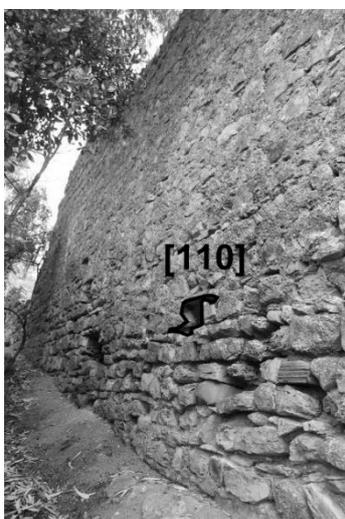


Figura 11 – Buraco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	111
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,82 metros	Largura: 1,60 metros
Altura: 0,67 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura



Figura 12 – Buraco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	112
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,42 metros	Largura: 0,34 metros
Altura: 0,36 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 13 – A u.e.m 112 corresponde ao buraco pequeno sobre a u.e.m 112 (buraco grande).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	113
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

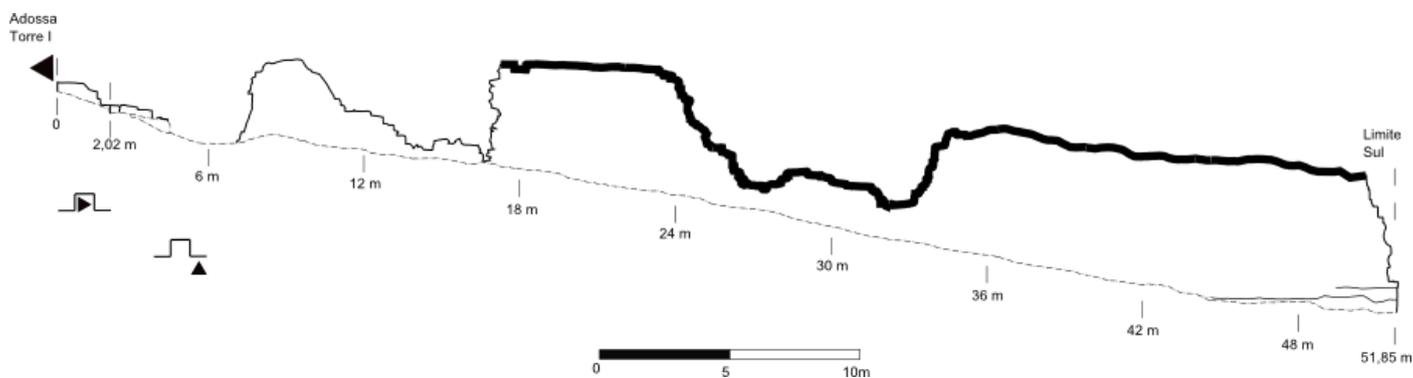


Figura 14 – Alçado do troço de muralha 1 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	114
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 1.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,70 metros	Largura: 0,30 metros
Altura: 0,28 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 15 – Buraco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	115
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [103], [104], [116] e [117]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura



Figura 16 – Buraco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	116
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Parede. Aparelho pseudoisódomo. Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno. Vegetação cobre parte da muralha. Elevada concentração de reboco [117] inviabiliza uma boa leitura da alvenaria.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [115], [118] e [119]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [117]	Equivalente: [103]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, alternados por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 24.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 17 – Aparelho construtivo

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	117
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa com a presença de fragmentos de cerâmica (poucos). Reveste a quase totalidade da u.e.m [116] na parte superior.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [115], [118] e [119]	Corta:	Enche:
Adossa a: [116]	Adossada por:	Equivalente: [104]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 24.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura



Figura 18 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	118
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [116] e [117]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

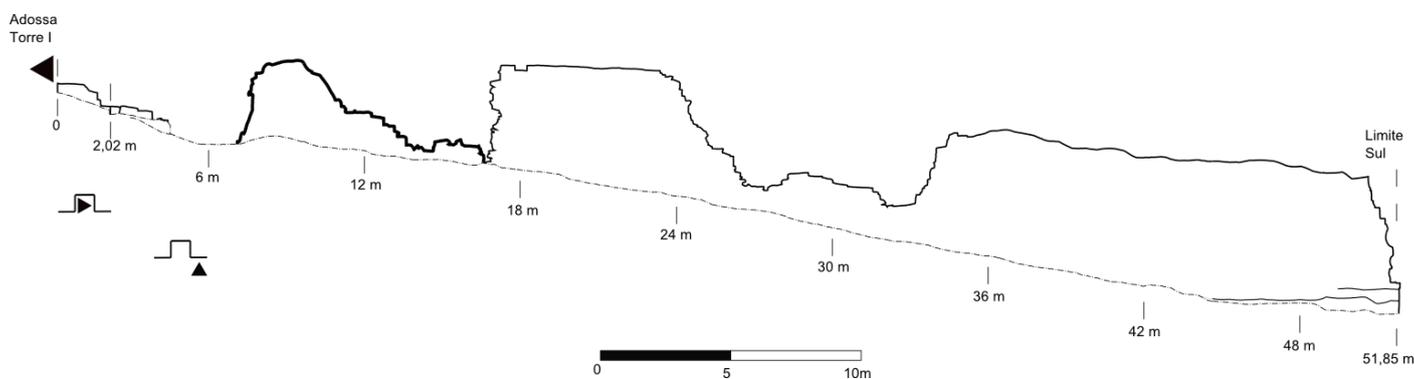


Figura 19 – Alçado do troço de muralha 1 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	119
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Destruição da muralha em toda a sua altura. Existência de um caminho de pé posto.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [116], [117] e [119]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 26.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 20 – Destruição da muralha.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	120
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Fiadas de pedras que constituem o embasamento.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [121] e [122]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [119]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável.

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedra pequena.
Modo Construção: Duas fiadas de blocos de tamanho médio com pedras pequenas.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compato
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 26.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

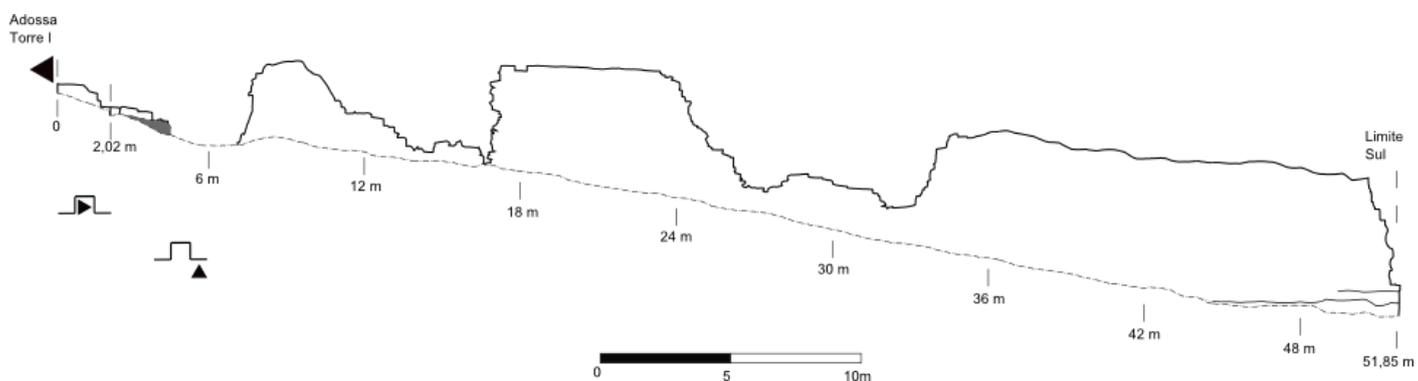


Figura 21 – Alçado do troço de muralha 1 com o embasamento (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	121
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Parede. Aparelho pseudoisódomo. Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [120]	Cheia por:
Cortada por: [119] e [123]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [103] e [116]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, alternados por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compato
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 26.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura



Figura 22 – Aparelho construtivo.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	122
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste e Norte	
Descrição: Silhar rústico que forma o canto da muralha. Cunhal.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [120]	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [121], [125] e [126]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Bloco pétreo.	Dimensões Elementos: Grande
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0.39 metros	Largura: 0,36 metros
Altura: 0,32 metros	Orientação: Oeste e Norte

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

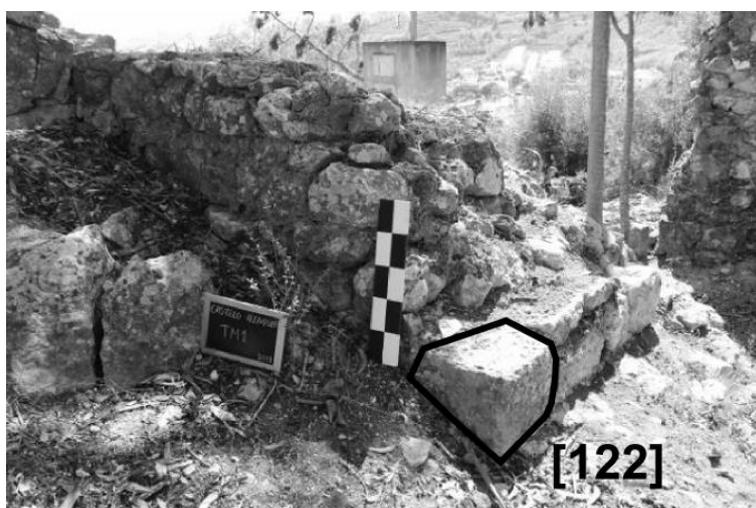


Figura 23 – Silhar rústico.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	123
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo. Destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [121] e [122]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 26.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

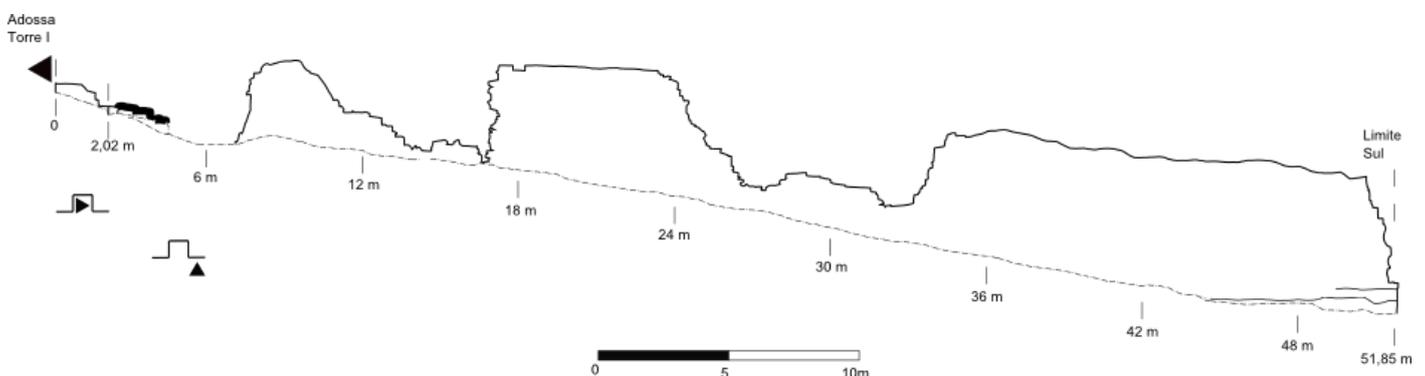


Figura 24 – Alçado do troço de muralha 1 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	124
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento:	
Descrição: Núcleo da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche: [100]
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos s e pedras	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Dispostos aleatoriamente.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Tipo: Argamassa
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 25.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 25 – Núcleo do troço de muralha 1.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	125
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Externo – Face Norte	
Descrição: Parede. Aparelho pseudoisódomo. Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [127]	Corta:	Enche:
Adossa a: [122], e [201]	Adossada por:	Equivalente: [103], [116] e [121]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, alternados por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compato
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 26 – Aparelho construtivo.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	126
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento.Reboco em argamassa com a presença de fragmentos de cerâmica (poucos).			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [127]	Corta:	Enche:
Adossa a: [122], e [201]	Adossada por:	Equivalente: [104] e [117]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura	
---------------	--



Figura 27 – Reboco.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	127
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento: Exterior – Face Norte	
Descrição: Negativo. Destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [125] e [126]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 2 e 3.	

Figura

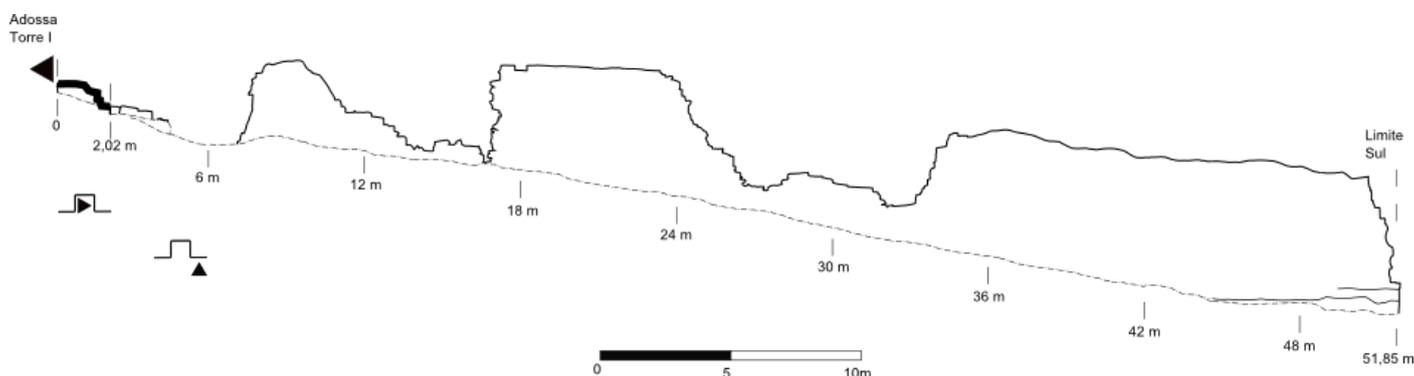


Figura 28 – Alçado do troço de muralha 1 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

4.2 - Torre I

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	200
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento:	
Descrição: Torre I. Localizada no extremo Sul da alcáçova.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [212]
Cortada por: [203] e [210]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [100] e [300]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Destruição, Degradação, Erosão.	Estado Conservação: Mau, Vestigial.

Técnica Construtiva	
Material Construção: Silhares, Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Silhares de tamanho grande, Blocos de médios e pedras pequenas.
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar, Silhares na	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 10 e 11.	

Figura

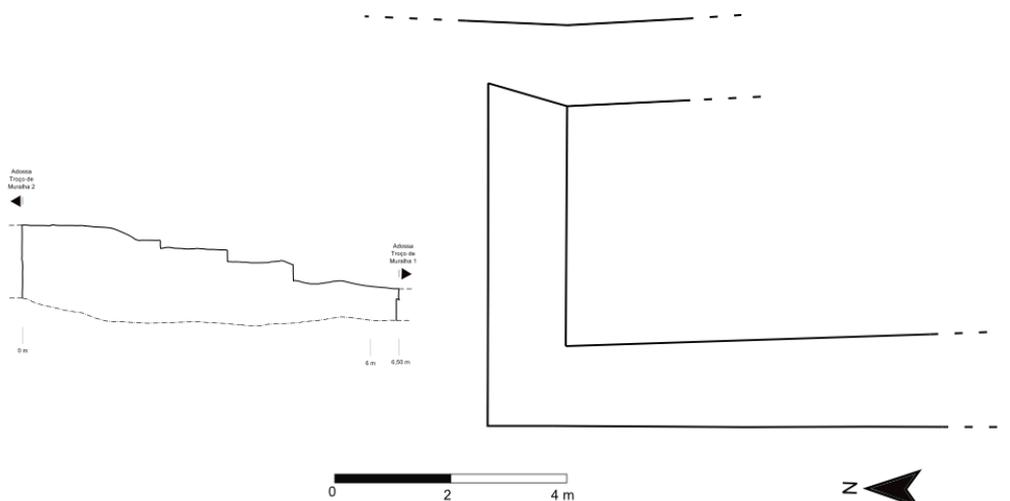


Figura 29 – Alçado e planta

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	201
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Fiadas de pedra de tamanho medio, unidas por argamassa. Pedra pequena a colmatar os espaços e a nivelar as fiadas. Sem presença de cerâmica. Sem vestígios de revestimento.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [202] e [203]	Corta:	Enche:
Adossa a: [204]	Adossada por: [125], [126], [303], [304] e [306]	Equivalente: [205] e [207]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento: 6,55 m	Largura:
Altura: 1,62 m	Orientação: Oeste

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 50.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 30 – Alçado Oeste

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	202
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [201]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 31 – Alçado Oeste com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	203
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral a Sul.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [200] e [201]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 51.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura



Figura 32 – Alçado Oeste com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	204
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Norte	
Descrição: Blocos muito grandes no canto da torre (cunhal) a servir de união entre o paramento Oeste e Norte. Com pedras muito pequenas a preencher os espaços e unidos por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [206]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [201], [205] e [306]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Destruição	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Silhares	Dimensões Elementos: Muito grandes
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Tipo: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação: Oeste e Norte

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 52.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 33 – Silhar rústico, alçado Norte.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	205
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Norte	
Descrição: Unidade constituída por blocos de tamanho médio e pedras pequenas.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [206]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [201]

Alterações Sofridas	
Tipo: Destruição	Estado Conservação: Vestigial

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 51.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 34 – Vista superior do alçado Norte

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	206
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Norte	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [204] e [205]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 52 e 52.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 35 – Vista superior do alçado Norte

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	207
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Este	
Descrição: Unidade constituída por blocos de tamanho médio e pedras pequenas.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [209]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [208]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [201] e [205]

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 36 – Vestígios do paramento Este.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	208
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Este	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [209]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [207]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 36 – Alçado Este com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	209
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Este	
Descrição: Revestimento de cimento sobre parede Este. Muito compato.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [207] e [208]	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [211]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho:	

Figura	
---------------	--



Figura 37 – Camada de cimento sobre o paramento Oeste da torre.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	210
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento: Exterior – Face Este	
Descrição: Negativo da destruição lateral a Sul.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [200] e [207]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 38 – Alçado Este com a parte negativa da destruição.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	211
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento:	
Descrição: Estação elevatória de água.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [209]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho:	

Figura	
---------------	--



Figura 39 – Estação elevatória de água.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria – Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	212
Corpo arquitetónico: Torre I		Paramento:	
Descrição: Núcleo constituído por pedra pequena e média, unida por argamassa. Sem cerâmica.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche: [200]
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Dispostos aleatoriamente.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 10 e 11.	

Figura	
---------------	--



Figura 40 – Núcleo da torre I

4.3 - Troço de Muralha 2

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	300
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento:	
Descrição: Troço de Muralha localizado entre a torre I e a torre II.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [336]
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [200]	Adossada por: [500]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Silhares, blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Silhares de tamanho grande e médio, blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Vários. Consultar u.e.m. [303], [306], [308], [310], [312], [315], [317], [319], [322], [323], [328] e [330]	

Material de União	
Tipo: Argamassa e Terra	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 32,88 metros	Largura: 1,55 metros
Altura: 2,40 metros	Orientação: Sul e Oeste

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 4 e 5.	

Figura

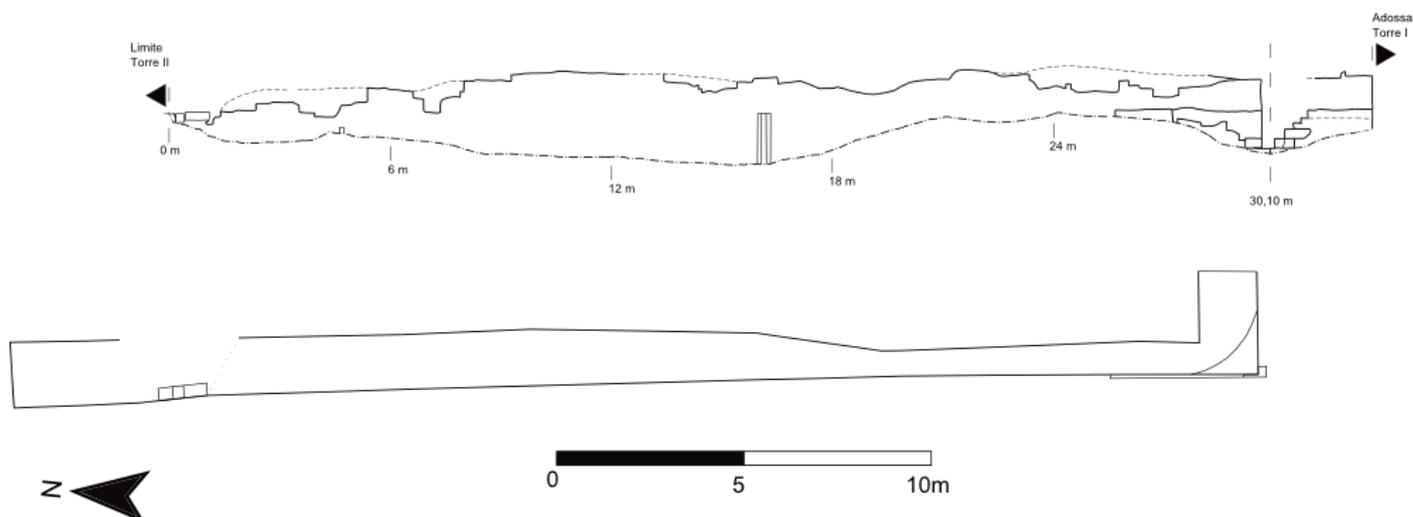


Figura 41 – Alçado do troço de muralha 2

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	301
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior – Sul e Oeste	
Descrição: Silhar que forma o embasamento da muralha no canto.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [302] e [303]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Bloco pétreo.	Dimensões Elementos: Grande
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0.59 metros	Largura: 0,40 metros
Altura:	Orientação: Oeste e Sul

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--



Figura 42 – Silhar

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	302
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior – Sul e Oeste	
Descrição: Silhares que formam o canto da muralha. Cunhal.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [308]	Cobre: [301]	Cheia por:
Cortada por: [305]	Corta:	Enche:
Adossa a: [303]	Adossada por: [303] e [304]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Silhares	Dimensões Elementos: Grande
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura



Figura 43 – Silhares

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	303
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Sul	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [301] e [302]	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [201] e [302]	Adossada por:	Equivalente: [308], [312], [319], [323] e [330]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação: Sul

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

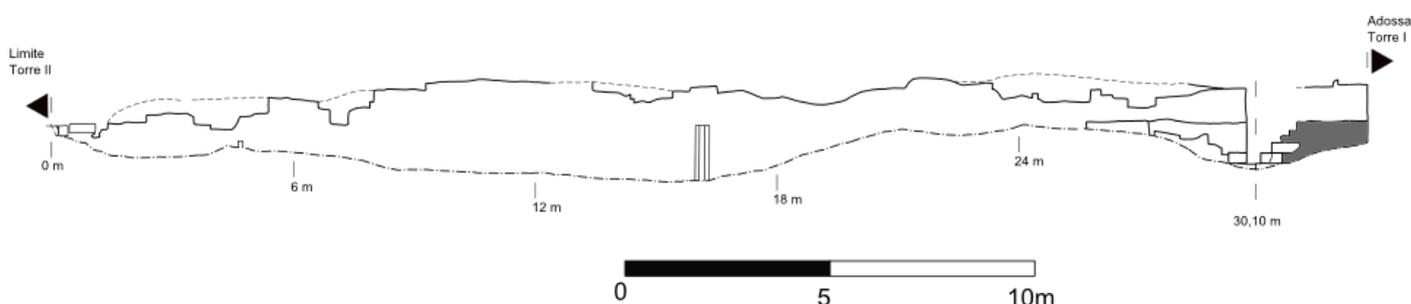


Figura 44 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	304
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Sul	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa. Reveste a quase totalidade da u.e.m [303].			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [305]	Corta:	Enche:
Adossa a: [303] e [201]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia e grânulos pétreos.	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27, 28, 29 e 50.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--

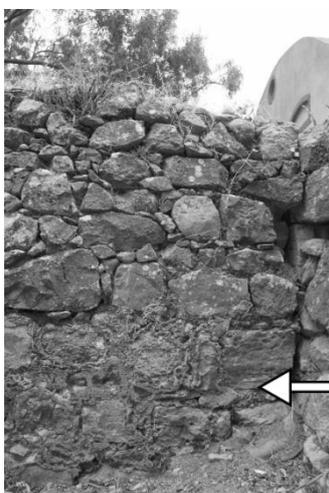


Figura 45 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	305
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Sul	
Descrição: Interface. Negativo da destruição.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [306]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [303] e [304]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

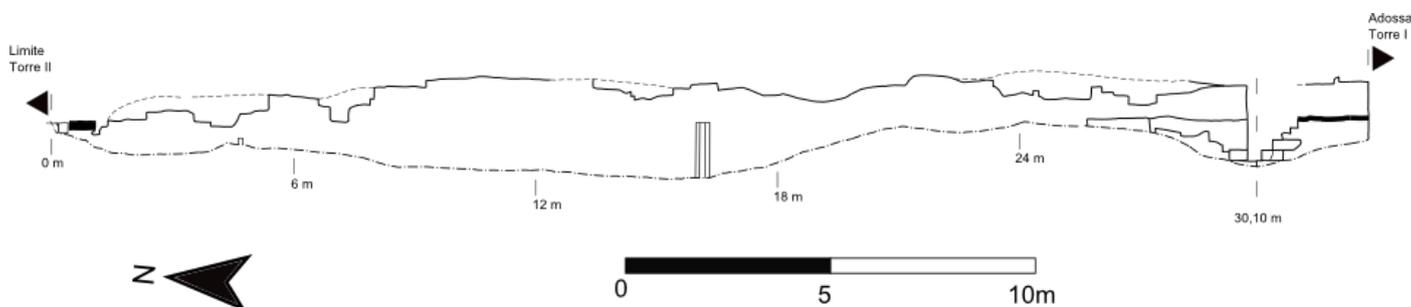


Figura 46 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	306
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Sul	
Descrição: Reconstrução de muralha. Alvenaria irregular. Blocos de tamanho médio, com pedras muito pequenas a colmatar os espaços. Sem vestígios de revestimento. Terra, moderadamente compacta a servir de ligante. Arredonda na esquina.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [305]	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [201] e [204]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio, com pedras muito pequenas
Modo Construção: Alvenaria irregular	

Material de União	
Tipo: Terra	Consistência: Moderadamente compacta.
Descrição: Terra e grânulos pétreos. De cor castanho-escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

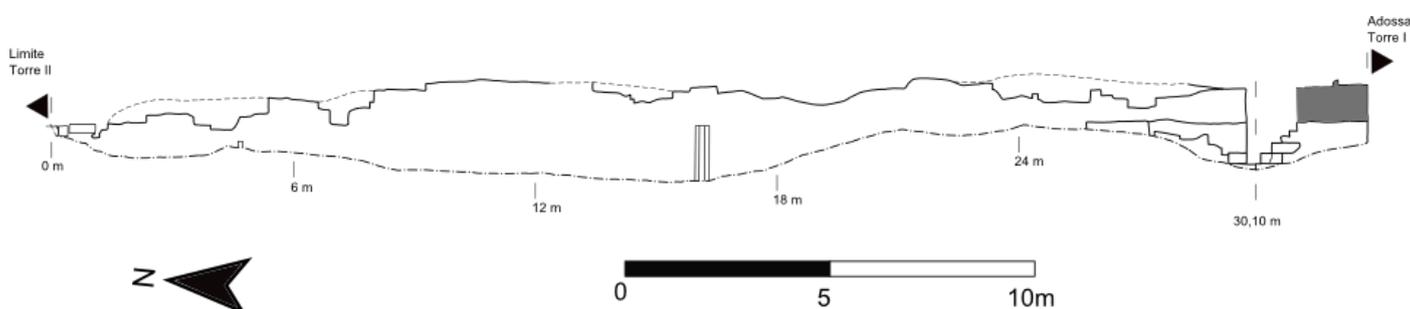


Figura 47 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	307
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Sul	
Descrição: Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [306]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [311]

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

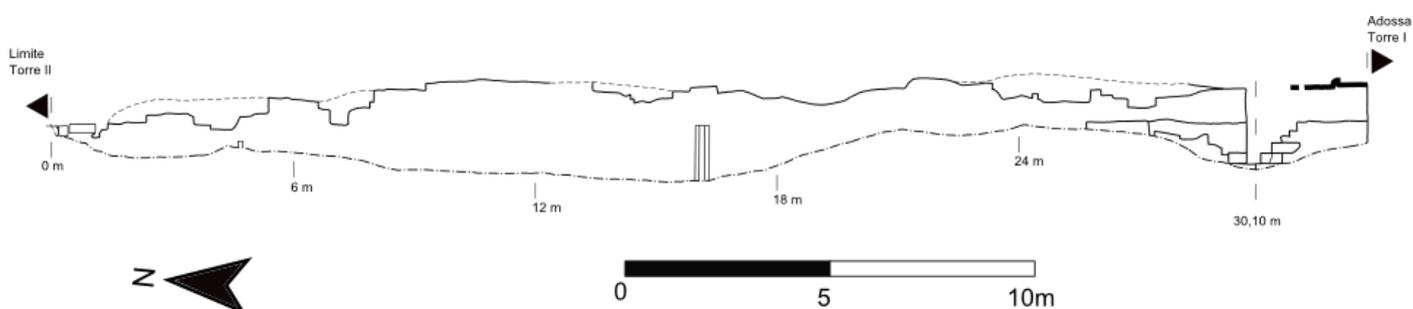


Figura 48 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	308
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [302]	Cheia por:
Cortada por: [316]	Corta:	Enche:
Adossa a: [301] e [302]	Adossada por:	Equivalente: [303], [312], [319], [323] e [330]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

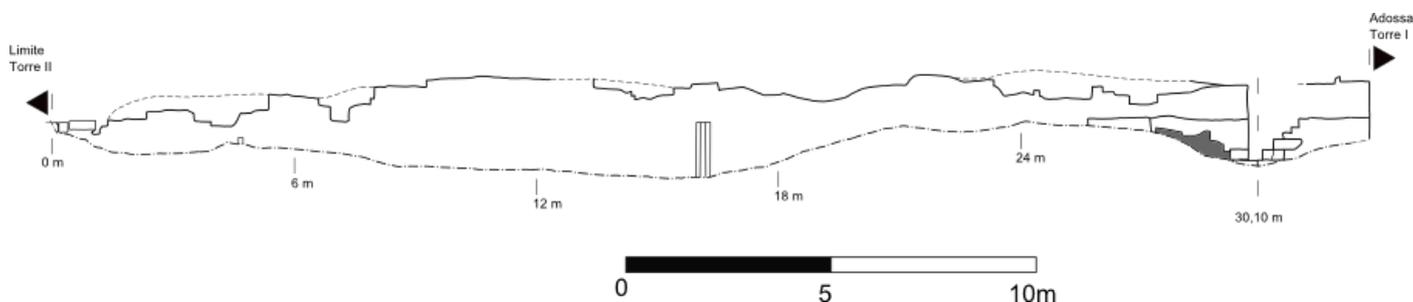


Figura 49 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	309
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [308], [310] e [312]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--



Figura 50 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	310
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Reconstrução de muralha. Alvenaria irregular. Blocos de tamanho médio, com pedras muito pequenas a colmatar os espaços. Sem vestígios de revestimento. Terra, moderadamente compacta a servir de ligante. Arredonda na esquina.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [309] e [311]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [306]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio, com pedras muito pequenas
Modo Construção: Alvenaria irregular	

Material de União	
Tipo: Terra	Consistência: Moderadamente compacta.
Descrição: Terra e grânulos pétreos. De cor castanho-escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 27 a 29.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

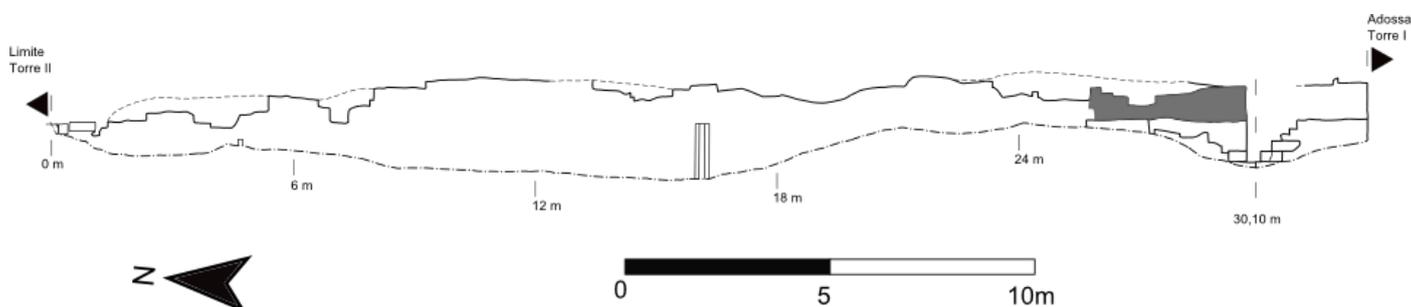


Figura 51 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	311
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [310] e [317]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [307]

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

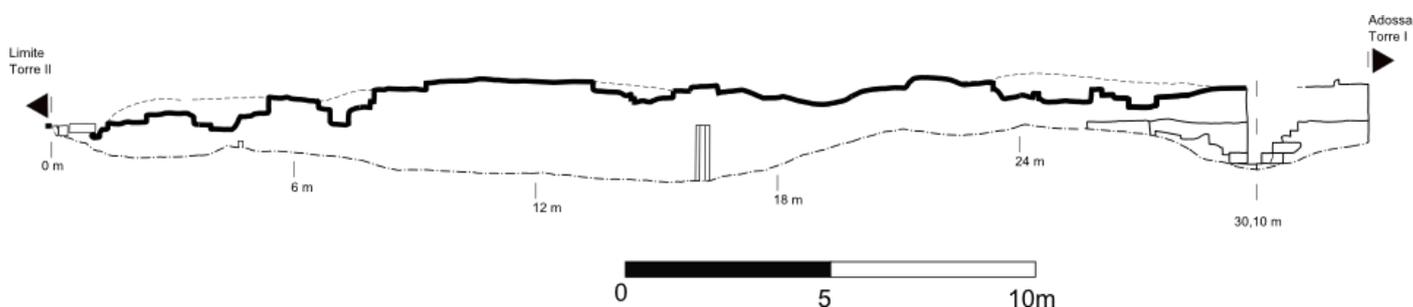


Figura 52 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	312
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [310]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [309] e [324]	Corta:	Enche:
Adossa a: [313]	Adossada por:	Equivalente: [303], [308], [319], [323] e [330]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

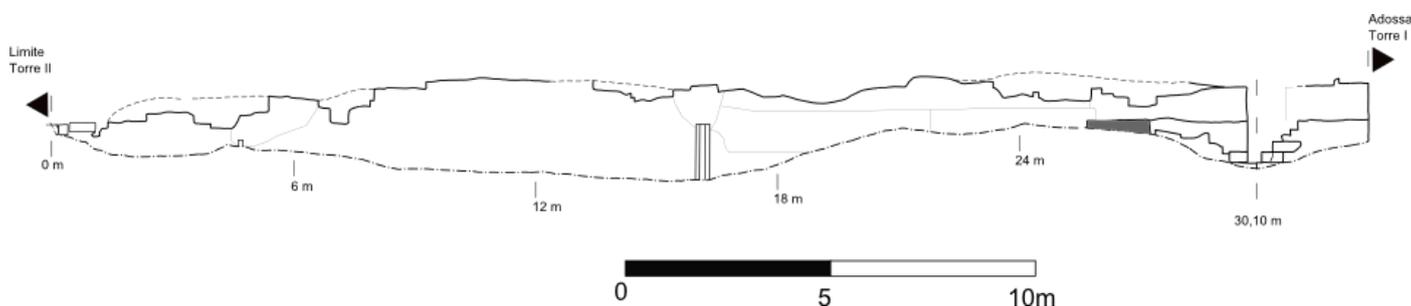


Figura 53 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	313
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Silhares muito grandes e blocos grandes. Entre os blocos foram colocados alguns blocos de tamanho médio, pedras muito pequenas e fragmentos de telha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [314]	Corta:	Enche:
Adossa a: [312] e [332]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Terra	Consistência: Moderadamente compata.
Descrição: Terra e grânulos pétreos. De cor castanho-escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

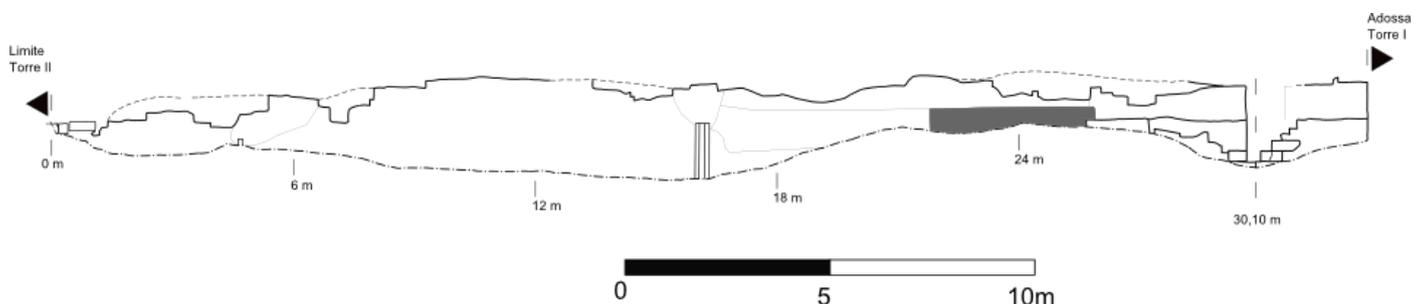


Figura 54 – Aparelho construtivo.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	314
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [317]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [310], [313] e [315]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

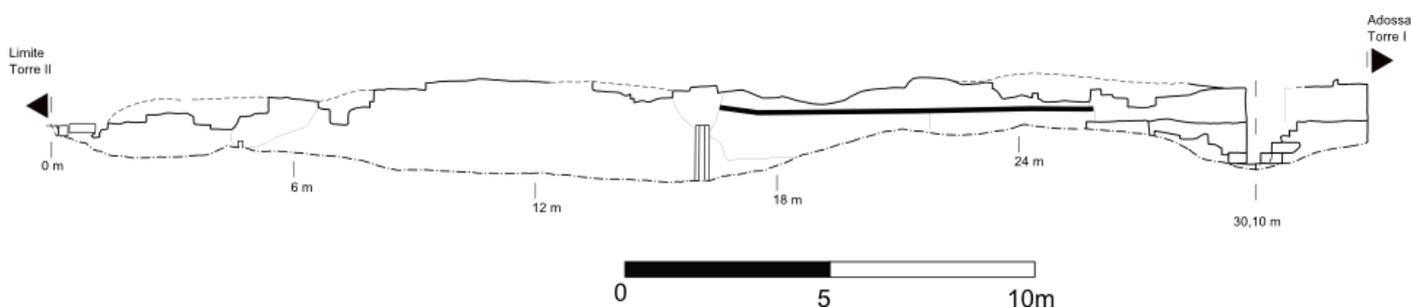


Figura 55 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	315
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Alvenaria constituída por grandes blocos pétreos, que organizam as fiadas. Presença de blocos médios e pedras pequenas a preencher os espaços.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [318]	Cheia por:
Cortada por: [314], [311] e [332]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [317]

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos pétreos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos grandes e médios e pedras pequenas
Modo Construção: Grandes blocos pétreos, que organizam as fiadas. Com blocos médios e pedras pequenas a colmatar espaços.	

Material de União	
Tipo: Terra	Consistência: Moderadamente compacta.
Descrição: Terra e grânulos pétreos. De cor castanho-escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

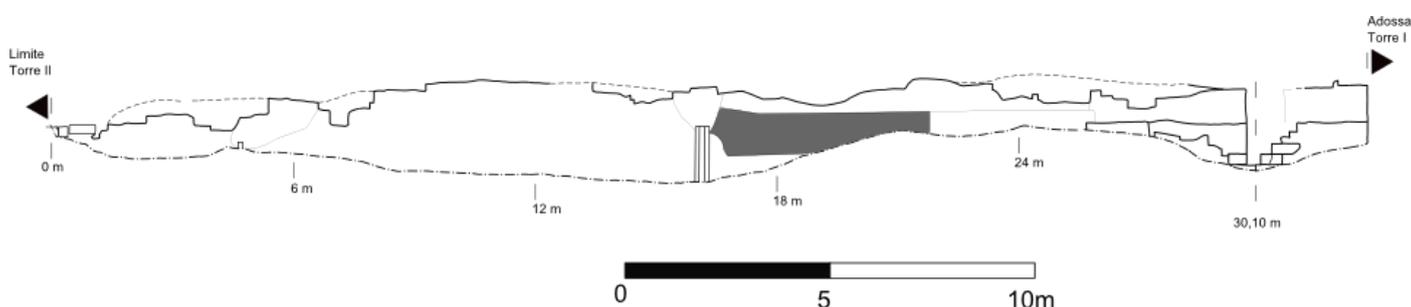


Figura 56 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	316
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [308]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos: Destruição
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

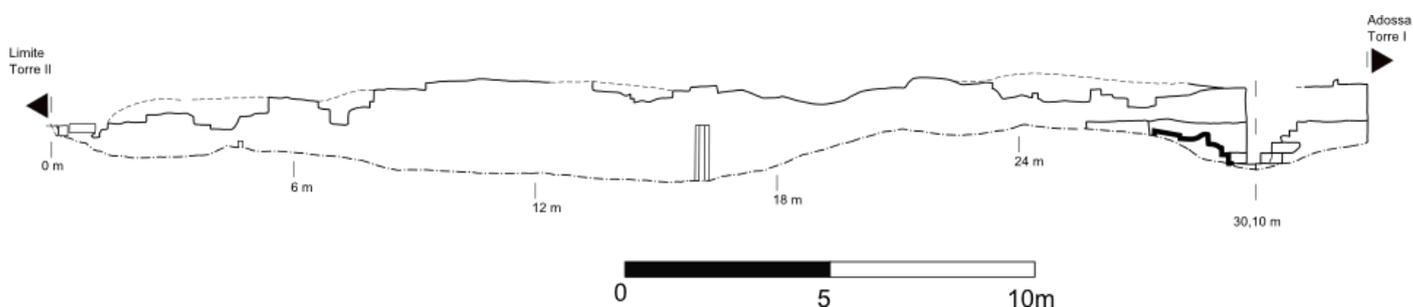


Figura 57 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	317
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Alvenaria irregular. Blocos de pedra de tamanho médio, e pedras de tamanho pequeno. Dispostos irregularmente.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [314]	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [321]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [315]

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos de pedra e pedras	Dimensões Elementos: Blocos tamanho médio e pedras de pequenas.
Modo Construção: Disposição irregular.	

Material de União	
Tipo: Terra	Consistência: Moderadamente compata.
Descrição: Terra e grânulos pétreos. De cor castanho-escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

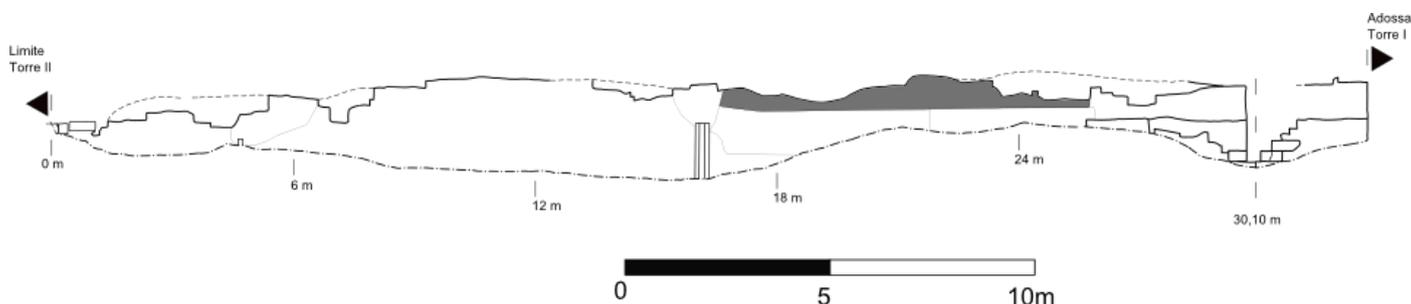


Figura 58 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	318
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [315]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [319]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

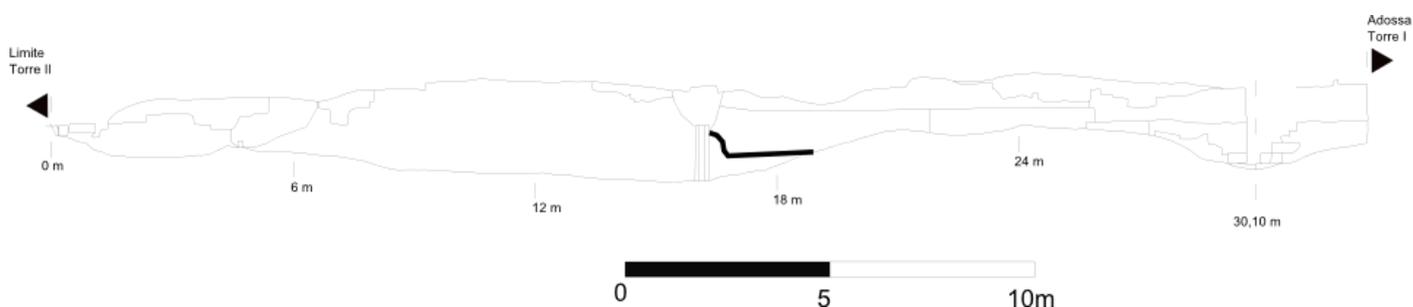


Figura 59 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	319
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar. Presença de fragmentos de telha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [318]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [320]	Equivalente: [303], [308], [312], [323] e [330]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos de pedra e pedra.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio, com pedra pequena.
Modo Construção: fiadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.	

Material de União	
Tipo: Argamassa.	Consistência: Compato.
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

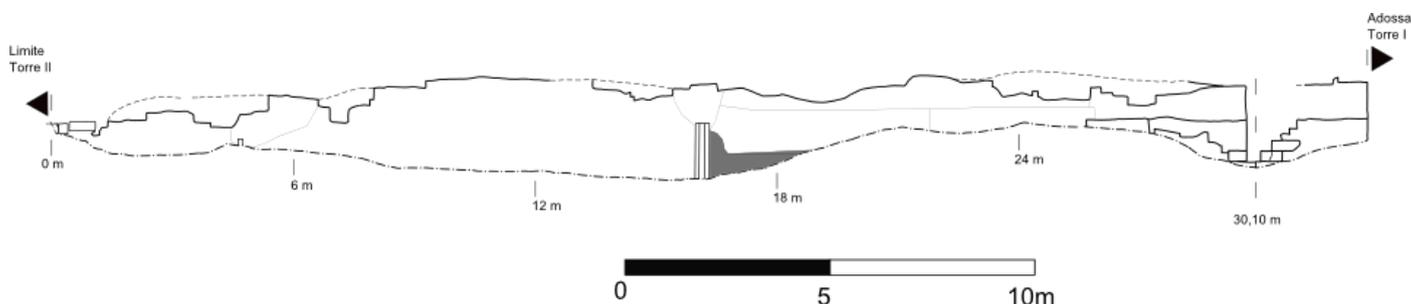


Figura 60 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	320
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Pilar em cimento. Adossado à muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [319] e [323]	Adossada por: [322]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável.

Técnica Construtiva	
Material Construção: Cimento	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,36 metros	Largura: 0,10 metros
Altura: 1,32 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--



Figura 61 – Pilar em cimento.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	321
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [322]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [315] e [317]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

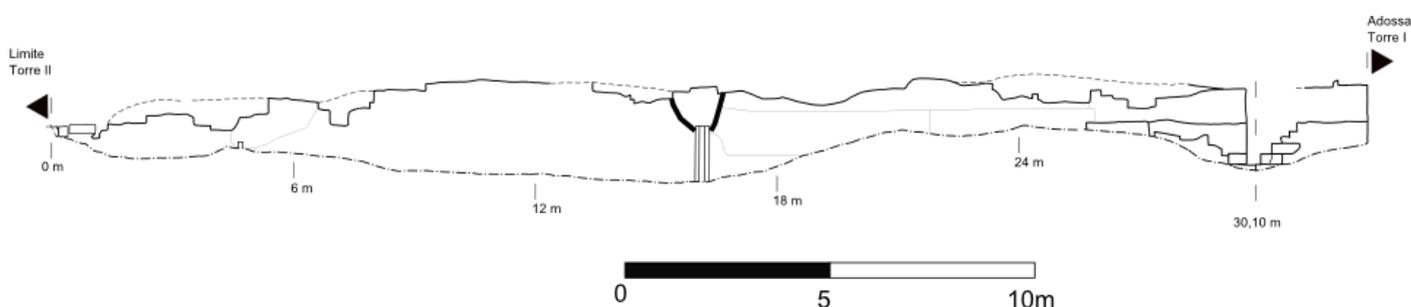


Figura 62 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	322
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Reconstrução de parte da muralha. Blocos de tamanho médio e pedras pequenas unidas por cimento.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [321]	Cheia por:
Cortada por: [311]	Corta:	Enche:
Adossa a: [320]	Adossada por:	Equivalente: [328]

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas unidas por cimento	

Material de União	
Tipo: Cimento	Consistência: Muito compato
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

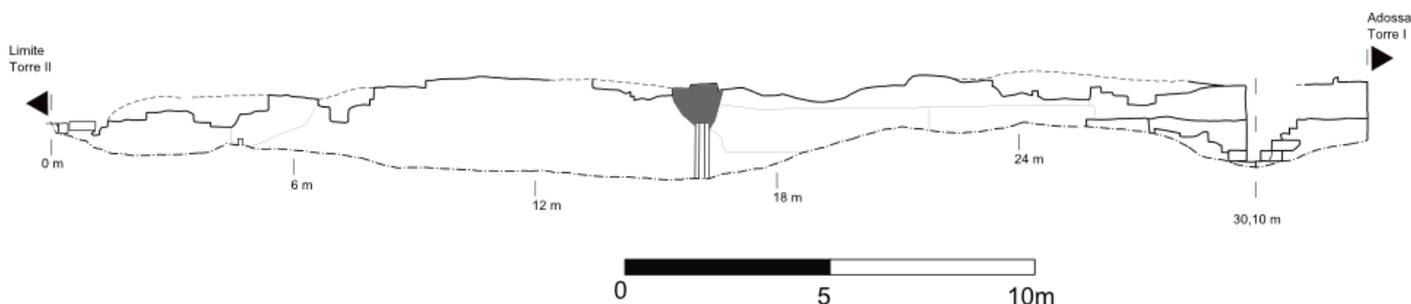


Figura 63 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	323
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar. Presença de fragmentos de telha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [311],	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [320]	Equivalente: [303], [308], [312], [319] e [330]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos de pedra e pedra.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio, com pedra pequena.
Modo Construção: fiadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.	

Material de União	
Tipo: Argamassa.	Consistência: Compato.
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

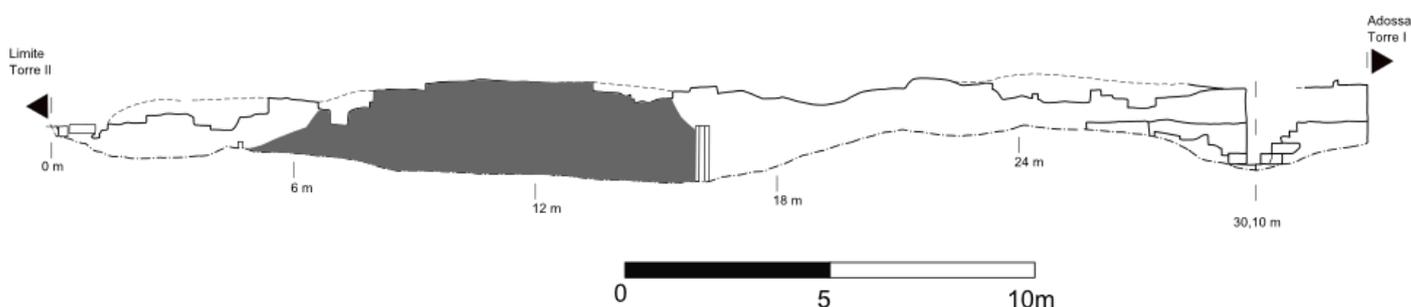


Figura 64 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	324
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [310] e [313]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [312]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

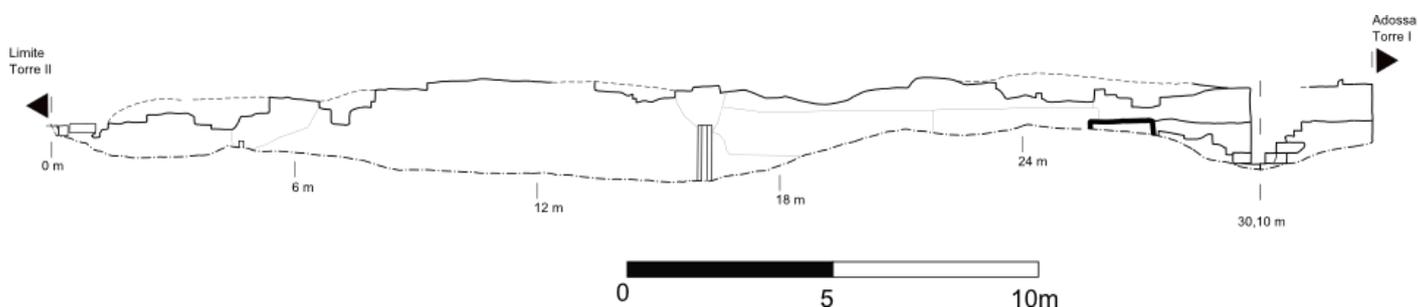


Figura 65 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	325
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 2.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [323]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 1,44 metros	Largura: 0,40 metros
Altura: 1,60 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--



Figura 66 – Buraco no troço de muralha 2.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	326
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [311], [325] e [327]	Corta:	Enche:
Adossa a: [323]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--



Figura 67 – Reboco.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	327
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [328] e [334]	Corta: [323]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

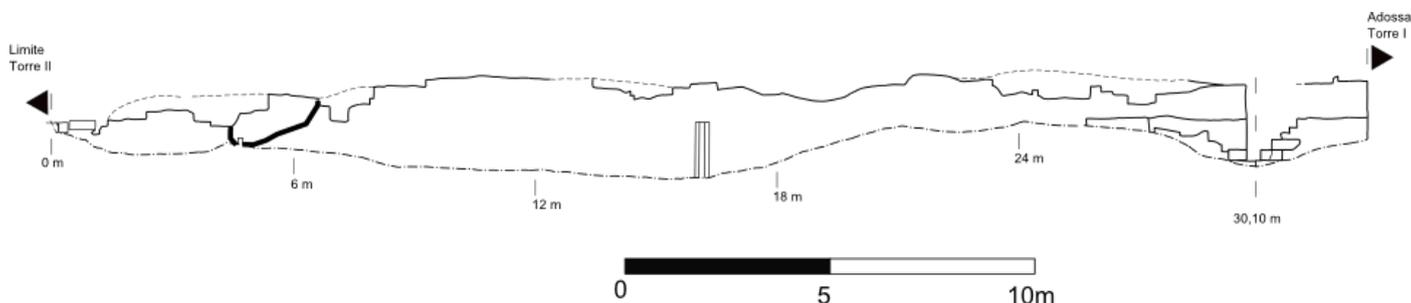


Figura 68 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	328
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Reconstrução de parte da muralha. Blocos de tamanho médio e pedras pequenas unidas por cimento.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [327] e [333]	Cheia por:
Cortada por: [311]	Corta:	Enche:
Adossa a: [334]	Adossada por:	Equivalente: [322]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas unidas por cimento	

Material de União	
Tipo: Cimento	Consistência: Muito compacto
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

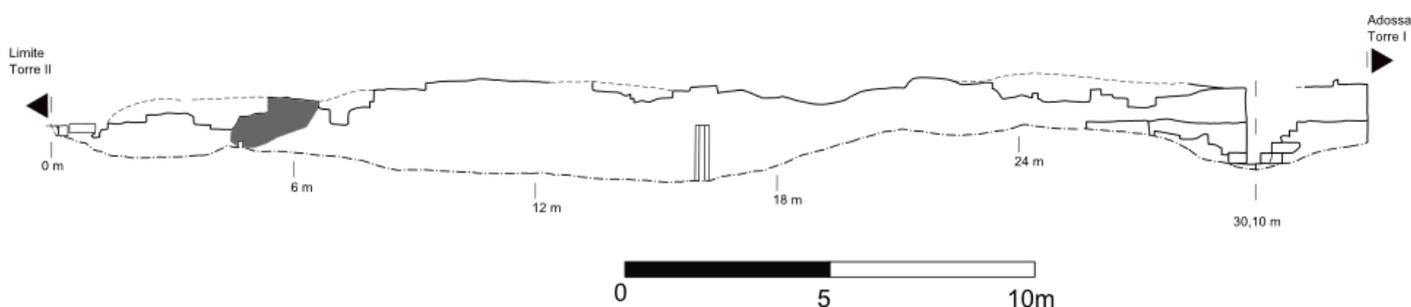


Figura 69 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	329
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Negativo. Buraco no troço de muralha 2.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [323]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,48 metros	Largura: 0,30 metros
Altura: 0,80 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--

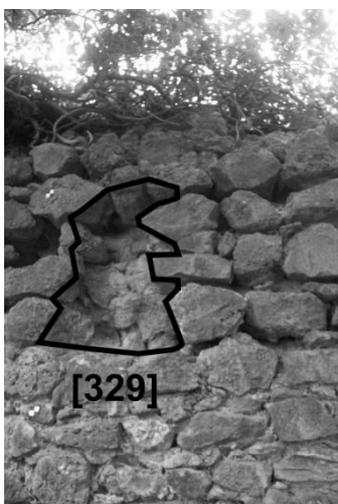


Figura 70 – Buraco no troço de muralha 2 (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	330
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [336]
Cortada por: [311] e [327]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [401], [415], [416], [417], [418] e [501]	Equivalente: [303], [308], [312], [319] e [323]
Integrada em:	Integra: [335]	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos de pedra e pedra.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio, com pedra pequena.
Modo Construção: fiadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.	

Material de União	
Tipo: Argamassa.	Consistência: Compato.
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

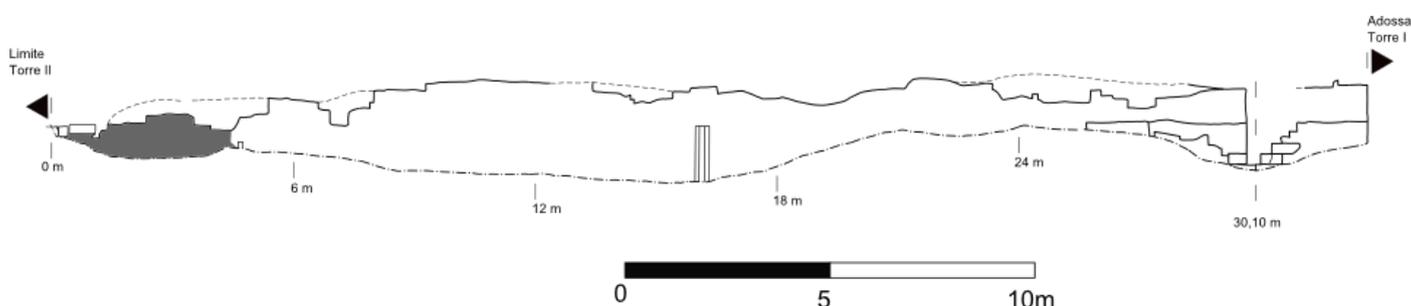


Figura 71 – Alçado do troço de muralha 2 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	331
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [311] e [327]	Enche:
Adossa a: [330]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--



Figura 72 – Reboco.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	332
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [315]	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [313]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

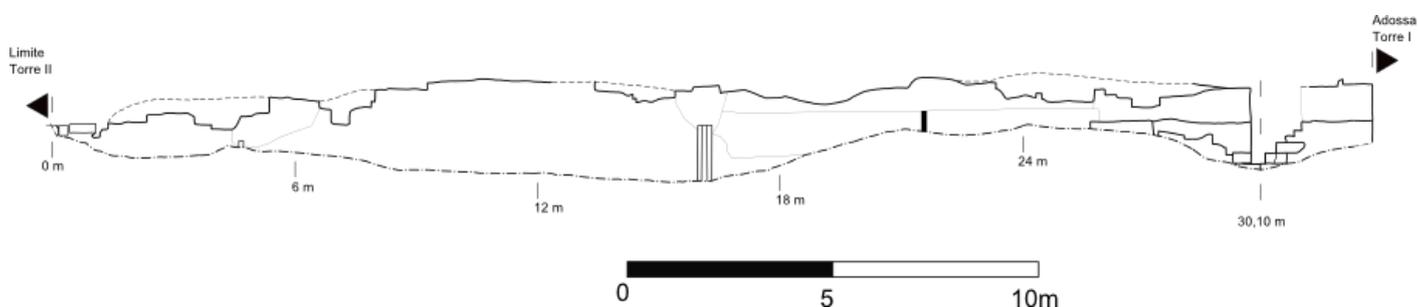


Figura 73 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	333
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Tubo de plástico que atravessa a muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [327]	Cheia por:
Cortada por: [328] e [334]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,10 metros	Largura:
Altura: 0,16 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura



Figura 74 – Tubo em plástico.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	334
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Cimento para reforço da muralha. Estrutura positiva.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [327]	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [328]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Cimento.	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência: Muito compato
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura



Figura 75 – Vestígios de cimento.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	335
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Soleira de porta, constituída por três silhares.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [418]	Equivalente:
Integrada em: [330]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Silhares	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 30 a 32.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura



Figura 76 – Soleira de porta.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	336
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 1		Paramento:	
Descrição: Núcleo da muralha constituído por pedras médias. Unidas por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche: [330]
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos s e pedras	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Dispostos aleatoriamente.	

Material de União	
Tipo: Argamassa e Terra	Tipo:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura	
---------------	--



Figura 77 – Núcleo do troço de muralha 2.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	337
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 2		Paramento: Exterior - Oeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [310]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [313]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 4 e 5.	

Figura

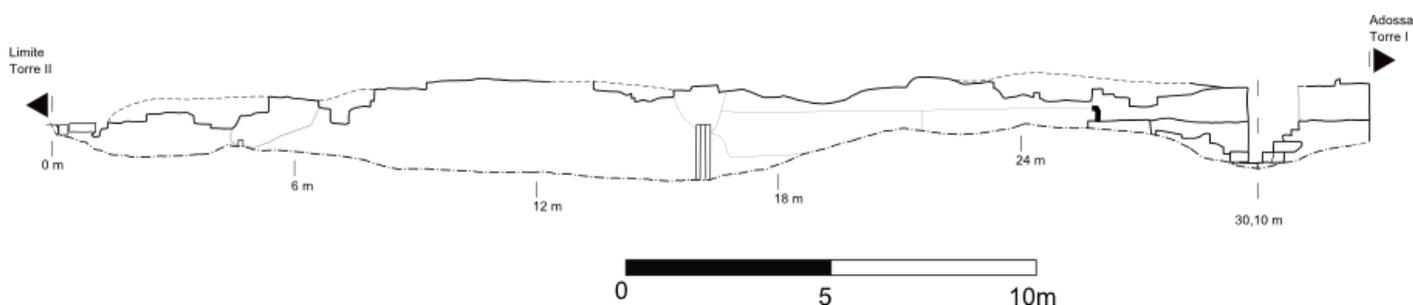


Figura 78 – Alçado do troço de muralha 2 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

4.4 - Torre II

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	400
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento:	
Descrição: Torre II. Localizada junto à uma porta para o exterior da alcáçova. Esta torre encontra-se ligada ao troço de muralha 2 e 3.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [300] e [500]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio com pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio com pedras pequenas a colmatar espaços e s nivelar.	

Material de União	
Tipo: Argamassa.	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 12 a 18 .	

Figura

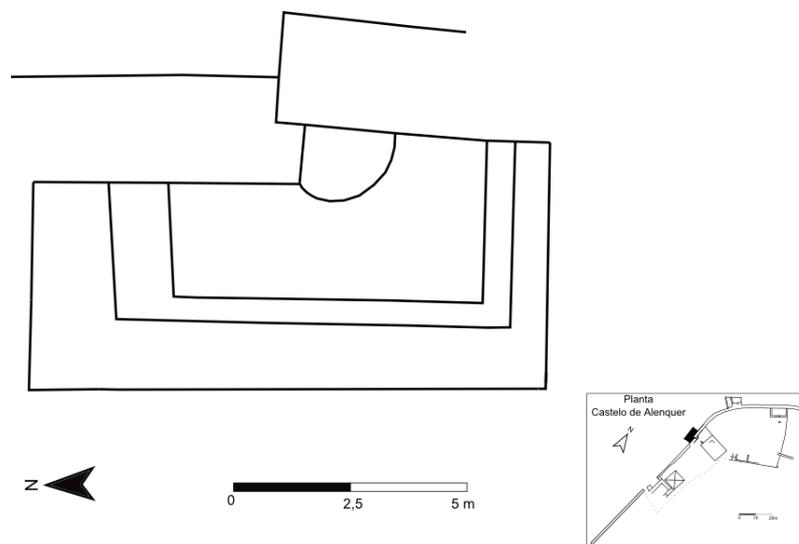


Figura 79 – Planta da torre II.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	401
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar. Presença de fragmentos de telha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [402] e [404]	Corta:	Enche:
Adossa a: [300], [330], [335] e [417]	Adossada por:	Equivalente: [405]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio com pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio com pedras pequenas a colmatar espaços e s nivelar.	

Material de União	
Tipo: Argamassa.	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 80 – Aparelho construtivo.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	402
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Negativo da destruição da parte Oeste da face Sul.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [401], [418] e [403]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 81 – Negativo da destruição da parte Oeste da face Sul.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	403
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa, com vestígios de cerâmica (poucos).			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [402] e [404]	Corta:	Enche:
Adossa a: [401]	Adossada por:	Equivalente: [406]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 82 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	404
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [401], [403], [415], [416], [417] e [418]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 83 – Paramento Sul com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	405
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar. Presença de fragmentos de telha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [407], [408] e [409]	Corta:	Enche:
Adossa a: [417]	Adossada por: [406]	Equivalente: [401]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio com pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio com pedras pequenas a colmatar espaços e s nivelar.	

Material de União	
Tipo: Argamassa.	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura



Figura 84 – Aparelho construtivo.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	406
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa, com vestígios de cerâmica (poucos).			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [407], [408] e [409]	Corta:	Enche:
Adossa a: [405]	Adossada por:	Equivalente: [403]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 85 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	407
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [405], [406], [415], [416], [417] e [418]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura



Figura 86 – Paramento Oeste com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	408
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Negativo da destruição da parte Sul da face Oeste.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [405], [406] e [418]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos: Destruição
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura



Figura 87 – Negativo da destruição.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	409
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Negativo da destruição da parte Norte da face Oeste.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [405], [406] e [418]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 88 – Negativo da destruição.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	410
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Fiadas de pedra de tamanho medio, unidas por argamassa. Pedra pequena a colmatar os espaços. Pouca cerâmica. Estrutura positiva.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [412] e [413]	Corta:	Enche:
Adossa a: [417]	Adossada por: [411]	Equivalente: [401] e [405]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio com pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio com pedras pequenas a colmatar espaços e s nivelar.	

Material de União	
Tipo: Argamassa.	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 89 – Aparelho construtivo.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	411
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa, com vestígios de cerâmica (poucos).			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [412] e [413]	Corta:	Enche:
Adossa a: [410]	Adossada por:	Equivalente: [403] e [406]

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 90 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	412
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [410], [411], [415], [416], [417] e [418]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 91 – Paramento Norte com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	413
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Negativo da destruição da parte Oeste da face Norte.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [410], [411] e [418]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--



Figura 92 – Negativo da destruição.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	414
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento:	
Descrição: Núcleo da parede exterior da torre. Constituído por pedras pequenas e médias, e cerâmica. Unidas por argamassa. Estrutura positiva.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche: []
Adossa a: [417]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos s e pedras	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Dispostos aleatoriamente.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura



Figura 93 – Núcleo da torre.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	415
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Superfície Horizontal	
Descrição: Fecho circular da junção do troço de muralha 2 com o troço de muralha 3. A face exterior é em blocos de tamanho médio, unidos por argamassa. O interior é cheio com pedras de tamanho pequeno, dispostas aleatoriamente.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [404], [407] e [412]	Corta:	Enche:
Adossa a: [300] [330], [500] e [501]	Adossada por: [416]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos	Dimensões Elementos: blocos de tamanho médio
Modo Construção: blocos de tamanho médio, unidos por argamassa.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Tipo: Compata
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 58 a 52.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura	
---------------	--

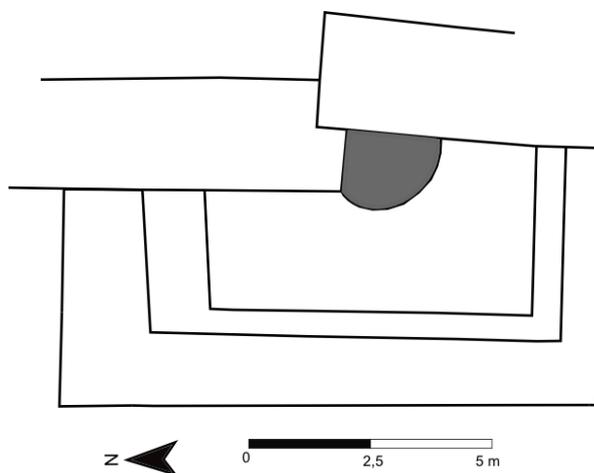


Figura 94 – Fecho circular da junção do troço de muralha 2 com o troço de muralha 3

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	416
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Superfície Horizontal	
Descrição: Interior da torre. Constituído por pedras pequenas e vestígios de argamassa. Difícil de precisar devido à deposição de sedimentos e ao elevado nível de degradação da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [404], [407] e [412]	Corta:	Enche:
Adossa a: [300], [330], [415], [500] e [501]	Adossada por: [417]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Pedras	Dimensões Elementos: Pedras pequenas.
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: argamassa	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 57.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura

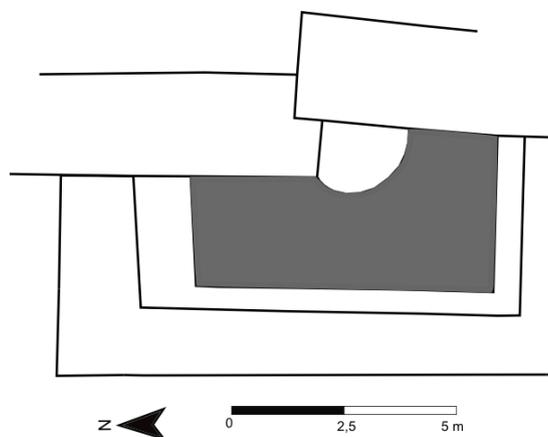


Figura 95 – Interior da torre

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	417
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Superfície Horizontal	
Descrição: Parede interior da torre, vestigial. Constituída por pedras de tamanho médio e pequena, unidas por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [404], [407] e [412]	Corta:	Enche:
Adossa a: [300], [330], [416], [500] e [501]	Adossada por: [401], [405], [410] e [414]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Constituída por, unidas por argamassa.	

Material de União	
Tipo: argamassa	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 55 a 57.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .	

Figura

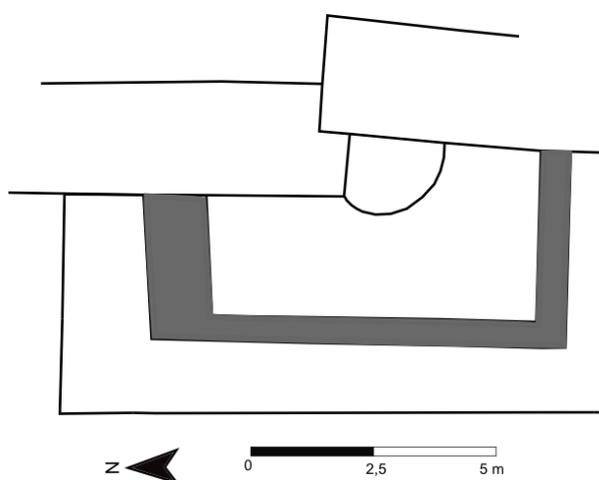


Figura 96 – Parede interior da torre

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	418
Corpo arquitetónico: Torre II		Paramento: Superfície Horizontal	
Descrição: Parede exterior da torre. Constituído por pedras grandes organizadas em fiadas e pequenas a colmatar espaços.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [402], [404], [407], [408], [409], [412] e [413]	Corta:	Enche:
Adossa a: [300], [330], [335], [417], [500] e [501]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 55 a 57.
Consultar Desenho: Anexo III, figura 12 a 18 .

Figura

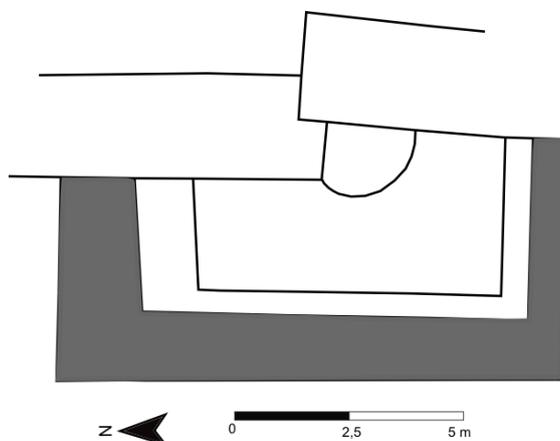


Figura 97 – Parede exterior da torre

4.5 - Troço de Muralha 3

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	500
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento:	
Descrição: Troço de Muralha localizado entre a torre I e a torre III.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [519]
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [300]	Adossada por: [415], [416], [417] e [418]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos e pedra	Dimensões Elementos: blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos médios, alternadas por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacta
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 6 e 7.	

Figura

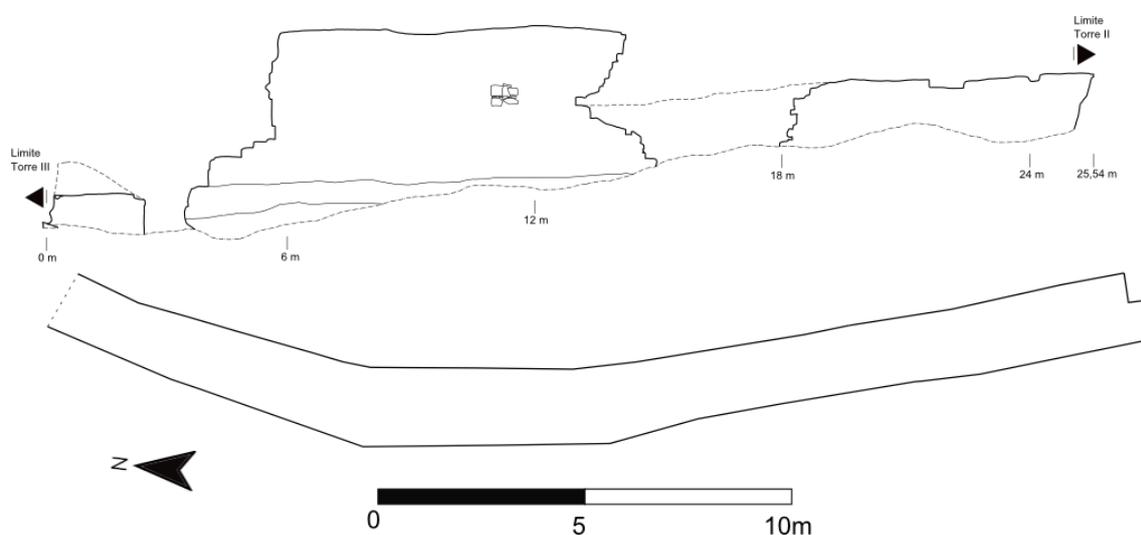


Figura 98 – Alçado e planta do troço de muralha 3.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	501
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternada por fiadas de pedra pequena			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [502] e [503]	Corta:	Enche:
Adossa a: [330]	Adossada por: [415], [416], [417], [418] e [520]	Equivalente: [506]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos e pedra	Dimensões Elementos: blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos médios, alternadas por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compata
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 39.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 6 e 7.	

Figura

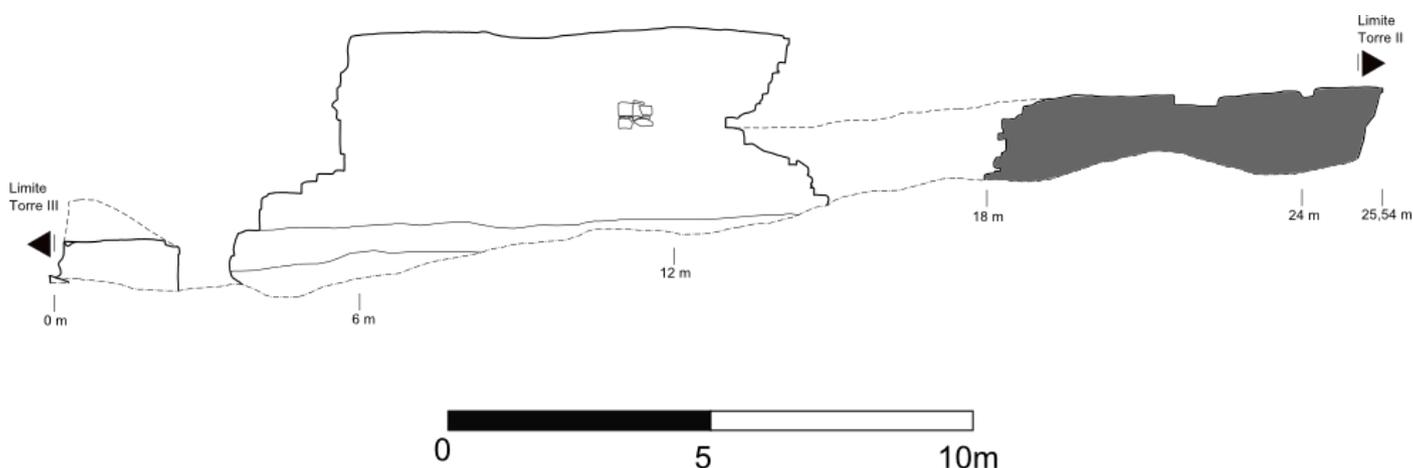


Figura 99 – Alçado do troço de muralha 3 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	502
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [501] e [520]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 33.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

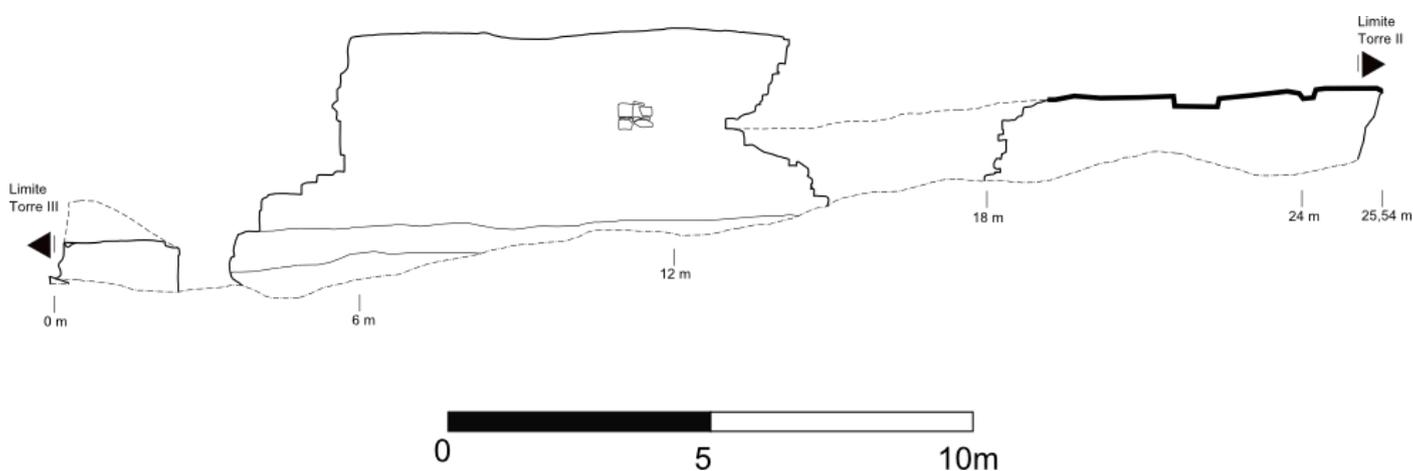


Figura 100 – Alçado do troço de muralha 3 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	503
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [501] e [520]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

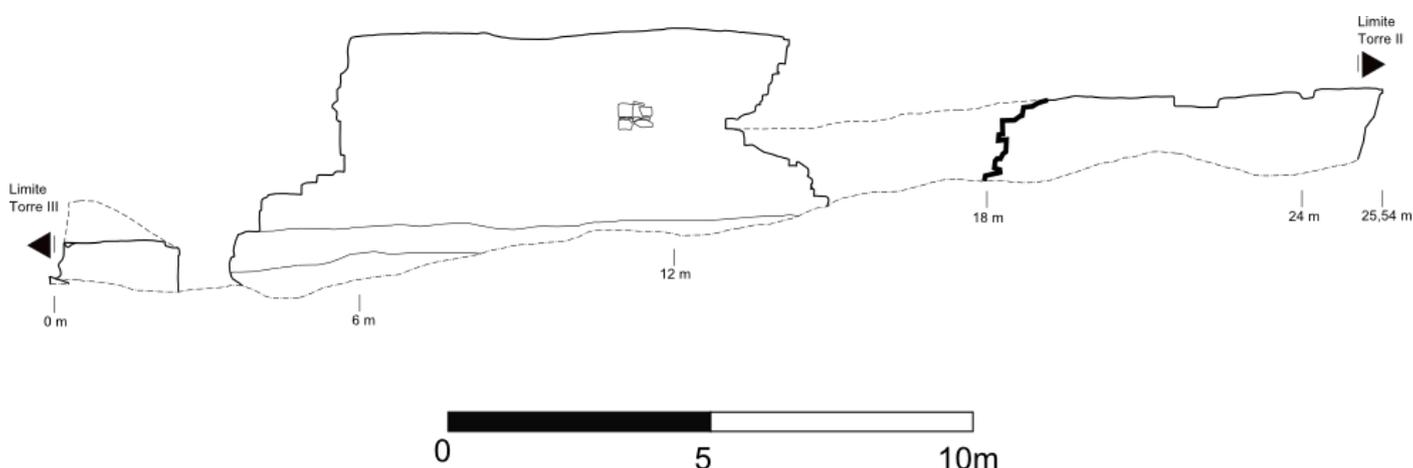


Figura 101 – Alçado do troço de muralha 3 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	504
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [505] e [506]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

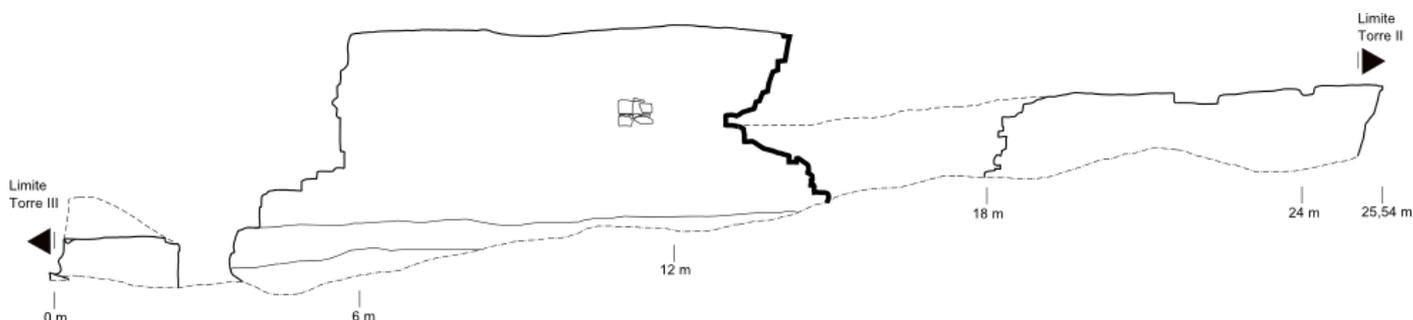


Figura 102 – Alçado do troço de muralha 3 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	505
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Parte superior do embasamento escalonado. Blocos de tamanho médio em fiadas, com pedras pequenas a colmatar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [506]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [504]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos médios com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compata
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 a 36, 38 e 40.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

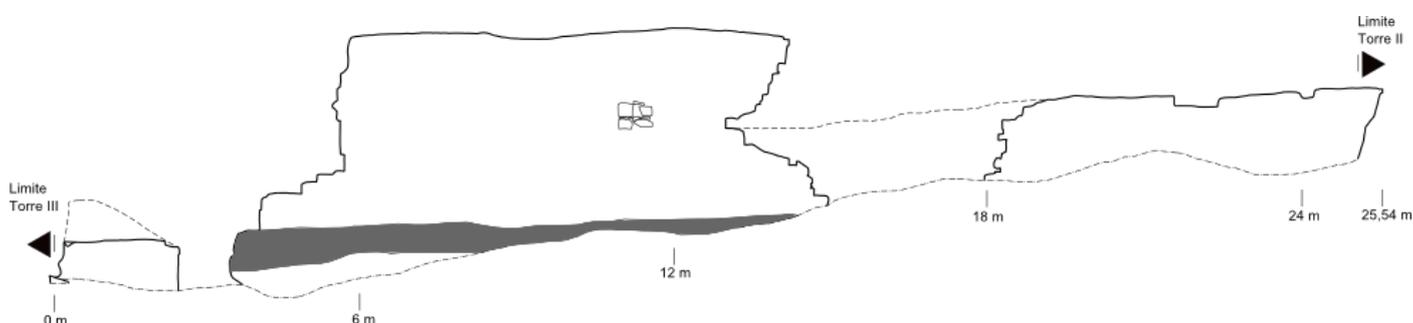


Figura 103 – Embasamento escalonado.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	506
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternada por fiadas de pedra pequena			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [504] e [507]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [501]
Integrada em:	Integra: [508], [510] e [511]	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos e pedra	Dimensões Elementos: blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos médios, alternadas por fiadas de pedra pequena	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacta
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 a 36, 38 e 40.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura



Figura 104 – Alçado do troço de muralha 3 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	507
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [506]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 a 36 e 38.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

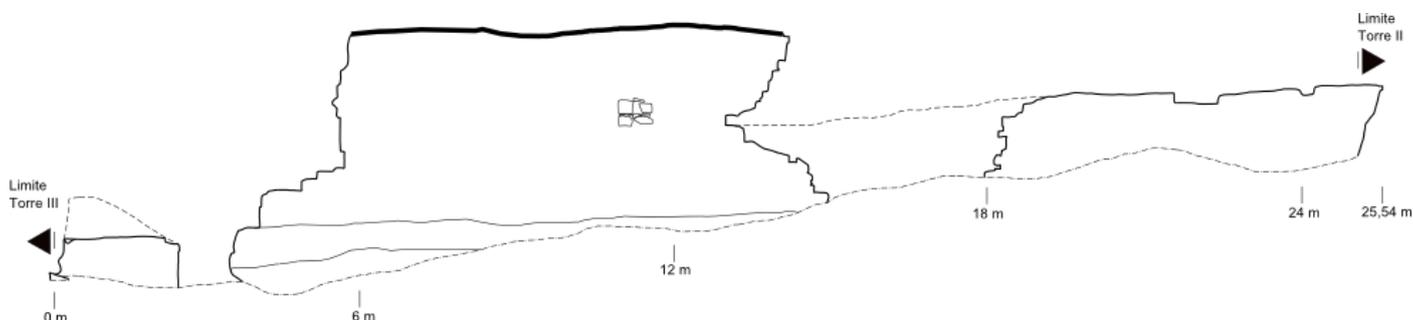


Figura 105 – Alçado do troço de muralha 3 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	508
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Buraco de Andaime.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [506]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 a 36.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura	
---------------	--



Figura 106 – Buraco de Andaime.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	509
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [504] e [507]	Corta:	Enche:
Adossa a: [506]	Adossada por:	Equivalente: e [520]
Integrada em:	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica (telha)	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 a 36 e 38.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura	
---------------	--



Figura 107 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	510
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Possível fragmento de taipa. Constituído por fragmentos de cerâmica, areia, pequenas pedras.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [506]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,11 metros	Largura:
Altura: 0,07 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 a 36.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura	
---------------	--



Figura 108 – Fragmento de Taipa.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	511
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Possível fragmento de taipa. Constituído por fragmentos de cerâmica, areia, pequenas pedras.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [506]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento: 0,18 metros	Largura:
Altura: 0,06 metros	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 a 36.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura



Figura 109 – Fragmento de Taipa.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	512
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Parte inferior do embasamento escalonado. Blocos de tamanho médio em fiadas, com pedras pequenas a colmatar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [505]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [513]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Razoável

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos médios com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compata
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 34 e 38.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

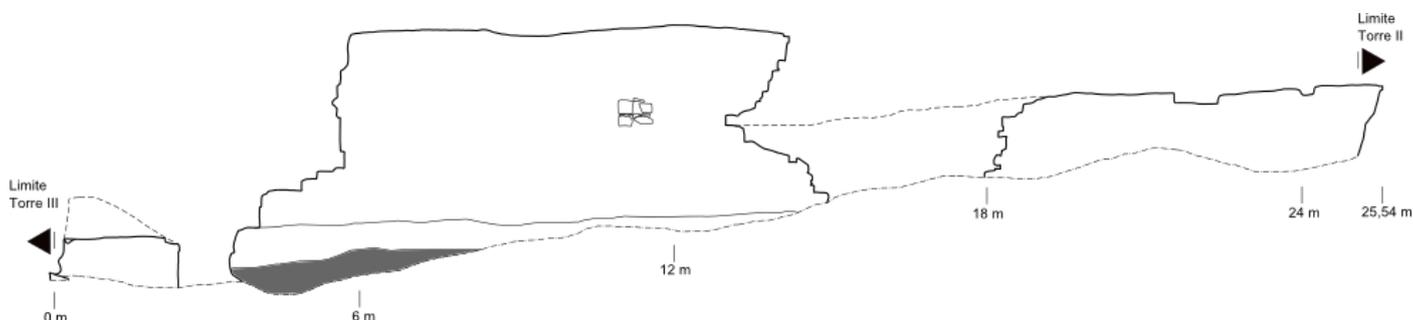


Figura 110 – Embasamento escalonado.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	513
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição da muralha em toda a sua altura.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [505], [506], [512] e [514]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 41.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura	
---------------	--



Figura 111 – Negativo da destruição da muralha em toda a sua altura.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	514
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Parte inferior do embasamento escalonado. Blocos de tamanho médio em fiadas, com pedras pequenas a colmatar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [513]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [512]
Integrada em:	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos médios com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compata
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 41.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

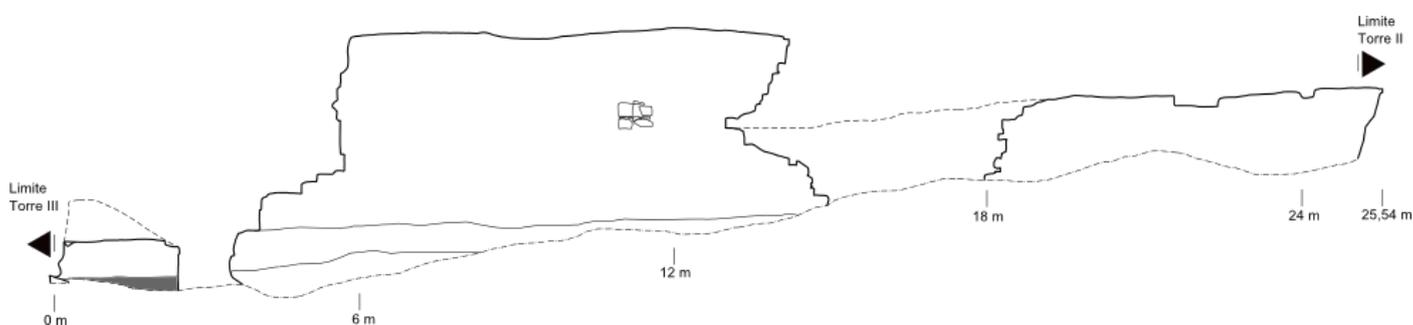


Figura 112 – Embasamento escalonado.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	515
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Parte superior do embasamento escalonado. Blocos de tamanho médio em fiadas, com pedras pequenas a colmatar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [513]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [505]
Integrada em:	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos médios com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacta
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 41.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura



Figura 113 – Embasamento escalonado.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	516
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [515]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 41.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

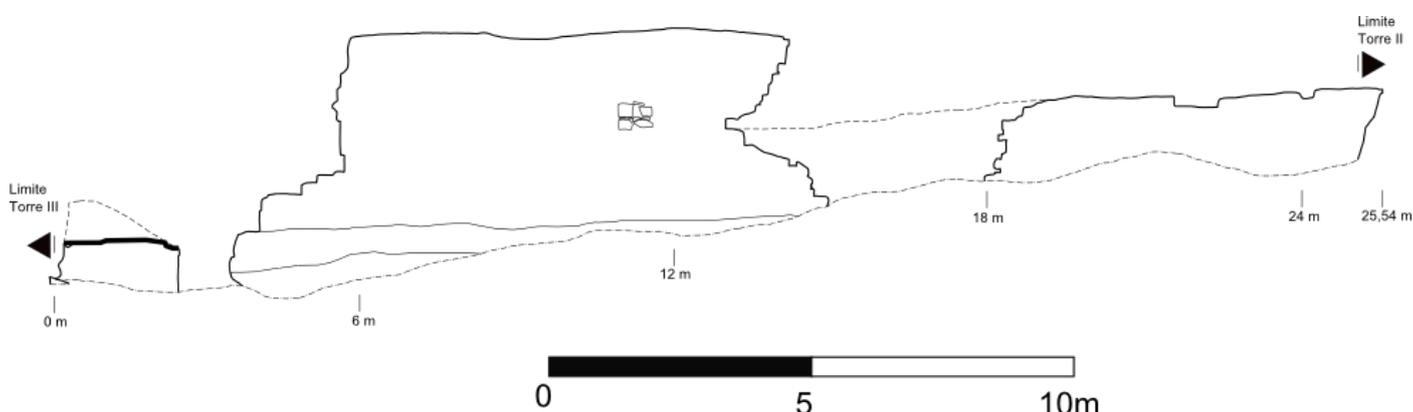


Figura 114 – Alçado do troço de muralha 3 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	517
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo do adosamento lateral da torre III.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [514] e [515]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 41.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura	
---------------	--



Figura 115 – Negativo do adosamento lateral da torre III.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	518
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral a Norte da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [514], [515] e [517]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 41.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura

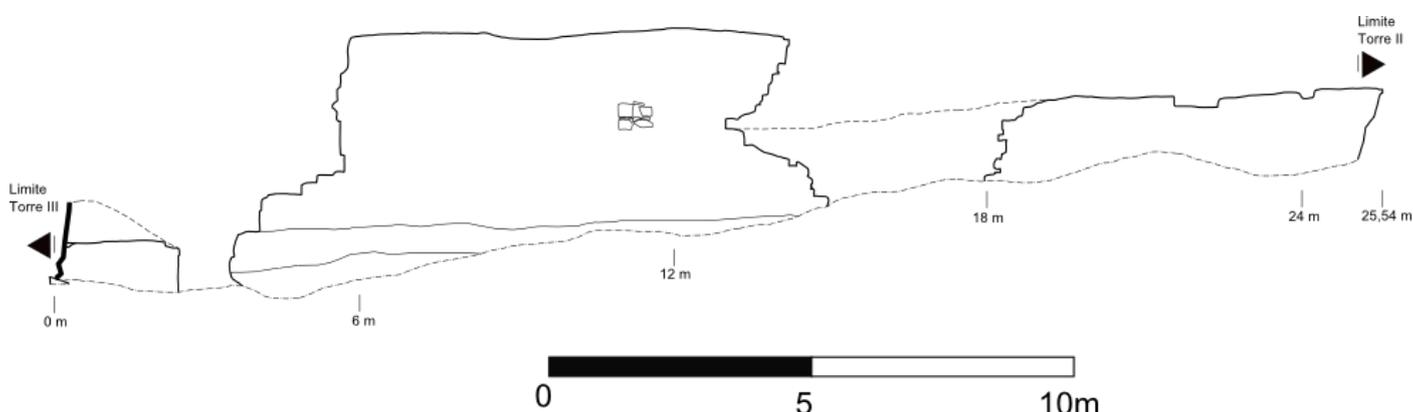


Figura 116 – Alçado do troço de muralha 3 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	519
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Núcleo da muralha. Blocos de pedra média e pedras pequenas dispostas aleatoriamente e unidas por argamassa			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche: [500]
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos de pedra e pedras	Dimensões Elementos: Blocos de pedra média e pedras pequenas
Modo Construção: Blocos de pedra média e pedras pequenas dispostas aleatoriamente e unidas por argamassa	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacta
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura



Figura 117 – Núcleo do troço de muralha 3.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	520
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 3		Paramento: Exterior – Face Oeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [502] e [503]	Corta:	Enche:
Adossa a: [501]	Adossada por:	Equivalente: e [509]
Integrada em:	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos, cal	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 35 e 36.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 6 e 7.	

Figura	
---------------	--



Figura 118 – Reboco

4.6- Torre III

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	600
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento:	
Descrição: Torre que se enquadra entre o troço de muralha 3 e 4. Desenvolve-se no lado exterior da muralha. Não foi possível aferir a relação com a u.e.m. [500]			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [616] e [628]
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une: [700]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 19 a 27.	

Figura	
---------------	--

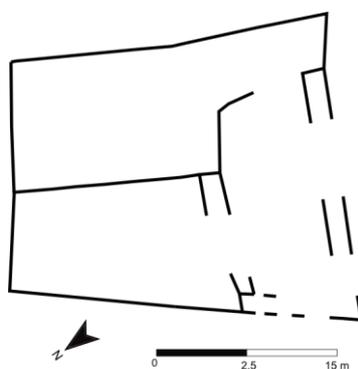


Figura 119 – Planta da torre III.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	601
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Nordeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [602]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em	Integra:	Une: [701]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 65.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

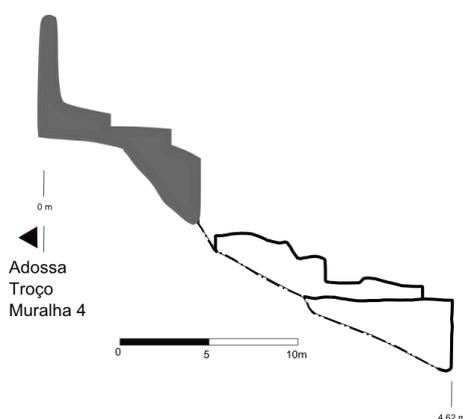


Figura 120 – Alçado da torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	602
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Nordeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [601]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 65.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

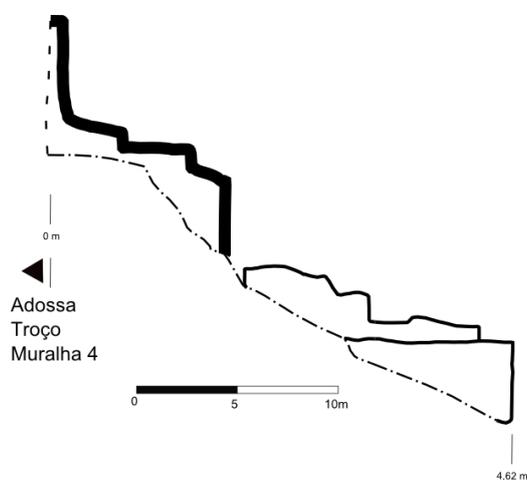


Figura 121 – Alçado da torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	603
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Nordeste	
Descrição: Uma fiada de blocos de tamanho medio. Argamassa. Muito destruído.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [605]	Cheia por:
Cortada por: [604]	Corta:	Enche:
Adossa a: [625]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos de pedra	Dimensões Elementos: blocos de tamanho medio
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
---------------	--

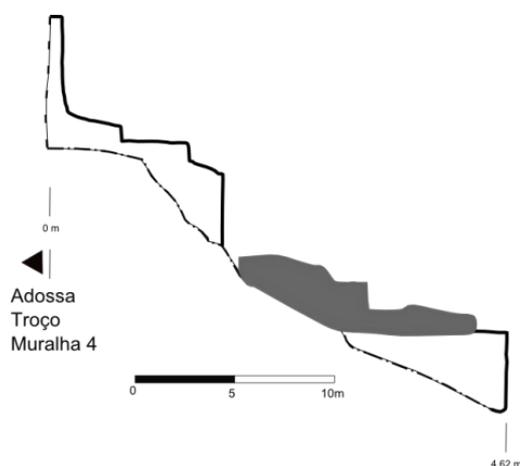


Figura 122 – Alçado da torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	604
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Nordeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [603]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

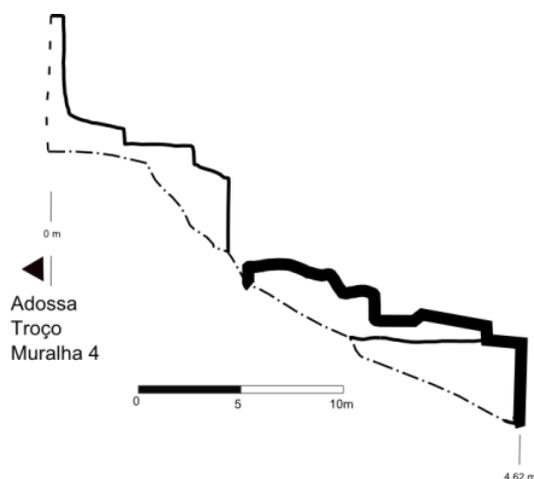


Figura 123 – Alçado da torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	605
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Nordeste	
Descrição: Embasamento constituído por blocos de tamanho médio e pequeno, unidos por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [603]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [606]
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

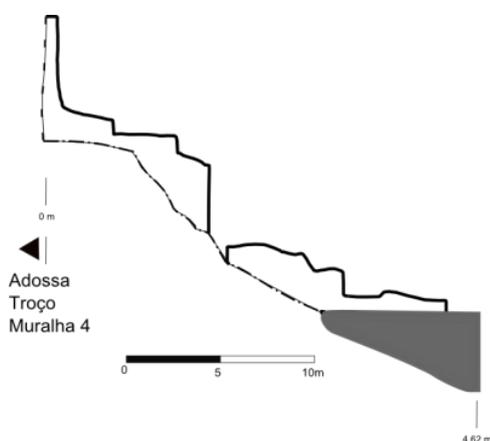


Figura 124 – Alçada a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	606
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Embasamento constituído por blocos de tamanho médio e pequeno, unidos por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [607]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [605]
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
--------	--

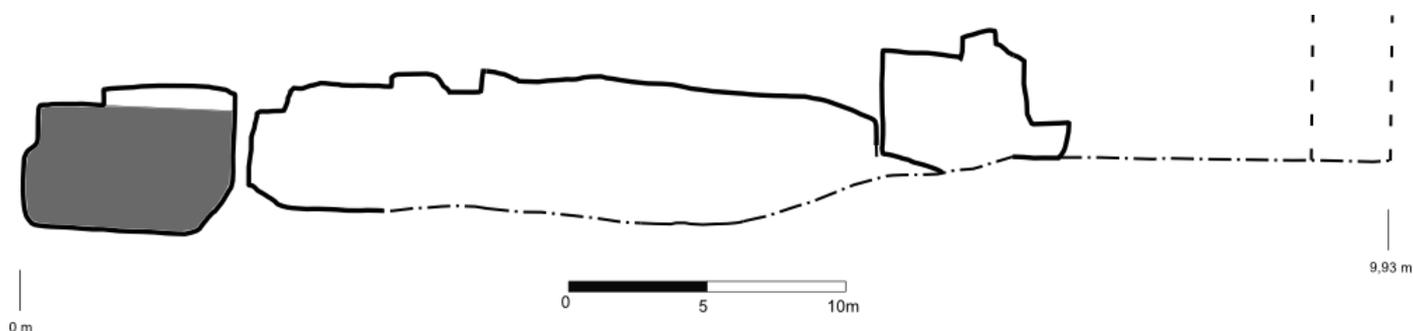


Figura 125 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	607
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [606]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

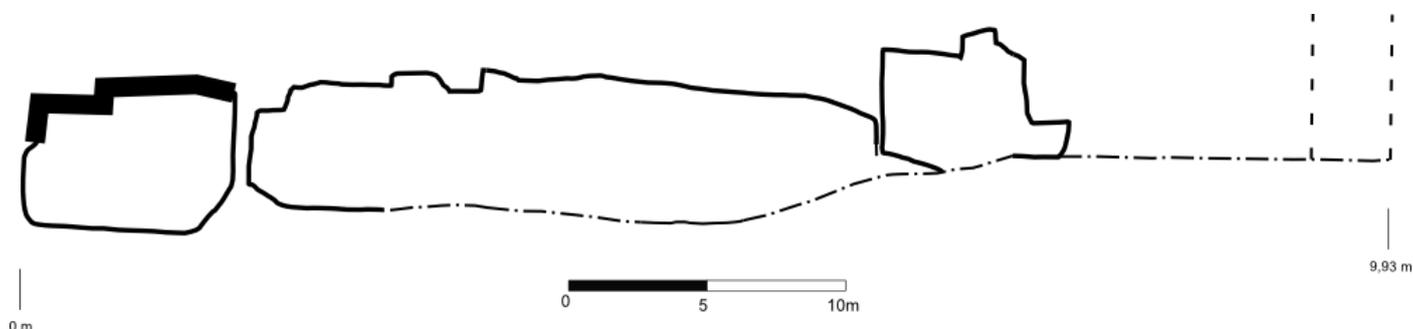


Figura 126 – Alçado da torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	608
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Uma fiada de blocos de tamanho médio. Telha. Muito destruído.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [606]	Cheia por:
Cortada por: [607]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos de tamanho médio	Dimensões Elementos: blocos de tamanho médio
Modo Construção: blocos de tamanho médio	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

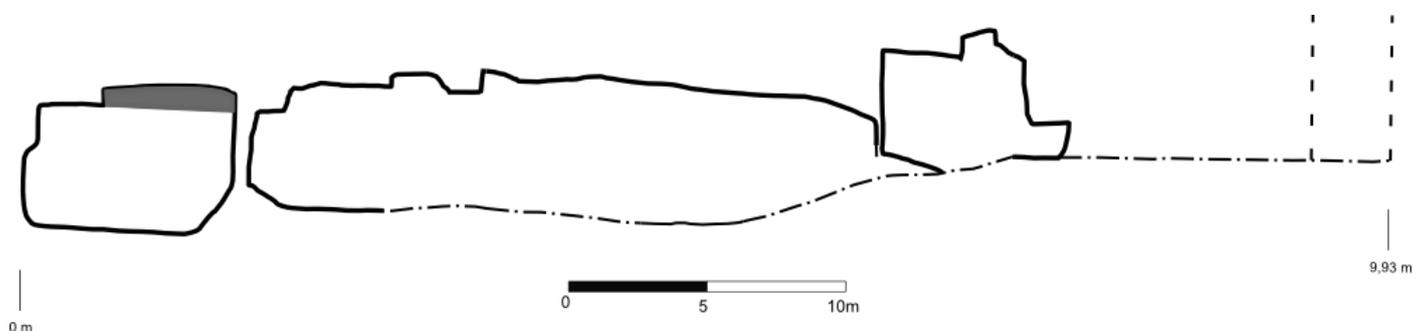


Figura 127 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	609
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Duas fiadas de pedras de tamanho medio. Muito destruído.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [610]	Cheia por:
Cortada por: [611]	Corta:	Enche:
Adossa a: [613]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos de tamanho médio	Dimensões Elementos: blocos de tamanho médio
Modo Construção: blocos de tamanho médio	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

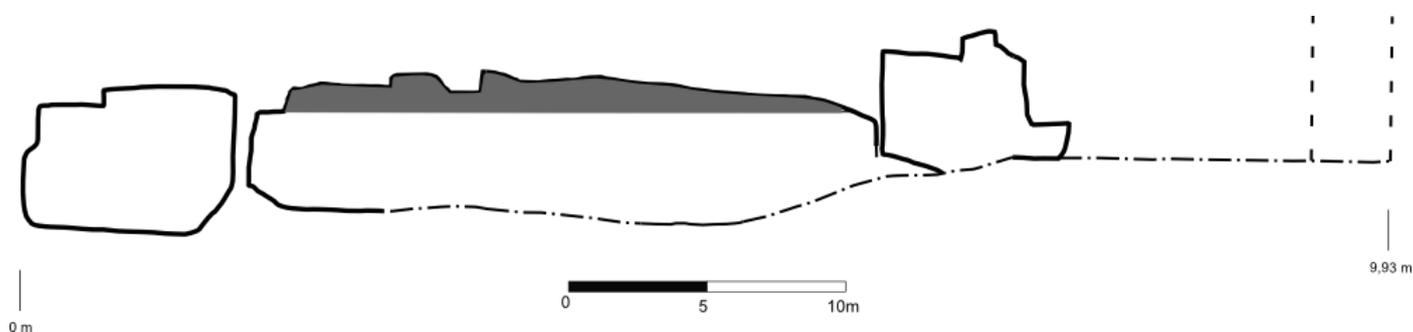


Figura 128 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	610
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Embasamento constituído por pedras de tamanho médio e pequeno, unidos por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [609]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [612]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos e pedra	Dimensões Elementos: blocos de tamanho médio e pedra pequena.
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63 e 64.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

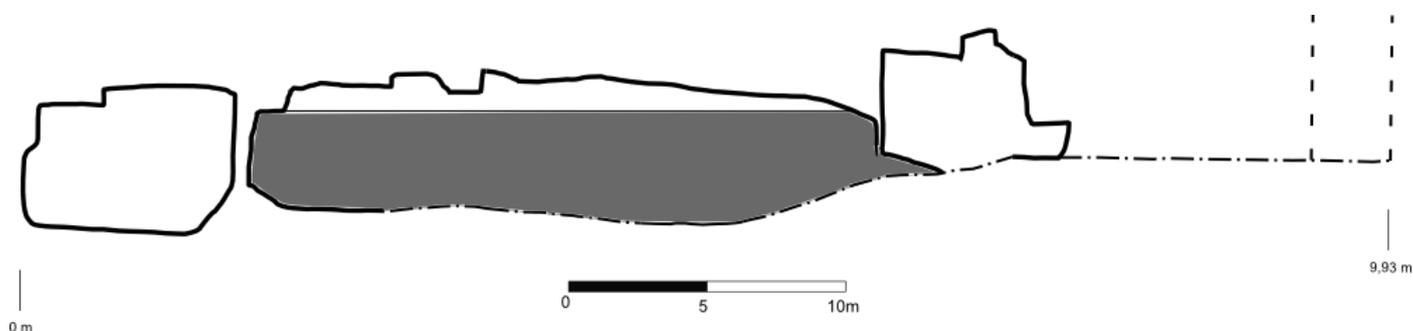


Figura 129 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	611
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [609]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

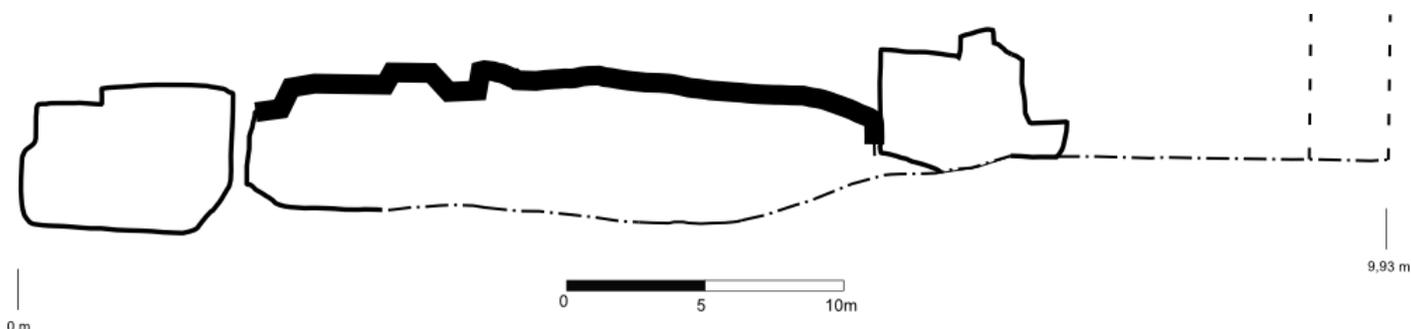


Figura 130 – Alçado da torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	612
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Embasamento constituído por pedras de tamanho médio e pequeno, unidos por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [613] e [618]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [610]	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

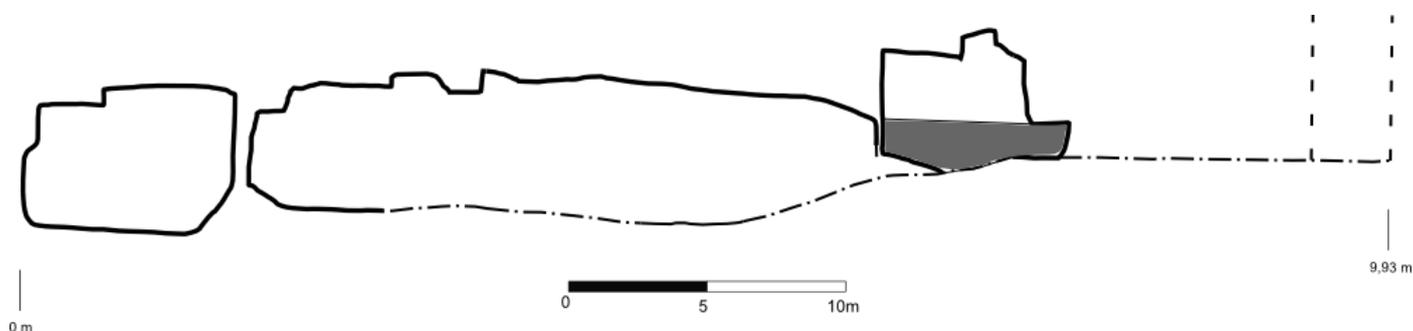


Figura 131 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	613
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Fiadas de pedras de tamanho medio, telha. Argamassa. Muito destruído.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [612]	Cheia por:
Cortada por: [614]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [609]	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

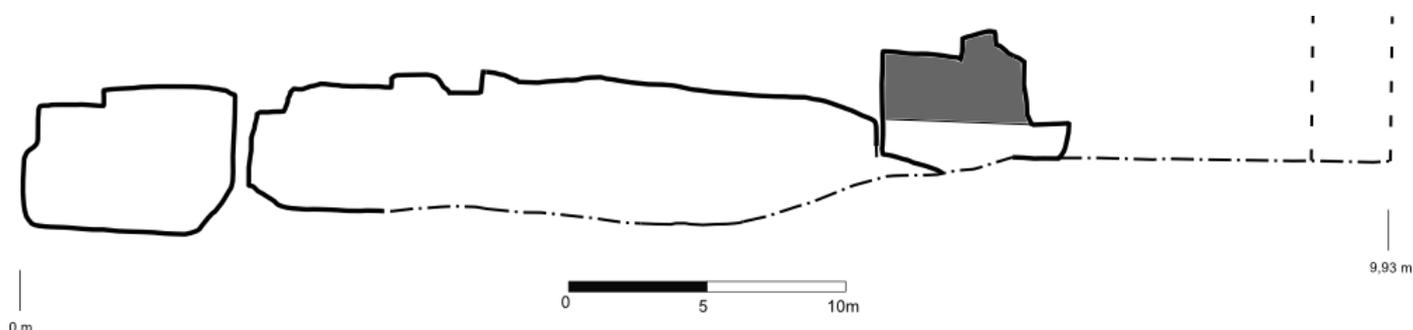


Figura 132 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	614
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [613] e [618]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Dimensão

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 63.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

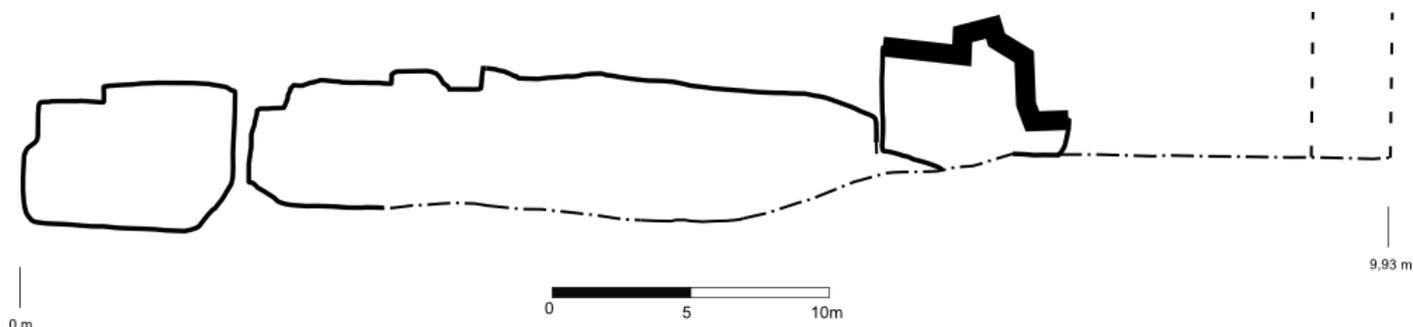


Figura 133 – Alçado da torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	615
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição da parede em toda a altura.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [612], [613] e [618]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

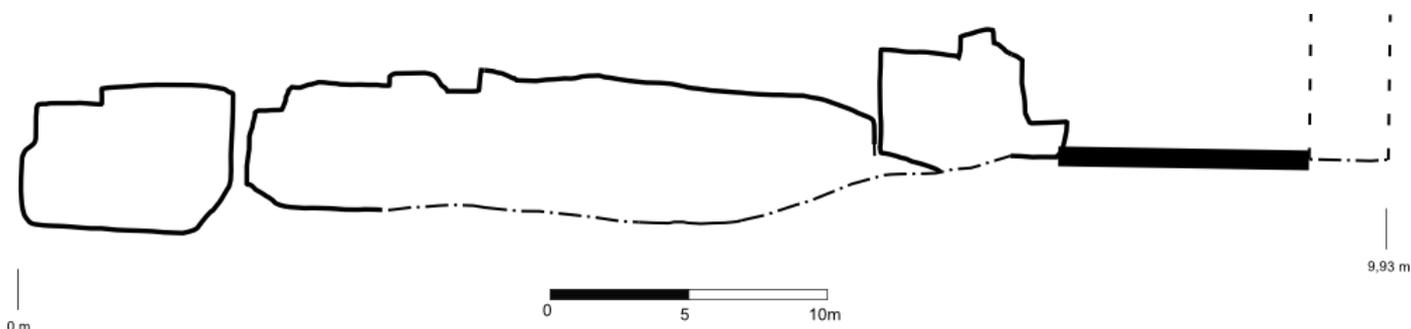


Figura 134 – Alçado da torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	616
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Lateral da face Sudoeste. Núcleo constituído por pedras de tamanho medio e pequeno. Argamassa. Muito destruído.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [612]	Cheia por:
Cortada por: [614]	Corta:	Enche: [600]
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [628]
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Dispostos aleatoriamente.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

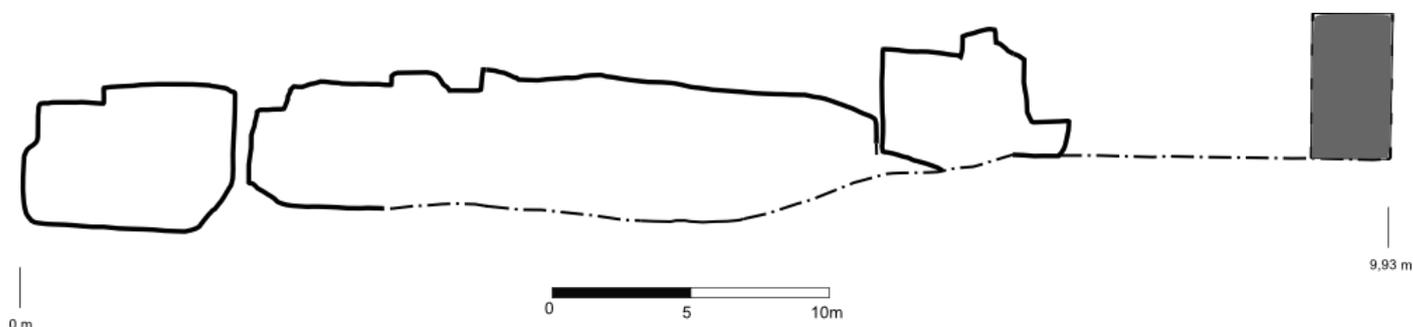


Figura 135 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	617
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [616]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura



Figura 136 – Negativo da destruição do topo da parede

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	618
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [614], [615] e []	Corta:	Enche:
Adossa a: [613]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura



Figura 137 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	619
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Sudoeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [631]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

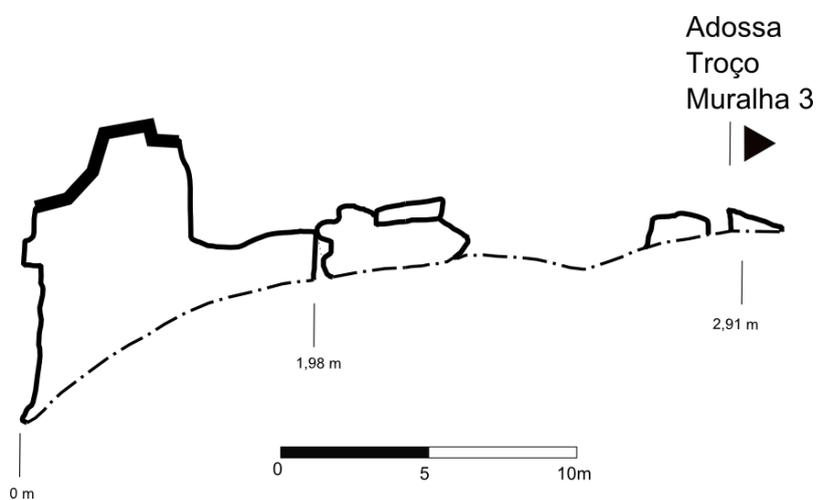


Figura 138 – Alçado a torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	620
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Sudoeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral da parede. A Sudeste da face Sudoeste			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [631] e [621]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

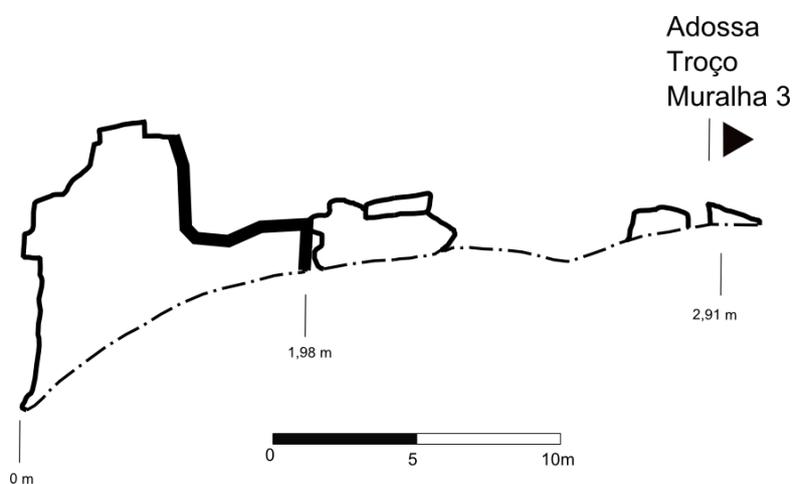


Figura 139 – Alçado a torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	621
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Sudoeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [632], [619] e [620]	Corta:	Enche:
Adossa a: [631]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
---------------	--



Figura 140 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	622
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Sudoeste	
Descrição: Negativo da destruição da parede em toda a sua altura.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [623]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura



Figura 141 – Negativo da destruição da parede em toda a sua altura

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	623
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Exterior – Face Sudoeste	
Descrição: Parede constituída por blocos médios e pedras pequenas unidas por argamassa. Muito destruído.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [623]	Corta:	Enche:
Adossa a: [500] e [517]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura



Figura 142 – Parede constituída por blocos médios e pedras pequenas unidas por argamassa.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	624
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Sudoeste	
Descrição: Vestígios de parede que Adossa à u.e.m [631]. Constituída por blocos médios e pedras pequenas dispostas irregularmente.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [632], [619] e [620]	Corta:	Enche:
Adossa a: [631]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos e pedras	Dimensões Elementos: blocos médios e pedras pequenas
Modo Construção: blocos médios e pedras pequenas dispostas irregularmente.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

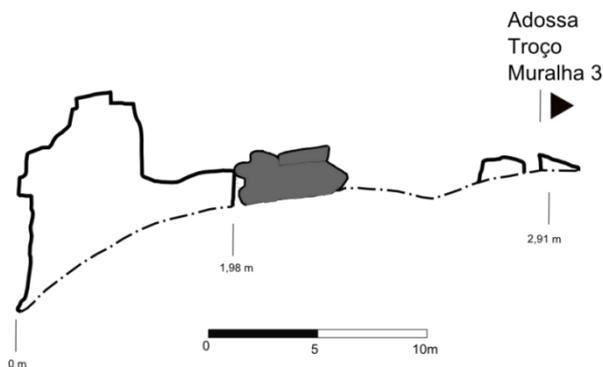


Figura 143 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	625
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Noroeste	
Descrição: Alvenaria formada por fiadas de blocos grandes e médios, com pedras pequenas a nivelar fiadas. O limite Sudoeste desta u.e.m, encontra-se bem definido por pedras de grande tamanho.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [626]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos e pedras	Dimensões Elementos: blocos grandes e médios, com pedras pequenas a nivelar fiadas
Modo Construção: fiadas de blocos grandes e médios, com pedras pequenas a nivelar fiadas	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
---------------	--

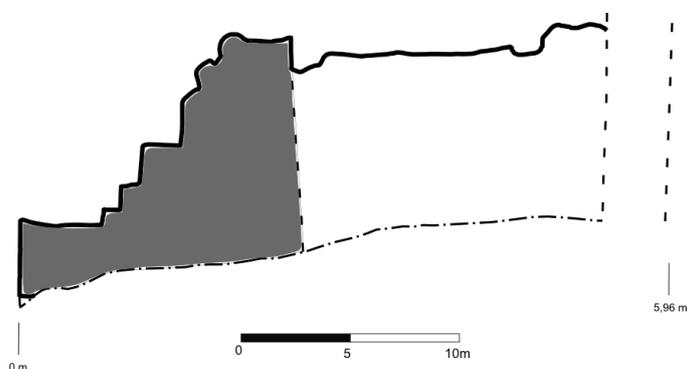


Figura 144 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	626
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [625]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

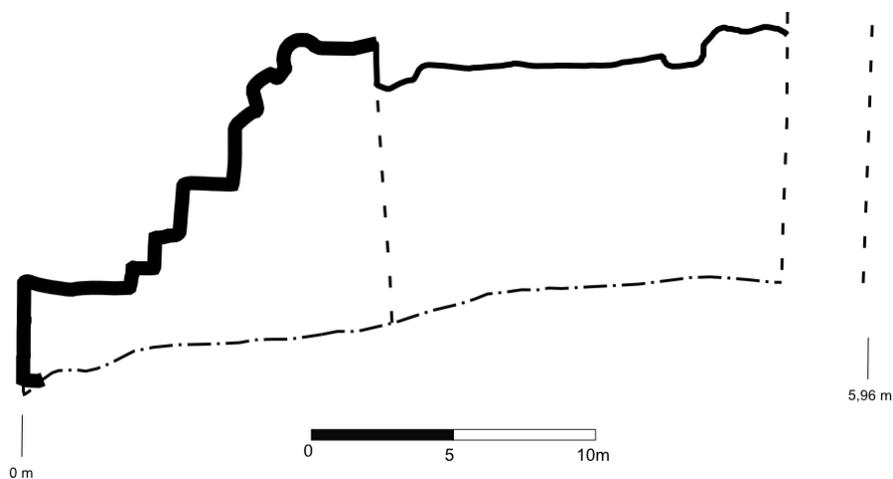


Figura 145 – Alçado a torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	627
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Noroeste	
Descrição: Alvenaria irregular sem organização. Alvenaria típica, pedras de varias dimensões e formas, dispostas consoante o seu formato travando-se entre si.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [630]	Corta:	Enche:
Adossa a: [625], [628]	Adossada por: [629]	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Terra	Consistência: Moderadamente compata.
Descrição: Terra e grânulos pétreos. De cor castanho-escura.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
---------------	--

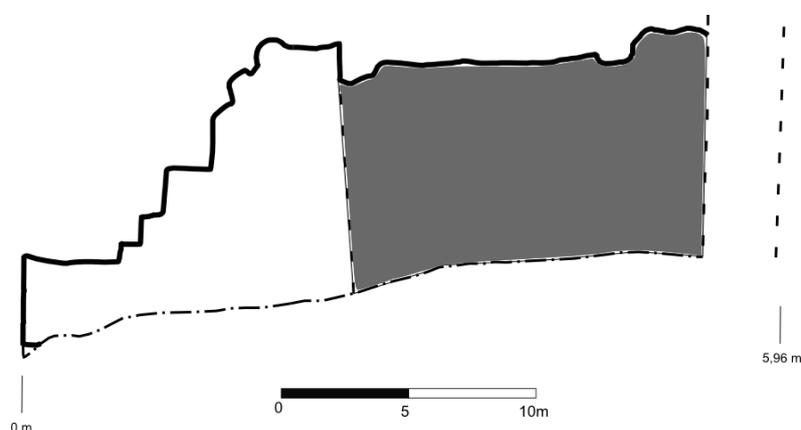


Figura 146 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	628
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Noroeste	
Descrição: Lateral da face Sudoeste. Núcleo constituído por pedras de tamanho medio e pequeno. Argamassa. Muito destruído.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche: [600]
Adossa a:	Adossada por: [629], [627]	Equivalente: [616]
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Dispostos aleatoriamente	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
---------------	--

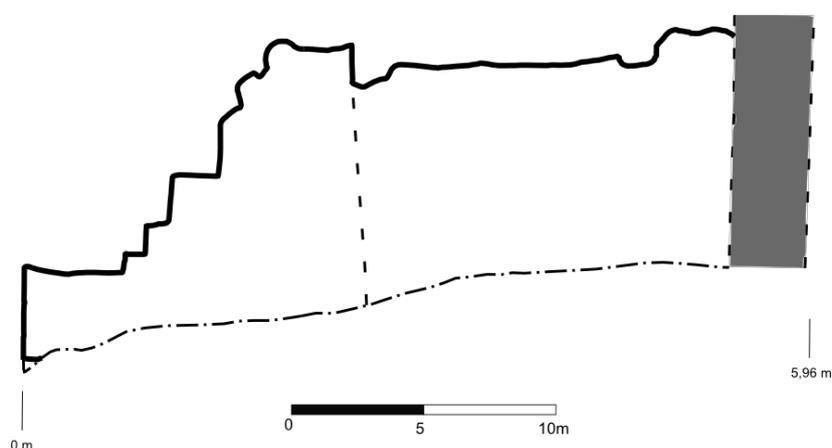


Figura 147 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	629
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Noroeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [630]	Corta:	Enche:
Adossa a: [627] e [628]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
---------------	--



Figura 148 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	630
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da parede.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [627] e [629]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

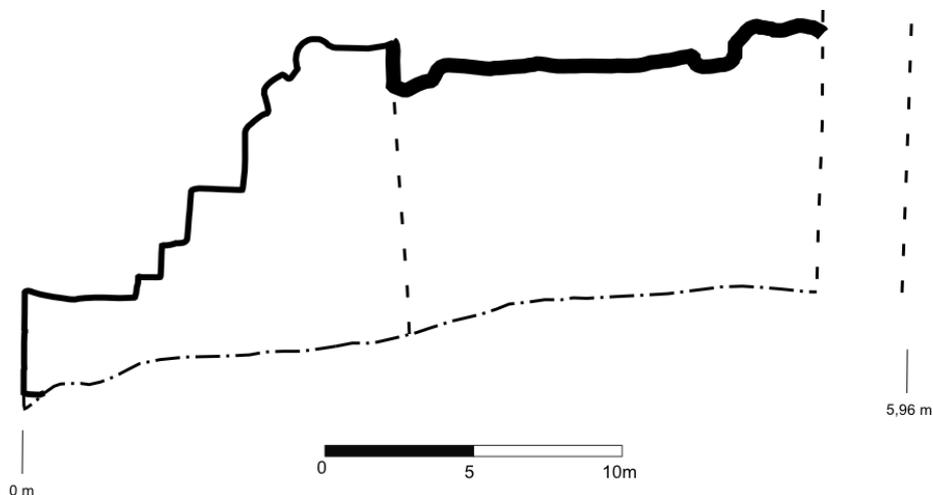


Figura 149 – Alçado a torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	631
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Sudoeste	
Descrição: Aparelho, possivelmente, formado por fiadas de pedras médias e pequenas. Não foi possível aferir com certeza a sua organização devido à presença de reboco.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [632], [619] e [620]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [621] e [624]	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura	
---------------	--

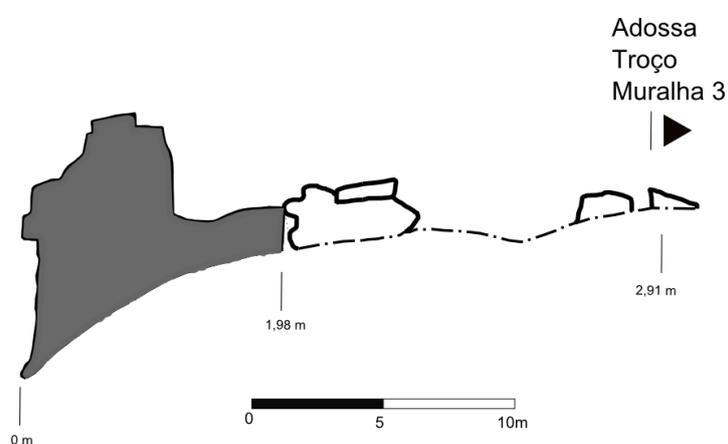


Figura 150 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	632
Corpo arquitetónico: Torre III		Paramento: Interior – Face Sudoeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral da parede. A Noroeste da face Sudoeste.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [631] e [621]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 19 a 27.	

Figura

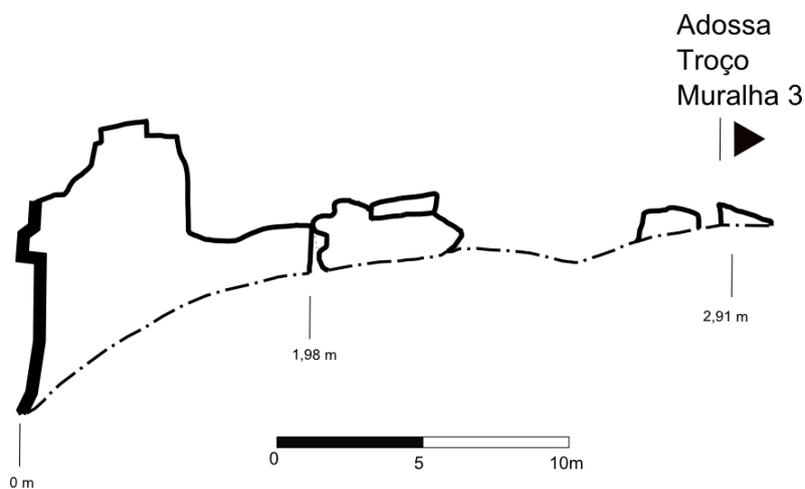


Figura 151 – Alçado a torre III com a parte negativa da destruição (linha a negro).

4.7 - Troço de Muralha 4

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	700
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento:	
Descrição: Troço de Muralha que se desenvolve a partir da torre III até ao limite Norte da alcáçova.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [704]
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [800]	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une: [600]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

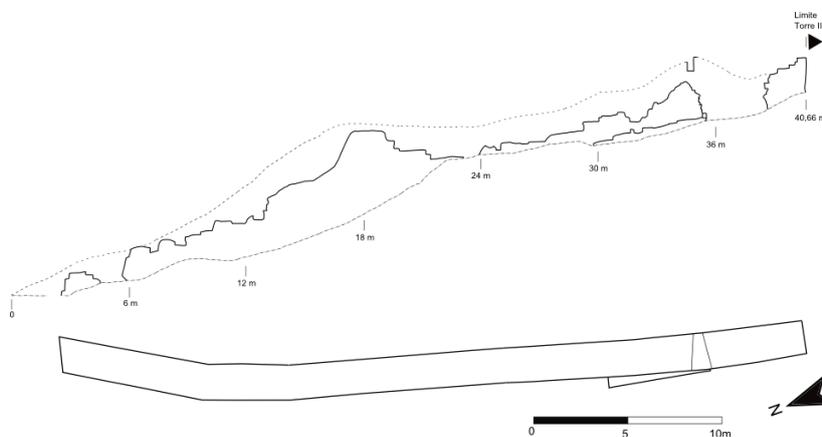


Figura 152 – Alçado e planta do troço de muralha 4.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	701
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar. Presença de fragmentos de telha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [702] e [703]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [705], [711] e [714]
Integrada em:	Integra:	Une: [601]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 42.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

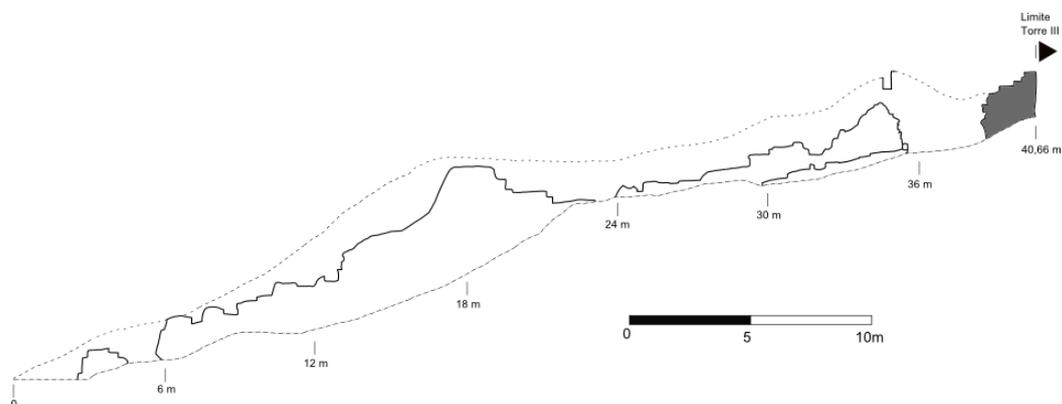


Figura 153 – Alçado do troço de muralha 4 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	702
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [701], [704], [708], [711], [714] e [715]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

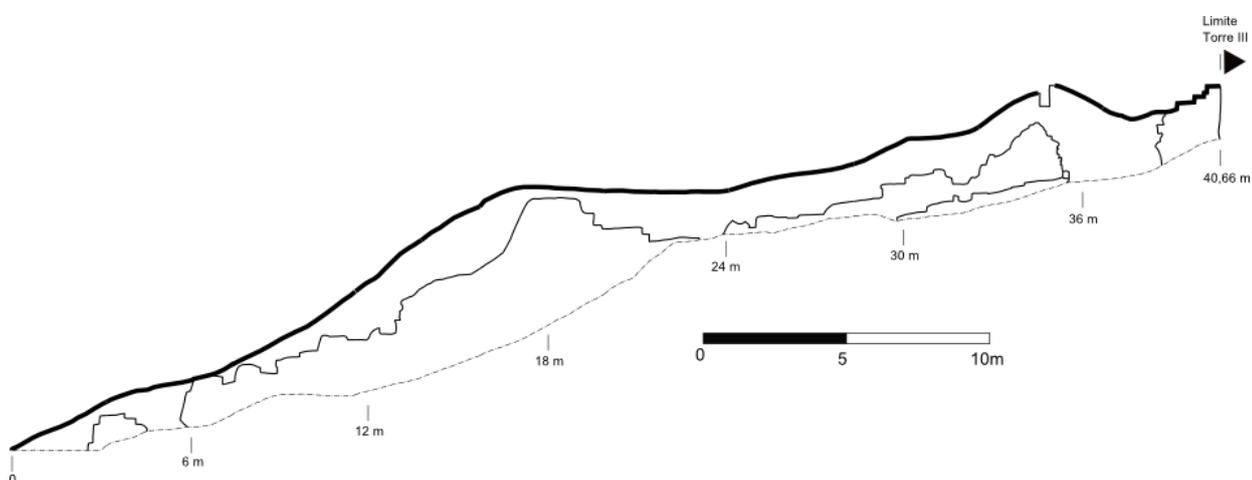


Figura 154 – Alçado do troço de muralha 4 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	703
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [701]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

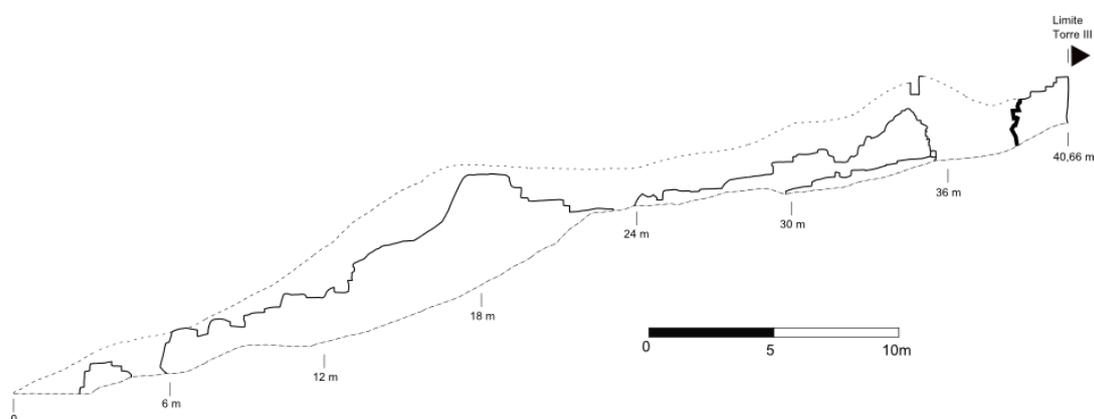


Figura 155 – Alçado do troço de muralha 4 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	704
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Núcleo constituído por blocos de tamanho médio e pedra pequena dispostas aleatoriamente e unidas por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [702] e [703]	Corta:	Enche: [700]
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Dispostos aleatoriamente.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura	
---------------	--



Figura 156 – Núcleo do troço de muralha 4.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	705
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [706]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente: [701], [711] e [714]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 43 e 44.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

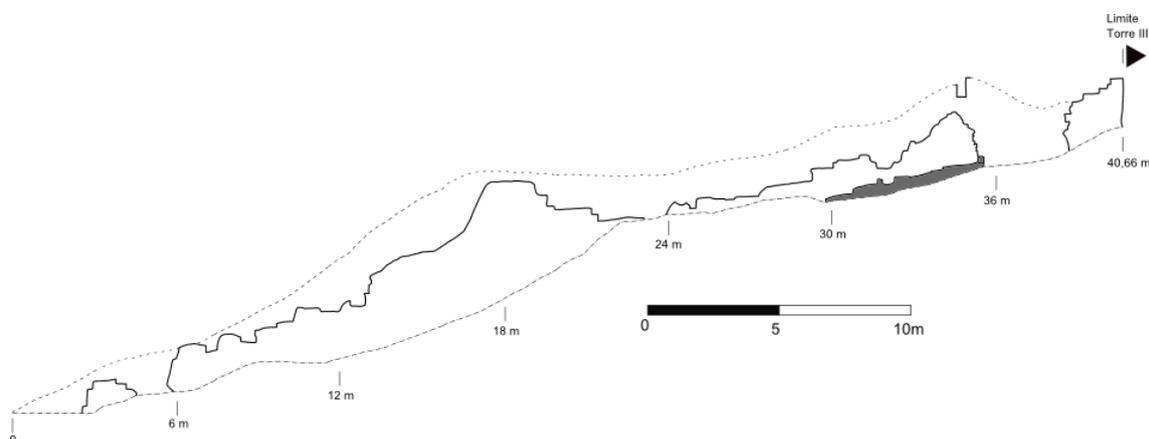


Figura 157 – Alçado a torre III com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	706
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Interface. Negativo da destruição			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [705]	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [707]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição.

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 43 e 44.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

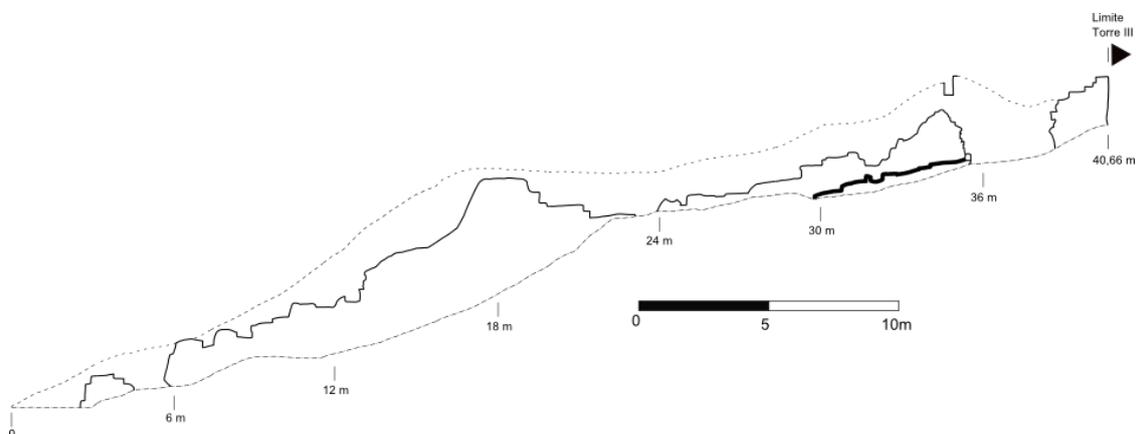


Figura 158 – Alçado do troço de muralha 4 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	707
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Reconstrução da face exterior da muralha. Alvenaria irregular sem organização. Alvenaria típica, pedras de varias dimensões e formas, dispostas consoante o seu formato travando-se entre si.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [706]	Cheia por:
Cortada por: [718]	Corta:	Enche:
Adossa a: [704]	Adossada por: [709]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Alvenaria irregular sem organização. Pedras de varias dimensões e formas, dispostas consoante o seu formato travando-se entre si.	

Material de União	
Tipo: Terra	Consistência: Moderadamente compata.
Descrição: Terra e grânulos pétreos. De cor castanho-escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 43 e 44.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

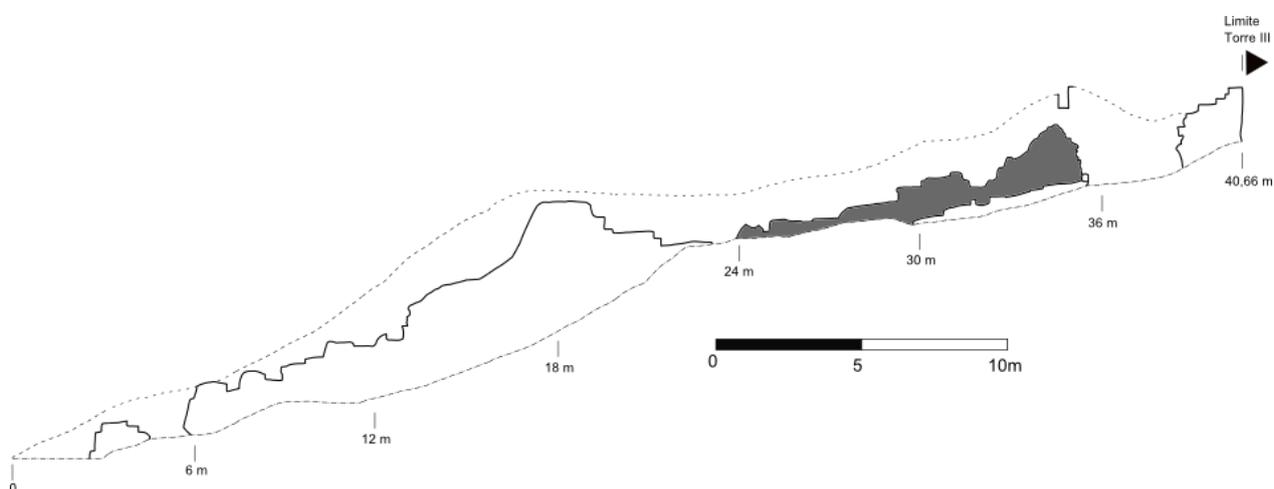


Figura 159 – Alçado do troço de muralha 4 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	708
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Vão. Seteira. Pedra de tamanho médio e pequeno com argamassa amarela.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [702]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [704]	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 46 a 49.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura	
---------------	--



Figura 160 – Seteira, vista do interior.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	709
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [718]	Corta:	Enche:
Adossa a: [707]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura	
---------------	--



Figura 161 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	710
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição da muralha.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [705],[707] e [709]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

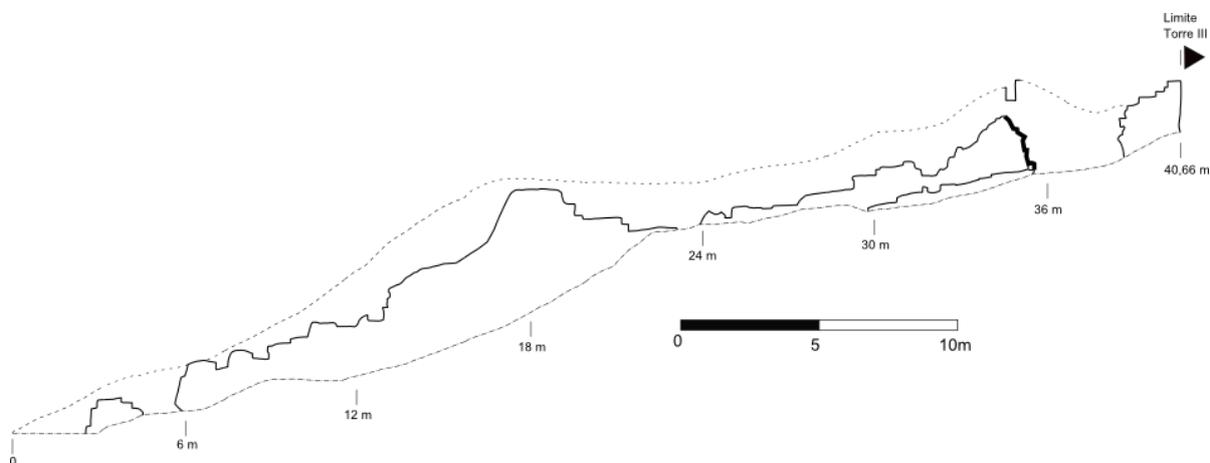


Figura 162 – Alçado do troço de muralha 4 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	711
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [702] e [710]	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [712]	Equivalente: [701], [705] e [714]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 45.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

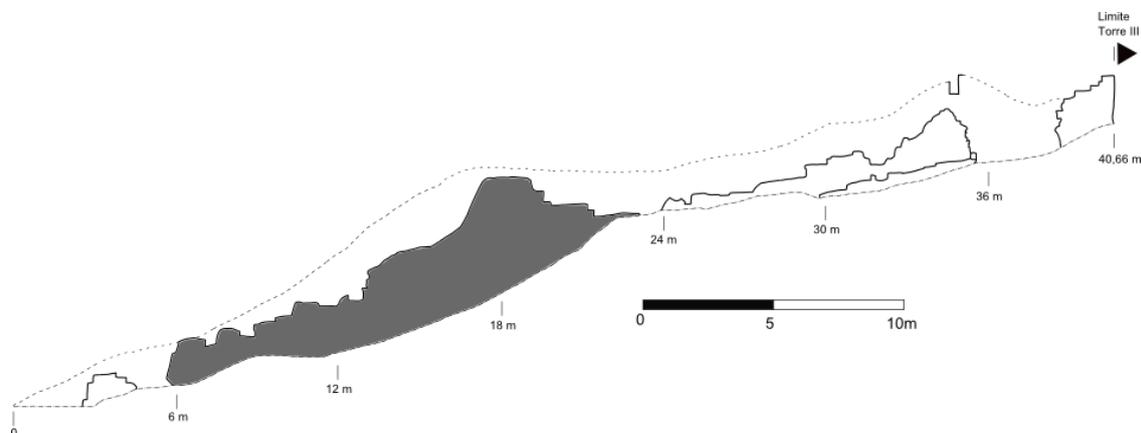


Figura 163 – Alçado do troço de muralha 4 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	712
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [702], [710] e [713]	Corta:	Enche:
Adossa a: [711]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura	
---------------	--



Figura 164 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	713
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição da muralha em toda a sua altura.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [711], [712], [714] e [715]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

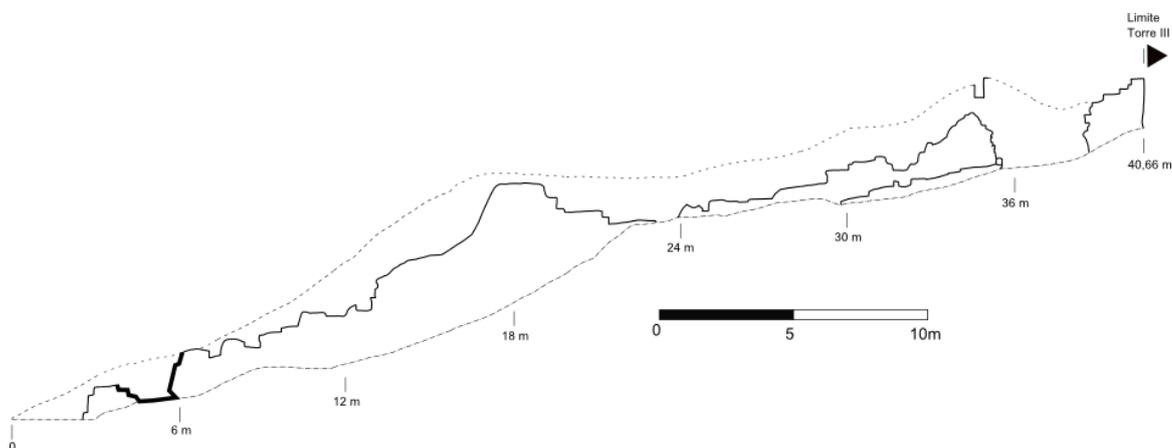


Figura 165 – Alçado do troço de muralha 4 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	714
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, com pedra de tamanho pequeno a colmatar e a nivelar.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [707], [713] e [716]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [715]	Equivalente: [701], [705] e [711]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de tamanho médio, com pedras pequenas a colmatar	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compato
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

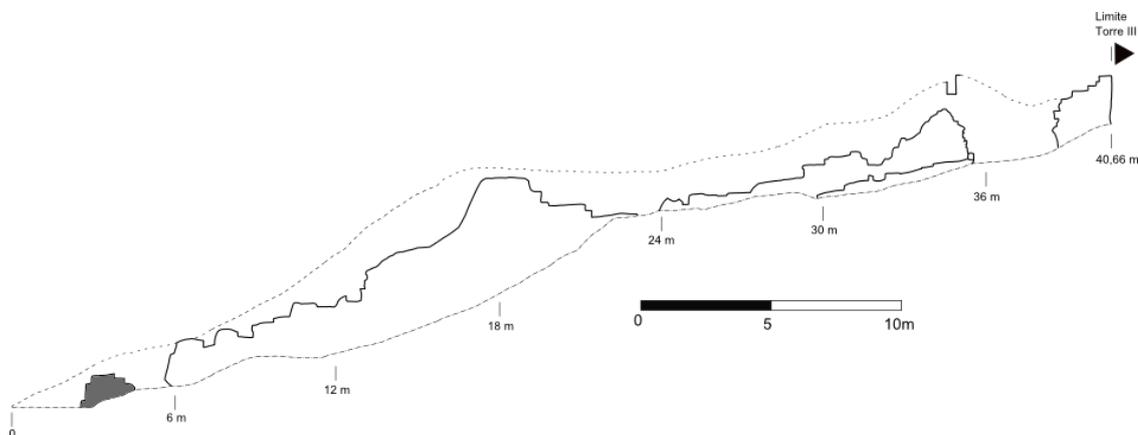


Figura 166 – Alçado do troço de muralha 4 com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	715
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [702], [713] e [716]	Corta:	Enche:
Adossa a: [714]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura



Figura 167 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	716
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição da muralha em toda a sua altura.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [714] e [715]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

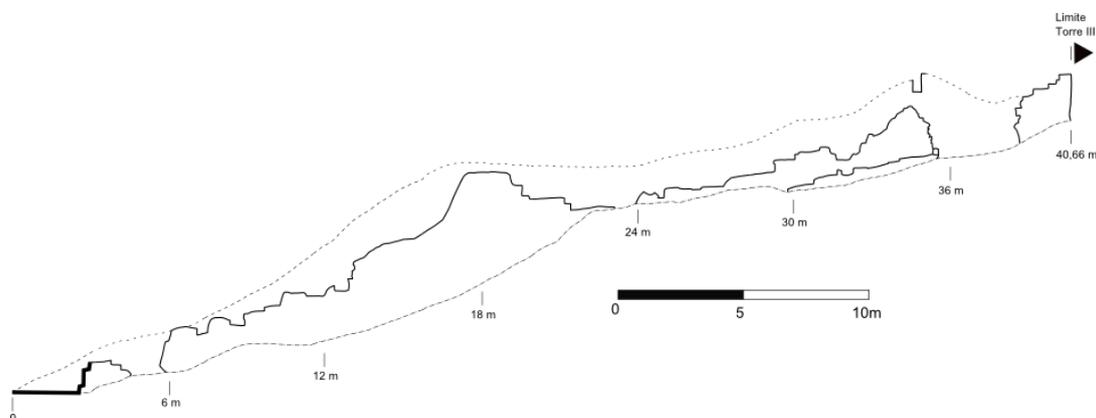


Figura 168 – Alçado do troço de muralha 4 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	717
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral da muralha a Norte.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [704] e [700]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura	
---------------	--



Figura 169 – Negativo da destruição lateral da muralha a Norte.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	718
Corpo arquitetónico: Troço de Muralha 4		Paramento: Exterior – Face Noroeste	
Descrição: Negativo da destruição da u.e.m [709].			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [707] e [709]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em:	Integra:	Une:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 8 e 9.	

Figura

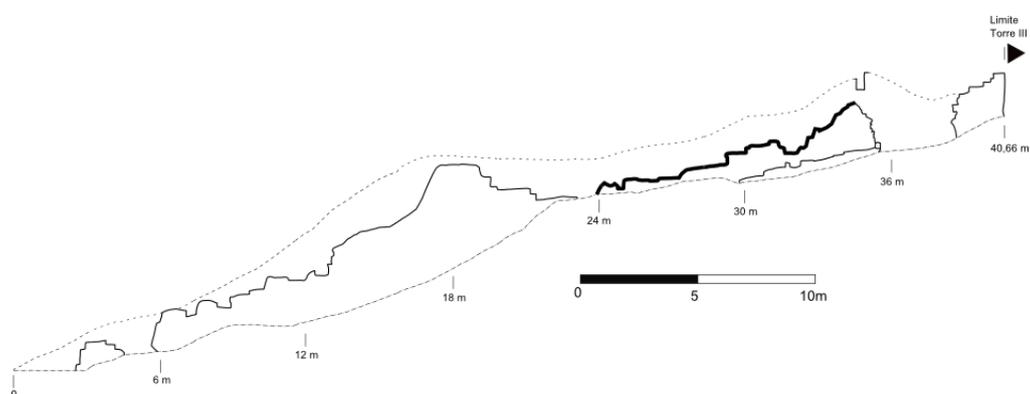


Figura 170 – Alçado do troço de muralha 4 com a parte negativa da destruição (linha a negro).

4.8 - Torre V

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	800
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento:	
Descrição: Torre localizada no extremo Norte da alcáçova.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por: [809]
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [700]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compato
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

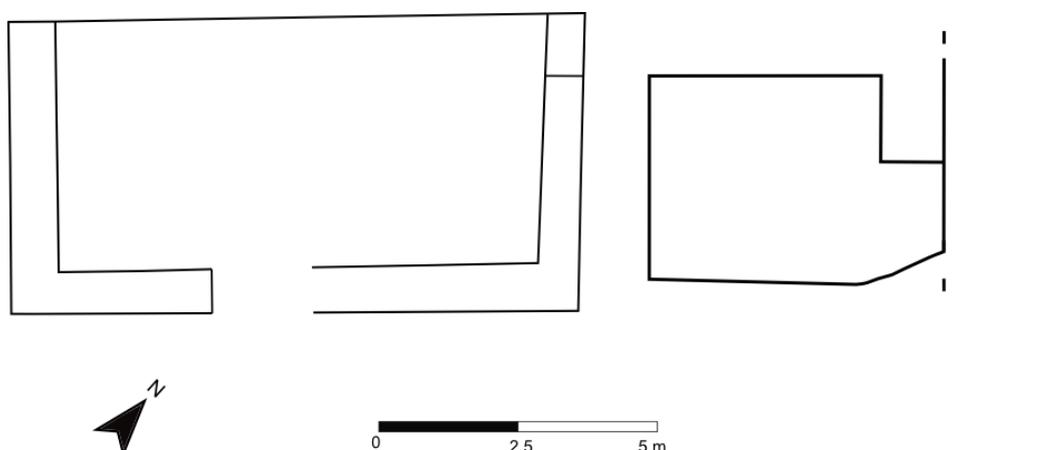


Figura 171 – Alçado e planta da torre V.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	801
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudoeste	
Descrição: Vestígios do paramento. Constituída por pedra de tamanho médio e pequeno. Vestígios de argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [700] e [803]	Adossada por:	Equivalente: [803], [806] e [811]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Vestigial.

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 74 a 76.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 172 – Vestígios do paramento

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	802
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudoeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [801]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 74 a 76.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 173 – Negativo da destruição do topo da torre

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	803
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Vestígio do paramento.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [801]	Adossada por: [805]	Equivalente: [801], [806] e [811]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Vestigial

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compato
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 74 a 76.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 174 – Vestígios do paramento

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	804
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [803]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 78.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 175 – Negativo da destruição do topo da torre.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	805
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Vão, Porta da torre V.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [803], [806] e [807]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 78.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 176 – Porta da torre V.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	806
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [808]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [805] e [809]	Equivalente: [801], [803] e [811]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 78.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 177 – Vestígios do paramento

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	807
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [808]	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [805]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos, cal	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 78.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 178 – Reboco.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	808
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [806], [807] e [809]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 179 – Negativo da destruição do topo da torre.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	809
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Núcleo da torre constituído por blocos de tamanho médio e pedras pequenas dispostas aleatoriamente. Unidas por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche: [800]
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos e pedras pequenas	Dimensões Elementos: blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: blocos de tamanho médio e pedras pequenas dispostas aleatoriamente	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 180 – Parede sem a face exterior.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	810
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Sudeste	
Descrição: Tentativa de restauro da parte inferior Nordeste, da u.e.m 809. Pedra pequena e blocos médio unido por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [809]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Pedra e blocos médios.	Dimensões Elementos: Pedra pequena e blocos médio unido por argamassa.
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: cimento	Consistência: Muito compato
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 181 – Restauro da parede.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	811
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Alvenaria de pedras aparelhadas que se dispõem em fiadas organizadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [813] e [814]	Corta:	Enche:
Adossa a: [700]	Adossada por: [812]	Equivalente: [801], [803] e [806]
Integrada em:	Integra: [8]	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras.	Dimensões Elementos: Blocos de tamanho médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de pedra de tamanho médio, alternadas por fiadas de pedra de tamanho pequeno.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 78.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--

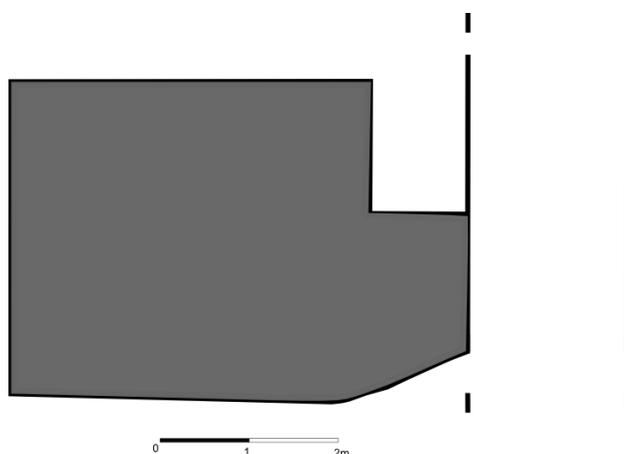


Figura 182 – Alçado da torre V com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	812
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Unidade estratigráfica de revestimento. Reboco em argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [813] e [814]	Corta:	Enche:
Adossa a: [811]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Areia, grânulos pétreos, cal	Dimensões Elementos: Muito pequenos.
Modo Construção: Argamassa que serve de reboco da parede.	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 78.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 183 – Reboco

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	813
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [811], [812] e [820]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 184 – Negativo da destruição do topo da torre

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	814
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Negativo da destruição lateral a Sudeste.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [811] e [812]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 185 – Negativo da destruição lateral a Sudeste.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	815
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Buraco de Andaime. Inferior Esquerdo.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [811]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 186 – Buraco de Andaime. Inferior Esquerdo

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	816
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Buraco de Andaime. Inferior Centro.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [811]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 187 – Buraco de Andaime. Inferior Centro.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	817
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Buraco de Andaime. Inferior Direito			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [811]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--



Figura 188 – Buraco de Andaime. Inferior Direito

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	818
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Buraco de Andaime. Superior Direito.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [811]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 189 – Buraco de Andaime. Superior Direito.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	819
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Buraco de Andaime. Superior Centro.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [811]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 190 – Buraco de Andaime. Superior Centro.

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	820
Corpo arquitetónico: Torre V		Paramento: Exterior - Nordeste	
Descrição: Vão, possível janela.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [813]	Corta:	Enche:
Adossa a: [700]	Adossada por:	Equivalente:
Integrada em: [811]	Integra:	

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 191 – Vão, possível janela.

4.9 - Torre IV

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	900
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento:	
Descrição: Torre que se situa no centro da alcáçova.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos de pedra e pedras	Dimensões Elementos: blocos de pedra de tamanho muito grande e médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de pedra de tamanho muito grande e médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compata
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia:	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 1, 28 a 34.	

Figura

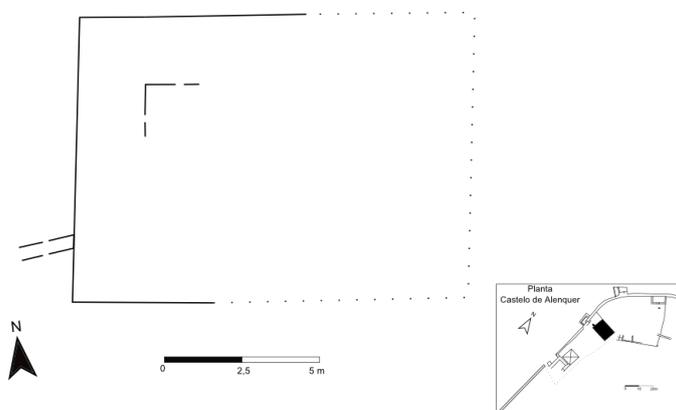


Figura 193 – Planta da torre IV

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	901
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Fiadas de blocos de pedra de tamanho muito grande e médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por: [902] e [903]	Corta:	Enche:
Adossa a: [904]	Adossada por: [905]	Equivalente: [907]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos de pedra e pedras	Dimensões Elementos: blocos de pedra de tamanho muito grande e médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de pedra de tamanho muito grande e médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compata
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 66 a 68.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

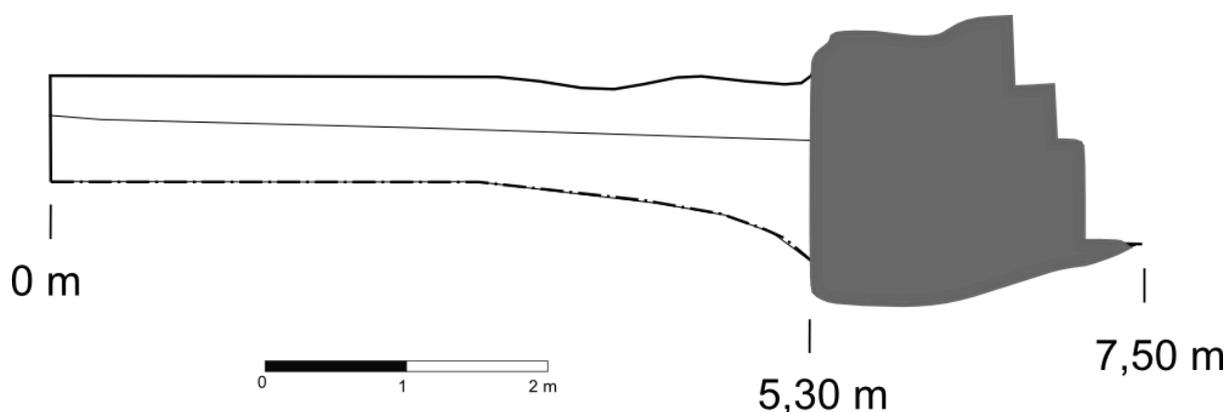


Figura 194 – Alçado da torre IV com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	902
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Negativo da destruição da parte Este da face Norte.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [901]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 66 a 68.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

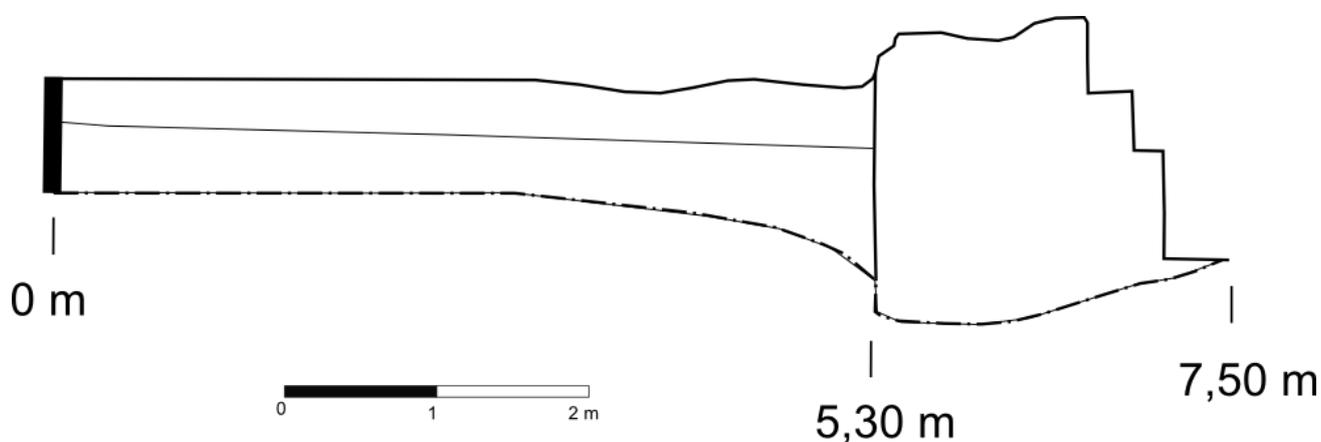


Figura 195 – Alçado da torre IV com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	903
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [901]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 66 a 68.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--

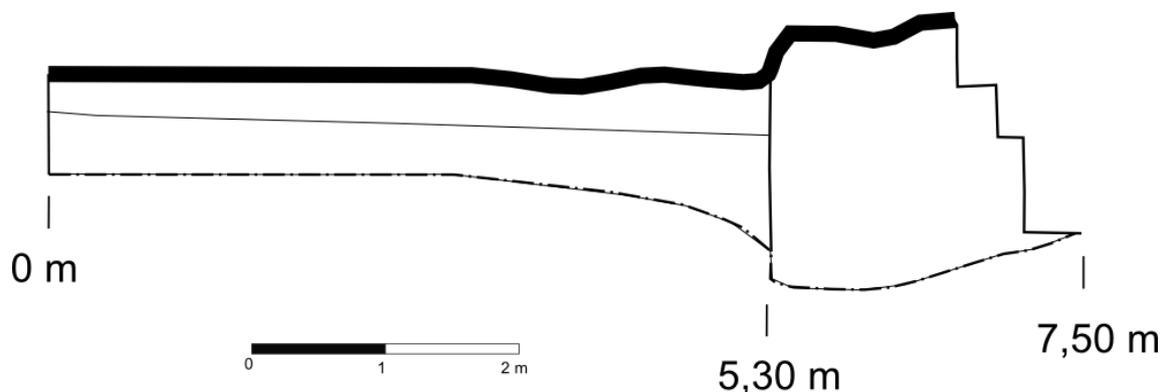


Figura 196 – Figura 195 – Alçado da torre IV com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	904
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Geológico ou Taipa? Terreno de cor vermelha, compacto, pedras muito pequenas.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [905]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [901]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação:

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 66 a 68.
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.

Figura

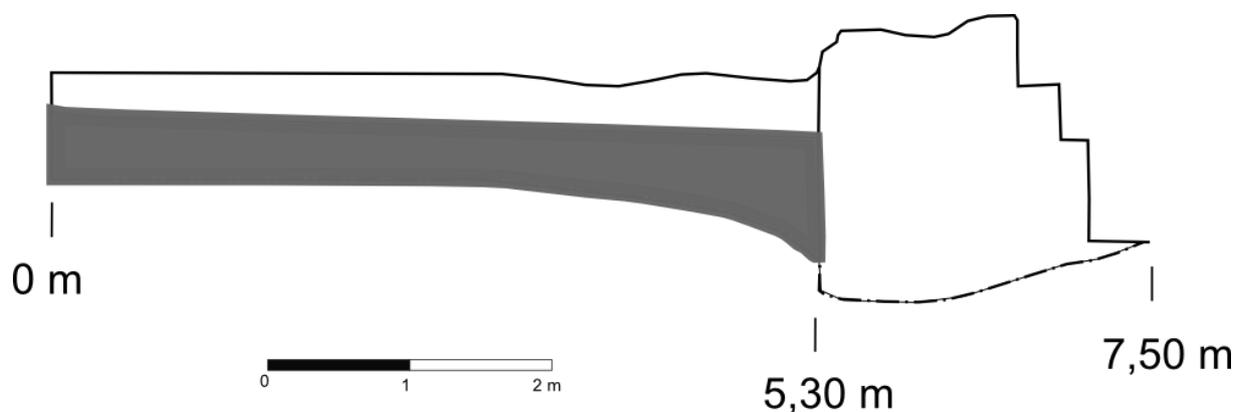


Figura 197 – Alçado da torre IV com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	905
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Norte	
Descrição: Interior da torre. Pedras médias, unidas por argamassa.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [904]	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [901] e [907]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos médios e pedra pequena	Dimensões Elementos: Blocos médios e pedra pequena
Modo Construção: Dispostos em fiadas.	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Muito compacto
Descrição: Areia, grânulos pétreos, cal e cerâmica. Amarelo muito claro, quase branco	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 66 a 68.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

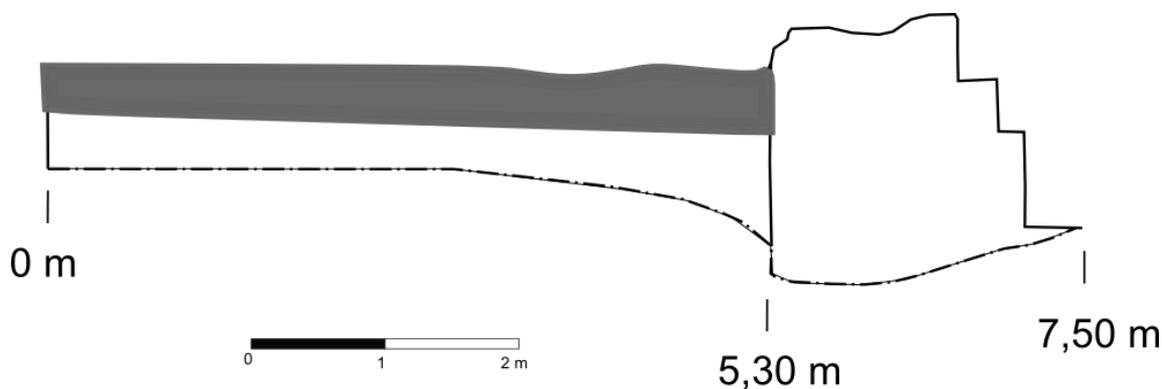


Figura 198 – Alçado da torre IV com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	906
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Embasamento. Blocos muito grandes, com pedras pequenas a colmatar os espaços entre elas.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por: [907]	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [912]	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos e pedras	Dimensões Elementos: Blocos muito grandes e pedras pequenas
Modo Construção: Blocos muito grandes, com pedras pequenas a colmatar os espaços	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 73 e 71.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

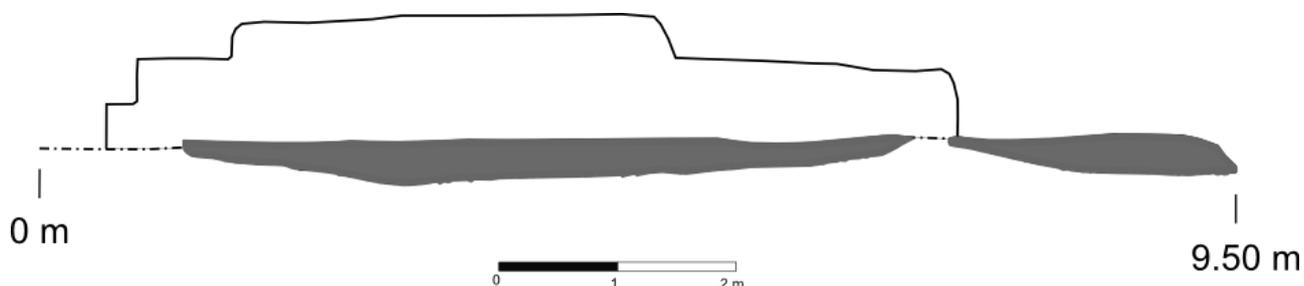


Figura 199 – Alçado da torre IV com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	907
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Pedras muito grandes, com médias para nivelar fiadas, e pequenas para colmatar espaços.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre: [906]	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a:	Adossada por: [905]	Equivalente: [901]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: blocos de pedra e pedras	Dimensões Elementos: blocos de pedra de tamanho muito grande e médio e pedras pequenas
Modo Construção: Fiadas de blocos de pedra de tamanho muito grande e médio, com pedras de tamanho pequeno a colmatar espaços	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compata
Descrição: Areia e muitos grânulos pétreos. Amarelo escuro.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 73 e 71.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

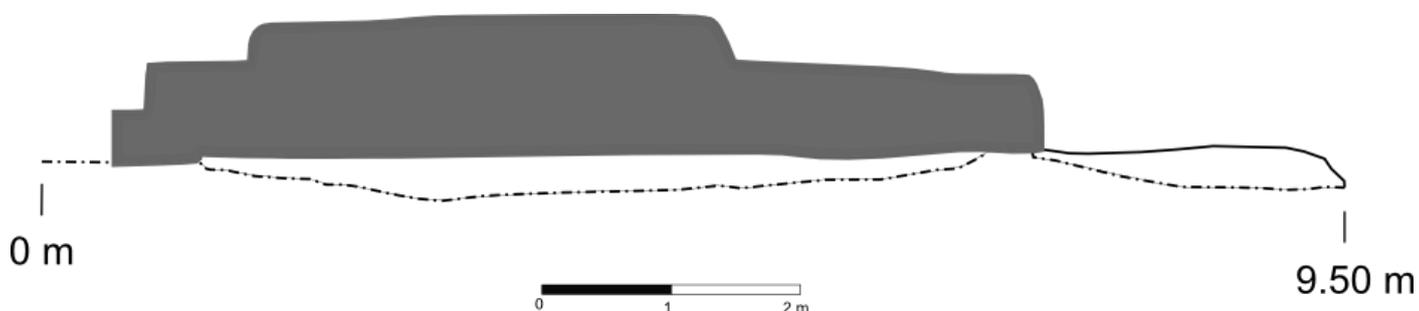


Figura 200 – Alçado da torre IV com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	908
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Bloco constituído por fiadas de pedra pequena e blocos médios. Consiste num bloco do interior da torre que rolou para o exterior devido à degradação natural.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [913]	Adossada por:	Equivalente: [905]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo: Argamassa	Consistência: Compata
Descrição: Argamassa branca, com pedra muito pequena.	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 69 e 70.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

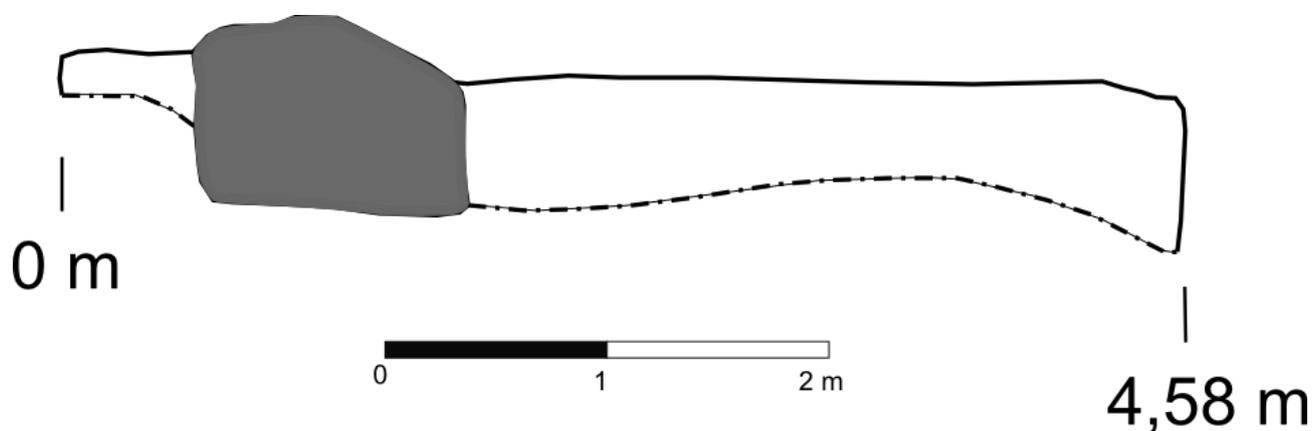


Figura 209 – Alçado da torre IV com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	909
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [907]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 73 e 71.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--

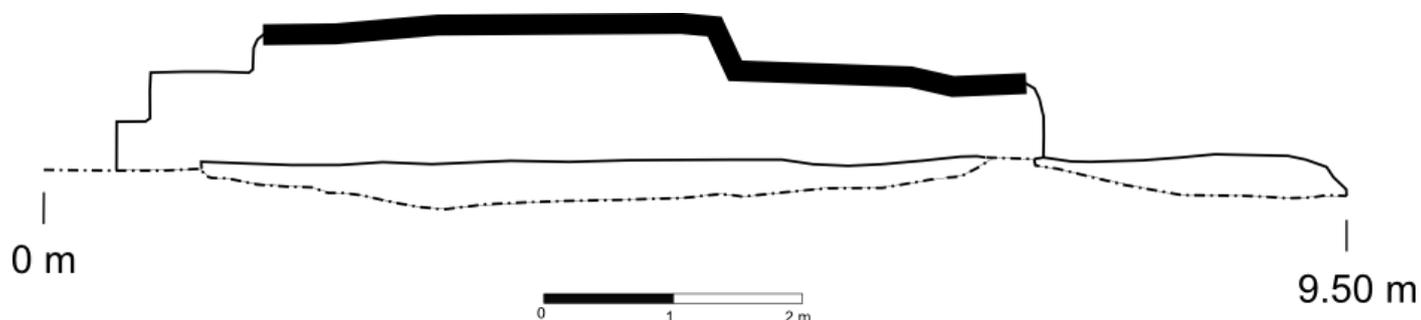


Figura 202 – Figura 195 – Alçado da torre IV com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	910
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Negativo da destruição da parte Norte da face Oeste.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [907]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 73 e 71.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--

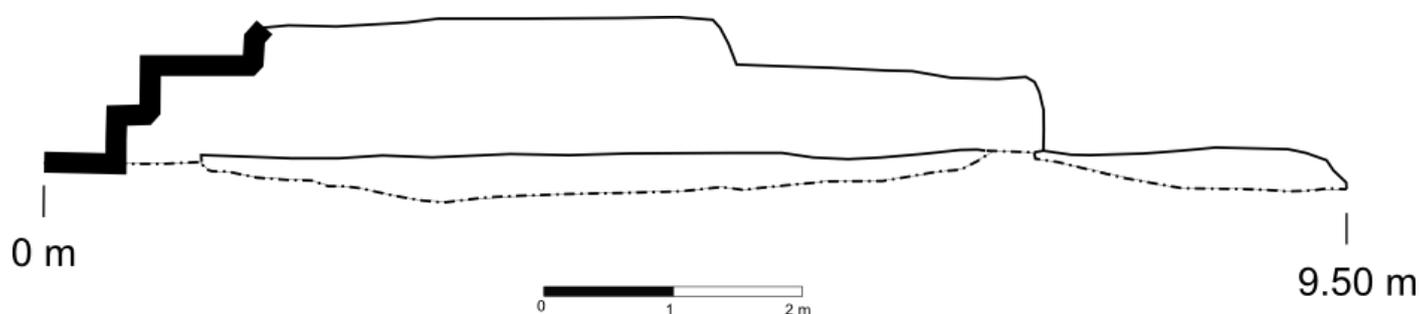


Figura 203 – Figura 195 – Alçado da torre IV com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	911
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Negativo da destruição da parte Sul da face Oeste.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [907]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 73 e 71.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

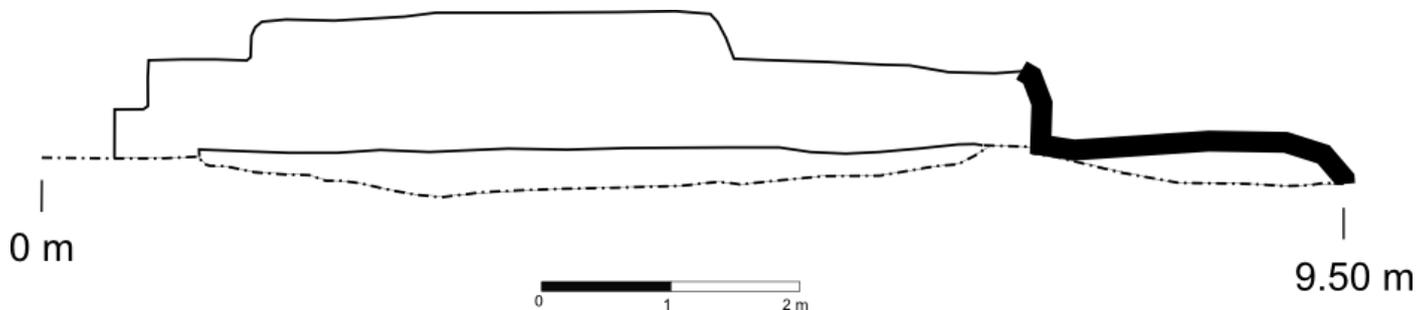


Figura 204 – Figura 195 – Alçado da torre IV com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	912
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Oeste	
Descrição: Estrutura vestigial. Parede. Desenvolve-se de Este para Oeste. É constituída por pedras pequenas e blocos médios.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [906]	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Vestigial

Técnica Construtiva	
Material Construção: pedras e blocos	Dimensões Elementos: pedras pequenas e blocos médios.
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 73 e 71.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura



Figura 205 --: Estrutura vestigial

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	913
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Embasamento. Blocos muito grandes, com médios para nivelar fiadas.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta:	Enche:
Adossa a: [906]	Adossada por:	Equivalente: [906]

Alterações Sofridas	
Tipo: Degradação, Erosão	Estado Conservação: Mau

Técnica Construtiva	
Material Construção: Blocos	Dimensões Elementos: Blocos muito grandes e médios
Modo Construção: Blocos muito grandes, com médios para nivelar fiadas	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 69 e 70.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura

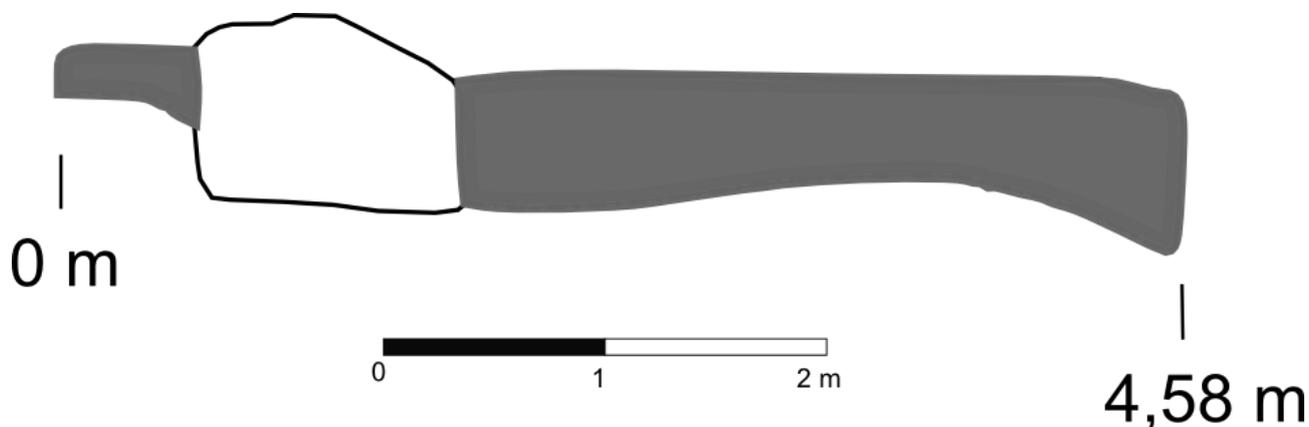


Figura 206 – Alçado da torre IV com o modo construtivo (a cinzento).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	914
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Negativo da destruição do topo da torre.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [913]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 69 e 70.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--

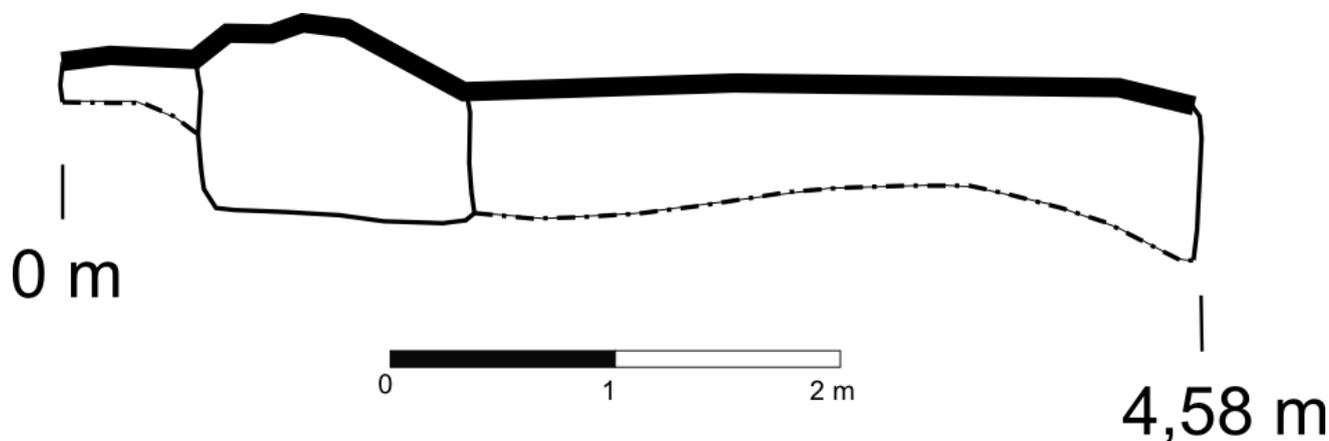


Figura 207 – Figura 195 – Alçado da torre IV com a parte negativa da destruição (linha a negro).

Ficha de Unidade Estratigráfica Muraria - Castelo de Alenquer		U.E.M. nº:	915
Corpo arquitetónico: Torre IV		Paramento: Exterior – Sul	
Descrição: Negativo da destruição da parte Este da face Sul.			

Relações Estratigráficas		
Coberta por:	Cobre:	Cheia por:
Cortada por:	Corta: [913]	Enche:
Adossa a:	Adossada por:	Equivalente:

Alterações Sofridas	
Tipo:	Estado Conservação: Destruição

Técnica Construtiva	
Material Construção:	Dimensões Elementos:
Modo Construção:	

Material de União	
Tipo:	Consistência:
Descrição:	

Características Físicas	
Comprimento:	Largura:
Altura:	Orientação:

Registo	
Consultar Fotografia: Anexo II, figura 69 e 70.	
Consultar Desenho: Anexo III, figura 35 a 37.	

Figura	
---------------	--

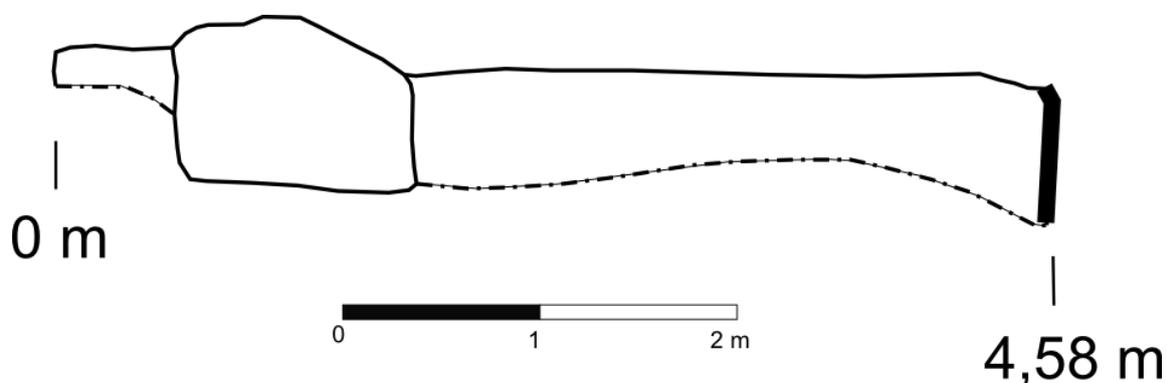


Figura 208 – Figura 195 – Alçado da torre IV com a parte negativa da destruição (linha a negro)

ANEXO V

Relações estratigráficas

Fases	Unidade Construtiva U.C.	Unidade Estratigráfica Muraria - U.E.M.	Cronologia
0	90	900	Antes de 1147
	91	904	
1	92	901, 905, 906, 907, 908, 913	Sécs. XII-XIII
2	20	200	
	21	201, 205, 207, 212	
	30	300	
	31	301, 302, 303, 304, 312, 308, 319, 323, 326, 330, 331, 335	
	60	600	
	61	601, 605, 603, 606, 608, 609, 610, 625, 640, 641	
	70	700	
	71	701, 704, 705, 708, 711, 712, 714, 715	
	93	912	
3	10	100	Séc. XIII -XIV
	11	101, 102, 103, 104, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126	
	40	400	
	41	415	
	50	500	
	51	501, 505, 506, 508, 509, 510, 511, 512, 514, 515, 519, 520	
	80	800	
	81	801, 803, 805, 806, 807, 811, 812, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821	
	42	416, 417	
4	43	401, 403, 405, 406, 410, 411, 414, 418,	
	52	517	
	62	612, 613, 616, 618, 623, 628, 631, 621, 639	
5	32	318	Sécs. XIV-XVI
6	33	315	
7	34	305, 316, 332, 337, 338	
8	35	306, 310, 313	
9	36	314	
	72	706	
10	37	317	
	73	707, 709	
	63	627, 629, 624	
11	12	105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 123, 127,	
	22	202, 203, 206, 208, 210	
	38	307, 309, 311, 321, 324, 325, 327, 329	
	44	402, 404, 407, 408, 409, 412, 413	
	53	502, 503, 504, 507, 513, 516, 518	
	64	602, 604, 607, 611, 614, 615, 617, 622, 630, 632, 619, 620	
	74	702, 703, 710, 713, 716	
	82	802, 804, 808, 809, 813, 814	
94	902, 903, 909, 910, 911, 914, 915, 916		
12	23	209, 211	Sécs. XX
	39	320, 322, 328, 333, 334	
	83	810	

Tabela 1 - Relação das fases / unidade construtiva / unidade estratigráfica muraria / cronologia

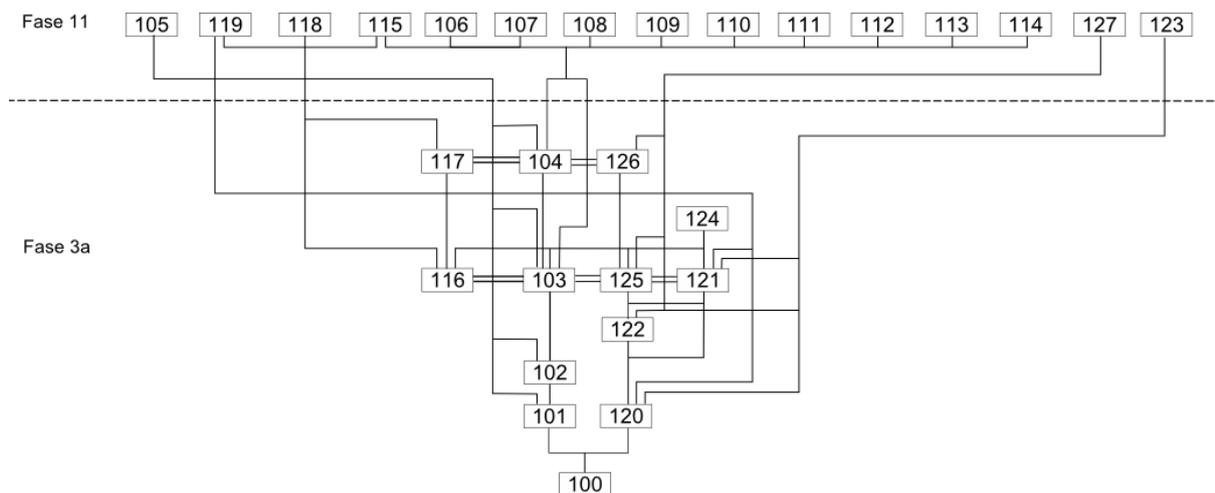


Figura 1 – Matriz estratigráfica do troço de muralha 1

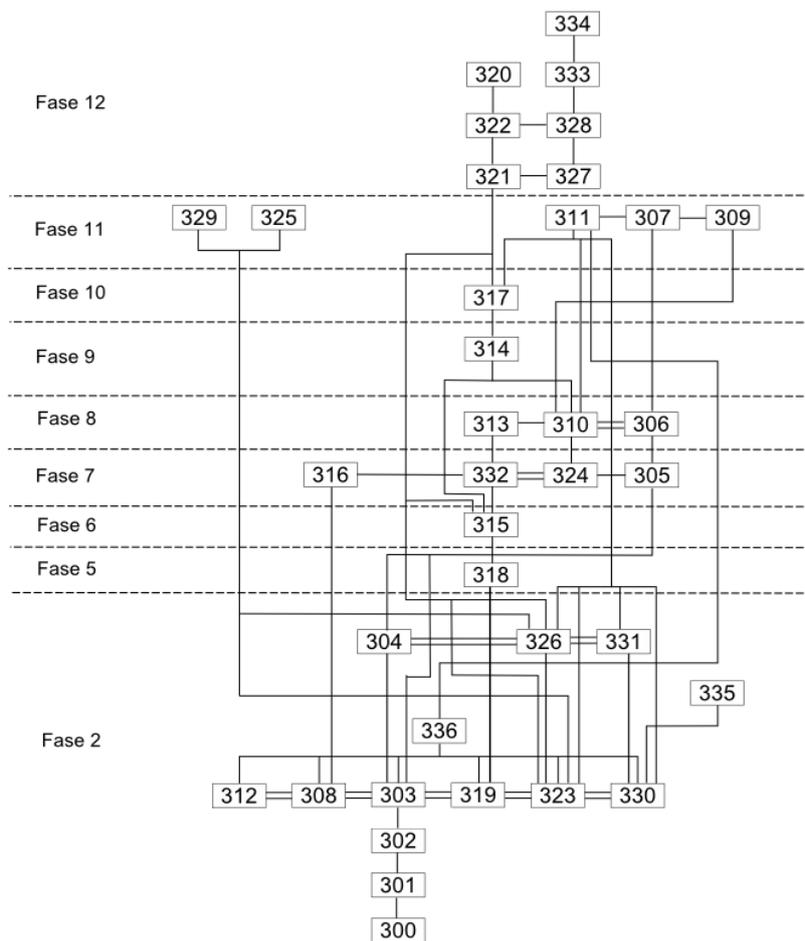


Figura 2 – Matriz estratigráfica do troço de muralha 2

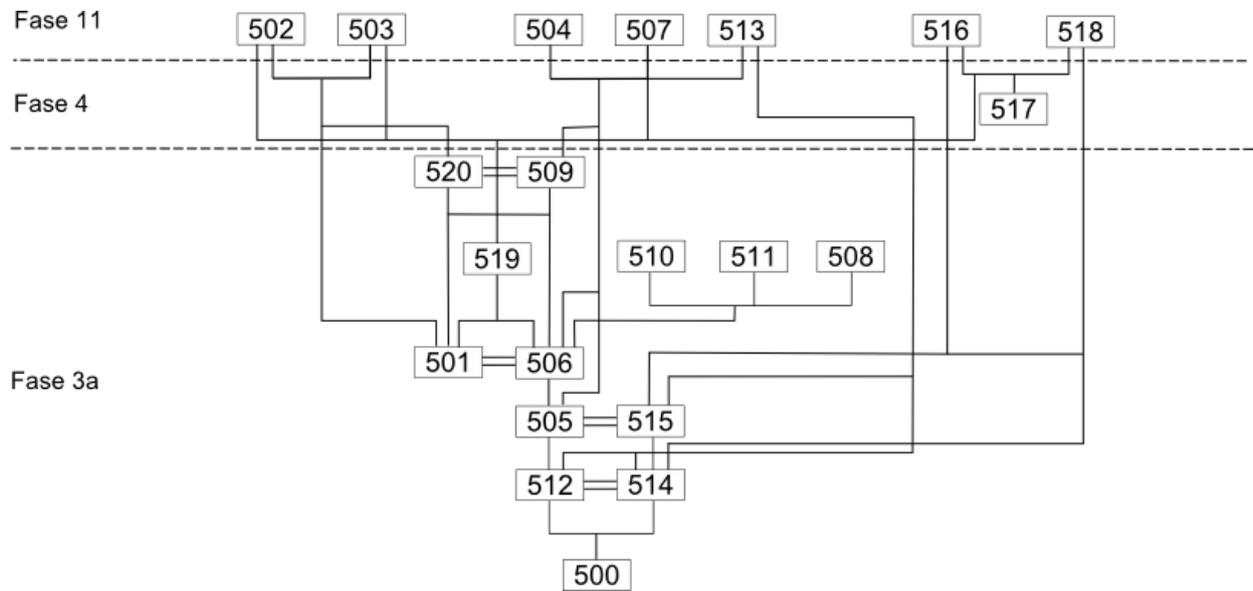


Figura 3 – Matriz estratigráfica do troço de muralha 3

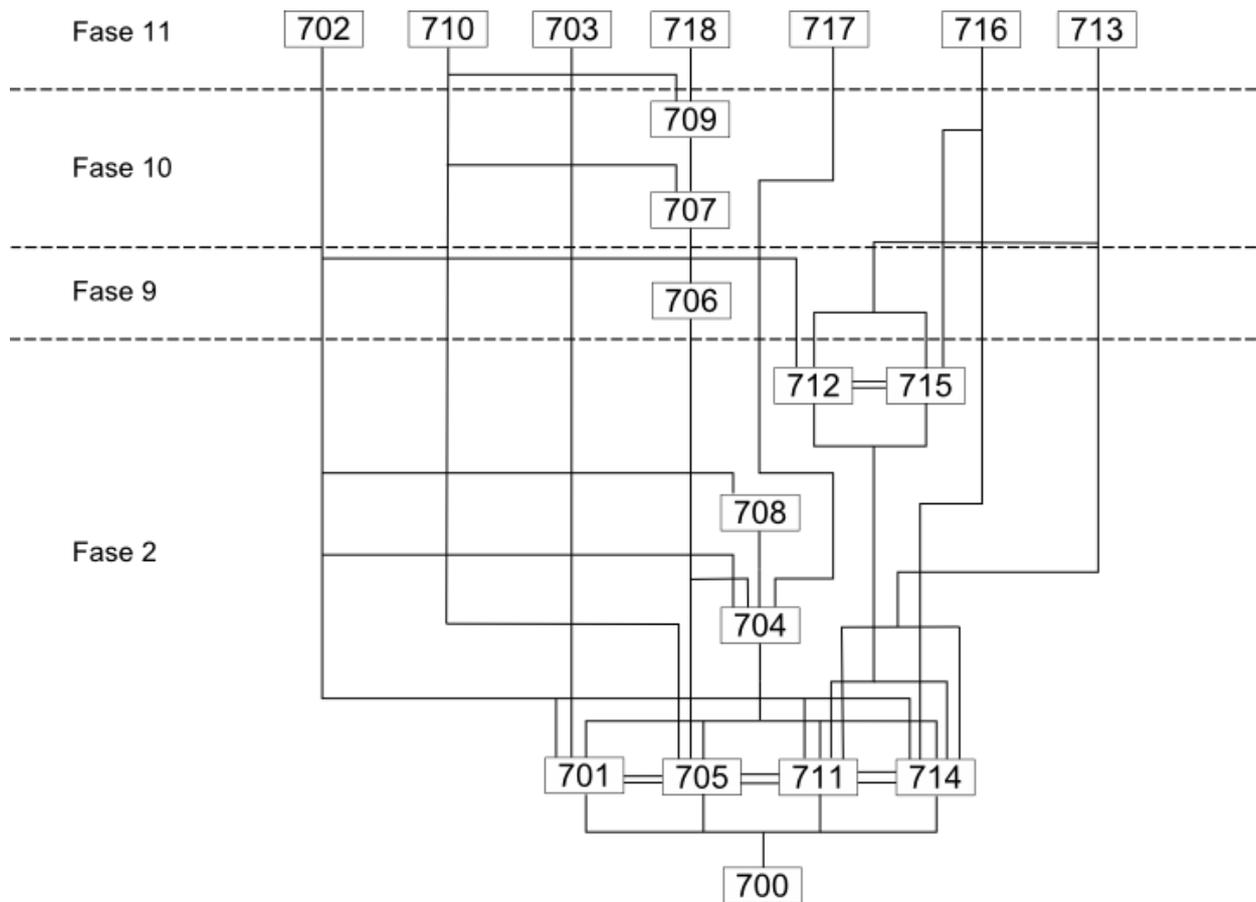


Figura 4 – Matriz estratigráfica do troço de muralha 4

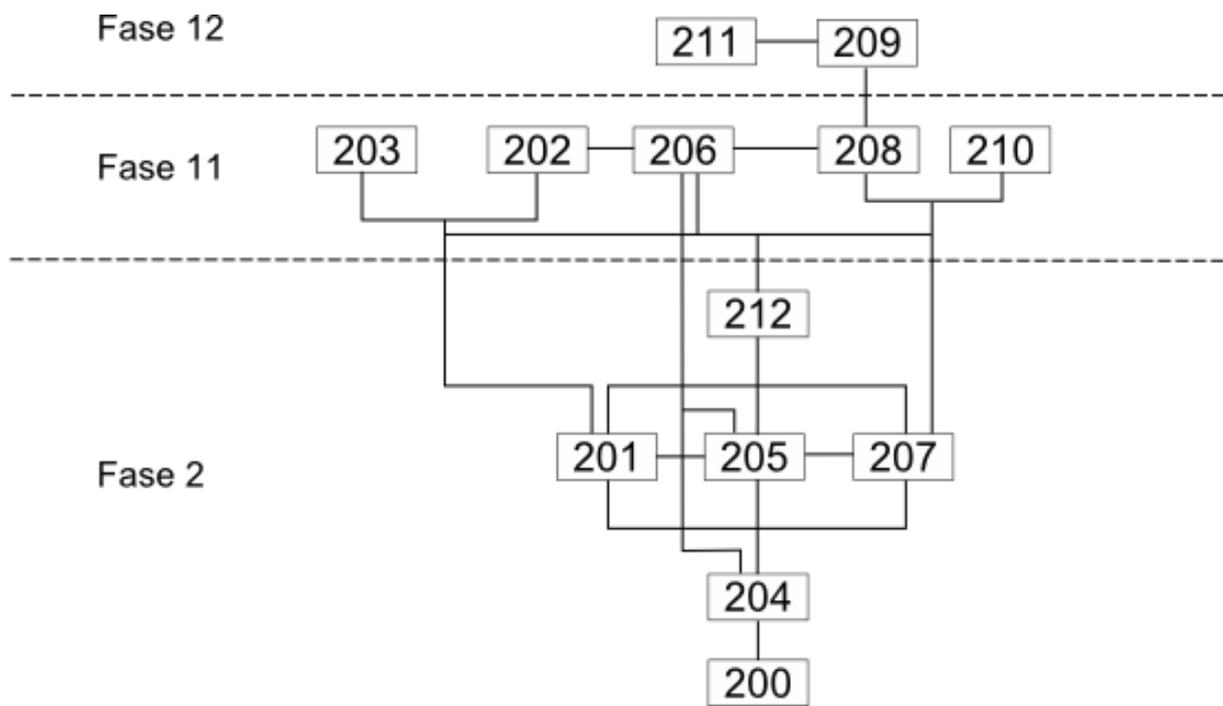


Figura 5 – Matriz estratigráfica da torre I

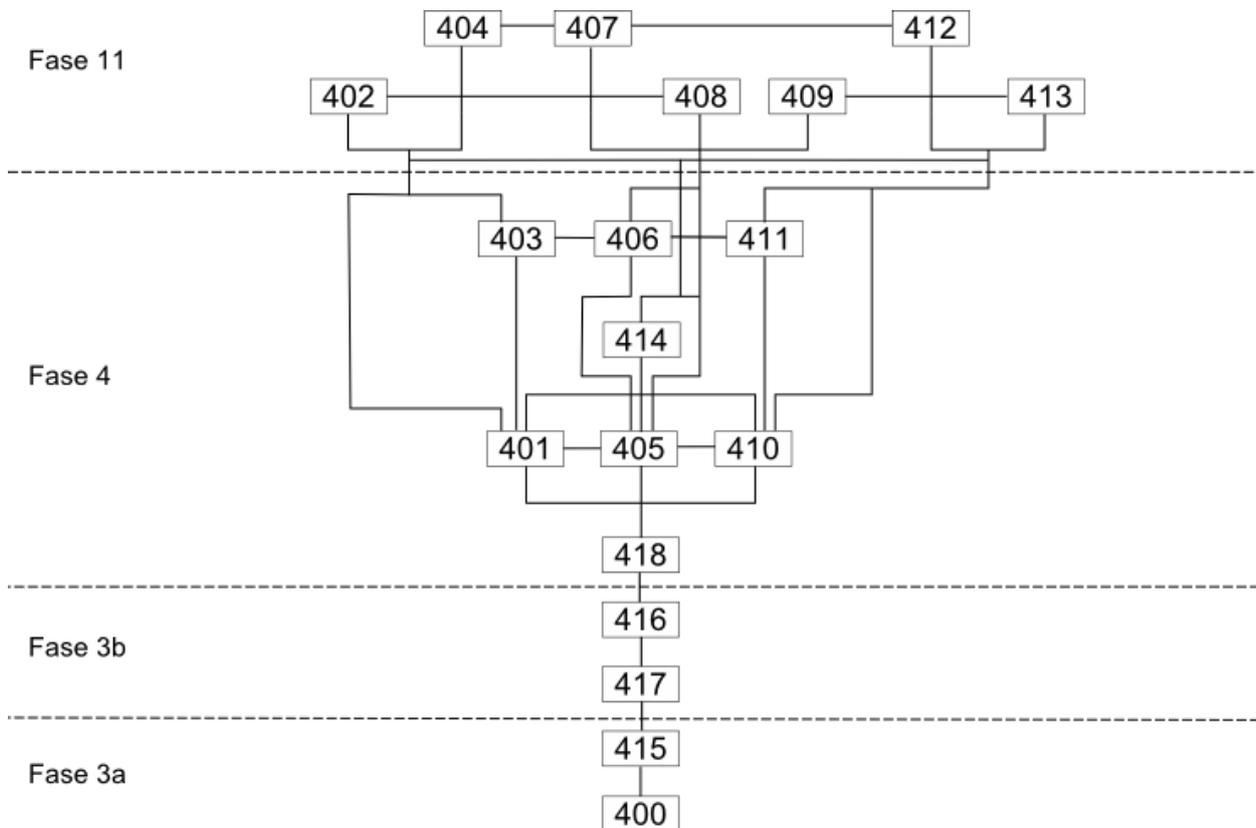


Figura 6 – Matriz estratigráfica da torre II

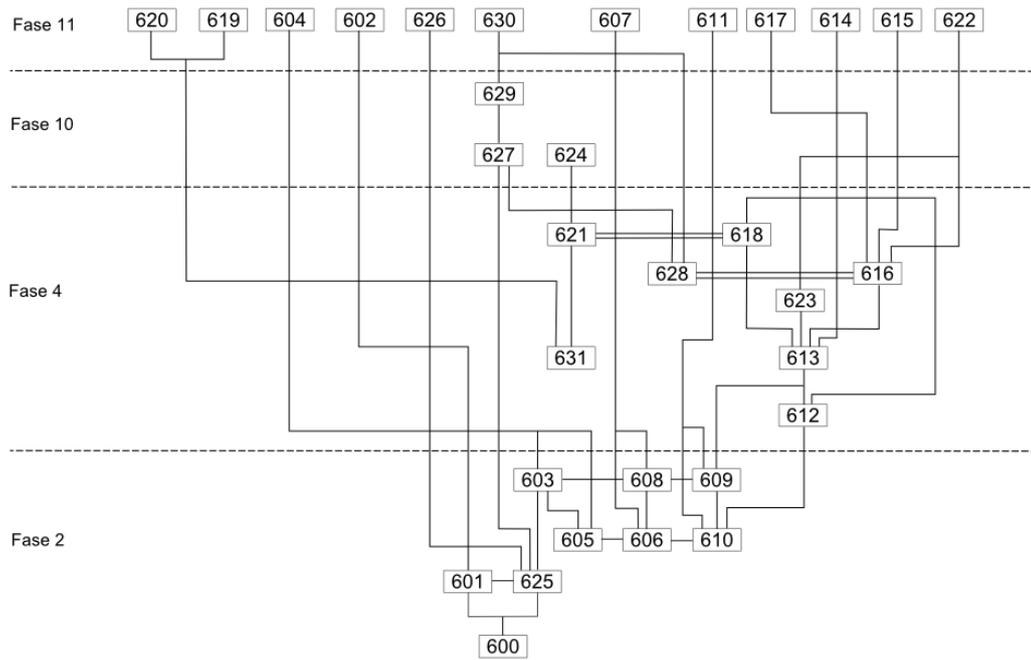


Figura 7 – Matriz estratigráfica da torre III

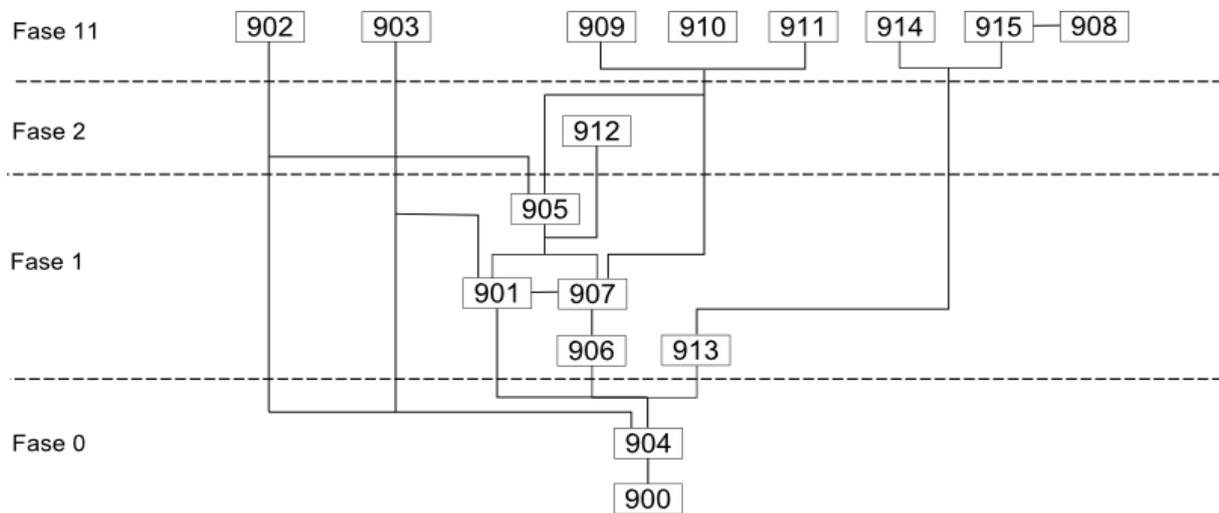


Figura 8 – Matriz estratigráfica da torre IV

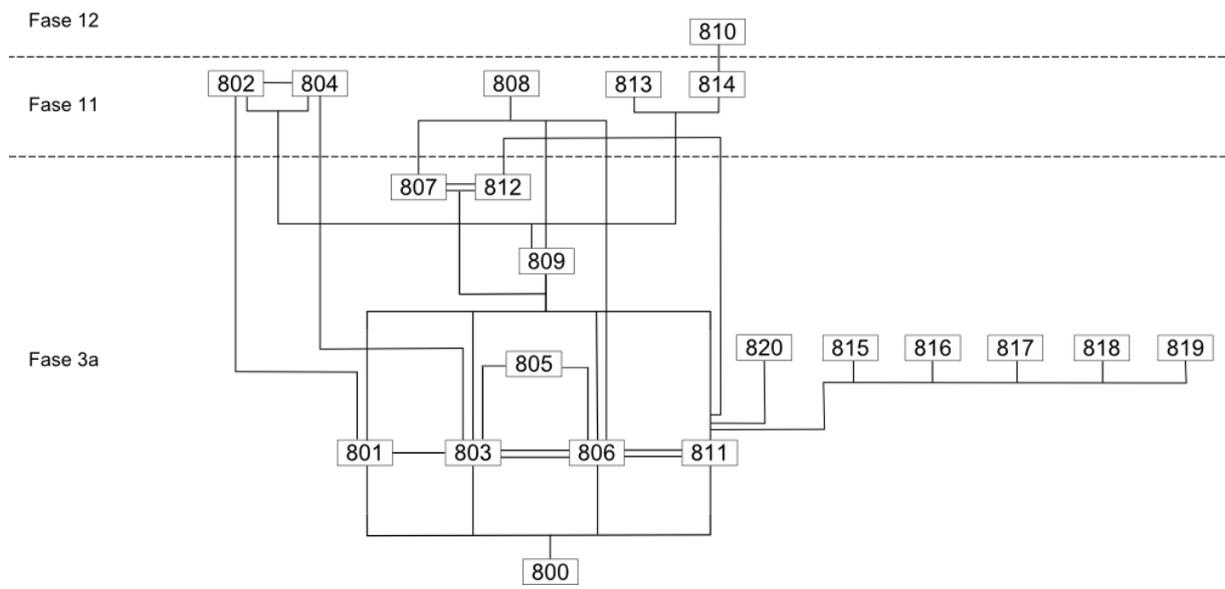


Figura 9 – Matriz estratigráfica da torre V

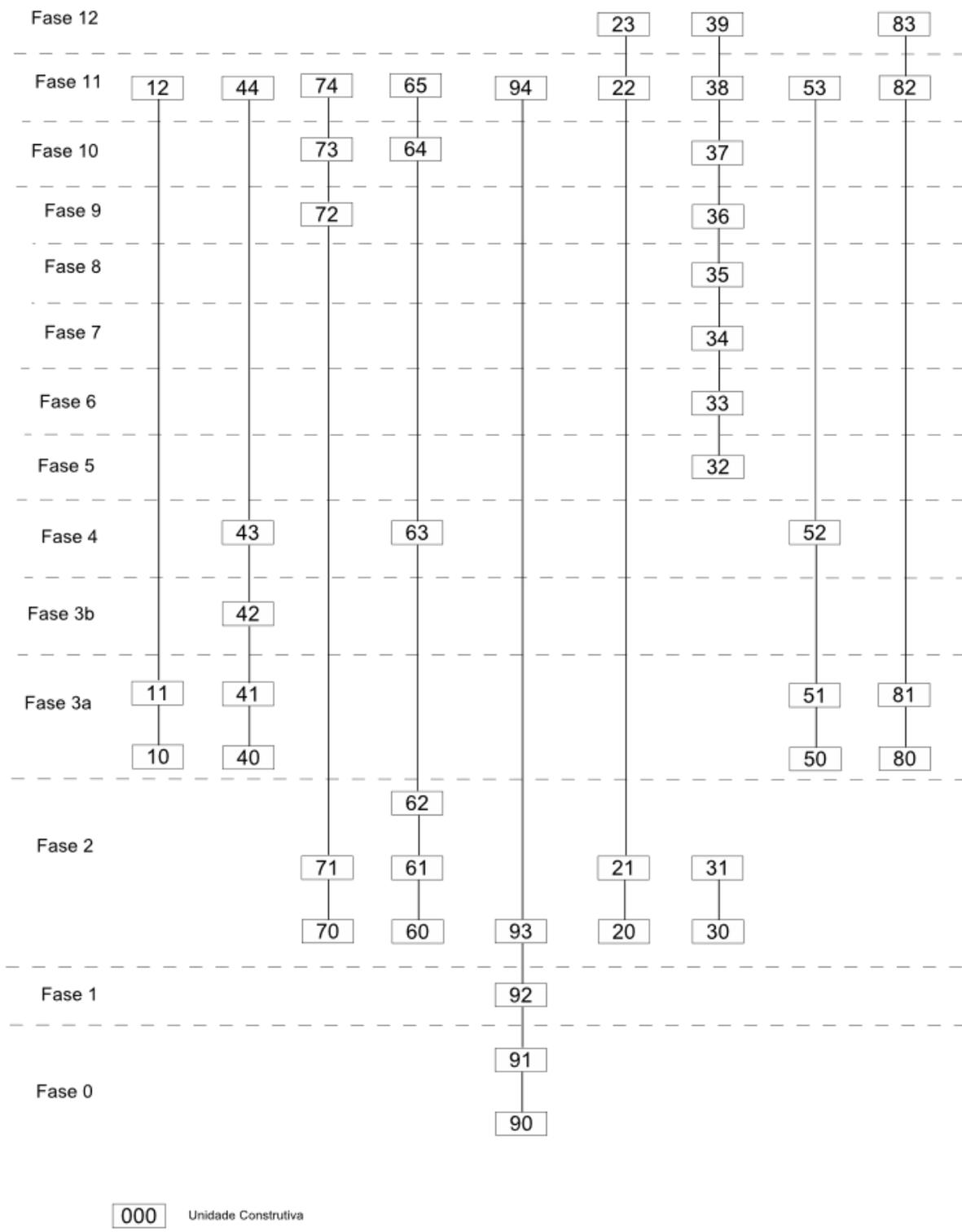


Figura 10 – Matriz estratigráfica da alcáçova